

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino
Básico

Estágio Profissional I, II, III, IV

Relatório de Estágio Profissional

Cláudia Catarina Fernandes Cardoso

Lisboa, julho 2012



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a)..... Teresa de Silveira Botelho.....
tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a)
licenciado(a) Cláudia Catarina Fernandes Cardoso
.....
realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) 1.º e 2.º Ciclos.....
..... do Ensino Básico considero que se trata
de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respectivo Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 16 de julho de 2012



O(A) Orientador(a)

Teresa de Silveira Botelho

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino
Básico

Estágio Profissional I, II, III, IV

Relatório de Estágio Profissional

Cláudia Catarina Fernandes Cardoso

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em
Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, sob a orientação da
Professora Doutora Teresa da Silveira Botelho

Lisboa, julho 2012

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Doutor António Ponces de Carvalho por me ter proporcionado frequentar este Mestrado na Escola Superior de Educação João de Deus.

Agradeço à Professora Doutora Teresa da Silveira Botelho, por todo o apoio, carinho e dedicação ao longo de todo este Mestrado e pelas orientações prestadas.

A todos os professores da Escola Superior de Educação João de Deus que sempre se mostraram disponíveis para me ajudarem no que precisava.

Às minhas colegas que me ajudaram ao longo de todo este curso, mas em especial à Ana, à Cláudia e à Joana pela paciência mostrada e pela força sempre dada nos momentos mais difíceis.

Quero ainda agradecer a todos os professores cooperantes, tanto os do 1.º Ciclo como o do 2.º Ciclo do Ensino Básico, com os quais aprendi muito, por toda a ajuda que me deram e por se terem mostrado sempre disponíveis.

Aos Jardins-Escolas onde estagiei começando pelo Jardim-Escola dos Olivais onde estive mais tempo e aos Jardins-Escolas e Torres Vedras e Santarém onde realizei o estágio intensivo.

Aos meus pais, Henrique Cardoso e Clara Cardoso, que me possibilitaram a realização deste Mestrado e por tudo o que têm feito para eu terminar este curso.

Ao meu noivo, Diogo Zeferino, por toda a ajuda, dedicação, compreensão, carinho e amor que sempre demonstrou e pela paciência que manifestou nos momentos de maior stress e de maior trabalho. Obrigada!

A todos os meus amigos que estiveram sempre presentes nos bons e nos maus momentos, e que, de uma forma ou de outra me ajudaram a terminar este mestrado, a eles um obrigado.

Por fim, quero agradecer à Sofia e à Filipa da biblioteca da Escola Superior de Educação, que sempre se demonstraram disponíveis para me ajudar nas minhas pesquisas. Obrigada!

Índice

Índice de figuras	xiii
Índice de quadros	xiv
Introdução	1
1. Descrição da estrutura do relatório de estágio	3
2. Metodologia utilizada	4
3. Pertinência do estágio.....	4
4. Caracterização do local de estágio	5
5. Apresentação do grupo de estágio	6
6. Cronogramas de estágio.....	7
Capítulo 1 – Relatos Diários.....	9
1. Breve descrição.....	11
1.1. 1. ^a Secção: 4. ^o Ano	11
1.1.1. Caracterização da turma.....	11
1.1.2. Caracterização do espaço de sala de aula	11
1.1.3. Rotinas	12
1.1.4. Horário.....	20
1.1.5. Relatos Diários	21
1.2. 2. ^a Secção: 1. ^o Ano	37
1.2.1. Caracterização da turma.....	37
1.2.2. Caracterização do espaço de sala de aula	38
1.2.3. Rotinas	39
1.2.4. Horário.....	39
1.2.5. Relatos Diários	40
1.3. 3. ^a Secção: 2. ^o Ano	62
1.3.1. Caracterização da turma.....	62
1.3.2. Caracterização do espaço de sala de aula	63
1.3.3. Rotinas	64
1.3.4. Horário.....	64
1.3.5. Relatos Diários	64
1.4. 4. ^a Secção: Seminário de contato com a Realidade Educativa	80
1.4.1. Semana de 28 de fevereiro de 2011 a 4 de março de 2011	81
1.5. 5. ^a Secção: 3. ^o Ano	82
1.5.1. Caracterização da turma.....	82
1.5.2. Caracterização do espaço de sala de aula	83

1.5.3. Rotinas	84
1.5.4. Horário.....	84
1.5.5. Relatos Diários	84
1.6. 6. ^a Secção: 2.º Ciclo.....	109
1.6.1. Caracterização do local de estágio	109
1.6.2. Caracterização das turmas	109
1.6.3. Rotinas	110
1.6.4. Caracterização da sala de aula.....	110
1.6.5. Relatos Diários	111
1.7. 7. ^a Secção: Seminário de contato com a Realidade Educativa	161
1.7.1. Semana de 27 de fevereiro de 2012 a 2 de março de 2012.....	161
1.8. 8. ^a Secção: 4.º Ano	166
1.8.1. Caracterização da turma.....	166
1.8.2. Caracterização do espaço de sala de aula	166
1.8.3. Rotinas	167
1.8.4. Horário.....	167
1.8.5. Relatos Diários	168
Capítulo 2 – Planificações	190
2.1. Descrição do capítulo.....	191
2.2. Fundamentação teórica.....	191
2.3. Planificação da área de Estudo do Meio (1.º Ciclo).....	195
2.3.1. Fundamentação das estratégias/procedimentos.....	196
2.4. Planificação da área de Matemática (1.º Ciclo)	198
2.4.1. Fundamentação das estratégias/procedimentos.....	199
2.5. Planificação da área de Língua Portuguesa (1.º Ciclo).....	202
2.5.1. Fundamentação das estratégias/procedimentos.....	203
2.6. Planificação da disciplina de Língua Portuguesa (2.º Ciclo)	205
2.6.1. Fundamentação das estratégias/procedimentos.....	206
2.7. Planificação da disciplina de Matemática (2.º Ciclo).....	208
2.7.1. Fundamentação das estratégias/procedimentos.....	209
2.8. Planificação da disciplina de Ciências da Natureza (2.º Ciclo)	211
2.8.1. Fundamentação das estratégias/procedimentos.....	212
2.9. Planificação da disciplina de História e Geografia de Portugal (2.º Ciclo).....	213
2.9.1. Fundamentação das estratégias/procedimentos.....	214
Capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação	216
3.1. Descrição do capítulo.....	217
3.2. Fundamentação teórica	217

3.3. Avaliação de Matemática (4.º Ano).....	223
3.3.1. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação de Matemática.....	223
3.3.2. Grelha de correção de avaliação de Matemática	227
3.3.3. Descrição da grelha de correção de Matemática	228
3.3.4. Apresentação do gráfico dos resultados da avaliação de Matemática	229
3.3.5. Análise do gráfico	229
3.4. Avaliação de Estudo do Meio (3.º Ano).....	230
3.4.1. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação de Estudo do Meio	230
3.4.2. Grelha de correção de avaliação de Estudo do Meio.....	234
3.4.3. Descrição da grelha de correção de Estudo do Meio.....	235
3.4.4. Apresentação do gráfico dos resultados da avaliação de Estudo do Meio	236
3.4.5. Análise do gráfico	236
3.5. Avaliação de Língua Portuguesa (3.º Ano)	237
3.5.1. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação de Língua Portuguesa ..	237
3.5.2. Grelha de correção de avaliação de Língua Portuguesa	240
3.5.3. Descrição da grelha de correção de Língua Portuguesa	241
3.5.4. Apresentação do gráfico dos resultados da avaliação de Língua Portuguesa	242
3.5.5. Análise do gráfico	242
3.6. Avaliação de Ciências da Natureza (6.º Ano)	243
3.6.1. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação de Ciências da Natureza.....	243
3.6.2. Grelha de correção de avaliação de Ciências da Natureza.....	246
3.6.3. Descrição da grelha de correção de Ciências da Natureza.....	247
3.6.4. Apresentação do gráfico dos resultados da avaliação de Ciências da Natureza.....	248
3.6.5. Análise do gráfico	248
3.7. Avaliação de História e Geografia de Portugal (6.º Ano).....	249
3.7.1. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação de História e Geografia de Portugal.....	249
3.7.2. Grelha de correção de avaliação de História e Geografia de Portugal.....	253
3.7.3. Descrição da grelha de correção de História e Geografia de Portugal.....	254
3.7.4. Apresentação do gráfico dos resultados da avaliação de História e Geografia de Portugal	255
3.7.5. Análise do gráfico	255
3.8. Avaliação de Matemática (6.º Ano).....	256
3.8.1. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação de Matemática.....	256

3.8.2. Grelha de correção de avaliação de Matemática	263
3.8.3. Descrição da grelha de correção de Matemática	264
3.8.4. Apresentação do gráfico dos resultados da avaliação Matemática	266
3.8.5. Análise do gráfico	266
3.9. Avaliação de Língua Portuguesa (6.º Ano)	267
3.9.1. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação de Língua Portuguesa ..	267
3.9.2. Grelha de correção de avaliação de Língua Portuguesa	270
3.9.3. Descrição da grelha de correção de Língua Portuguesa	271
3.9.4. Apresentação do gráfico dos resultados da avaliação de Língua Portuguesa	273
3.9.5. Análise do gráfico	273
Reflexão Final	275
1. Considerações Finais.....	276
2. Limitações.....	278
3. Novas pesquisas.....	281
Referências Bibliográficas	280
Anexos	288

Índice de Figuras

Figura 1 – Jardim-Escola João de Deus – Olivais	5
Figura 2 – Sala do 4.º Ano	12
Figura 3 – Recreio do Jardim-Escola João de Deus – Olivais	14
Figura 4 – Sala do 1.º Ano	38
Figura 5 – Escritor António Torrado	52
Figura 6 – Crianças a escutar o Escritor António Torrado	52
Figura 7 – Sala do 2.º Ano	63
Figura 8 – Material elaborado por mim para dar a noção de área	79
Figura 9 – Sala do 3.º Ano	83
Figura 10 – Crianças no recreio em busca das pistas do jogo	103
Figura 11 – Aula de Matemática sobre a área do triângulo	104
Figura 12 – Joga da aula da minha colega	106
Figura 13 – Ilustração de uma das salas de aula	111
Figura 14 – Criança a recortar o presente do dia da mãe	174
Figura 15 – Experiência realizada na aula do Clube de Ciências	175
Figura 16 – Trabalho com Poliminós	176
Figura 17 – Crianças a montar uma imagens com os poliminós	176
Figura 18 – Gráfico dos resultados da classificação da ficha de trabalho de Matemática do 1.º Ciclo	229
Figura 19 – Gráfico dos resultados da classificação da ficha de trabalho de Estudo do Meio do 1.º Ciclo	236
Figura 20 - Gráfico dos resultados da classificação da ficha de trabalho de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo	242
Figura 21 – Gráfico dos resultados da classificação da ficha de trabalho de Ciências da Natureza	248
Figura 22 - Gráfico dos resultados da classificação da ficha de trabalho de História e Geografia de Portugal	255
Figura 23 – Gráfico dos resultados da classificação da ficha de trabalho de Matemática	266
Figura 24 - Gráfico dos resultados da classificação da ficha de trabalho de Língua Portuguesa	273

Índice de Quadros

Quadro 1 – Cronograma referente às atividades realizadas no 1.º semestre do 1.º ano de Mestrado.....	7
Quadro 2 – Cronograma referente às atividades realizadas no 2.º semestre do 1.º ano de Mestrado.....	7
Quadro 3 – Cronograma referente às atividades realizadas no 1.º semestre do 2.º ano de Mestrado.....	8
Quadro 4 – Cronograma referente às atividades realizadas no 2.º semestre do 2.º ano de Mestrado.....	8
Quadro 5 – Horário do 4.º Ano.....	20
Quadro 6 – Horário do 1.º Ano.....	39
Quadro 7 – Horário do 2.º Ano.....	64
Quadro 8 – Horário do 3.º Ano.....	84
Quadro 9 – Horário relativo ao estágio realizado no 2.º Ciclo.....	110
Quadro 10 – Horário do 5.º Ano.....	161
Quadro 11 – Horário do 4.º Ano.....	167
Quadro 12 – Modelo T proposto por Martiniano Pérez.....	193
Quadro 13 – Plano de aula de Estudo do Meio.....	195
Quadro 14 – Plano de aula de Matemática.....	198
Quadro 15 – Plano de aula de Língua Portuguesa (1.º Ciclo).....	202
Quadro 16 – Plano de aula de Língua Portuguesa (2.º Ciclo).....	205
Quadro 17 - Plano de aula de Matemática (2.º Ciclo).....	208
Quadro 18 - Plano de aula de Ciências da Natureza (2.º Ciclo).....	211
Quadro 19 - Plano de aula de História e Geografia de Portugal (2.º Ciclo).....	213
Quadro 20 – Escala tipo Likert.....	222
Quadro 21 – Grelha de avaliação de Matemática (1.º Ciclo).....	226
Quadro 22 – Grelha de correção de avaliação de Matemática (1.º Ciclo).....	227
Quadro 23 – Grelha de avaliação de Estudo do Meio (1.º Ciclo).....	233
Quadro 24 – Grelha de correção de avaliação de Estudo do Meio (1.º Ciclo).....	234
Quadro 25 –Grelha de avaliação de Língua Portuguesa (1.º Ciclo).....	239
Quadro 26 – Grelha de correção de avaliação de Língua Portuguesa (1.º Ciclo).....	240
Quadro 27 – Grelha de avaliação de Ciências da Natureza.....	245
Quadro 28- Grelha de correção de avaliação de Ciências da Natureza.....	246
Quadro 29 - Grelha de avaliação de História e Geografia de Portugal.....	252

Quadro 30 – Grelha de correção de avaliação de História e Geografia de Portugal	253
Quadro 31 – Grelha de avaliação de Matemática	261
Quadro 32 – Grelha de avaliação de Matemática	262
Quadro 33 – Grelha de correção de avaliação de Matemática.....	263
Quadro 34 – Grelha de avaliação de Língua Portuguesa.....	269
Quadro 35 – Grelha de correção de avaliação de Língua Portuguesa	270

Introdução

Este relatório de estágio profissional insere-se no âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional inserida no Mestrado do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico.

Ao longo de todo este Mestrado tive várias horas de prática pedagógica, onde pude contactar com realidades educativas diferentes e diferenciadas, onde desejo, um dia, poder trabalhar no futuro.

O estágio profissional está dividido em vários momentos de contacto com as várias realidades educativas; sendo assim, pude passar por todos os anos referentes ao 1.º Ciclo do Ensino Básico e, de igual forma, a todos os anos referentes ao 2.º Ciclo, visto que o presente mestrado abrange estas duas valências.

Este tempo de estágio decorreu durante dois anos consecutivos, em que no primeiro ano de estágio este decorreu às segundas, terças e sextas-feiras, das nove horas da manhã até às treze horas, fazendo assim um total de doze horas semanais e, no segundo ano, às terças e sextas –feiras das nove da manhã às 17 horas, também com doze horas semanais.

1. Descrição da estrutura do relatório de estágio

Este relatório baseia-se nos relatos dos dias de prática pedagógica a que assisti durante estes dois anos de mestrado, de uma forma sucinta e “consciente”, pois o relatório vai centrar-se em várias faixas etárias distintas, sendo elas, o 1.º Ano, 2.º Ano, 3.º Ano, 4.º Ano, 5.º Ano e 6.º Ano.

Nesta perspectiva, este relatório encontra-se dividido em vários capítulos que visam abordar conteúdos distintos. Depois da introdução, no primeiro capítulo, é possível encontrar vários relatos realizados nos diversos anos de escolaridade por onde passei.

No segundo capítulo, encontramos uma breve abordagem sobre a importância de planificar e três planificações, uma para cada área curricular do 1.º Ciclo (Matemática, Estudo do Meio e Língua Portuguesa) e quatro planificações, uma para cada área curricular do 2.º Ciclo de escolaridade (Matemática, Ciências da Natureza, História e Geografia de Portugal e Língua Portuguesa). Todas as planificações foram aplicadas em contexto de sala de aula, nas turmas onde realizei a minha prática pedagógica.

Em seguida, apresento o terceiro capítulo, os dispositivos de avaliação, três para o 1.º Ciclo e quatro para o 2.º Ciclo de escolaridade, que preparei para os alunos das turmas onde realizei o meu estágio. Por último, farei uma reflexão final evidenciando os aspetos mais importantes e a importância que este relatório

representou na minha formação, bem como as maiores dificuldades que senti durante este período.

2. Metodologia utilizada

A elaboração destes relatos apenas foi possível devido à metodologia usada para a elaboração deste relatório. Ao longo de todo este tempo de estágio realizei uma observação participante, natural e direta, pois eu não era só uma mera observadora, sendo que, em muitos momentos, interagi com as várias turmas e com os alunos, e assim como refere Estrela (1990, p.32): “fala-se de observação participante quando, de algum modo, o observador participa na vida do grupo por ele estudado.” Além de ser uma observadora participante, também fui, como referi anteriormente, uma observadora naturalista, pois como salienta ainda o mesmo autor (1990, p. 48), citando De Landsheere, (1979), uma observação naturalista consiste na “... observação do comportamento dos indivíduos nas circunstâncias de uma vida cotidiana.”

Contudo, ao longo deste estágio, nem sempre adotei a mesma postura perante a observação participante, pois nos primeiros dias de estágios nas várias salas eu era meramente observadora, tendo uma postura só de observadora, sem intervir com a turma de uma forma ativa, ficando mais de fora, sendo que à medida que as relações se foram desenvolvendo, comecei a participar nas atividades com as crianças. A par disto é de salientar ainda que seja qual for o modo de observação participante, o observador regista tudo, isto é, o modo como a turma vive e está no seu dia a dia.

Ao longo do tempo, fui construindo as minhas notas de campo e fui registando todas as minhas observações para, numa fase posterior, poder organizá-las, inferi-las e fundamentá-las.

Do ponto de vista metodológico este relatório segue as normas as American Psychological Association (APA) e Azevedo (2000) este relatório está escrito segundo o novo acordo ortográfico.

3. Pertinência do estágio

A elaboração deste relatório teve uma grande importância para mim, enquanto futura docente e enquanto estagiária. Ao longo de todo este tempo de mestrado, adquiri várias competências e conhecimentos, que se foram tornando visíveis através das aulas que fui concretizando no meu local de estágio. Assim, este relatório

apresenta algumas das minhas dificuldades e das minhas reflexões sobre o que fui observando e sobre as aulas que fui realizando, ao longo de todos os momentos.

A elaboração do mesmo tornou-se importante porque me possibilitou uma reflexão sobre o que realizei e, ao mesmo tempo, uma correção do que fiz de errado, podendo melhorar e modificar esses erros.

É ainda de salientar que a prática pedagógica teve uma importância fulcral na minha formação profissional e pessoal, ajudando-me a entender as minhas limitações e as minhas maiores dificuldades, contribuindo assim para superá-las e trabalhar sobre elas de uma outra forma.

4. Caracterização do local de estágio

Realizei o estágio profissional num Jardim–Escola que pertence à Associação de Jardins Escolas João de Deus, que está presente de norte a sul do nosso país, estando ainda presente nas ilhas da Madeira e Açores. O Jardim-Escola por mim escolhido foi o dos Olivais, que está situado na zona Ocidental de Lisboa, como se pode observar na figura 1.



Figura 1 – Jardim-Escola João de Deus - Olivais

O Jardim-Escola foi inaugurado no dia 5 de fevereiro de 1975, e estava destinado apenas aos alunos do Bibe Amarelo, Encarnado e Azul. Alguns anos mais tarde este Jardim-Escola sofreu algumas obras e foi ampliado, passando a abranger alunos do Bibe Castanho e Verde.

Só no ano letivo de 1996/1997 é que se tem a trabalhar neste Jardim-Escola todos os anos do 1.º Ciclo, estando assim, devido a obras, a escola preparada para receber os alunos do 3.º Ano e do 4.º Ano.

Neste momento, esta instituição abarca várias faixas etárias, estando assim dividido em dois graus de ensino, o ensino pré-escolar e o ensino do 1.º Ciclo, estando presentes nesta instituição crianças com idades compreendidas entre os 3 e 10 anos de idade.

Neste local encontramos duas turmas de cada ano do Pré-Escolar e, de igual forma, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, tendo assim um total de 6 turmas do Pré-Escolar e 8 turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Este Jardim-Escola possui 11 salas de aula; 3 para a Educação Pré-Escolar e 8 para o 1.º Ciclo; um salão polivalente, duas cantinas, uma cozinha, uma sala de informática, um ginásio, uma sala para os estagiários, 9 wc destinadas aos alunos, 2 wc destinadas aos docentes e funcionários, uma sala de professores, um gabinete de direção, uma dispensa para géneros alimentares, uma dispensa para produtos de limpeza, uma dispensa para material didático, uma lavandaria, uma biblioteca, um ateliê de expressão plástica. Tem ainda um pátio de recreio com uma parte coberta e devidamente vedado, que se divide em dois recreios distintos, separados com uma cancela, de forma a que um dos recreios se destine aos alunos da Educação Pré-Escolar e outro aos alunos do 1.º Ciclo.

No Jardim-Escola podemos encontrar ainda uma vasta gama de material didático. Todo este material está à disposição de alunos, professores e estagiários que se encontram na instituição.

No que se refere ao pessoal docente e não docente nesta instituição encontramos duas diretoras, seis educadoras de Educação Pré-Escolar, oito professoras de 1.º Ciclo do Ensino Básico, uma professora de ginástica, duas educadoras de apoio e uma professora de apoio, um professor de inglês, dois professores de música, uma professora de expressão plástica. Ao nível de funcionários encontramos uma funcionária administrativa, uma cozinheira, uma ajudante de ação educativa e treze empregadas de serviços gerais.

É ainda de salientar que esta escola trabalha com base na metodologia de João de Deus.

5. Apresentação do grupo de estágio

O meu grupo de estágio é constituído por dois elementos, por mim e por outra colega. Nós somos ambas alunas do Mestrado do 1.º e 2.º Ciclos e damo-nos bem, o que nos permite trabalhar em grupo e ajudarmo-nos uma à outra, o que nos facilita muito enquanto par de estágio. A par disto, temos conseguido dar aulas em conjunto e planificá-las, também em conjunto, o que tem sido uma mais-valia para mim, pois é

possível discutir vários métodos e formas de abordar uma determinada matéria, permitindo-nos crescer a nível pessoal e profissional. No que se prende com o estágio no 2.º Ciclo passamos a ser três pessoas, pois no meu grupo foi integrado outro colega.

6. Cronogramas de estágio

No tempo em que efetuei o meu estágio profissional I, II, III e IV, estagiei no 1.º Ciclo do Ensino Básico e no 2.º Ciclo do Ensino Básico, como já referi anteriormente.

Seguem-se os cronogramas, representados nos quadros 1, 2, 3 e 4, que estruturam e explicam numa forma sucinta o tempo em que estive a estagiar em cada uma das salas ao longo dos dois anos de estágio.

Quadro 1 – Cronograma referente às atividades realizadas no 1.º semestre do 1.º Ano de Mestrado

1.º Ano – 1.º Semestre (2010/2011)

	outubro				novembro				dezembro					janeiro				fevereiro			
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	5	1	2	3	4	1	2	3	4
Observações de aulas		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			X	X	X	X	X	X		X
Aulas programadas					X	X		X							X	X	X		X		
Aulas surpresas																					
Reuniões de prática pedagógica																					
Elaboração do relatório de estágio			X					X			X						X			X	X
Estágio Intensivo																					X

Quadro 2 – Cronograma referente às atividades realizadas no 2.º semestre do 1.º Ano de Mestrado

1.º Ano – 2.º Semestre (2010/2011)

	março				abril				maio					junho				julho			
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	5	1	2	3	4	1	2	3	4
Observações de aulas	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Aulas programadas				X	X		X				X				X	X					
Aulas surpresas					X								X								
Reuniões de prática pedagógica				X								X									
Elaboração do relatório de estágio		X				X			X					X				X		X	
Estágio Intensivo	X																				

Relatório de Estágio Profissional (M12C)

Quadro 3 – Cronograma referente às atividades realizadas no 1.º semestre do 2.º Ano de Mestrado

2.º Ano – 1.º Semestre (2011/2012)

	setembro				outubro				novembro				dezembro				janeiro				fevereiro				
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	
Observações de aulas					X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X				X
Aulas programadas													X	X					X	X	X				
Aulas surpresas																									
Reuniões de prática pedagógica				X																					
Elaboração do relatório de estágio			X			X					X			X	X				X						X
Estágio Intensivo																									X

Quadro 4 – Cronograma referente às atividades realizadas no 2.º semestre do 2.º Ano de Mestrado

2.º Ano – 2.º Semestre (2011/2012)

	março				abril				maio				junho			
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Observações de aulas	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Aulas programadas		X	X	X							X	X		X		
Aulas surpresas																
Reuniões de prática pedagógica									X							
Elaboração do relatório de estágio				X				X		X					X	X
Estágio Intensivo	X															

Capítulo 1

Relatos Diários

1. Breve descrição

Neste capítulo irei apresentar todos os relatos diários de aulas e atividades que observei ao longo de dois Anos, divididos por duas valências educativas (1.º e 2.º Ciclo de escolaridade), devidamente inferidos e fundamentados cientificamente. Os mesmos serão apresentados por ordem cronológica da sua vivência. É composto por oito secções, em cada uma apresentarei uma breve caracterização da sala e da turma, que será seguido do respectivo relato.

1.1. 1.ª Secção : 4.º Ano

Duração do estágio: 18 de outubro de 2010 a 29 de novembro de 2010

Faixa etária: 9/10 Anos de idade

1.1.1 Caracterização da turma

A turma do 4.º Ano é constituída por 22 alunos, sendo que 13 alunos são do sexo masculino e 9 alunos são do sexo feminino.

Os alunos que compõem esta turma não apresentam grandes dificuldades de aprendizagem, contudo existem alguns que demonstram dificuldades acentuadas na aprendizagem da Matemática e da Língua Portuguesa. Ao nível da Matemática, encontramos uma aluna com dificuldade no cálculo, o que faz com que o seu ritmo de trabalho nesta área seja reduzido.

No que se refere à Língua Portuguesa, encontramos dois alunos com dificuldades ao nível da linguagem, mais concretamente na articulação de algumas palavras e letras, o que provoca posteriores dificuldades na leitura. É ainda de salientar que, além destes dois alunos com problemas de leitura, encontramos mais um que apresenta este mesmo problema, contudo este não manifesta nenhuma causa aparente para este problema, como os outros anteriormente referidos.

Além destes alunos com dificuldades de aprendizagem, a turma é caracterizada ainda por alunos que apresentam um ritmo de trabalho baixo, o que dificulta o ritmo diário de aprendizagem da turma.

Os alunos que têm dificuldades acentuadas de aprendizagem são acompanhados pelos professores de apoio existentes no Jardim – Escola.

1.1.2 Caracterização do espaço de sala de aula

A sala de aula do 4.º Ano é uma típica sala de aula. Quando entramos neste espaço podemos encontrar ao fundo um armário, ao lado das janelas, onde estão

colocados os dossiers e materiais dos alunos. Também no fundo da sala temos cabides onde os alunos colocam as suas mochilas e casacos. Ainda nesta área do fundo da sala podemos encontrar uma estante mais pequena, que a referida anteriormente, onde existem jogos para os alunos.

As carteiras estão dispostas em linha, formando três filas de carteiras, em que a maioria dos alunos está a pares, sendo que alguns estão sentados sozinhos, como se pode verificar a partir da figura 2.

Nesta sala pode ainda encontrar a secretária da professora, junto à parede do início da sala e o quadro de giz, nesta mesma parede.



Figura 2 – Sala do 4.º Ano

1.1.3 Rotinas

As rotinas dos alunos do 1.º Ciclo são todas similares. Contudo, nem todos os alunos têm as mesmas atividades curriculares não disciplinares, sendo uma delas apenas aplicada nos 3.º e 4.º Anos – o Clube de Ciências. As rotinas que irei apresentar de seguida são o acolhimento no ginásio, o momento de higiene, o recreio, o almoço, as áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, e ainda, as atividades de enriquecimento curricular.

Todas estas rotinas podem ser alteradas, consoante as necessidades de cada turma e do seu professor.

Todos os dias a sociedade nos exige rotinas e o cumprimento das mesmas, por isso torna-se importante, desde cedo, dá-las a conhecer aos que serão os Homens de amanhã.

A rotina é muito importante para o desenvolvimento das crianças, uma vez que esta tem como finalidade orientá-las, proporcionando-lhes do mesmo modo uma vida ativa.

Esta ideia é defendida por Zabalza (1998),

...as rotinas desempenham, de uma maneira bastante similar aos espaços, um papel importante no momento de definir o contexto no qual as crianças se movimentam e agem. As rotinas actuam como as organizadoras estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda, substituem a incerteza do futuro (principalmente em relação às crianças com dificuldade para construir um esquema temporal de médio prazo) por um esquema fácil de assumir. O quotidiano passa, então, a ser algo previsível, o que tem efeitos importantes sobre a segurança e autonomia. (p. 52)

Neste sentido é cada vez mais importante despertar as nossas crianças para as suas rotinas e para a sua importância.

→ **Acolhimento no ginásio**

Os alunos deste Jardim–Escola que frequentam o 1.º Ciclo entram às 9h00 da manhã todos os dias. Contudo, nem todos chegam a essa mesma hora, sendo que uns chegam mais cedo e outros mais tarde.

Uma das primeiras rotinas observadas e com a qual as crianças se deparam é o acolhimento, que é realizado no ginásio do Jardim-Escola. Aqui, as crianças estão juntas com as dos outros anos referentes ao 1º Ciclo e, regra geral, realizam jogos sob a orientação de um professor, que as coordena e as orienta nos jogos.

Como salienta Cordeiro (2007) “... é fundamental que o ambiente seja calmo, tranquilo, seguro e alegre, para que a criança se sinta desejada...” (p.371), assim sendo é importante que o acolhimento seja feito com calma, pois há muitos alunos que ainda têm muita dificuldade em deixar os seus pais, para ficarem na escola.

Por isso, este é um momento muito importante para os alunos, pois estes podem socializar com os colegas, não só com os da sua turma, mas também com os outros alunos dos outros anos de escolaridade, partilhando experiências e permitindo um melhor conhecimento dos outros e a troca de experiências também com os professores num contexto diferente do habitual.

→ **Momento de higiene**

Ao longo do dia são vários os momentos de higiene com que os alunos se deparam, sendo estes de extrema importância para a formação pessoal e social dos mesmos.

Estes momentos estão presentes sempre antes do início da atividade letiva, quero com isto dizer, que antes de entrarem para a sala os alunos vão à casa de banho. Portanto, estes têm lugar logo no início da manhã, após o acolhimento e antes de iniciarem o trabalho na sala, antes e após os recreios, assim como antes do almoço. Neste sentido, Cordeiro (2007) afirma que “as crianças mais velhas, com

autonomia, recebem reforço diário sobre as situações em que devem lavar as mãos (antes e após as refeições, após a utilização da casa de banho e antes de entrarem na sala após os intervalos) ...” (p.108).

Em todos estes momentos, os alunos são acompanhados por um professor, estagiário ou auxiliar, que controla todos estes tempos de higiene para que estes sejam feitos da melhor forma. Contudo, como refere o autor acima indicado “...executam o acto sozinhas, sendo controladas apenas em algumas situações.” (p.108), como por exemplo a lavagem das mãos.

→ **Recreio**

Durante o dia os alunos têm vários momentos de recreio, sendo estes divididos pelo recreio da manhã e da tarde.

O recreio da manhã realiza-se às 11h da manhã no pátio do Jardim–Escola, como se pode observar na figura 3, que se encontra logo na entrada do mesmo, e este é vigiado sempre por adultos, de forma a minimizar possíveis acidentes.

Os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico têm um recreio diferente do recreio dos alunos do Pré-Escolar. O local onde decorre o recreio apenas é alterado quando está a chover; neste caso os alunos vão para o ginásio, onde fazem o recreio.



Figura 3 – *Recreio do Jardim–Escola João de Deus - Olivais*

O recreio é de uma extrema importância para as crianças, pois é durante este tempo que elas podem expandir, gastar toda a sua energia, proporcionando, após este, um melhor rendimento escolar e concentração no seu trabalho em sala de aula.

Neste sentido, Cordeiro (2007) afirma que, o recreio é um espaço da maior importância (...) apresenta uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em atividades lúdicas vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos. (p.377),

assim promove nas crianças um melhor desenvolvimento físico.

Durante o recreio da manhã é dado a cada um dos alunos um pequeno lanche, que varia com o dia da semana, sendo que uns dias é fruta e noutros bolachas.

O recreio da tarde é feito por volta das 13h30min, após o almoço dos alunos, e vai até às 14h30min, hora de entrada para a sala de aula.

→ **Almoço**

A hora de almoço dos alunos começa às 13h e a refeição é servida na cantina, sendo que apenas as turmas do 4.º Ano almoçam no salão, pois o refeitório não tem espaço para as 8 turmas, do 1º. Ciclo, almoçarem.

As refeições diferem de dia para dia, tendo cada dia uma ementa específica, o que faz com que um dia tenha como prato principal carne e no dia seguinte peixe, e assim sucessivamente. A ementa da semana está exposta logo junto à entrada do Jardim–Escola, para que possa ser consultada pelos pais e alunos.

Todas as refeições começam com um prato de sopa, sendo este seguido pelo prato de carne ou peixe. Como sobremesa, as crianças dispõem de fruta ou alguma sobremesa mais elaborada (gelatina, pudim...).

Há que salientar que este momento é muito importante para todas as crianças, pois é durante este que as crianças aprendem a aceitar o que lhes é dado para o almoço sem reclamar, como mostra Cordeiro (2007). “há também um controlo das exigências pessoais, aprendendo a aceitar o menu do dia sem reclamar...” (p.373), e claro, torna-se também um momento de maior autonomia na realização da sua alimentação, como afirma o autor acima referido,

o almoço (e mais tarde o lanche) servem para alimentar, mas, do ponto de vista socialização, também para criar uma maior autonomia (estimulada pelos outros e por um sentido correto da competição, o que faz comerem tudo pelo seu punho (...)), passar implícitas noções de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo (...) (p.373).

Terminado o almoço os alunos abandonam a cantina e vão para o recreio até às 14h30min.

Áreas curriculares disciplinares:

*** Língua Portuguesa**

A Língua Portuguesa é uma das áreas curriculares disciplinares que integra o currículo do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Esta área curricular é lecionada todos os dias em todas as turmas do 1.º Ciclo, de acordo com a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004),

reconhece-se a Língua Materna como o elemento mediador que permite a nossa identificação, a comunicação com os outros e a descoberta e compreensão do mundo que nos rodeia (...) Entende-se que o Domínio da Língua Materna, como fator de transmissão e apropriação dos diversos conteúdos disciplinares, condiciona o sucesso escolar. (p. 135)

Desta forma, o ensino da Língua Portuguesa é imprescindível para o desenvolvimento da criança com os demais e para o seu sucesso escolar no futuro, pois se não Dominar a sua língua materna, dificilmente terá progresso ao longo da sua carreira de estudante.

*** Matemática**

Outra das áreas curriculares disciplinares obrigatória no currículo é a Matemática. Esta área também é abordada diariamente nas salas de aula do 1.º Ciclo, pois apresenta-se como uma área de extrema importância, assim como a Língua Portuguesa. A Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), destaca que as grandes finalidades do ensino da Matemática neste Ciclo de ensino são:

- “desenvolver a capacidade de raciocínio;
- desenvolver a capacidade de comunicação;
- desenvolver a capacidade de resolver problemas.” (p. 163)

Desta forma o ensino da Matemática é fundamental para o desenvolvimento da criança e para a criação de hábitos de raciocínio, de resolução de problemas e até, através da Matemática, pode ser estimulada a comunicação com os pares.

*** Estudo do Meio**

De acordo com o currículo para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, o Estudo do Meio também integra as áreas curriculares disciplinares, sendo que este não é ministrado todos os dias.

O ensino do Estudo do Meio, segundo a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), deve ser lecionado em conformidade com as outras áreas, pois,

“...o Estudo do Meio está na intersecção de todas as outras áreas do programa, podendo ser motivo e motor para a aprendizagem nessas áreas.” (p. 101)

Segundo a mesma fonte,

... o Estudo do Meio é apresentado como uma área para a qual concorrem a História, a Geografia, as Ciências da Natureza, a Etnografia, entre outras, procurando-se, assim, contribuir para a compreensão progressiva das inter-relações entre a Natureza e a Sociedade. (p. 101),

sendo desta forma uma área que abarca várias áreas do saber, tornando-se cada vez mais importante o seu ensino e exploração em sala de aula.

* **Expressões**

Segundo o currículo para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, as expressões fazem parte deste, como parte integrante das áreas curriculares disciplinares.

No que se prende com as expressões a instruir, encontramos as artísticas, as físico-motoras e a musical. Apresento de seguida cada uma delas, de forma mais explícita.

* **Artísticas**

A Expressão Plástica é realizada, uma vez por semana.

Nestas aulas, as crianças têm oportunidade de contactar com a arte de uma forma diversificada e de ser expressarem, também de uma forma livre, sendo que são orientados pela professora, mas podem criar de uma forma quase livre.

O ensino da Expressão Plástica é elementar na educação das crianças, pois é uma fonte de libertação da criatividade das mesmas e, como salienta o Ministério da Educação (2004) “a manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade.” (p. 89).

* **Físico-Motoras**

A Educação Física é uma atividade que é realizada uma vez por semana, tendo a duração de 50 minutos e é efectuada no ginásio da Jardim–Escola.

Esta atividade é de grande importância para as crianças, pois possibilita-lhes um desenvolvimento físico que, de uma ou de outra forma, condiciona o desenvolvimento psicológico, sendo até considerada por vários autores como uma forma de estimular a capacidade cognitiva, pois para os alunos é um momento de descarga do stress acumulado em sala de aula. Podendo desta forma, o rendimento escolar dos alunos ser melhorado nas outras áreas do saber.

Segundo a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), ...o desenvolvimento físico da criança atinge estádios qualitativos que precedem o desenvolvimento cognitivo e social. Assim, a atividade física educativa oferece aos alunos experiências concretas, necessárias às abstrações e operações cognitivas inscritas nos Programas doutras Áreas, preparando os alunos para a sua abordagem ou aplicação. (p. 35).

* **Musical**

Os alunos têm Educação Musical, também uma vez por semana durante 50 minutos.

Eu considero o ensino da música e a sua exploração como importante para as crianças. O contacto com as variadas atividades musicais, quer individualmente quer em grupo, são fundamentais para o desenvolvimento das suas capacidades expressivas e criativas neste campo.

Áreas curriculares não disciplinares:

→ **Estudo Acompanhado**

Para melhorar os métodos de estudo e ajudar os alunos nas suas maiores dificuldades, foi criada a disciplina de Estudo Acompanhado, que não pretende abordar nenhum conteúdo em específico.

Ainda, a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), refere que o Estudo Acompanhado tem como principais objetivos levar os alunos à "... aquisição de competências que permitam a apropriação, (...), de métodos de estudo e de trabalho e proporcionem o desenvolvimento de atitudes e de capacidades que favoreçam uma cada vez maior autonomia na realização das aprendizagens;" (p.18).

Por isso, esta área curricular, não disciplinar, tem uma importância acrescida no desenvolvimento da criança.

→ **Formação cívica**

A Formação cívica é outra das áreas curriculares não disciplinares. E segundo a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004) a Formação cívica é o,

...espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação para a cidadania, visando o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, activos e intervenientes, com recurso, nomeadamente, ao intercâmbio de experiências vividas pelos alunos e à sua participação, individual e colectiva, na vida da turma, da escola e da comunidade. (p.18).

Por isso deve ter um espaço privilegiado na formação de cidadãos mais conscientes e responsáveis, uma vez que estes valores também devem ser explorados pela escola e fomentados pelos professores.

→ **Área de projeto**

Esta área curricular não- disciplinar tem como principal função levar as crianças a participar em várias pesquisas e na apresentação de alguns projetos, realizados mediante vários temas e em consonância com outras áreas.

A Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), define a área projeto como uma área em que deve ser feita a "...realização e avaliação de projectos, através da articulação de saberes de diversas áreas curriculares, em torno de problemas ou temas de pesquisa ou de intervenção, de acordo com as necessidades e os interesses dos alunos;" (p. 18).

Atividades de enriquecimento curricular:

→ **Clube de Ciências**

O Clube de Ciências é lecionado por dois professores da área de ciências e também professores da Escola Superior de Educação João de Deus. Esta aula tem a duração de uma hora por semana.

Nesta aula, os alunos exploram algumas experiências levadas pelos professores, mas também, em alguns casos, são os próprios alunos a levar experiências para explorarem com os colegas.

→ **Computadores**

A informática faz cada vez mais parte do mundo das crianças e, por isso, é imprescindível que estas tenham contato com as novas tecnologias, sobretudo os computadores, e que aprendam como manipulá-los e quais são as suas maiores potencialidades.

→ **Biblioteca**

Os alunos, segundo o seu horário têm pelo menos, uma vez por semana contato com a biblioteca do Jardim-Escola e com os seus livros.

A biblioteca escolar deve ser aproveitada pelos professores para deixarem os alunos explorarem os livros e terem um contato mais alargado com estes. Os docentes devem também dinamizar a leitura e, nestes momentos, como relata Gomes (2000) "a biblioteca escolar poderá tornar-se (...) um pólo dinamizador da leitura na

comunidade...” (p. 25), podendo mesmo integrar os pais nesta dinamização, daí a importância da existência de uma biblioteca escolar.

→ **Inglês**

A aprendizagem da língua inglesa é feita uma vez por semana, durante 50 minutos e, no meu entender, é primordial para estas crianças, pois a sua aprendizagem desenvolve competências que mais tarde serão uma mais valia para estas. É importante referir que a aquisição de vocabulário estrangeiro, deve ser efetuada o mais cedo possível, porque assim será melhor interiorizado e aplicado no futuro.

O Decreto-Lei n. 6/2001 de 18 de janeiro, salienta que, no que se refere às línguas estrangeiras, “as escolas do 1.º Ciclo podem, de acordo com os recursos disponíveis, devem proporcionar a iniciação a uma língua estrangeira, com ênfase na sua expressão oral”, não privilegiando a escrita.

1.1.4 Horário:

Em seguida apresento o quadro 5, onde está registado o horário da turma do 4.º Ano.

Quadro 5- Horário do 4.º Ano

4.º Ano					
Horas	2. ^a	3. ^a	4. ^a	5. ^a	6. ^a
9h-10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h-11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
Recreio					
11h30-12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h-12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
Almoço e Recreio					
14h30-15h20	Biblioteca	Educação Física	Inglês	Estudo Acompanhado	Computadores
15h20-16h10	Estudo do Meio	Formação Cívica	Área Projeto	Estudo do Meio	Assembleia de Turma
16h10-17h	História	Expressão Plástica	História	Música	Experiências
Saída					

1.1.5 Relatos Diários

12 de outubro de 2010

Cheguei ao Jardim-Escola e já a diretora da escola tinha começado uma reunião para conhecermos a forma como se iria organizar o nosso estágio e em que moldes o iríamos desenvolver. De seguida, cada par de estágio dirigiu-se para a sua sala. Eu e a minha colega fomos para o 4º Ano.

As atividades já tinham começado e os alunos estavam a fazer uma interpretação do texto “A princesa e a ervilha”. Concluída a interpretação foi elaborado um ditado do primeiro parágrafo do texto.

Terminado o ditado foi distribuída uma ficha sobre os antónimos, na qual os alunos tinham de colocar os antónimos de acordo com os sinónimos que lhes eram dados.

Após o intervalo da manhã, a área abordada foi a de Matemática começando com revisões da multiplicação e divisão por 10; 100; 1000; 0,1; 0,01 e 0,001.

Acabadas as revisões os alunos fizeram a exploração e análise de uma fatura da “EDP”, sendo esta atividade intitulada como o problema do mês.

Inferências e Fundamentação teórica

Neste primeiro dia de estágio o que me parece importante referir foi o facto de termos começado o estágio, de ser o primeiro dia e de estar bastante ansiosa e apreensiva. Quero também destacar o facto de os alunos terem analisado uma fatura da “EDP”.

Do meu ponto de vista é de extrema importância os alunos analisarem e interpretarem uma fatura, pois isto faz parte ou irá fazer parte do seu quotidiano e é essencial que as crianças desde cedo consigam entender como é que uma fatura é composta e, além disto, que entendam que a Matemática está expressa nas mais pequenas coisas do nosso dia a dia.

Assim, segundo Matos e Serrazina (1996) “...a aprendizagem da Matemática deve estimular a curiosidade e desenvolver a capacidade do aluno para formular e resolver problemas que contribuem para a compreensão, apreciação e poder de intervenção no mundo que nos rodeia ...” (p.19).

O dia terminou, gostei bastante de conhecer estas crianças e a professora titular e poder começar, também eu, três vezes por semana, a fazer parte da sua vida na escola.

15 de outubro de 2010

Hoje o dia foi diferente pois os alunos foram a uma visita de estudo no âmbito da disciplina de História de Portugal. Esta visita de estudo tinha como objetivo conhecer melhor a história do início da segunda dinastia, assim como a Batalha de Aljubarrota. Por este motivo, esta decorreu no Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota.

Inferências e Fundamentação teórica

As visitas de estudo são sempre importantes e relevantes para o conhecimento do aluno.

Não basta estar na sala de aula a ouvir falar de um determinado assunto; é necessário observar, sempre que possível, o que é falado e estudado em aula.

Entende-se por visita de estudo, segundo Krepel (1981, citado por Almeida, 1999) "...uma viagem organizada pela escola e levada a cabo com objetivos educacionais, na qual os alunos podem observar e estudar os objectos de estudo nos seus locais funcionais." (p.51), o que de facto é um contributo para a formação do aluno, pois experiencia o que é explorado em sala de aula.

O contacto com o real do que é falado no abstracto é fundamental para a melhor aprendizagem das crianças e como defendem Baillet, Clavel e Maglione (1989, citados em Almeida, 1999) "...nada pode substituir a saída por mais sofisticado que seja o material utilizado nas aulas; as reconstituições são sempre diferentes no meio natural." (p. 54), o que no caso desta visita de estudo se verifica, pois o facto de contactar com o espaço envolvente da Batalha de Aljubarrota permite aos alunos uma melhor percepção deste conteúdo.

Além disto, Pessoa (1991, citado em Almeida, 1999) salienta que as vistas de estudo "...são ainda apontadas como potenciadoras ao nível da aquisição de valores e atitudes a despertar nos alunos pelo que podem contribuir para criar o sentido de responsabilidade..." (p.56).

18 de outubro de 2010

A manhã foi iniciada com a realização de uma ficha sobre os graus diminutivos, aumentativos e sobre os femininos de algumas palavras.

Nesta área, os alunos ainda realizaram um ditado de palavras retiradas do dicionário.

Terminadas estas tarefas foi tempo de fazer uma avaliação da gramática, sobre a análise morfológica, sintática e verbos, através de uma ficha de trabalho, sendo as questões muito variadas.

Quando os alunos terminaram os trabalhos, a professora deu autorização para que os alunos fossem buscar alguns jogos e jogassem.

Inferências e Fundamentação teórica

A avaliação é bastante importante no processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Esta possibilita ao aluno e ao professor o conhecimento dos erros mais comuns feitos pelo aluno e onde tem que melhorar e estudar mais.

Se a avaliação é importante em todas as áreas, é de igual forma importante em Língua Portuguesa, pois os conteúdos nem sempre ficam bem intrínsecos nos alunos, e os erros dados por eles são mais que muitos.

Assim, a avaliação realizada nesta aula sobre os conteúdos gramaticais, teve como principal função verificar se os alunos dominam, ou não, a gramática e se a sabem aplicar da melhor forma.

Parece-me então que a avaliação realizada pela professora foi uma avaliação formativa, que segundo Reis e Adragão (1992), esta é considerada como uma importante avaliação da língua materna, pois, citando os mesmos autores, esta avaliação têm como função "...o papel da correção de erros..." (p.101) e ainda é vista como "...o tipo de avaliação que vai detectar as maiores dificuldades de expressão oral e escrita e corrigi-las." (p.101), sendo assim muito importante na Língua Portuguesa e também, desta forma, na avaliação da gramática.

19 de outubro de 2010

A manhã foi iniciada com a área da Matemática, onde se deu ênfase à resolução de situações problemáticas através de uma ficha de trabalho.

Ao longo da realização desta atividade, a disciplina da sala foi-se tornando instável, o que fez com que a professora fizesse a mudança de alguns alunos de lugar.

Após o intervalo, foi tempo de trabalhar a área da Língua Portuguesa, com a exploração da gramática, através de um ditado sobre a definição de verbo, do modo condicional e do modo indicativo. Este ditado foi avaliado e os erros foram assentes na grelha de avaliação para os erros ortográficos.

Inferências e Fundamentação teórica

No dia de hoje acho importante evidenciar o facto de a professora ter feito um ditado. Não foi um ditado comum, é certo, mas foi um ditado e, como tal, pretendia avaliar se os alunos sabem ou não escrever.

Cada vez mais nas nossas escolas é importante fazer ditado, não só no 1.º e 2.º Anos, mas também no 4.º Ano, pois são cada vez mais os alunos que chegam a este Ano de escolaridade sem saber escrever.

Desta forma, eu não vejo do ditado como algo que destrói os alunos ou que os envergonha perante os colegas pelos erros que dão. Não! Eu olho para o ditado como uma “fonte” de melhoria da caligrafia e da ortografia, como afirma Jean (1999) o ditado é feito “...com vista à aquisição ou à melhoria da ortografia.” (p.108).

Assim sendo, o professor tem que demonstrar ao aluno, que quando faz um ditado, este não serve para o “envergonhar” perante os outros, mas sim para o alertar no que tem que melhorar.

22 de outubro de 2010

O dia começou com a construção de um sofá com o 5.º Dom de Fröebel. Antes de iniciar a construção com o 5.º Dom a professora fez a exploração do sólido geométrico que a caixa do Dom representa.

Terminada a construção, os alunos realizaram uma ficha de situações problemáticas que tinha que ver com a construção elaborada anteriormente.

Concluído o intervalo foi o momento de realizar uma cópia de um texto do manual escolar. Após este trabalho findado, os alunos realizaram uma ficha de trabalho com o título “És bom observador”, que tinha como objetivo de testar a capacidade de caracterização física de cada um dos alunos.

Inferências e Fundamentação teórica

No presente dia de estágio parece-me importante salientar o facto da professora ter utilizado um material didático para abordar alguns conteúdos de Matemática.

O material utilizado foi o 5.º Dom de Fröebel. Este material é composto por 21 cubos inteiros, 3 cubos partidos em dois meios e 3 cubos partidos em quatro partes e, com ele, é possível trabalhar oralmente com os alunos vários conteúdos matemáticos, mas tudo isto de uma forma lúdica.

É neste sentido que considero importante o uso destes materiais no ensino da Matemática, porque os alunos, ao trabalharem numa forma lúdica, acabam por compreendê-la melhor e por “brincarem” com ela, mas sempre aprendendo.

Assim, segundo Caldeira (2009a), “o aprender fazendo, proposto por Fröebel respeita a metodologia natural das crianças.” (p.241), pois estas, à medida que vão fazendo, vão aprendendo a fazer, mas não de uma forma imposta, como a nossa

sociedade de hoje vive e mostra, mas sim de uma forma lúdica e prática, o que vai de encontro do que as crianças necessitam e precisam.

25 de outubro de 2010

Hoje, a professora da sala não esteve presente estando a turma com uma professora de apoio. A professora iniciou a manhã com a área de Matemática, começando com a avaliação de operações Matemáticas. Os exercícios trabalhados foram passados no quadro, tendo os alunos que os copiar para a sua folha. À medida que estes iam terminando a resolução dos exercícios, e como ainda faltava um tempo para o intervalo, os alunos foram jogar com alguns jogos presentes na sala.

Quando todos já tinham terminado, foi feita a correção dos exercícios de Matemática na oralidade.

Findado o intervalo foi realizada a leitura silenciosa de um texto do manual de Língua Portuguesa, seguida da análise do texto a nível gramatical e a nível de interpretação. Concluída a análise do texto, a professora realizou um ditado do texto estudado.

Inferências e Fundamentação teórica

O uso do manual escolar é importante no ensino-aprendizagem, contudo não deve ser usado de uma forma excessiva e o docente não deve de estar apenas “agarrado” ao manual escolar procurando novas formas de ensinar e novos métodos de ensino. Tormenta (1996) defende que “a própria concepção do manual nem sempre obedece a princípios pedagógicos e científicos inovantes, pois é enviesada pela conjugação dos interesses das editoras com as referidas práticas pedagógicas mais usadas.” (p.10). Isto mostra-nos que, muitas vezes, os conteúdos que vêm nos manuais escolares são fracos, sendo necessário que o professor recorra a outros, mais ricos para o processo de aprendizagem de muitos conteúdos.

Apesar de tudo isto “o manual assume funções de informação, de estruturação e de organização da aprendizagem e de guia do aprendente.” (p.9), como defende ainda o mesmo autor, sendo este uma mais valia para o aluno, pois permite que este se mantenha informado do que vai aprender, tendo assim uma base para se guiar.

26 de outubro de 2010

A professora hoje já estava de volta à sala mas, mesmo assim, a manhã não foi igual a tantas outras, pois a professora trabalhou a leitura de números com as Calculadoras Papy.

Após o intervalo, as crianças realizaram vários exercícios gramaticais e uma ficha sobre as onomatopeias e outra sobre os nomes coletivos. Estas fichas tinham como finalidade a revisão destes conteúdos.

Inferências e Fundamentação teórica

O uso de materiais manipuláveis em Matemática é sempre uma mais-valia para as crianças, pois estes facilitam a sua aprendizagem nesta área. Esta ideia é defendida por Caldeira (2009a), que refere que “a utilização de materiais manipuláveis, através de modelos concretos, permite à criança construir, modificar, integrar e interagir com o mundo físico e com os seus pares, a aprender fazendo (...) (p.12).

As Calculadoras Papy consistem “... numa série de placas ou de painéis, divididos em quatro partes; cada uma das partes tem uma cor diferente...” e ainda seguem “... as regras de numeração binária (em placas) e decimal (entre placas). ” (p.345), como define a autora acima referida.

O manuseamento das Calculadoras Papy permite que os alunos obtenham uma melhor compreensão e trabalho na leitura de números e noutras áreas da Matemática. Assim, ainda a mesma autora menciona que, através deste material, as crianças “... aprendem a seleccionar, decidir e descobrir regularidades e a utilizar diferentes modos de chegar à resolução de problemas...” e que este “... desenvolve o cálculo...” (p.347), facilitando a aprendizagem dos alunos.

29 de outubro de 2010

A minha colega de estágio hoje deu aula de manhã inteira, o que fez com que o horário dos alunos fosse alterado. Ela iniciou a manhã com a área de Língua Portuguesa, onde abordou o conteúdo referente à carta, os seus constituintes e os tipos de carta (ex: carta formal, informal) através de uma ficha informativa.

Após ter explicado estes conteúdos, os alunos realizaram a elaboração de uma carta destinada a um dos colegas da turma, contudo a escolha dos alunos a que se destinavam as cartas foi feita de uma forma aleatória, de forma a não serem escolhidos os mesmos alunos.

A carta foi colocada no correio da sala de aula, que depois seria distribuído pela professora da sala pelos alunos.

Findada a elaboração da carta, ela prosseguiu a aula com a área de História de Portugal, na qual explorou as consequências dos descobrimentos portugueses através de um *Powerpoint*.

Ao longo da exposição da matéria, cada um dos alunos tinha consigo uma ficha com algumas lacunas, que tinham de preencher ao longo da apresentação dos

diapositivos, pois estes continham a informação necessária para o preenchimento destas.

Após o intervalo foi o momento de realizar vários desafios matemáticos de lógica.

Inferências e Fundamentação teórica

No dia de hoje, o que mais me chamou a atenção foi o facto da minha colega de estágio ter realizado com os alunos desafios matemáticos de lógica.

Na minha opinião considero que é muito importante apresentar aos alunos diferentes tipos de problemas de forma a levá-los a vários tipos de raciocínio, para que estes possam ver que a Matemática não é linear, isto é, que não se resume sempre aos mesmos tipos de problemas.

Segundo as Metas de Aprendizagem, Ministério da Educação (2010), referentes à área da Matemática para o 1.º Ciclo, no domínio das capacidades transversais, relativas ao subdomínio do raciocínio matemático, os professores devem conduzir os alunos a “justificar resultados matemáticos: explicar ideias e processos matemáticos, oralmente e por escrito; justificar os resultados matemáticos obtidos.”, e em paralelo, no subdomínio da comunicação matemática os alunos devem “representar ideias Matemáticas: representar informação e ideias Matemáticas de diversas formas, recorrendo a diversos tipos de representação (desenhos, palavras, símbolos, tabelas, esquemas e gráficos).”.

Neste sentido, os alunos devem estar em contacto, como já referi anteriormente, com várias situações matemáticas, que lhes permitam desenvolver e atingir estas metas propostas pelo Ministério da Educação, sendo que estas são uma mais-valia para o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático da criança.

2 de novembro de 2010

Hoje foi a primeira vez que dei aula nesta turma e tinha como tema base os continentes e os oceanos, sendo este o tema explorado em Estudo do Meio.

Iniciei a aula com um texto sobre os continentes e oceanos. Realizei a leitura modelo do texto pedindo, depois, a alguns dos alunos para fazerem a leitura do mesmo.

Eu tinha como conteúdo base da aula a análise do um texto e desta forma, após a leitura, elaborei algumas perguntas de interpretação e de conhecimento da língua, sendo estas extensivas a várias áreas da gramática.

Concluída a aula de Língua Portuguesa, passei para a aula de Estudo do Meio, onde explorei os continentes e oceanos através de um planisfério elaborado por mim.

Este planifério foi colocado no quadro da sala e os alunos tinham que colocar os continentes no respetivo local (como num puzzle). Depois de colocados, os oceanos, era necessário legenda-los, bem como os continentes.

Após a conclusão desta legendagem, mostrei através de um acetato, um mapa-mundo onde os alunos puderem ver os continentes e oceanos numa imagem mais real.

A minha aula foi terminada com a exploração de um pictograma sobre a população existem em cada continente. Para isto entreguei uma ficha informativa onde abordei o conceito de pictograma, de média e de moda. Expliquei em que consistia cada um destes conceitos, dando exemplos práticos do dia a dia dos alunos.

Terminada esta explicação, feita através do diálogo, entreguei uma ficha de trabalho com um pictograma e os alunos tinham que fazer a interpretação do mesmo e sua exploração

Concluí a aula com a correção da ficha no quadro.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje, como foi a primeiro dia em que dei aula de manhã inteira, penso que será importante referir como me senti nesta manhã de aulas.

A manhã correu de forma tranquila e senti-me muito bem em dar aula a estes meninos e em ensinar-lhes conteúdos novos. Tudo isto só foi possível graças à prática pedagógica que vou realizando e que me vai possibilitando “treinar” e aprender cada vez mais a ser uma melhor docente e profissional.

Eu penso que a prática pedagógica é um bom meio de aprendizagem da prática docente, pois nós, enquanto futuros professores, podemos através dela aprender cada vez mais e melhorar tudo o que é necessário melhorar. Neste sentido, Peterson (2003) considera que a prática pedagógica é “...um exercício excelente e abrangente que possibilita ao aluno, futuro professor (...), verificar, descobrir, interrogar e aplicar as teorias adquiridas ao longo da sua formação.” (p. 67) e assim não só ficar pela teoria, mas colocar na prática e verificar, na prática, tudo o que adquiriu, dando ao futuro docente mais destreza na sua futura prática docente.

5 de novembro de 2010

A manhã foi marcada pela resolução de uma prova de aferição de Língua Portuguesa, com vista a preparar os alunos para as provas do final do ano letivo.

Inferências e Fundamentação teórica

No final do 4.º Ano de escolaridade todos os alunos, deste ano, são sujeitos as provas de aferição vindas do Ministério da Educação.

Estas provas são realizadas num dia em específico e a uma hora marcada, em que todos os alunos a nível nacional elaboram as provas de Língua Portuguesa e de Matemática, sendo que estas são feitas em dias diferentes.

Segundo o Despacho n.º 2351/2007, de 14 de fevereiro

... as provas de aferição são um instrumento de avaliação que permite recolher dados relevantes sobre os níveis de desempenho dos alunos no que respeita às aprendizagens adquiridas e competências desenvolvidas. Constituem ainda instrumentos de diagnóstico postos à disposição das escolas e dos professores pelo Ministério da Educação, no sentido de possibilitarem uma reflexão colectiva e individual sobre a adequação das práticas lectivas, ajustando- as— se for caso disso—para a obtenção de uma progressiva melhoria dos resultados escolares.

Parece-me importante referir, que estas provas são de maior importância para os alunos que as realizam, pois estes podem ir observando as suas limitações e dificuldades. Isto acontece porque eles se vão preparando para estas provas ao longo do ano letivo, podendo colmatar as suas maiores dificuldades.

Além disto, estas provas entram como uma avaliação dos conhecimentos dos alunos e em simultâneo do trabalho desempenhado pelos seus professores. Neste sentido o Despacho n.º 2351/2007, de 14 de fevereiro salienta que

o desenvolvimento de uma cultura de sucesso escolar pressupõe o estabelecimento de um sistema de avaliação de desempenho capaz de gerar indicadores que permitam verificar, simultaneamente, a qualidade das aprendizagens, a adequação dos programas e a conformidade das práticas lectivas e pedagógicas...

Desta forma, as provas de aferição visam abranger uma série de indicadores que possibilitam o melhor ou pior sistema de ensino.

8 de novembro de 2010

O dia hoje começou com a leitura e análise de um texto de William Shakespeare. Depois do intervalo da manhã foram corrigidos os desafios de Matemática, que haviam sido mandados para casa.

Inferências

No decorrer desta manhã de estágio o que me parece importante mencionar é o facto de os alunos terem lido um texto do William Shakespeare, ainda que adaptado.

Considero isto importante, porque as crianças devem contactar com vários escritores, quer portugueses, quer estrangeiros, porque lhes dá um conhecimento

mais abrangente das diversas formas de escrita e de texto. Assim, o contacto com escritores e formas de escrita diferentes das habituais para as crianças são sempre uma mais-valia para ela e para o conhecimento de literacia da mesma.

9 de novembro de 2010

Hoje, a minha colega de estágio voltou a dar aula de manhã inteira, dando esta aula do princípio ao fim com as crianças dispostas em grupo.

Na aula de Língua Portuguesa, a minha colega, fez um jogo com os alunos, em que colocou vários sons (onomatopeias) a tocar e os alunos tinham de os identificar nos cartões que tinham consigo, abordando assim as onomatopeias.

Em Estudo do Meio, colocou a sala às escuras e deu a cada grupo de alunos um pequeno globo terrestre e um candeeiro e fez com eles a verificação do que acontece quando se dá o movimento de rotação e translação da terra. Contudo, ela foi fazendo, ao mesmo tempo, com um globo maior, para que toda a turma visse.

Na aula de Matemática deu a noção de volume através de uma atividade prática.

Inferências e Fundamentação teórica

A estratégia usada nesta aula pela minha colega, no meu parecer, foi uma boa estratégia.

Ao mudar os alunos de lugar e ao colocá-los em grupo, deu uma dinâmica diferente à aula e à forma de trabalhar dos alunos.

O trabalho de grupo apresenta inúmeras vantagens no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, quer numa aprendizagem pessoal (de socialização), quer numa aprendizagem educativa (de conteúdos)

Pato (1995) afirma que “o trabalho de grupo é componente indispensável numa postura metodológica que vise aprendizagem e desenvolvimento.” (p.9).

Através do trabalho de grupo é ainda possível promover a interação entre os pares que constituem a turma, como refere Pato (1995) “...o trabalho de grupo coloca cada aluno em relação dinâmica com outros saberes, outras técnicas, outros modos de pensar, outras opiniões, outros modos de agir e de reagir.” (p.9), o que é sempre importante, pois as crianças nem sempre conseguem respeitar e ouvir a opinião dos demais e aceitá-la.

12 de novembro de 2010

Hoje dei mais uma vez aula. A minha aula tinha como tema base o rei D. Filipe II, sendo, quase toda a aula, dada em torno deste tema.

Iniciei a minha manhã com a área de Matemática, trabalhando com os alunos a noção de múltiplo.

Esta matéria foi dada através de um material elaborado por mim, dentro dos moldes do Cuisenaire, só não tinha três dimensões. Distribui a cada aluno uma caixa com o material e algarismos móveis e trabalhei os múltiplos e a noção destes.

Na área de Língua Portuguesa/História os alunos estavam interessados naquilo que estava a ser explicado. O interesse manifestou-se de várias maneiras diferentes, tais como: colocação de questões bastantes pertinentes, formulação de hipóteses e tentativa por parte dos alunos em responder a questões colocadas por outros colegas.

Estas áreas foram dadas em conjunto, pois foi através do texto de Língua Portuguesa, sobre D. Filipe II, que introduzi a aula de História de Portugal.

A aula de História de Portugal foi dada através de um *Powerpoint*.

Concluí a manhã com a explicação da relação entre palavras homónimas, homófonas, homógrafas e parónimas e as respectivas diferenças entre estas.

Inferências e Fundamentação teórica

Nesta manhã de estágio o que saliento é o facto de eu não ter feito uma boa gestão de tempo na minha aula de manhã inteira, deixando a área de Língua Portuguesa para terminar e não tendo tempo para dar todos os conteúdos.

A par disto, mostrei-me desiludida e derrotado comigo mesmo durante a parte final desta manhã de aulas, deixando isso transparecer para os alunos o que nunca deve de acontecer.

Segundo Peterson (2003),

uma aula supõe objetivos concretos, conteúdo concreto, população alvo concreta, tempo determinado, estratégias pedagógicas estabelecidas. É através da aula que o professor cria um clima psicológico favorável, regula e estimula a participação das crianças, dirige as suas atividades, desenvolve as suas competências, eleva o seu nível científico, autonomiza-as ... (p.78).

Durante esta aula, eu não consegui estimular as crianças para uma boa aprendizagem e não os consegui envolver totalmente na aula que estava a dar, não criando um clima psicológico favorável para que estas aprendessem de forma correta, pois eu própria, enquanto professora, não lhes transmiti segurança no que estava a ensinar, e confiança.

15 de novembro de 2010

A manhã começou com alguns exercícios de revisão para as provas de aferição. Depois do intervalo foram corrigidos os trabalhos de casa.

Inferências e Fundamentação teórica

Muito se fala sobre os trabalhos de casa, se o professor deve ou não mandar trabalho para os alunos fazerem em casa.

Na minha opinião, penso que o professor deve enviar trabalhos para o aluno realizar em casa, pois o aluno necessita de criar métodos de trabalho e de estudo, e com a elaboração dos trabalhos de casa, vê-se “obrigado” a fazê-lo.

Segundo Rebelo e Correia (1999), “o trabalho de casa é definido como as tarefas atribuídas aos alunos pelos professores e que devem ser efectuadas fora do horário escolar” (p.20), tornando-se estes também importantes porque o aluno não aprende apenas na escola, como refere Rebelo e Correia (1999) “...não é só na escola que as aprendizagens se efectuam.” (p.19).

Rebelo e Correia (1999), vê nos trabalhos de casa várias funções, tais como, a prática que é dada aos alunos, o aumento da participação dos alunos no que têm que fazer como tarefas escolares, o desenvolvimento pessoal promovendo nos alunos a responsabilidade, a relação entre pais e alunos, que é cada vez mais importante e que se está a perder cada vez mais, entre outras.

Assim, parece-me importante a elaboração de trabalhos de casa, contudo não devem ser em excesso, pois se assim for, o efeito que é pretendido com estes não se concretiza.

16 de novembro de 2010

A aula começou com a correção do trabalho de casa de Matemática. Após a correção do mesmo, a aula prosseguiu com a construção e exploração de um pictograma. Esta exploração partiu de uma situação problemática, em que a informação, cedida por esta, permitia aos alunos a construção do mesmo. Esta situação problemática abordava a construção de camas e cada aluno tinha imagens de camas para fazer o seu pictograma.

Após o recreio da manhã, os alunos, juntamente com os do 4º Ano, começaram a preparar a peça de natal, sob orientação dos professores de ambas as turmas.

Inferências e Fundamentação teórica

Durante a manhã de hoje o que ressalvo como marcante foi a construção e exploração de um pictograma.

A exploração e construção deste pictograma permitiu, aos alunos, a concretização dum dos objetivos específicos apresentados pelo Programa de Matemática para o Ensino Básico, Ministério da Educação (2007), que nos informa que os meninos do 4.º Ano devem, no que se refere à análise de dados, “ler, explorar,

interpretar e descrever tabelas e gráficos, e, responder e formular questões relacionadas com a informação apresentada.”

Além disto, considero que a análise de dados é importante porque, no dia a dia, os alunos são confrontados com muitas situações estatísticas, que têm que saber avaliar e analisar.

19 de novembro de 2010

O dia hoje foi marcado pela cimeira da NATO, e como consequência, encontravam-se apenas dez alunos presentes. Com o número de alunos reduzido, a professora não trabalhou nada de especial, nem deu matéria nova.

Os alunos não estavam nos seus lugares habituais, tendo escolhido um lugar aleatório para estar na aula.

A manhã começou com um ditado musical, em que a música escolhida foi “O balão do João”. Após a realização do ditado musical estes, tiveram oportunidade de cantar esta música e de realizar um desenho sobre o ditado realizado. Colaram ainda um balão de borracha na folha onde escreveram o ditado.

Terminada esta tarefa, cada um dos alunos pôde escolher um desenho, que a professora tinha num dossier próprio, e de o copiar através de papel vegetal, onde, posteriormente, foi agrafado ao trabalho já elaborado.

Como o número de alunos era reduzido, o horário dos alunos foi alterado tendo assim barro logo de manhã. No barro fizeram uma imagem à escolha sobre o natal.

Após o intervalo da manhã, o horário dos alunos foi novamente alterado, pois tiveram o clube de ciência, sendo este dado em conjunto com a outra turma do 4.º Ano. Nesta aula foi realizada uma experiência com um ovo e com álcool.

Inferências e Fundamentação teórica

A expressão plástica faz parte do currículo do 1.º Ciclo do Ensino Básico e é importante para as crianças, pois fomenta a criatividade aquando da construção de peças.

Segundo a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), “as actividades de manipulação e exploração de diferentes materiais deveram ser praticadas com frequência...” (p.90), pois o moldar o barro, o amassar, o esticar e o partir do barro faz com que a criança desenvolva a sua motricidade fina, pois, como menciona o mesmo autor,

as crianças necessitam de explorar, sensorialmente, diferentes materiais e objectos, procurando, livremente, maneiras de os agrupar, ligar, sobrepor... Fazer construções permite a exploração da tridimensionalidade, ajuda a desenvolver a

destreza manual e constitui um desafio à capacidade de transformação e criação de novos objectos.(p.90)

Para além do desenvolvimento da motricidade fina, como referi anteriormente, este tipo de atividades, na componente da expressão plástica, visa à criatividade da criança.

22 de novembro de 2010

A manhã começou com a correção da prova mensal de Matemática. A professora foi corrigindo algumas questões oralmente, mas sempre com a ajuda dos alunos e pedindo sempre a colaboração dos mesmos.

Em alguns dos casos, e quando necessário, chamou alunos ao quadro, em especial os que demonstravam mais fragilidades nesta área e que, de alguma forma, se sentiam com mais dificuldade na resolução de determinado exercício.

Antes de iniciar a correção da prova, deu as provas aos alunos, referindo a sua nota em voz alta, para que todos os alunos da turma tivessem conhecimento da mesma.

Terminado o recreio foi o momento de fazer a correção da prova mensal de Língua Portuguesa. Esta foi corrigida totalmente na oralidade, mas sempre com questões aos alunos, sendo eles a responder.

Para concluir a manhã, a professora realizou um jogo sobre os conhecimentos dos alunos na área de Língua Portuguesa e Matemática. Este jogo foi feito na oralidade e foram formadas duas equipas, uma de raparigas e outra de rapazes. A professora lançava uma questão, ou de Matemática ou de Língua Portuguesa, à equipa das meninas e, se esta acertasse, continuavam estas a responder e obtinham um ponto, caso contrário passava à equipa dos meninos e assim sucessivamente.

Inferências e Fundamentação teórica

Neste dia o que me chamou a atenção foi o facto da professora ter corrigido a prova de Língua Portuguesa só na oralidade. Ao observar isto, dei comigo a pensar nas desvantagens que isto pode ter trazido para os alunos que têm mais dificuldades de aprendizagem. Alguns deles não estiveram com atenção à correção o que me faz pensar que seria importante ter feito a correção por escrito. Bem sei que são alunos do 4.º Ano e já lhes é inculcida alguma autonomia e responsabilidade, mas quando se têm alunos com dificuldades de aprendizagem, parece-me importante adoptar algumas estratégias diferenciadas, para ajudar a combater estas dificuldades. Felizardo (1994) refere que "...para que se consiga o pleno desenvolvimento de uma criança ou de um

jovem com dificuldades de aprendizagem, é necessário procurar, para cada caso, uma resposta que vá ao encontro das dificuldades detectadas.” (p.11).

Bem sei que isto se torna complicado numa sala onde existem vários alunos com várias capacidades, mas eu acho que a professora deveria ter arranjado uma outra estratégia, para os alunos com mais dificuldades, de forma a captar a sua atenção.

Pois, como salienta a autora supra mencionada, “é necessário diversificar, imaginar, criar, incentivar todo um conjunto de atividades que possam ser, ao mesmo tempo, aliciantes e geradoras de situações de ensino/aprendizagem.” (p.11).

Isto foi visível num outro momento da aula, em que a professora realizou um jogo para aferir os conhecimentos dos alunos sobre as duas áreas mencionadas no relato de hoje. Desta forma, cativou todos os alunos, conseguindo envolver os que têm maiores dificuldades.

23 de novembro de 2010

O dia começou com a revisão das linhas da circunferência através de uma ficha informativa. Após a revisão deste conteúdo, os alunos tiveram a oportunidade de realizar uma ficha de consolidação da matéria anteriormente abordada.

Terminada a ficha, os alunos iniciaram uma outra ficha de trabalho com várias situações problemáticas, que se prendiam com as probabilidades inerentes a um dado.

Concluído o recreio da manhã foi tempo para a Língua Portuguesa. Nesta área os meninos trabalharam o convite, acabando por escrever um com destino a um colega e com o tema em aberto, assim cada aluno escolhia a quem queria destinar o convite e qual o tema deste. Realizaram uma ficha de trabalho sobre as interjeições.

Inferências e Fundamentação teórica

Neste dia, o que me despertou a atenção foi o facto da professora ter trabalho com os alunos a estrutura que um convite deve de apresentar.

Segundo a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), os alunos do 4.º Ano de escolaridade, no que se prende com o bloco da comunicação escrita, devem,

experimental diferentes tipos de escrita, com intenções comunicativas diversificadas, requeridos pela organização da vida escolar e pela concretização de projectos em curso (avisos, recados, convites, relatos de visitas de estudo, relatos de experiências, correspondência, jornais de turma, de escola...) (p. 154).

Nesta aula, a professora concretizou isto mesmo, mostrando que está a motivar os alunos para a aprendizagem de vários tipos de escrita. Assim, a escrita de diferentes tipos de texto é uma mais-valia para as crianças pois, no seu futuro, serão confrontadas com a elaboração de alguns dos mesmos, e assim já levam como base regras importantes para a sua elaboração.

26 de novembro de 2010

Hoje foi uma manhã diferente, pois tanto eu como a minha colega demos aula avaliada de uma hora.

A primeira a dar aula foi a minha colega, começando com a leitura de um texto sobre o telefone. Depois de realizar a leitura do texto, os meninos leram também e a minha colega fez questões de interpretação e de análise gramatical. Após esta exploração em Língua Portuguesa, trabalhou com os alunos a invenção do telefone e explicou-lhes a história da mesma e fez com eles uma experiência com o telefone.

Terminou a aula com a área da Matemática, onde trabalhou alguns enigmas matemáticos.

Depois foi a minha vez de dar aula, que iniciei com a leitura modelo de um texto que introduzia o meu tema – a origem da fotografia. Após ter lido o texto, os meninos também leram e fiz questões de interpretação e de análise gramatical.

Seguidamente, abordei a área do Estudo do Meio, onde analisei com os alunos uma experiência sobre a imagem invertida que aparece na máquina fotográfica, para que estes percebessem que a imagem que vemos não é a que é captada pela máquina. Mostrei-lhes várias máquinas fotográficas diferentes.

Para terminar a minha aula, fiz uma situação problemática, onde trabalhei com os alunos a noção de combinações. Terminada a minha aula fomos para a reunião de avaliação destas aulas.

Inferências e Fundamentação teórica

Durante esta manhã, o que me parece importante salientar é o facto de ter tido a minha aula avaliada pelas orientadoras da prática pedagógica. Como já referi num dia anterior, considero importante que nós, futuros professores, tenhamos este tipo de formação, pois dá-nos uma visão mais ampla do que é a nossa profissão e de como devemos reagir em determinadas situações.

Neste sentido, considero, de igual forma importante, a avaliação que nos é feita neste tipo de aulas, como a que tive hoje, pois como refere Mestre (2002) "...o contributo das práticas pedagógicas na formação do professor dependerá,

obviamente, da natureza do processo de supervisão a que estas práticas forem sujeitas...” (p.67), sendo isto muito importante para o futuro docente.

Se em cada aula que dou e que sou avaliada, o professor cooperante ou mesmo o orientador de estágio me corrigir e me indicar um caminho melhor a seguir, eu, como futura professora, serei melhor e trabalharei para ser cada vez uma melhor profissional.

Por isto considero a avaliação das minhas aulas muito importante e uma mais-valia para mim, enquanto futura profissional de educação.

29 de novembro de 2010

Faltei neste dia de estágio.

1.2. 2.ª Secção: 1.º Ano

Duração do estágio: 30 de novembro de 2010 a 11 de fevereiro de 2011

Faixa etária: 6/7 Anos de idade

1.2.1. Caracterização da turma

A turma do 1.º Ano é constituída por 27 alunos, sendo que 12 alunos são do sexo feminino e 15 alunos são do sexo masculino. Os alunos desta turma são provenientes de famílias da classe média/alta, sendo o nível económico das famílias, na sua maioria bom. A maior parte dos pais das crianças têm um curso superior, contudo nem todas as famílias são estáveis, encontrando-se alguns alunos com rendimentos mais baixos.

Ao nível emocional, encontramos alunos oriundos de famílias estruturadas, em que os pais não estão separados, mas nem por isso os pais dedicam a atenção necessária aos filhos, originando assim alguns problemas de emotividade nestes, tornando-se difícil muitas vezes o processo de aprendizagem. Como refere Reis (2008, citando Kaloustian 1988), “é a família que propicia os suportes afetivos e sobretudo, materiais, necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal (...)” (p.65). Assim, se os alunos não têm um suporte afetivo consistente, o seu processo de aprendizagem pode tornar-se complicado, o que se verifica nesta turma.

Os alunos que compõem esta turma não apresentam grandes dificuldades de aprendizagem, contudo existem alguns que demonstram dificuldades acentuadas na aprendizagem da Matemática e da Língua Portuguesa.

Ao nível da Matemática, encontramos uma aluna com dificuldade no cálculo, o que faz com que o seu ritmo de trabalho nesta área seja reduzido.

No que se refere à Língua Portuguesa, encontramos dois alunos com dificuldades ao nível da linguagem, mais concretamente na articulação de algumas palavras e letras, o que provoca posteriores dificuldades na leitura. É ainda de salientar, que além destes dois alunos com problemas de leitura, encontramos mais um que apresenta este mesmo problema, contudo este não manifesta nenhuma causa aparente para este problema, como os outros anteriormente referidos.

Além destes alunos com dificuldades de aprendizagem, a turma é caracterizada ainda por alunos que apresentam um ritmo de trabalho baixo, o que dificulta o ritmo diário de aprendizagem da turma.

Os alunos que têm dificuldades acentuadas de aprendizagem têm apoio com uma professora de apoio, que os ajuda na realização de várias tarefas.

1.2.2. Caracterização do espaço de sala de aula

A sala do 1º Ano fica situada junto ao salão tendo duas portas, pelas quais os alunos podem entrar e sair. A sala apresenta uma porta que tem acesso ao recreio e por onde entram os alunos que chegam após as 9h00, e tem outra porta que dá acesso ao salão. Esta porta é utilizada para as entradas e saídas para dentro do espaço interior do Jardim-Escola.

Nesta sala de aula encontram-se 30 carteiras, estando a ser só utilizadas 27 carteiras, pois a turma é constituída apenas por 27 alunos. Assim, cada aluno tem a sua carteira individual onde coloca o seu material arrumado. Na sala, é ainda visível dois quadros e giz, cabides para os alunos colocarem as suas mochilas e casacos, e tem ainda duas estantes, como podemos observar na figura 4.



Figura 4 – Sala do 1.º Ano

Numa das estantes estão arrumados os dossiers dos alunos, com os seus trabalhos elaborados ao longo do ano, na outra estão vários materiais arrumados que os alunos podem utilizar. É ainda de salientar que se encontra na sala um local destinado à leitura que se encontra junto às janelas, formando uma pequena biblioteca de sala de aula, onde os alunos podem consultar os livros lá presentes.

A disposição das carteiras na sala foi mudando ao longo deste período em que estive nesta sala, pois a professora foi adaptando a sala às necessidades das crianças.

1.2.3. Rotinas

As rotinas do 1.º Ano são idênticas às rotinas já apresentadas no 4.º Ano. Contudo é apresentada uma nova rotina que não se verificava no 4.º Ano – a leitura individual dos alunos todos os dias pela manhã.

Esta rotina é de extrema importância, pois os meninos terminaram a sua aprendizagem da leitura o ano passado, e alguns ainda este ano, o que faz com que seja bastante pertinente a leitura diária.

A prática da leitura diária torna-se importantíssima pois os meninos, para adquirirem a aprendizagem da mesma, necessitam de a exercitar.

1.2.4. Horário

Em seguida é apresentado o quadro 6 que se refere ao horário do 1.º Ano de escolaridade.

Quadro 6 – Horário 1.º Ano

1.º Ano					
Horas	2. ^a	3. ^a	4. ^a	5. ^a	6. ^a
9h-10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h-11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
Recreio					
11h30-12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h-12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Música	Ed. Física
Almoço e Recreio					
14h30-15h20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Área de Projecto	Computadores	Inglês
15h20-16h10	Estudo Acompanhado	Biblioteca	Formação Cívica	Expressão Plástica	Estudo do Meio
16h10-17h	Jogos de Matemática	Estudo Acompanhado	Estudo do Meio		Assembleia de Turma
Saída					

1.2.5. Relatos Diários

30 de novembro de 2010

Hoje foi o primeiro dia na sala do 1.º Ano e a manhã começou com a leitura, na qual eu e a minha colega ajudámos os meninos a ler.

De seguida foi trabalhada a área de Matemática, na qual os alunos exploraram os itinerários através do material Cuisenaire. A professora orientava oralmente os alunos diversificando as estratégias utilizadas para o mesmo, tais como, bater palmas para demonstrar o valor da peça, apelar à dezena, dúzia...

Foi trabalhado ainda o cálculo mental e a transformação de adições em multiplicações. Para consolidar esta última matéria foi realizada uma ficha de trabalho.

De seguida, foi concretizada a leitura do texto “A minha irmã nasceu”, de Alice Vieira. Terminada a leitura, ouve uma interpretação do texto na oralidade, em primeiro lugar, e depois por escrito. Esta aula foi assistida pela diretora do Jardim-Escola, que avaliou a aula da professora da sala

Inferências e Fundamentação teórica

Nesta aula os alunos trabalharam com o material Cuisenaire. A utilização de material manipulável é uma mais-valia para a aprendizagem dos alunos na área da Matemática, pois esta torna-se mais lúdica e atrativa para estes, captando a atenção dos mesmos e motivando-os para a aprendizagem. O facto de os alunos trabalharem um determinado conteúdo com um material diferente é bastante importante e condiciona o processo de ensino-aprendizagem dos mesmos, como relata Ponte e Serrazina (2000): “faz uma grande diferença se os alunos podem utilizar ou não materiais manipuláveis (...)” (p.111), tornando assim a dinâmica da aula, também esta, diferente. Isto foi notório nesta aula de Cuisenaire, pois a dinâmica da aula ficou completamente alterada, sendo também visível o interesse das crianças no que estava a ser abordado.

Segundo Palhares e Gomes (2006, citados por Caldeira, 2009b), o uso deste material Cuisenaire tende a abranger vários conteúdos, tais como:

- (i) fazer e desfazer construções, (ii) fazer construções a partir de representações do plano, (iii) cobrir superfícies desenhadas no papel quadriculado, (iv) medir áreas e volumes, (v) trabalhar simetrias, (vi) construir gráficos de colunas, (vii) estudar frações e decimais estudar as propriedades das operações, (viii) efetuar decomposição de números, (ix) efetuar a ordenação de números e comparar “partes de” e (x) resolver problemas. (p. 248).

Ainda nesta aula, foi trabalhado com este material o desenho no papel quadriculado, abordando um dos conteúdos referidos anteriormente. O facto de trabalhar este conteúdo vai permitir que os alunos trabalhem a sua lateralidade, visto que, ao realizar o ditado das peças do material Cuisenaire e ao dizer se a peça se coloca para cima, para baixo, para a esquerda ou para a direita, permite que a professora avalie o nível de lateralidade dos alunos, e conseqüentemente, se os alunos reconhecem o valor das peças.

3 de dezembro de 2010

Hoje, a manhã começou com a leitura dos textos pelos alunos. Terminada essa leitura foi realizada uma avaliação da lateralidade, incorporada na área de Matemática.

Esta avaliação foi elaborada com figuras geométricas (círculo, quadrado, triângulo e retângulo). A folha foi dividida em 4 partes e os alunos iam colando as figuras, consoante o que a professora ditava (ex: coloca o triângulo no canto superior direito.)

Terminado a ditado de lateralidade, realizaram um exercício de simetria e outro de frações, onde tinham de pintar na figura representada o que correspondia à fração apresentada.

Os alunos realizaram ainda uma outra ficha sobre o dobro, onde tinham várias situações problemáticas relacionadas com este conteúdo, tendo ainda a tabuada para completar.

Na área de Língua Portuguesa realizaram exercícios sobre as matérias já abordadas, sendo estes de revisão.

Inferências e Fundamentação teórica

A avaliação realizada hoje na aula de Matemática, sobre a lateralidade através de um ditado, é bastante importante para o desenvolvimento espacial das crianças, pois permite que estas desenvolvam e aperfeiçoem as noções de esquerda, direita, cima, baixo, o que vai contribuir para uma vida melhor em sociedade. Segundo as Metas de Aprendizagem apresentadas pelo Ministério da Educação (2010), os alunos até ao 2.º Ano de escolaridade devem,

- (i) situar-se e exprimir a sua posição no espaço, em relação aos outros e aos objetos; (ii) seleccionar e utilizar pontos de referência; e (iii) utilizar vocabulário adequado (à esquerda, à direita, em cima, em baixo, atrás, à frente, entre, dentro, fora, antes, depois).

A professora explorou de uma forma positiva estas Metas de Aprendizagem, levando os alunos a situarem-se no espaço concreto que tinham à sua disposição.

Neste sentido, como referi anteriormente, é de extrema importância este tipo de avaliação de lateralidade pois a docente vai poder contornar possíveis dificuldades e, conseqüentemente, arranjar estratégias para combater as mesmas, de maneira a ajudar os alunos.

6 de dezembro de 2010

A manhã começou com a leitura individual de cada aluno até todos chegarem. Antes de começar a prova, e enquanto não chegavam todos os alunos, a professora fez uma breve revisão oral da matéria que ia aparecer no teste.

Quando já todos se encontravam na sala iniciou-se a prova de avaliação sumativa de Língua Portuguesa.

Após o intervalo, foi trabalhada a área de Matemática, sendo só trabalhados alguns exercícios até ao meio dia. A esta hora os alunos foram para os ensaios da festa de Natal com a outra turma do 1.º Ano.

Inferências e Fundamentação teórica

Em tudo o que fazemos no nosso dia a dia somos avaliados e isso é bastante importante, porque nos faz perceber os nossos erros e onde temos de melhorar e o que podemos modificar. A avaliação sumativa é uma das formas de avaliar os conteúdos apreendidos pelos alunos ao longo de um determinado tempo e de uma determinada matéria. Neste sentido, como refere Ribeiro (s.d., citado por Pais e Monteiro, 1996), “a avaliação sumativa pretende ajuizar do progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino.” (p.49).

Assim, a avaliação sumativa é importante, mas nunca deve ser realizada sem que antes se tenha processado a outros tipos de avaliação, pois o professor necessita de ter outros elementos comparativos para que possa avaliar e analisar a evolução da criança avaliada. Tendo como base isto “podemos dizer que a avaliação sumativa completa um Ciclo de avaliação em que já foram utilizadas a avaliação diagnóstica e a formativa.” (p.50), como salienta Pais e Monteiro (1996).

Ainda é importante referir que a avaliação também se torna importante para o professor, pois este, ao avaliar os alunos e as competências que estes desenvolveram acaba por avaliar também o seu trabalho. Como defende Zabalza (2000), “a avaliação está comprometida com o facto de fornecer informação sobre a marcha do ensino”, (p. 225) isto refere-se ao aluno e ao docente.

7 de dezembro de 2010

Hoje, na área de Matemática, trabalharam a decomposição de números, a ordem decrescente, a passagem da numeração romana para a numeração árabe, o cálculo mental e a divisão. Trabalharam ainda os conjuntos de unidades, em que os alunos tinham de fazer a correspondência entre a escrita e as unidades a que correspondem (ex: uma centena – 100 unidades).

Enquanto se realizava esta tarefa, eu e a minha colega fomos para junto de alguns dos alunos para iniciarmos com eles a leitura da lição do dia.

A meio da manhã fomos a uma visita de estudo à exposição “Caixas da Memória” na Fundação Calouste Gulbenkian. Nesta visita de estudo os alunos estiverem em contacto com várias obras de arte, tais como quadros, esculturas, fotografias, entre outras.

Inferências e Fundamentação teórica

A visita de estudo é sempre importante para as crianças, pois elas tomam contacto com várias realidades que são difíceis de levar à sala de aula. É o caso da visita de estudo elaborada à Fundação Calouste Gulbenkian, pois esta possibilitou aos alunos do 1.º Ano o contacto com várias obras de arte.

É sempre importante a interacção com obras de arte desde pequenos, assim como a visita a museus, porque, como refere Cordeiro (2007) “é importante (...) ensinar as regras de visita a um museu, antes da ida, como não correr, não fazer barulho ou respeitar as obras de arte.” (p.426). Assim perante isto, as crianças vão começando a construir a sua identidade social e a forma como têm que estar em determinado lugar, neste caso num museu.

Em paralelo com isto, como referi anteriormente, é importante que as crianças contactem com a arte, pois como salienta Cordeiro (2007) as exposições produzem “... um efeito adicional, para além de mostrar as várias expressões das artes plásticas e outras...” (p.427) e ainda mostra aos meninos como se podem fazer colecções, dando assim uma maior bagagem cultural e social a estes alunos.

10 de dezembro de 2010

A manhã deste dia foi marcada por aulas surpresas. Aproveitei para ir ver uma dessas aulas, à sala do 2.º Ano. Foi-lhe solicitada uma aula sobre leitura e interpretação de um texto, tendo como base a análise gramatical. Nesta aula, a minha colega tinha de abordar os sinais de pontuação, os tipos de frases, a divisão silábica e a classificação de palavras quanto à sílaba tónica.

A minha colega começou a aula com a leitura do texto, em voz alta, por parte dos alunos. Depois da leitura, seguiram-se as perguntas de interpretação e, de seguida, foram formuladas questões referentes aos temas pedidos pela orientadora. Contudo, não explorou um dos tópicos pedidos pela orientadora. Depois desta aula fui assistir a outra no 3.º Ano. Esta aula foi sobre do discurso direto e indireto.

A minha colega fez a leitura do texto e perguntas de interpretação, contudo não explorou corretamente o tema pedido pela orientadora, nem aproveitou o que os alunos lhe diziam, mostrando-se nervosa.

Inferências e Fundamentação teórica

Na reunião de avaliação das aulas que eu observei, a minha colega, que deu aula no 2.º Ano, foi chamada à atenção pelo facto de não ter mencionado as regras da Cartilha Maternal quando realizou uma questão relacionada com a sílaba tónica.

Os alunos deste Jardim–Escola aprendem a ler através da Cartilha Maternal, uma obra produzida por João de Deus. A aprendizagem da leitura através da Cartilha dá a possibilidade da criança relacionar as letras que aprende com os seus valores fonológicos. A Cartilha é a base do Método de Leitura João de Deus. Desta forma, quando os alunos erram, quer na leitura, quer na escrita, é fundamental conduzi-los na correção do erro apelando às regras da Cartilha.

Neste sentido, a minha colega podia ter apelado às regras da Cartilha para ajudar o aluno a identificar a sílaba tónica das palavras que foi pedindo, isto porque, uma das linhas de força que caracterizam o Método João de Deus, referida por Deus (1997) é que “todas as dificuldades são explicadas por regras que satisfaçam o raciocínio e o pensamento lógico do aluno facilitando uma leitura bem compreendida, que favoreça também a ortografia.” (p. 92).

Assim, levava as crianças a pensarem por si mesmas e não dava logo a resposta, sem os levar a pensar e a refletir sobre a aprendizagem que estavam a realizar naquele momento.

13 de dezembro de 2010

Esta manhã foi marcada pela prova de avaliação de Estudo do Meio. Neste momento eu e a minha colega pintámos cenários para a festa de Natal.

Após o intervalo os alunos realizaram uma cópia do texto “Dia de Natal” do manual de Língua Portuguesa.

Na área de Matemática foi dada uma ficha em que os alunos trabalharam vários exercícios de cálculo mental.

Inferências e Fundamentação teórica

No presente dia de estágio, o que parece importante referir e ter em atenção é o facto de a professora ter feito um ditado.

O ditado, como exercício ortográfico, é de extrema importância para que o docente possa verificar as dificuldades existentes a este nível e muitas vezes para corrigir a caligrafia dos alunos. Além disto, é também através do ditado, que o docente consegue corrigir os erros existentes e constantes dos alunos numa determinada palavra.

Se o ditado é importante, eu considero-o muito mais importante no 1.º Ano de escolaridade, pois é um instrumento fundamental no ensino da escrita e na sua ligação com a leitura.

Segundo Ferreira (2005) "...os erros são entendidos, actualmente, como falhas naturais no processo de aprendizagem de qualquer sujeito, convém ter mecanismos para os analisar e, posteriormente, agir, para os eliminar." (p. 61), sendo o ditado um dos mecanismos utilizados para os analisar e para que o professor possa criar estratégias para os eliminar e minimizar.

14 de dezembro de 2010

A manhã começou com a leitura das lições, sendo que a professora pediu a cada aluno para fazer a leitura em voz alta. Após a leitura, eu e a minha colega demos aula sobre a letra "S", através da leitura de uma história "A mesa mágica". Esta aula foi dada de uma forma diferente estando aos alunos sentados no chão a um canto da sala, no cantinho da leitura.

A leitura da história foi feita de uma forma dinâmica e com a ajuda dos alunos. Acordámos com os mesmos que cada vez que a palavra mágica fosse lida, estes abanavam as mãos, como se estivessem a mandar pozinhos mágicos e, à medida que íamos lendo, os meninos tinham que olhar para a imagem e interpretá-la antes que se iniciasse a leitura referente à mesma.

Terminada a leitura da mesma, realizámos uma interpretação da história na oralidade, trabalhando depois os casos de leitura sobre a letra "s".

Depois do intervalo os alunos concluíram trabalhos em atraso, sendo isto trabalhado na área de Estudo Acompanhado, que é uma área curricular não disciplinar.

Inferências e Fundamentação teórica

No presente dia de estágio, ao ver a área de Estudo Acompanhado, chamou-me a atenção a sua importância e a sua pertinência no processo de ensino/aprendizagem destes alunos e de todos os alunos do 1.º Ciclo.

Na minha opinião, considero que o Estudo Acompanhado é uma mais-valia para estas crianças, pois dá a possibilidade aos alunos de esclarecerem as suas dúvidas e com isto melhorarem a sua aprendizagem. Segundo o Art.º 2.º, Portaria n.º 95/2011 de 7 de março, o Estudo Acompanhado tem como principal objetivo "...apoiar os alunos na criação de métodos de estudo e de trabalho que promovam a autonomia da aprendizagem e a melhoria dos resultados escolares nas disciplinas em que os alunos revelem maiores dificuldades...", sendo isto algo importante na promoção de melhores alunos no futuro.

Com isto, também é possível colmatar as dificuldades mais persistentes, sobretudo na área da Matemática e da Língua Portuguesa.

16 de dezembro de 2010

Hoje fui até ao Jardim- Escola para participar na Festa de Natal.

17 de dezembro de 2010

Hoje foi o último dia antes das férias do Natal. As rotinas da turma continuaram as mesmas, contudo não existiram trabalhos novos, com matéria para realizar, pois já era notória a falta de alguns alunos na sala. Assim sendo, os alunos que estavam foram terminando os trabalhos que tinham em atraso nas suas capas. Consoante iam terminando estas tarefas, iam pintando alguns desenhos e os novos separadores para o novo período. Foram ainda entregues as provas de avaliação aos alunos.

Há medida que os alunos terminavam todos os trabalhos e os desenhos que tinham para pintar, iam para o cantinho da leitura, onde exploravam os livros e faziam alguns jogos.

Inferências e Fundamentação teórica

Parece-me essencial que as crianças tenham contato livre com os livros que se encontram na sala de aula. Nesta sala, como referi no meu relato, encontra-se um espaço com alguns livros de leitura recreativa, que estão à disponibilidade dos alunos desta sala.

Hoje, os alunos tiveram a possibilidade de explorar alguns desses livros de uma forma espontânea, o que no meu entender é bastante bom, porque, como afirma Diniz (2000) "...é pelo livro que a criança tem ocasião de se encontrar com as suas

“raízes”.”(p.55), favorecendo-lhe um encontro pessoal consigo mesma e transportando-a para o mundo da imaginação e da criatividade, o que é fabuloso, pois vai estimulá-la noutras áreas do saber e das expressões.

3 de janeiro de 2011

Hoje foi o primeiro dia de aulas depois do Natal e, por isso, a aula começou com a partilha das experiências tidas por parte dos alunos na férias do Natal.

Concluído este tempo de partilha, foi trabalhada a decomposição de números, numeração romana, identificação das ordens dos números, operações e tabuadas, sendo isto uma revisão do que havia sido trabalhado com primeiro período.

A seguir ao intervalo foi realizada a leitura da lição do dia, a cópia de várias frases e exercícios com a letra “g” através de uma ficha de trabalho.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje parece-me relevante referir uma das rotinas que se verifica todos os dias nesta turma – a leitura individual.

O acto de ler é bastante importante para qualquer criança, contudo parece-me ainda mais importante que a leitura seja fomentada e realizada todos os dias com as crianças do 1.º Ano.

Os alunos do 1.º Ano têm que criar o hábito de ler todos os dias, para que eles comecem a compreender o que lêem, pois como refere Sim-Sim (2009) “a leitura é acima de tudo um processo de compreensão que mobiliza simultaneamente um sistema articulado de capacidades e de conhecimentos.” (p.9), o que faz com que a criança desenvolva várias competências quando está a ler.

4 de janeiro de 2011

A manhã iniciou-se, como habitualmente, com a leitura da lição do dia. Após a leitura, individual, os alunos realizaram uma cópia do texto “O barco de papel”, seguindo-se a interpretação oral e ditado do mesmo. Depois realizaram a dobragem de um barco de papel.

Em Matemática foi lido um texto com os alunos para introduzir o trabalho com o 5.º Dom de Fröebel. Com este material foi feita a construção de um sofá, onde se procederam a situações problemáticas orais e foram trabalhadas as frações. Isto foi complementado por uma ficha de trabalho que incidia sobre as frações.

Inferências e Fundamentação teórica

Nem sempre prestamos atenção aos trabalhos manuais, mas eles são de grande relevância para as crianças, sobretudo para as crianças do 1.º Ano do Ensino Básico.

Nesta aula a professora trabalhou com os alunos a dobragem de um barco de papel. Numa primeira análise parece que não existe nada de relevante sobre isto, contudo, na minha opinião, penso que tem muita importância.

As dobragens são um bom meio de desenvolvimento da coordenação oculo-manual, como salienta Moreira e Oliveira (2004) as dobragens “...permitem desenvolver a coordenação visual motora para além de proporcionarem a concentração e a atenção das crianças.” (p.115).

Além de tudo isto, segundo as autoras referidas anteriormente, estas “...podem ainda levar ao desenvolvimento de outras capacidades como a discriminação visual e a composição e decomposição de figuras.” (p.115), o que nesta idade, e até em idades mais avançadas, é preciso trabalhar em sala de aula e desenvolver de várias formas.

7 de janeiro de 2011

Faltei neste dia de estágio.

10 de janeiro de 2011

Esta manhã foi marcada pela aula da minha colega de estágio.

A minha colega iniciou a aula com uma questão sobre o fim de semana que aproveitou para explorar a área de Língua Portuguesa, onde trabalhou as formas de frase: afirmativa e negativa através de uma frase dada pelos alunos.

Após explicar a diferença entre a frase negativa e afirmativa, entregou uma ficha de trabalho, que acabou por não corrigir, quando os alunos a terminaram de realizar.

Concluída a ficha, passou para Estudo do Meio onde, através de um jogo, abordou o tema da Escola. Os alunos ao jogarem este jogo são confrontados com várias questões sobre o espaço escolar e com questões de outras áreas, conseguindo fazer assim a interdisciplinaridade.

É, também através deste jogo, que ela introduz a área da Matemática onde trabalhou os numerais ordinais até ao vigésimo, sempre com os alunos dispostos em grupo.

Inferências e Fundamentação teórica

A estratégia que a minha colega de estágio desenvolveu na aula de Estudo do Meio e de Matemática, no meu entender foi uma boa estratégia. O facto de ter abordado a matéria, através de um jogo, foi bastante interessante, pois os alunos adquiriram os conteúdos, que eram novos, de uma forma lúdica e divertida e que certamente os retiveram.

O jogo é sempre uma boa forma de ensinar, porque as crianças enquanto brincam aprendem e este, ao mesmo tempo, incute-lhes regras o que se torna fundamental.

Tendo como base as palavras de Moreira & Oliveira (2004) "...o jogo é compreendido como uma brincadeira com regras onde as crianças interagem com os outros, com ou sem objectos." (p.61), vemos como o jogo vai para além do ensinamento, incitando também o contacto e interacção com os outros, fomentando o respeito e a partilha com os pares.

11 de janeiro de 2011

A manhã começou com a leitura individual de cada aluno. Após esta leitura foi feita outra em conjunto do texto "O palhaço pobre" do manual de Língua Portuguesa. Nesta leitura, cada um dos alunos leu um parágrafo do texto, estando todos integrados na mesma. Terminada a leitura coletiva a professora realizou algumas questões de interpretação sobre o texto solicitando, em seguida, aos alunos que fizessem uma cópia do mesmo. Concluído este trabalho, foi elaborado um ditado mágico, onde a professora escreveu no quadro várias palavras e deu um tempo para que os alunos as observassem; após esse tempo, começou a apagar uma a uma as palavras e os alunos escreviam na folha a palavra apagada

Hoje, excepcionalmente, demos almoço, pois os alunos foram almoçar mais cedo devido a uma visita de estudo realizada por outra turma.

Neste momento foi visível a preocupação da professora em corrigir os alunos na forma como pegavam nos talheres.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje achei bastante curioso e ao mesmo divertida a estratégia que a professora usou ao realizar um ditado. Não foi um ditado normal, pois foi mágico!

A professora ao escrever as várias palavras no quadro e ao apagá-las para que os alunos as escrevessem, estava a fomentar, ao mesmo tempo, a memorização dos mesmos.

No processo de ensino/aprendizagem é bastante importante estimular a memorização, como ressalta Rebelo (1993), “memorizar é um dos requisitos primários e indispensáveis à aprendizagem, sendo praticamente impossíveis de distinguir os dois processos.” (p. 159).

Assim, além da professora introduzir uma outra estratégia para a realização do ditado, o que a meu ver é sempre bastante importante, pois devem ser introduzidas sempre novas estratégias de ensino para estimular e motivar os alunos, esta conseguiu, na mesma atividade, abarcar uma outra vertente.

14 de janeiro de 2011

Esta manhã foi pautada por aulas surpresas. Eu fui assistir à aula surpresa da uma colega no 2.º Ano. Esta foi sobre a divisão e teve como base o uso do material Cuisenaire.

Após a aula foi o momento de termos reunião para a avaliação da aula.

Terminada a reunião, voltei de novo para a minha sala onde os meninos estavam a fazer a leitura do texto “A festa” e, de seguida, realizaram a interpretação oral e escrita do mesmo.

A manhã foi terminada com um exercício de divisão silábica e um ditado.

Inferências e Fundamentação teórica

O ensino da operação da divisão é sempre um pouco complexo, pois a divisão pode ser agrupada em três situações distintas, mas que se prendem com o mesmo, dividir algo por alguma coisa ou pessoa.

Neste sentido, nem sempre é fácil para os alunos a compreensão desta operação e a sua aquisição, logo na primeira abordagem. Ponte e Serrazina (2000) referem que “...as crianças devem ser desafiadas a resolver problemas de divisão através dos seus próprios processos, com o auxílio de materiais manipulativos ou não.” (p. 154).

A minha colega ao dar esta aula teve, como auxílio, um material manipulativo, que considero ser um ponto de partida importante para a aprendizagem da divisão, por parte da criança.

Considero importante, porque a criança, através de algo concreto, consegue atingir o abstracto e, por isso, vai estruturando o seu pensamento.

17 de janeiro de 2011

A manhã começou com a leitura dos alunos. Depois pintaram uma imagem de uma menina, de acordo com as indicações dadas por um texto lido pela professora, e fizeram exercícios de funcionamento da língua.

Na área de Matemática foi trabalhada a numeração romana até XXX. De seguida realizaram exercícios de união de conjuntos de unidades e escrita de números árabes, de 100 em 100, até 1000.

Inferências e Fundamentação teórica

Neste dia de estágio, e como já estou à vários dias nesta turma, tenho prestado atenção a uma coisa, que a meu ver é bastante importante.

A professora desta turma é bastante carinhosa com os seus alunos, conseguindo envolvê-los e motivá-los para a aprendizagem de uma forma fantástica.

Tenho vindo, ao longo deste tempo, a observar este relacionamento pedagógico, que me parece ser muito relevante salientar e refletir sobre ele. Na minha opinião, penso que o bom relacionamento pedagógico entre o professor e o aluno só traz benefícios para ambos. Não me refiro apenas à relação existente como pessoas, mas à relação que se estabelece na aprendizagem.

Temos que refletir que estes alunos são crianças de apenas 6/7 anos de idade e, por isso, a componente carinhosa está bem presente e é necessária.

Abrantes, Figueiredo e Simão (2002) confirmam que “não é suficiente fazer um raciocínio eficaz: temos também de querer desenvolver o hábito de pensar. Os fatores afectivos desempenham um importante papel no acto de pensar.” (p. 83).

Neste sentido, o professor não deve apenas levar os seus alunos a terem um raciocínio eficaz e brilhante, devem conduzi-los ao pensamento, pensamento este que é moldado e construído através da afectividade. Por isso parece-me importante que um professor seja afectivo com os seus alunos, pois até somos nós, os professores, que estamos mais horas com as crianças.

18 de janeiro de 2011

A manhã foi marcada pela minha aula, cujo tema foi a profissão de apicultor. Através deste tema, explorei as três áreas disciplinares do currículo. Iniciei a aula com a leitura de uma história, sobre o ciclo do mel, em que tive como suporte um *Powerpoint* com as imagens que estavam presentes no livro. Tendo como apoio esta história introduzi logo a profissão de apicultor e assim, comecei pela área de Estudo do Meio.

Nesta área abordei, como já referi, a profissão de apicultor, o Ciclo do mel, a importância das abelhas para o nosso ecossistema e a função das abelhas.

Tudo isto foi realizado através do diálogo com os alunos e de imagens que retravam o que estávamos a falar. Porém, mostrei aos alunos vários instrumentos utilizados pelo apicultor, como o seu facto, os favos de mel, e mel entre outras coisas.

Após explicar todos estes conteúdos fizemos a construção das colmeias com o 5.º Dom de Fröebel.

Depois de termos construído as colmeias, os alunos foram ao recreio mais cedo, pois tinham um encontro com o escritor António Torrado, como se pode observar na figura 5 e 6.



Figura 5 – *Escritor António Torrado*



Figura 6 – *Crianças a escutar o escritor*

O encontro com este autor realizou-se no ginásio e abarcou todos os anos do 1.º Ciclo. Aqui o autor contou várias histórias e dialogou com as crianças sobre o que é ser um autor e sobre as dificuldades que muitas vezes estes sentem para escrever histórias. A par disto apresentou, aos meninos histórias inéditas e, em primeira mão, escritas por ele.

Terminado este encontro, os alunos regressaram ao recreio, indo posteriormente para a sala onde já, com a construção da colmeia feita, eu explorei os dias da semana e várias situações problemáticas, nas quais estavam envolvidos os dias da semana. De forma a consolidar o que haviam aprendido, pintaram uma ficha informativa sobre este conteúdo.

Quando terminaram esta tarefa passei para a área de Língua Portuguesa, onde trabalhei os antónimos. Este conteúdo foi explorado através de um jogo. Este jogo tinha como base favos de mel que continham neles antónimos escritos. Cada aluno tinha um favo e eles tinham de encontrar o par do antónimo que tinham, construindo no quadro um grande favo de mel.

Para consolidar esta matéria os alunos realizaram uma proposta de trabalho.

Inferências e Fundamentação teórica

A visita do autor António Torrado ao Jardim-Escola foi muito importante para os alunos, pois estes puderam contactar vivamente com o autor de muitas das histórias que lêem e que ouvem contar. A visita dos autores de livros infantis, neste caso, ou de outros autores e até ilustradores, às escolas é sempre uma mais valia, pois os alunos são mais “assediados” à leitura, uma questão que se combate diariamente nas escolas, pois os alunos cada vez estão mais afastados do processo de leitura. É desta forma importante o encontro de autores com alunos do 1.º Ciclo, pois estes encontros, como reforça Gomes (2000) têm um “valor formativo” (p.45).

Este encontro deu-se no ginásio, que era o local com o maior espaço possível para reunir todos os alunos do 1.º Ciclo para este encontro. Não foi a escolha do local que não deu a ênfase necessária para que este encontro decorresse da melhor forma, mas sim o número de alunos que ali se encontravam presente. Este número, ao ser demasiado elevado, não permitiu que o autor interagisse de uma forma mais pessoal com os alunos, assim como esclarece Gomes (2000) é normal ocorrer o erro de juntar muitos alunos para estes encontros. Contudo, isto “(...) inviabiliza, quase sempre, um diálogo autêntico.” (p.45).

Assim, este encontro não deu os frutos que inicialmente estavam programados, pois o barulho surgiu sempre e, no geral, os alunos não estavam atentos ao discurso do autor, tudo isto se deve a uma má informação de como se devem organizar estes tipos de encontros.

21 de janeiro de 2011

Esta manhã foi iniciada com a área de Estudo Acompanhado com a correção e conclusão de trabalhos atrasados.

Concluídos os trabalhos em atraso, os alunos realizaram exercícios do manual de Matemática. Depois realizaram a leitura e fizeram um ditado de uma poesia e exercícios com fui/foi.

O horário da turma sofreu uma alteração, porque o professor de Ginástica ficou de baixa de paternidade. Devido à mudança de horário, os alunos às 12h00, foram para a aula de Educação Física, Iniciaram a aula com um diálogo com a professora, onde esta se deu a conhecer, visto ser a primeira aula, e onde procedeu a uma explicação sobre os conteúdos que vão abordar no 2.º período. Terminaram a aula com a execução de um circuito de ginástica.

Inferências e Fundamentação teórica

No presente dia de estágio considero fundamental referir a importância da Educação Física no currículo do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A Educação Física, no meu entender, é bastante importante no desenvolvimento pessoal e interpessoal da criança, pois, muitas vezes, durante a atividade física, a criança consegue libertar sensações menos positivas para o seu ser, sendo isto uma situação facilitadora do seu desenvolvimento pessoal e por consequente cognitivo.

De acordo com a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), a Educação Física deve estimular a criança para a atividade física, e despertá-la para,

... o desenvolvimento cognitivo e social. Assim, a atividade física educativa oferece aos alunos experiências concretas, necessárias às abstrações e operações cognitivas inscritas nos Programas doutras Áreas, preparando os alunos para a sua abordagem ou aplicação. (p.35).

Desta forma a Educação Física torna-se, como referi anteriormente, uma expressão importante no desenvolvimento cognitivo podendo este ser melhorado até em outras área do saber, fomentando uma melhor aprendizagem desses mesmo conteúdos.

24 de janeiro de 2011

Nesta manhã a turma começou a aula da forma habitual. Realizada a leitura com alguns dos alunos, iniciei uma aula de Matemática, que teve como tema a de leitura de números até às centenas de unidades.

Esta aula foi orientada através de uma material estruturado os Calculadores Multibásicos. Iniciei a aula fazendo uma revisão das regras de utilização do material e das cores das peças que íamos trabalhar. Os alunos trabalharam a pares e fizeram várias leituras de números (por classes, ordens, cores).

Como forma de consolidação, terminei a aula com uma proposta de trabalho.

Depois desta aula, os meninos fizeram a leitura diária e exercícios de funcionamento da língua, em que foram exploradas frases quanto à sua forma, classificação de sílabas quanto ao seu número e antónimos de algumas palavras.

Inferências e Fundamentação teórica

Nesta aula que dei com os Calculadores Multibásicos o que saliento dela é a forma como a dirigi e como interagi com os alunos.

O diálogo em sala de aula é uma forte arma para o docente e para o seu relacionamento com a turma, sendo que também é importante para a transmissão de conhecimentos.

Loureiro (2000) refere ainda que “o diálogo é parte significativa de qualquer aula, sendo raras as atividades que se podem levar a cabo sem recorrer a essa forma de interação.” (p.98), mesmo as atividades de carácter lúdico devem ser conduzidas através do diálogo.

Por este ponto de vista, considero o diálogo como uma das maiores armas do professor, pois, como já referi, é através deste que o professor estabelece uma relação pedagógica, como salientam Balancho & Coelho (1996) “uma boa relação pedagógica professor/aluno é facilitadora da aprendizagem.” (p. 43), possibilitando, como citado, uma boa aprendizagem.

25 de janeiro de 2011

Esta manhã iniciou-se com a exploração de decomposição de números e leitura por ordens e por classes através das Calculadoras Papy.

Consolidação da matéria com a realização de uma ficha de trabalho onde os alunos tinham de aplicar o que haviam aprendido com o material. Nesta ficha de trabalho tinham de colar pequenas calculadoras na folha e representar os números pedidos nas calculadoras e, ainda, resolver uma situação problemática com as mesmas.

Na área de Língua Portuguesa foi feita a leitura, seguida de um ditado e exercícios com os antónimos.

Inferências e Fundamentação teórica

O uso das Calculadoras Papy, como já referi no dia 26 de outubro de 2011, numa inferência relativa ao 4.º Ano, é sempre importante. Para um 1.º Ano de escolaridade, considero o uso deste material ainda mais importante, não só por ser um material manipulativo e dar um “ar” mais lúdico à aprendizagem da Matemática, pois a criança aprende a brincar, mas porque lhe vai proporcionar uma aprendizagem diferente.

Segundo Caldeira (2009a), a criança, com este material pode efectuar “...o cálculo com números realizando operações; desenvolve o cálculo;” e “resolve situações problemáticas.” (p. 347). Assim, a criança toma contacto com outra forma de realizar operações, que não seja com papel e lápis, alertando-a para a existência de um monopólio de estratégias para explorar a Matemática.

28 de janeiro de 2011

A manhã começou como é normal, com leitura dos meninos e posteriores exercícios com lacunas sobre o texto “Um dia na praia”.

Aquando desta tarefa saí da sala para ir assistir a uma aula no 4.º Ano.

Esta aula era assistida pelas orientadoras da prática pedagógica e tinha como tema os nomes e os seus significados.

Quando regressei à sala, os alunos iam fazer um ditado, então a professora pediu-me fosse eu a ditar o texto.

Inferências e Fundamentação teórica

Nesta manhã, ao fazer o ditado a esta turma, pude perceber como é difícil elaborar um ditado aos meninos do 1.º Ano de escolaridade.

Eu, ao realizá-lo senti-me, muito bem e aprendi a melhor forma de ditar as palavras. O ditado tem que ser feito de forma clara e exacta, para que eles possam entender a palavra ditada.

Contudo, e porque estes alunos aprenderam através do método de João de Deus, que nos é apresentado como um método que, segundo Ruivo (2009), explica as regras da leitura de uma determinada letra consoante o local onde se encontra na palavra, sendo isto um meio facilitador da aprendizagem e aquisição de conhecimentos da leitura e posteriormente da escrita.

Ainda segundo a mesma autora, este método apresenta “...as regras de uma forma organizada, sistemática e rigorosa o que facilita ao aluno e ao professor o ultrapassar de dificuldades...” (p. 124).

Assim, no decorrer deste ditado, eu pude aplicar várias destas regras ensinadas por João de Deus e, desta forma, ajudar os alunos na minimização dos erros, apelando aos seus conhecimentos já adquiridos.

31 de janeiro de 2011

Hoje dei aula de manhã inteira. Iniciei a aula com a área de Estudo do Meio em que abordei o tema dos peixes, através de um *Powerpoint*. Através das imagens apresentadas, mostrei as características dos peixes, como se reproduzem e mostrei ainda alguns peixes que habitam na água doce e na água salgada.

Para consolidar esta matéria realizei uma proposta de trabalho e fiz com os alunos um origami de um peixe, que estes tinham de o colar na proposta de trabalho.

Na área da Língua Portuguesa, abordei os nomes coletivos, realizando palavras cruzadas sobre este tema. Cada aluno tinha na sua carteira uma folha com

as palavras cruzadas e tinham que dizer qual era o nome dado aos diversos conjuntos que se apresentavam. Fiz a correção deste exercício através de *Powerpoint*.

Para terminar a manhã trabalhei com os meninos a resolução de situações problemáticas com os Calculadores Multibásicos. Este trabalho foi feito a pares.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje dei mais uma vez aula e gostei muito de dar esta aula. Sinto-me tão bem a dar aulas aos meninos do 1.º Ano. Contudo nesta aula, além de exercitar a minha prática em dar aula e de adquirir mais competências para a minha prática docente, gostei bastante de trabalhar a área da Matemática de uma forma diferente.

O facto de ter usado os Calculadores Multibásicos para concretizar as situações problemáticas que ia explorando com os alunos foi, na minha opinião uma boa estratégia. Já não era a primeira vez que usava materiais manipuláveis para explorar esta área, mas hoje gostei particularmente de os usar e manusear com os alunos.

Considero que não basta levar para uma aula boas situações problemáticas ou problemas para revolver com os alunos. É necessário depois, conseguir explorá-los e explicá-los de uma forma coerente, para levar os alunos à sua compreensão. Segundo Boavida, Paiva, Cebola, Vale e Pimentel (2008),

...uma boa tarefa não basta. A sua exploração é fundamental e, neste processo, o professor é a peça chave. Tem que ter sólidos conhecimentos matemáticos para avaliar as respostas dos alunos e também os conhecimentos didáticos necessários quer para os orientar, quer para os questionar colocando em primeiro plano a reflexão e não o “fornecimento” de respostas. (p. 33).

Como referem as autoras mencionadas supra, o professor é a peça chave para levar os alunos à exploração e compreensão das tarefas que leva para a sua aula.

Neste sentido, o uso dos materiais manipulativos teve uma função especial nesta aula, pois foi uma ferramenta imprescindível para conduzir os alunos na exploração e compreensão destas situações problemáticas. Por isso acho que a minha estratégia usada nesta aula foi boa e importante para as crianças.

1 de fevereiro de 2011

Quando cheguei à sala, a turma já estava a trabalhar, em perguntas de interpretação, a nível oral, do texto “Joana e o amigo”, do livro de leitura.

Terminada esta tarefa, a professora passou algumas das questões realizadas na oralidade no quadro, para que as crianças as realizassem de forma escrita.

Depois disto foi realizado um ditado e exercícios com o plural.

Após o intervalo, foi feita a correção de algumas situações problemáticas que tinham sido avaliadas e, posteriormente, a resolução de situações problemáticas.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje foco-me na correção que os alunos fizeram das situações problemáticas que tinham sido avaliadas e que não estavam corretas.

Na minha opinião, o facto dos alunos fazerem a correção dos exercícios ou problemas que não estão corretos é muito importante para a sua aprendizagem. É necessário que os alunos saibam onde erram e porque erram em determinados exercícios, e por isso é essencial que façam a sua própria correção, em vez de ser o professor a fazê-lo por eles.

Pato (1995) afirma que "...o aluno é agente activo da sua própria aprendizagem." (p.9), sendo assim, o aluno é o agente principal no processo de ensino e, por isso, deve ser um dos responsáveis pela sua aprendizagem, sendo em paralelo responsável por corrigir o que se encontra mal formulado.

Além disto, nesta faixa etária é essencial que os alunos aprendam a autocorrigir-se, pois no futuro irão ser confrontados com situações similares a estas e, assim, já começam a ter uma preparação para a sua vida futura e para enfrentar momentos de críticas e correção ao seu trabalho.

4 de fevereiro de 2011

A professora hoje começou a aula com a área de Matemática, na qual abordou o triplo e a terça parte através do material Cuisenaire. Em paralelo a este conteúdo abordou também a tabuada dos três.

Como forma de consolidar os conteúdos, entregou aos meninos uma proposta de trabalho. A manhã terminou com a habitual leitura individual.

Inferências e Fundamentação teórica

Mais uma vez observei a utilização de materiais manipuláveis na área de Matemática. Já é sabido que estes têm uma função muito especial no ensino da Matemática, podendo até afirmar que a utilização destes materiais pode auxiliar a criança no desenvolvimento da sua linguagem matemática, pois começa a aplicar a linguagem matemática de uma forma correta.

Neste sentido o ensino de qual área, mas neste caso da Matemática, não deve ser feito só, e apenas na transmissão de conhecimentos, pois se assim for a criança limita-se a decorar estratégias e métodos para atingir os seus fins, não desenvolvendo quase nada por si mesma.

Não é isso que o ensino pretende. Os professores têm como meta formar pessoas que pensem por elas próprias e que sejam seres autônomos. Assim, Abrantes *et al* (2002) referem que “ensinar consiste não só em transmitir conhecimentos mas também em levar os alunos a adquirir esses conhecimentos eficazmente e por si próprios, a serem autônomos.” (p.80). Por isso, o uso de materiais manipuláveis torna-se fundamental para praticar isto mesmo, pois os alunos, ao manipularem o material, estão a adquirir conhecimentos por si mesmo, e em paralelo, estão a torna-se autônomos no seu processo de ensino/aprendizagem.

7 de fevereiro de 2011

Hoje a manhã começou com a avaliação da leitura, através do texto “O botão desajeitado”.

Depois foi feita a sua interpretação e a avaliação da cópia do texto. Terminada a cópia foram feitos exercícios sobre os nomes colectivos.

Na área da Matemática foi feita a resolução de exercícios com o triplo e o dobro; cálculo mental; colocação de sinais (<, =, >) e situações problemáticas.

Como faltei um dia ao estágio, hoje fiz compensação até às 16h e, após o recreio do almoço, os alunos trabalharam em Estudo Acompanhado a conclusão de trabalhos.

Após finalizarem os trabalhos em atraso, realizaram um ditado de imagens, onde a professora desenhava, no quadro, as imagens e os alunos tinham de escrever as palavras correspondentes a essas imagens. Exercícios com as classes dos animais.

Inferências e Fundamentação teórica

A avaliação é uma prática recorrente em sala de aula. Os alunos são avaliados em todos os momentos e todas as formas. Hoje foi feita a avaliação de leitura, que no meu ponto de vista é uma ferramenta muito importante para a prática da leitura e para que o professor saiba se o aluno está a atingir as competências propostas.

Isto parece estranho, uma vez que os alunos lêem todos os dias, mas nem sempre a leitura é realizada junto da professora, pois a existência de estagiárias na sala faculta esta rotina e, ao mesmo tempo, dificulta neste aspeto de avaliar a leitura.

Por isso, parece-me sempre que possível, relevante que a professora o faça, ainda mais nesta idade, pois os alunos estão a consolidar a prática da leitura.

Neste sentido Viana (2009) menciona que,

a avaliação no 1.º Ciclo deve ter um carácter essencialmente formativo, evidenciando os aspectos que necessitam de ser trabalhados, mas também poder os aspectos consolidados. Esta avaliação deve ser desenhada de modo a

constituir-se como ponto de partida para a intervenção pedagógica, permitindo que o aluno se apoie nos pontos fortes para progredir nos pontos fracos, e assumindo-se também como fator de motivação; (p. 9)

Desta forma, a professora vai criar estratégias para ajudar os alunos a ultrapassar as suas dificuldades na leitura e por sua vez, vai registando a sua progressão ao longo dos tempos letivos.

8 de fevereiro de 2011

A manhã começou como o habitual, com a leitura das lições. Depois de alguns alunos terem terminado a sua leitura, dei aula com o material Cuisenaire. Com este material fiz as revisões do dobro, triplo, terça parte e metade e elaborei algumas situações problemáticas, que foram resolvidas oralmente, praticando o cálculo mental.

Terminada a minha aula, que foi de uma hora, a professora prosseguiu com a aula utilizando este material para dar a tabuada do 4.

Após o intervalo foi o momento de ler um texto e de fazer a sua interpretação e compreensão, através de um exercício de preenchimento de lacunas.

Inferências e Fundamentação teórica

O uso de materiais manipuláveis é importante no desenvolvimento da aprendizagem do aluno, como já referi em anteriores inferências. Contudo, hoje com esta minha aula, que se apresentou como uma aula para me dar mais prática na utilização destes materiais, pude verificar o quão continua a ser importante o uso destes materiais nesta faixa etária.

Pastells (2004) salienta que “o material manipulativo deve usar-se sempre que as crianças dele necessitem. E precisam dele, no mínimo, durante toda a etapa da educação elementar/primária (6-12 anos) ...” (p. 9), desta forma este material, que foi usado, é sempre uma mais-valia no ensino/aprendizagem destas crianças na área da Matemática.

11 de fevereiro de 2011

A professora iniciou a aula através de um diálogo com os alunos sobre a visita de estudo à Kidzânia.

Posteriormente realizaram uma ficha sobre a visita de estudo. A par da realização da ficha iam, como habitualmente, decorrendo as leituras individuais das lições com os alunos.

Terminada a ficha, as crianças elaboraram outra proposta de trabalho, na área da Língua Portuguesa, que tinha como conteúdos os nomes colectivos e o número dos nomes.

Na aula de ginástica foi abordado o tema dos arcos, onde a professora sondou os conhecimentos dos alunos sobre este tema, sendo seguido de uma introdução a uma coreografia para a festa do final do Ano.

Hoje dei mais uma vez almoço, pois compensei as horas que ainda me faltavam compensar. A seguir ao recreio do almoço os alunos tiveram aula de Inglês, sobre a escola e a casa.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje o que me despertou a atenção foi a aula de Inglês. No meu ponto de vista a aprendizagem de uma língua estrangeira é sempre uma mais-valia para as crianças, pois o contato com outra língua e com a cultura de outros povos é sempre muito bom e enriquece o aluno.

Além disto, considero de igual importância o ensino da língua inglesa logo desde o 1.º Ano de escolaridade, pois as crianças, desde tenra idade, devem ser estimuladas a novas aprendizagens, sobretudo se forem aprendizagens linguísticas, isto porque quanto mais pequenos forem, mais facilidade têm em adquirir os conteúdos e em reter a informação que lhes é disponibilizada.

Ao ler “O Ensino do Inglês 1.º Ciclo do Ensino Básico – as orientações programáticas”, reparei que o ensino desta língua fomenta várias coisas nas crianças, dentre as quais o desenvolvimento global da criança. Segundo Dias e Toste (2006) “...o momento do Inglês, que decorre num contexto menos formal e menos “regularizado”, deve estar integrado numa continuidade curricular, constituindo um tempo de reforço e consolidação ou o despertar de outras aprendizagens que são desenvolvidas em outras áreas.” (p.7). Assim a aprendizagem do Inglês não se encontra desfasada das outras áreas, pelo contrário, tenciona ser um reforço e uma ajuda.

22 de fevereiro de 2011

Hoje vim ao estágio para ver a aula programada da minha colega de estágio. Estamos em período de férias, mas ela, como esteve doente durante um longo espaço de tempo, estava a compensar aulas no 1.º Ano.

A aula foi iniciada com a leitura de um texto sobre a tartaruga. Fez a leitura modelo e pediu aos alunos para lerem o texto, elaborando depois algumas perguntas de interpretação.

Para ilustrar o que haviam lido passou várias imagens através de slides, e com a exploração destas foi questionando os alunos sobre o que tinham escutado, abarcando assim a exploração do texto ao nível de interpretação.

Terminada esta exploração na oralidade os meninos realizaram a exploração textual por escrito, realizando, depois, a correção no quadro para que todos os alunos pudessem ver e corrigir.

Quando terminaram a correção das perguntas de interpretação passaram para a área de Estudo do Meio, onde explorou os répteis centrando-se na tartaruga, tendo como suporte os slides.

Depois de ter dialogado com os alunos sobre os répteis e as suas características, mostrou uma tartaruga verdadeira, entregando depois, uma proposta de trabalho sobre o tema abordado anteriormente, de forma a consolidar o que foi dado. Após o intervalo da manhã os alunos trabalharam o pictograma.

1.3. 3.ª Secção: 2.º Ano

Duração do estágio: 14 de fevereiro de 2011 a 27 de abril de 2011

Faixa etária: 7/8 Anos de idade

1.3.1. Caracterização da turma

A turma do 2.º Ano é constituída por vinte e oito alunos, sendo que dezassete são do sexo feminino e onze do sexo masculino.

No que se refere à integração dos alunos no espaço escolar, estes encontram-se bem integrados, sendo que na sua maioria todos frequentam a escola desde os três anos, salvo dois casos, um dos quais integrou a escola aos cinco anos e outro aos seis anos.

Contudo, este fator não impede que todos se conheçam bem, e que possuam vários interesses em comum, partilhando mesmo atividades, fora do âmbito escolar.

Todos estes alunos pertencem a um nível socioeconómico médio/ médio alto e os seus pais têm, na sua maioria, formação profissional superior. Este fator influencia a que todos os alunos tenham vivências que enriquecem muito o seu desenvolvimento global, o que é importante para o seu crescimento.

Nesta turma podemos encontrar, na sua maioria, alunos com um bom ritmo de trabalho, aprendizagem, motivados e conseqüentemente participativos, quer oralmente, quer nas diferentes atividades que lhes são solicitadas diariamente.

Contudo, podemos encontrar alguns alunos que, a nível de trabalho escrito, demonstram ritmos diferentes, pois são mais vagarosos na concretização dos

mesmos, muitas vezes não por não os saberem realizar, mas sim, porque se distraem com muita facilidade.

É ainda de salientar que temos nesta turma três alunos merecedores de atenção especial e que requerem um trabalho individualizado e acompanhado pela presença de um adulto. Estas crianças apresentam, alguns problemas de lateralização, desenvolvimento da motricidade fina e por vezes sinais de dislexia. Em paralelo com estes problemas, demonstram ainda pouca autonomia, uma vez que apresentam dificuldades na leitura e interpretação daquilo que lhes é pedido. Perante esta situação, de não lerem fluentemente, é-lhes difícil exprimirem-se através da escrita, pois quando o fazem dão ainda muitos erros ortográficos e as ideias nem sempre estão articuladas de forma a fazerem sentido.

Estas dificuldades não são apenas presentes em Língua Portuguesa, sendo também reveladas na área da Matemática, pois dois destes três alunos apresentam dificuldades na resolução de situações problemáticas e operações, bem como o cálculo mental.

1.3.2. Caracterização do espaço de sala de aula

A sala do 2.º Ano situa-se no rés-do-chão junto à sala de artes plásticas. Esta sala tem as carteiras dispostas em várias filas, sendo que nas duas filas do meio os alunos estão a pares, e nas suas filas das pontas estão dispostos individualmente, mas sempre dispostos de frente para o quadro de giz.

As paredes da sala estão decoradas com alguns trabalhos dos alunos e com algumas regras que estes têm que cumprir na sala de aula. A secretária da professora encontra-se junto ao quadro de giz, voltada para os alunos.

Ao fundo da sala podemos encontrar à esquerda um armário onde se encontra algum do material dos alunos e onde estão arrumados os dossieres, com os trabalhos dos meninos. Ainda nesta zona encontram-se os cabides onde os alunos deixam as suas mochilas e os casacos.

A seguinte figura 7 ilustra esta sala e o que nela contém.



Figura 7 – Sala do 2.º Ano

1.3.3. Rotinas

As rotinas do 2.º Ano são idênticas às rotinas apresentadas no 4.º Ano e no 1.º Ano, pois regra geral os alunos lêem todos os dias de manhã, antes das atividades iniciarem.

1.3.4. Horário

De seguida é apresentado o quadro 7 que se refere ao horário da do 2.º Ano de escolaridade.

Quadro 7 – Horário 2.º Ano

2.º Ano					
Horas	2.ª	3.ª	4.ª	5.ª	6.ª
9h-10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h-11h	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
Recreio					
11h30-12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h-12h50	Ed. Física	Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio	Matemática (materiais)
Almoço e Recreio					
14h30-15h20	Matemática	Estudo do Meio	Estudo Acompanhado	Música	Estudo do Meio
15h20-16h10	Computadores	Área de Projecto	Estudo do Meio	Inglês	Formação Cívica (15h30 – 16h10)
16h10-17h	Arrumação de Trabalhos	Biblioteca	Exp. Plástica 15h45-17h	Estudo do Meio	Assembleia de Turma
Saída					

1.3.5. Relatos diários**14 de fevereiro de 2011**

Hoje foi o primeiro dia no 2º Ano . A turma iniciou a manhã com a leitura de um texto, o qual foi lido por todos os alunos. Seguiu-se a interpretação do mesmo e a análise gramatical feita oralmente.

Após terem sido realizadas estas tarefas a professora realizou um ditado de uma parte do texto. É de salientar que, nesta turma, estão dois alunos com algumas dificuldades de aprendizagem, e que por isso realizaram o mesmo ditado que a turma em geral, mas não foi feita na totalidade.

Terminado o intervalo foi distribuída uma prova sobre a leitura de números. Esta prova foi interrompida pela aula de Ginástica.

A aula de Ginástica foi composta pela exploração de uma dança tradicional portuguesa – o folclore.

Inferências e Fundamentação teórica

Durante o dia de hoje parece-me relevante referir a importância do ensinamento da dança na aula de Ginástica.

A dança, no meu ponto de vista, permite às crianças uma abstracção do mundo real, uma outra forma de movimentar o seu corpo e ainda uma forma de olhar para a história do nosso país e da nossa cultura. Na minha perspectiva, a dança dá, a quem a pratica um monopólio de sensações e conhecimentos, que devem ser explorados em sala de aula.

Segundo Abrantes (2001) “é em torno das influências sociais sobre o indivíduo que a história da dança se vai desenvolvendo, denunciando assim, sempre, as suas origens.” (p.183), o que permite a quem a pratica uma maior aproximação com a sua história e cultura.

Ainda neste sentido, o mesmo autor, salienta que “...dançar propicia ao aluno um quadro de referências cognitivas, culturais, sensoriais e estéticas que contribuem para uma melhor compreensão do mundo.” (p. 184) e ainda “...proporciona a aquisição de um vocabulário de movimento e de um novo quadro de referências espaço-temporais.” (p.184).

Assim, parece-me fundamental que a dança seja desenvolvida na escola e, tendo como base a aula de hoje, que o folclore seja transmitido e ensinado aos alunos, para que estes possam, a nível cultural, social e pessoal, compreender o valor da dança tradicional e a sua importância para a sociedade em que está inserida.

15 de fevereiro de 2011

A manhã foi iniciada com leitura da lição do dia, sendo que cada aluno leu a sua lição em voz alta. Na área de Matemática, os meninos trabalharam vários conteúdos, nomeadamente os ângulos, as figuras geométricas, a simetria, a lateralidade e a noção espacial, com o geoplano. Antes de distribuir o material a professora fez a revisão das regras para se poder trabalhar com este material em sala de aula.

Depois desta área ter sido trabalhada, foi o momento de trabalhar Língua Portuguesa, onde foi entregue uma ficha com várias notícias, em que os alunos tinham que assinalar todas as palavras terminadas em ça, ço e çu.

Durante a realização desta proposta de trabalho a aula foi interrompida por duas meninas que foram à sala falar sobre segurança, nomeadamente, sobre a segurança em casa, no caso de incêndio, na rua, na ocorrência de sismos e também os perigos da internet.

Inferências e Fundamentação teórica

O geoplano é um material manipulável que permite aos alunos uma melhor aprendizagem dos conteúdos da geometria. Através deste material, cada criança tem a possibilidade de “falar” com a Geometria de uma forma palpável. Assim, como refere Serrazina e Matos (1988) “os geoplanos são um excelente meio para as crianças explorarem problemas geométricos...” (p.13), o que nem sempre é fácil, dado que é um conteúdo do qual os alunos fogem pois afirmam não entender, como salienta Serrazina e Matos (1988).

Ainda neste sentido, o Programa de Matemática do Ensino Básico, Ministério da Educação (2007) refere que “o ensino e a aprendizagem da Geometria deve, neste ciclo, privilegiar a exploração, a manipulação e a experimentação, utilizando objectos do mundo real e materiais específicos, de modo a desenvolver o sentido espacial.” (p.20).

Além do geoplano permitir a cada criança uma melhor compreensão da Geometria. Assim, com a aprendizagem da geometria, as crianças devem “...desenvolver a visualização e ser capazes de representar, descrever e construir figuras no plano e no espaço e de identificar propriedades que as caracterizam;” e ainda devem “ser capazes de identificar e interpretar relações espaciais;” (p.20), segundo a fonte anteriormente citada. Tudo isto vai permitir à criança um melhor visionamento do espaço que a rodeia e da sua constituição.

18 de fevereiro de 2011

O dia hoje foi iniciado com a leitura de um texto e posterior ditado. Durante o ditado a professora foi auxiliando os alunos com mais dificuldade, pronunciando as palavras com mais calma. Terminadas estas duas tarefas, foi o momento de concluir a expressão escrita.

Na área da Matemática foram realizados alguns problemas de lógica passados no quadro, os quais os alunos tinham de passar para a sua folha diária.

Inferências e Fundamentação teórica

No que diz respeito ao dia de hoje penso que é fundamental salientar a importância da resolução de problemas, sobretudo dos problemas de lógica. Ao

desfolhar o Programa de Matemática do Ensino Básico, Ministério da Educação (2007), deparei-me com alguns dos objetivos gerais de aprendizagem deste ciclo, entre os quais estava contemplada a resolução de "... problemas em contextos matemáticos e não matemáticos, adaptando, concebendo e pondo em prática estratégias variadas e avaliando resultados;" (p. 29).

Nesta aula de hoje, que pude observar no 2.º Ano, este objetivo foi explorado através dos problemas de lógica que, no meu entender, têm uma vasta importância para os alunos, pois fomenta o raciocínio e posteriormente o conflito de ideias.

Em meu entender, este tipo de problemas é sempre uma mais-valia, pois cada aluno tem o seu raciocínio e pode confrontá-lo com o dos colegas, expondo a sua ideia, favorecendo assim uma maior comunicação Matemática em sala de aula. Como nos mostra o Programa de Matemática do Ensino Básico, Ministério da Educação (2007) "a discussão dos problemas na turma proporciona momentos ricos de aprendizagem, especialmente quando se fazem sistematizações de ideias Matemáticas e se estabelecem relações com outros problemas ou com extensões do mesmo problema." (p.29), sendo por isso, importante para os alunos viverem estes momentos na sala de aula.

14 de março de 2011

A manhã começou com a avaliação da leitura de números através de uma prova escrita. Terminada a prova, os alunos realizaram exercícios sobre a análise de pictogramas. Estes exercícios foram passados do quadro pelos alunos.

Após o intervalo a área explorada foi a Língua Portuguesa, sendo realizado um ditado até à hora da aula de Educação Física.

Hoje, na aula de Educação Física, os alunos trabalharam os patins, onde foram avaliados na sua prestação e ainda foram avaliados na corrida de velocidades.

Inferências e Fundamentação teórica

No dia de hoje quero salientar o facto de a professora ter feito um momento de avaliação, mais propriamente a avaliação da leitura de números.

Na minha opinião é fundamental que o docente promova alguns momentos de avaliação na sala de aula, sem ser a conhecida avaliação sumativa.

Com este tipo de avaliação efectuada nesta aula, a avaliação formativa, como nos é apresentada mais à frente no capítulo da avaliação, o professor pode verificar se os alunos estão a acompanhar os conteúdos dados em sala de aula e se os estão a compreender e quais as dificuldades que estes ainda encontram.

Desta forma, Almeida e Tavares (1998) salientam que “se a escola tem por especificada a certificação da aprendizagem, numa função social e administrativa, o professor terá de instrumentar a recolha e dados, comprovando de modo objetivo a trajetória do aluno.” (p.119), apresentando o docente um papel preponderante no processo de ensino do aluno.

Por outro lado, com a avaliação e com os instrumentos de avaliação a escola pode verificar, em simultâneo, se o professor está a ensinar bem os seus alunos e se lhes transmite de forma correta os conhecimentos, e se estes os estão a adquirir de forma correta.

15 de março de 2011

A primeira área lecionada hoje foi a Matemática, tendo por base os Calculadores Multibásicos. Através deste material foram trabalhados vários conteúdos tais como, a adição, a leitura de números, números absolutos e relativos, entre outros.

Ao longo deste tempo, a professora foi esclarecendo algumas dúvidas que foram existindo, recorrendo muitas vezes ao quadro para dissipar estas dúvidas. Em alguns momentos era a professora que resolvia a situação no quadro, mas na maioria dos casos chamou os alunos para que estes, no quadro, conseguissem resolver/descobrir o que não visualizam no seu lugar.

Através desta material a docente explicou a prova dos nove da adição, introduzindo assim um novo conceito e um novo conteúdo.

Hoje, mais uma vez, o Jardim-Escola teve a visita de uma autora/ilustradora de histórias infantis. Este encontro foi no ginásio e os alunos desta turma estiveram presentes.

Quando regressaram à sala os alunos leram um texto em voz alta e, à medida que estes o iam lendo, a professora ia tomando notas sobre a leitura.

Inferências e Fundamentação teórica

Cada vez mais os alunos necessitam de experimentar factos concretos para depois passarem para a abstracção. Para ajudar as crianças a transpor a realidade para o abstracto, no que se refere à adição e suas provas, a utilização dos Calculadores Multibásicos é uma mais-valia.

Segundo Nabais (s.d.) “esta observação e manipulação da realidade tem que ser também real, isto é, exercida realmente por cada aluno, através de experiências pessoais...” (p.6). Assim, os alunos conseguem compreender melhor como se faz e o que se pretende com o que se aprende. Neste sentido, também é mais fácil para o

professor observar se os alunos estão a entender, ou não, o que lhes está a ser explicado.

18 de março de 2011

Esta manhã iniciou-se com revisões para a prova de Língua Portuguesa. As revisões foram realizadas com a leitura de um texto, "O jardim da Tina", em que os alunos leram todos o texto, sendo seguida de perguntas de interpretação do mesmo e de perguntas de fórum gramatical.

Através das questões de gramática a professora abordou os vários conteúdos que saíam na prova, levando ainda os alunos a reverem conteúdos que se prendem com a área do Estudo do Meio, acabando assim por fazer revisões de duas áreas distintas, nomeadamente a constituição de uma planta.

A aula de Língua Portuguesa terminou mais cedo pois os alunos tiveram uma peça de teatro na escola sobre a alimentação saudável, que tinha como objetivo alertá-los para a importância de uma alimentação saudável.

Quando regressaram à sala, já depois do intervalo, concluíram alguns trabalhos que tinham na capa. Contudo, os alunos que já tinham tudo concluído elaboraram uma ficha de Matemática sobre ângulos e linhas.

Inferências e Fundamentação teórica

As crianças gostam muito da magia que o teatro lhes transmite e por isso deixam-se envolver e entrar nas histórias que são contadas no teatro.

É importante que as crianças tenham contato com o teatro e que possam ir ver algumas peças durante o ano, mas quando isso não acontece, parece-me importante que o teatro venha até elas, como foi o caso do dia de hoje.

Se o teatro já por si é importante, então quando se trata de uma peça que transmite algo importante para as crianças, ainda mais importante se torna. Na minha opinião a vinda desta peça ao Jardim-Escola foi de extrema importância, pois como vivemos numa sociedade em que a alimentação começa a ser menos cuidada é importante alertar as crianças, deste cedo para a importância de fazerem uma alimentação saudável. Neste sentido Ricardo (2005) afirma que "a alimentação deve, pois, ser equilibrada, de modo a evitar as carências e a proporcionar o maior bem-estar físico." (p. 3).

Desta forma, acho que esta peça teve toda a pertinência de ter sido mostrada a estes alunos, pois são as crianças que melhor conseguem passar a mensagem de que é necessário ter uma alimentação saudável para conseguirmos viver melhor e com mais saúde.

21 de março de 2011

Reunião de prática pedagógica no museu da Escola Superior de Educação João de Deus.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje foi mais um dia importante para a minha vida académica, pois vivi mais um momento de avaliação da minha prática pedagógica. Esta manhã passada no museu, foi muito importante, porque foram lidas as notas que cada um de nós teve ao longo do seu último momento de estágio.

A prática pedagógica apresenta-se no meu curso com uma extrema importância, uma vez que é através desta que nós, futuros professores adquirimos a nossa prática e nos tornamos melhores profissionalmente.

Neste sentido, estas reuniões são um crescimento a isto mesmo, pois ao escutarmos o que cada um de nós fez de bom ou de mau numa determinada aula e ao abordar um determinado conteúdo, conseguimos, também, melhorar as nossas estratégias e aprendizagens.

Assim, como mencionam Alarcão e Roldão (2008), “a noção de supervisão remete para a criação e sustentação de ambientes promotores da construção e do desenvolvimento profissional num percurso sustentado, de progressivo desenvolvimento da autonomia profissional.” (p. 54), sendo por isso estas reuniões importantes para a nossa formação profissional.

22 de março de 2011

A manhã hoje foi diferente pois dei aula de manhã inteira ao 2.º Ano. A minha aula teve como tema base o Sistema Solar e os seus constituintes.

Iniciei a aula com a área de Língua Portuguesa, nomeadamente com a leitura de um excerto do livro “O Planeta Branco”, de Miguel Sousa Tavares. O texto incidia sobre uma viagem ao espaço, fazendo referência a vários planetas do nosso Sistema Solar, partindo assim para a aula sobre este tema. Contudo, antes de passar a Estudo do Meio, e à explicação concreta do tema da aula, realizei a interpretação do texto e posterior análise gramatical.

Através da análise gramatical, explorei a área vocabular de algumas palavras, introduzindo assim este conceito.

Terminada a aula de Língua Portuguesa, continuei com o Estudo do Meio, em que explorei o Sistema Solar e os seus constituintes, nomeadamente os planetas que o constitui. Tudo isto foi realizado através de um *Powerpoint*.

Após o recreio, continuei com a aula, mas já na área da Matemática. Nesta área fiz a exploração de um gráfico de barras, que se prendia com o tema geral da aula, incidindo na órbita de alguns planetas.

A exploração deste gráfico foi realizada na oralidade e na escrita, através de uma proposta de trabalho, sendo depois feita a correção no quadro por escrito.

Inferências e Fundamentação teórica

Na minha aula de hoje tentei fazer a interdisciplinaridade entre todas as áreas que abordei nesta aula.

Eu considero que cada vez é mais importante a prática de interdisciplinaridade, pois a sociedade está em constante mudança e com ela o ensino está a mudar.

Desta forma, o professor deve ser capaz de interligar todos os seus conhecimentos de forma a tornar a sua aula mais apelativa e consistente. Isto tem em vista proporcionar aos alunos um maior envolvimento no que é aprendido em sala de aula, e não só, pois estes começam a entender que as áreas que estudam na sala de aula, não são desligadas umas das outras, pelo contrário interligam-se e completam-se muitas vezes.

Hoje em dia, ainda muitos professores estão resilientes a esta forma de dar aulas, mas Fourez, Maingain, e Dufour, (2008) salientam que,

o convite para ultrapassar as fronteiras disciplinares e para procurar diferentes formas de sinergia entre as disciplinas, tanto ao nível dos saberes como das competências, não deve ser entendido como uma desqualificação das metodologias especificamente disciplinares ou como uma acção movida contra as disciplinas enquanto tais.(p. 39)

Pelo contrário, isto deve ser entendido e visto pelos professores como uma melhoria na sua qualidade de ensino e como um meio de motivação para os alunos.

Com a interdisciplinaridade os alunos passam por todas as áreas do saber, sem darem conta disso. Quase que me arriscaria a dizer que estes aprendem sem darem conta disso.

25 de março de 2011

Hoje do dia de estágio foi marcado pela realização da prova de Estudo do Meio. À medida que iam terminando a prova, concluíram trabalhos em atraso, que tinham na capa.

Após o intervalo fizeram uma composição que tinha como tema “A aventura mágica”, terminando depois os restantes trabalhos em atraso.

Inferências e Fundamentação teórica

No presente dia de estágio parece-me importante referir a importância da composição e da escrita dos alunos.

A composição, no meu ponto de vista, visa a criatividade dos alunos no que se refere à escrita, e proporciona-lhes ainda uma sistematização das suas ideias, organização das mesmas e uma melhor estruturação do texto.

Contudo, a criatividade dos alunos nesta aula foi condicionada, pois a composição não foi de um tema livre, em que cada aluno pudesse explorar as suas ideias e manifestar a sua criatividade.

Segundo a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), os alunos do 2.º Ano de escolaridade, no que se prende com a comunicação escrita, devem desenvolver o gosto pela escrita através da produção de "...textos escritos por iniciativa própria (de criação livre, sugeridos a partir de uma imagem, de imagens em sequência ou desordenadas, a partir de palavras dadas...)." (p.150).

Assim, os alunos devem praticar a escrita, mas não só através de composições, pois, podem em alguns casos ser eles próprios a escrever livremente num caderno que tenham para esse efeito.

28 de março de 2011

A manhã foi iniciada com a aula de Matemática, onde a professora trabalhou o 5.º Dom de Fröebel.

Nesta área, a professora realizou a construção do poço, explorando anteriormente a noção de quarto e meio, fazendo questões oralmente e nunca aproveitando o material que tinha disponível. Apenas o usou para realizar a construção.

Terminada a construção do poço foram realizadas várias situações problemáticas de raciocínio oral, que tinha que ver com esta construção.

Após o intervalo da manhã, os alunos terminaram alguns trabalhos em atraso.

Na aula de Educação Física foi feita a avaliação de alguns conteúdos já trabalhados pelos alunos.

Inferências e Fundamentação teórica

Durante este dia o que mais me chamou a atenção foi o facto da professora, na área da Matemática, nunca ter usado o material que distribuiu pelos alunos. Todo o tempo que esteve a explicar a noção de meio e quarto, não usou o material que tinha à sua disposição.

Ponte e Serrazina (2000) referem que “o professor pode tirar partido de uma grande variedade de objectos e materiais. A primeira regra de ouro é que estes sejam de facto usados pelo aluno.” (p. 116), pois se isto acontecer o aluno vivencia de uma outra forma o que está a aprender, conseguindo conceber melhor os conceitos transmitidos.

O uso dos dons de Fröebel, segundo Caldeira (2009a) “...permite uma ampliação significativa dos conhecimentos das crianças sobre os números racionais (...) e dos números fraccionários...” (p. 302). Por isso era necessário que a professora explorasse este material neste sentido, para que os alunos desenvolvessem melhor o conceito de número fracionário.

29 de março de 2011

A minha colega de estágio hoje deu aula de manhã inteira, cujo tema era o Movimento de Rotação e Translação da Terra.

A aula foi iniciada pela área e Língua Portuguesa, com a exploração de um texto sobre o tema acima mencionado. Ela realizou a leitura modelo, pedindo depois a vários alunos para fazerem, eles próprios, a leitura em voz alta do texto, prosseguindo depois com a interpretação do mesmo.

Ao longo da interpretação passou para Estudo do Meio, onde explicou os vários movimentos que a Terra faz. Esta explicação foi realizada com o auxílio de uma maquete.

Terminada esta explicação, regressou de novo à Língua Portuguesa dando os pronomes pessoais, sendo esta matéria consolidada através de uma ficha de trabalho.

Na área da Matemática deu a noção de perímetro com o Geoplano.

Inferências e Fundamentação teórica

Na aula da minha colega o que considero relevante salientar foi o facto, desta ter utilizado uma maquete para explicar o movimento de rotação e translação da Terra.

Muitas vezes caímos no erro de pensar que o uso de materiais manipuláveis só deve ser feito na área da Matemática, porque os alunos necessitam de construir o seu pensamento matemático, e por isso, precisam de mexer e vivenciar a sua aprendizagem.

Não é só na Matemática que isto acontece, também no Estudo do Meio, e na abordagem de alguns conteúdos inerentes a este, é necessário o uso de material manipulativo. É o caso do conteúdo abordado pela minha colega.

O facto dela ter trazido a maquete fez com que os alunos compreendessem muito melhor o conceito de rotação e translação da Terra.

O ensino do Estudo do Meio é bastante importante para a crianças, pois é através desta área que a criança toma contacto com algumas das coisas que a sociedade e a natureza lhe dá.

Segundo a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), é “com o Estudo do Meio os alunos irão aprofundar o seu conhecimento da Natureza e da Sociedade, cabendo aos professores proporcionar-lhes os instrumentos e as técnicas necessárias para que eles possam construir o seu próprio saber de forma sistematizada.” (p.102), sendo por isso importante que o professor traga para a sua sala de aula, sempre que possível, material que facilite a aprendizagem do aluno e o aproxime da realidade que quer demonstrar, muitas vezes, só através de palavras.

1 de abril de 2011

Iniciei a manhã com a minha aula começando por fazer a leitura modelo de um texto, que tinha como título “O aeroporto”. Terminada a leitura modelo, pedi a alguns dos alunos que realizasse a leitura do mesmo.

Neste momento foi interrompida por uma das orientadoras de prática pedagógica, que vinha pedir uma aula surpresa a uma das minhas colegas de estágio, que se encontram na mesma sala que eu.

Interrompi a aula e uma das minhas colegas prosseguiu com a área de Matemática dando a amplitude dos ângulos.

Nesta aula ela começou por cometer algumas incorreções na maneira como media a amplitude dos ângulos, pois não usou o transferidor de forma correta, contudo a aula correu bem e ela conseguiu sempre manter a disciplina.

Terminada esta aula, eu não continuei a minha aula ficando esta para o dia seguinte. Desta forma, a professora continuou com a aula, dentro da mesma área, sendo que prosseguiu com algumas situações problemáticas.

Na hora do intervalo fomos para a reunião onde foram debatidas as aulas que tinham sido avaliadas.

Inferências e Fundamentação teórica

Neste dia o que mais me marcou foi a aula surpresa da minha colega. Quando a professora entrou na sala, eu tremi ao pensar na possibilidade se ser uma aula para mim. Depois de saber que era para a minha colega, fiquei mais tranquila mas nervosa na mesma por ela.

Bem sei que estas aulas são essenciais na nossa formação e na nossa forma de agir numa situação inesperada. Contudo, em alguns momentos não considero estas aulas uma melhoria para a nossa formação, pois se temos que planificar e

pensar na construção de uma aula, como é que estas aulas são vistas e avaliadas, uma vez que não são planificadas por nós.

Por outro lado, como referi, são aulas importantes, pois testam-nos a nós mesmo no sentido em que vemos a nossa capacidade de reacção perante elas e perante a matéria que nos é pedida para lecionar.

Desta forma, o supervisor tem um papel preponderante perante estas aulas, pois segundo Alarcão e Tavares (1987, citados por Alarcão, 2000) referem que um supervisor tem como função "...acompanhar, ajudar, desenvolver aptidões e capacidades, enfim, criar condições de sucesso ao futuro educador ou professor" (p. 89).

Assim, não só nestas aulas, mas em todas as que lecionamos na nossa prática pedagógica, temos o apoio e orientação das orientadoras/supervisoras, que nos ajudam e orientam para um caminho mais eficaz para a nossa futura profissão.

4 de abril de 2011

Esta manhã foi dedicada à minha aula, que era para ter sido lecionada no dia 1 de abril.

Iniciei a aula com a leitura do texto "O aeroporto" pedindo depois a alguns dos alunos que o lessem também. Realizei a interpretação do texto e a exploração gramatical na oralidade.

Depois passei para a área do Estudo do Meio onde abordei os meios de transporte, dando a conhecer aos alunos, através de um *Powerpoint*, quais os meios de transporte existentes e em que categoria é que cada um deles se enquadrava. Para concluir esta aula, entreguei uma ficha lúdica, com uma sopa de letras, na qual os alunos tinham que encontrar os vários meios de transportes presentes nas imagens da ficha.

Não concluí a minha manhã de aulas, ficando a área da Matemática para outro dia, pois os alunos tiveram aula de Educação Física.

Inferências e Fundamentação teórica

No dia de hoje, ao dar a minha aula, não me senti plenamente realizada. Na minha reflexão sobre a manhã que dei de aula fico triste porque vejo que a maioria das minhas aulas de Língua Portuguesa se baseia quase no mesmo, leitura de um texto, interpretação do mesmo e exploração gramatical.

Sim-Sim (2001) refere que "...o tempo atribuído à Língua Portuguesa distribui-se por atividades de compreensão e expressão oral, leitura, escrita e estudo do funcionamento da língua." (p.19).

Meditando nas palavras de Sim-Sim (2001), penso que tenho que começar a diversificar as estratégias das minhas aulas de Língua Portuguesa. Contudo sei que é complicado, pois o próprio programa curricular para o Ensino Básico exige que tudo isto seja trabalho e explorado numa aula de Língua Portuguesa.

Porém penso que será sempre possível diversificar estratégias para dar esta área, e não tornar as aulas de Língua Portuguesa rotineiras, pois isto também provoca o desinteresse dos alunos nesta área.

Isto foi o que me suscitou no dia de hoje e é o que tenciono modificar na minha prática enquanto docente no futuro, quer enquanto estagiária, quer enquanto professora numa sala de aula.

5 de abril de 2011

Hoje a manhã de estágio foi marcada pela aula da minha colega. A aula dela teve como tema os meios de comunicação, começando a aula com Língua Portuguesa explorando um e-mail.

Isto ajudou a que passasse para a aula de Estudo do Meio, onde explorou os Meios de Comunicação pessoal e social, através de um *Powerpoint*.

Terminada a exposição dos Meios de Comunicação voltou a Língua Portuguesa onde fez a análise gramatical do e-mail, introduzindo o grupo nominal e verbal. Para explorar esta matéria ditou frases nas quais os alunos tinham que identificar o grupo nominal e verbal.

Esta aula foi concluída nesta área, pois os alunos tiveram um workshop sobre desenho, sendo este no ginásio. Aqui foi pedido aos alunos que desenhassem uma parte de um conto que tinham escutado.

Inferências e Fundamentação teórica

O dia de hoje, para mim foi marcado pelo *workshop* de desenho que os alunos tiveram durante a manhã.

Para mim, a participação destes alunos neste *workshop* foi importante por duas razões distintas, mas que penso que aqui foram bem articuladas e introduzidas na vida diária destes meninos.

A primeira razão que apresento tem que ver com a audição de um conto, que me parece relativamente importante, pois as crianças necessitam de ter contato com contos, pois segundo Traça (1992) é através dos contos que "...pode nascer nas crianças o gosto da leitura pela leitura." (p.119), e por isso, é importante que, além destas lerem contos, os escutem.

A segunda razão prende-se com a importância que, penso que existe, em estabelecer uma relação entre a audição de um conto e o desenho do mesmo, pois mostra que é possível ligar duas áreas distintas – a educação artística e a literatura. Desta forma, como salienta Sousa (2003), “a expressão plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades.” (p.160), por isso, torna-se importante o seu desenvolvimento, não só dentro da sala de aula, mas também fora dela, e claro em parceria com outras áreas do saber e do conhecimento.

8 de abril de 2011

Hoje a minha colega de estágio continuou com a aula dela, dando a área de Matemática. Contudo foi interrompida por uma das orientadoras de prática pedagógica, que lhe pediu uma aula surpresa sobre os graus dos adjetivos – o comparativo de superioridade, inferioridade e igualdade.

Ela começou a aula com a leitura modelo de um texto pedindo depois a alguns alunos para o lerem. Após a leitura fez algumas perguntas de interpretação.

Para introduzir os graus dos adjetivos escreveu no quadro uma frase que continha adjetivos e explorou-os explicando os respetivos graus.

De seguida foi-me pedida uma aula surpresa em que tinha que introduzir a prova dos nove fora da subtração com os Calculadores Multibásicos.

Iniciei a aula explicando as regras de utilização este material e dando a aula a pares. Como me foi solicitado que comesse a minha aula com uma base que não a de dez, eu iniciei a aula com a base de 4, ditando os valores que pretendia que os alunos calculassem com os calculadores.

Depois de efectuados os cálculos da subtração expliquei-lhes a prova dos nove fora, fazendo apelo ao que eles já tinham aprendido, no que se referia à adição.

Terminei a minha aula explorando a prova dos nove fora da subtração na base dez e aqui os alunos trocaram as suas funções, sendo que o que anteriormente estava a dar as peças ficou com as placas, e o que estava com as placas passou a dar as peças.

Concluída a aula foi para a reunião de avaliação da aula.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje foi a primeira vez que tive uma aula surpresa e confesso que o nervosismo era bastante. Não só pela minha colega que deu aula primeiro que eu, mas também por mim mesma, quando percebi que logo em seguida seria eu a dar aula.

Este momento foi um pouco complicado, sobretudo no que diz respeito aos nervos que sentia quando iniciei a aula, contudo consegui Dominá-los e a aula correu bem.

A importância destas aulas, como já referi em inferências anteriores, é constante na formação de futuros professores, e por isso, na minha também se revela importante.

É sempre necessária a formação continua dos professores, e ainda mais dos futuros professores, que é o meu caso. Neste sentido esta aula foi bastante importante, porque além de me ter testado a nível de gestão de tempo e de organização de ideias para ministrar a aula, tive uma prática de reflexão sobre o que dei e ensinei durante esta aula.

Para uma melhor formação e aprendizagem é necessária a existência de uma reflexão sobre os atos e sobre o que foi realizado em aula. Ribeiro (1996, citado por Alarcão, 2000), que "... não é apenas a prática, mas sim a prática reflectida que permite alcançar e diversificar competências e saberes que emergem das suas acções..." (p. 90), por isso é que torna tão importante a supervisão deste tipo de aulas e nesta mesma linha a existência das mesmas.

11, 12 e 15 de abril de 2011

Os alunos já estavam de férias escolares e nós, os estagiários preparámos várias atividades para os alunos que foram à escola neste dia e durante a restante semana. Nós fomos divididos em grupos de duas pessoas e cada grupo foi para um local em específico da escola, onde fizemos atividades e *workshops* com os alunos.

Os jogos que decidimos fazer durante este dia de estágio foram: a pintura em papel cenário, sacos saltitantes, dança dos balões, burro sem cauda, glutão, bowling, apanha bolachas voadoras, jogo do galo humano, estátuas do parque e desenho com giz em carolina preta.

Realizámos também durante esta semana uma peça de teatro "A Rainha das Cores", que representámos para alguns dos alunos.

Além da peça, foram introduzidas mais duas atividades: os moinhos de vento e uma zona de música.

Inferências

Os dias que foram referidos anteriormente foram importantes para mim enquanto estagiária, pois foram dias em que tive uma interacção diferente com os alunos e com o meio escolar.

Como os alunos já estava de férias, o preparar desta atividades foi uma forma de interagir com os alunos num grau de proximidade diferente, estabelecendo com alguns deles, uma relação de maior proximidade, o que é fundamental no ensino. Em muitos casos, são nestes momentos de maior brincadeira que os alunos manifestam os seus receios, partilhando-os, em alguns casos, com os adultos que estão próximos deles.

Assim, a criação destas atividades por parte de todos os estagiários foi essencial para mim, pois também é importante aprender a trabalhar com diferentes pessoas e de diferentes formas.

27 de abril de 2011

Hoje fui ao Jardim- Escola concluir a minha aula do dia 4 de Abril, pois não consegui dar a área de Matemática, visto que os alunos tinham Educação Física às 12h.

Iniciei a aula distribuindo o material pelos alunos para dar a noção de área. Este material era composto por barrinhas de papel de 1, 2, 3 e 4 centímetros de área e por uma folha de papel quadriculado, em que as quadrículas tinham 1 centímetro de área, como se pode observar na figura 8.

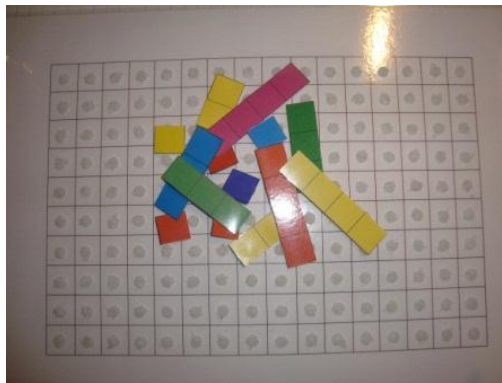


Figura 8 – *Material elaborado por mim para dar a noção de área*

Ao iniciar a aula pedi para que os alunos construíssem uma figura à sua escolha com quatro quadrinhos de papel. A partir desta construção introduzi a noção de área e como nem todos tinham feito a mesma figura, dei a noção de áreas equivalentes.

A aula decorreu em torno da noção de área e por isso fui pedindo aos alunos que construíssem figuras, com o material que lhes tinha dado, seguindo as várias indicações que eu lhes ia dando sobre a área que estas tinham que ocupar.

Para finalizar a aula pedi-lhes que, numa folha quadriculada, disponibilizada por mim, desenhassem as duas figuras de área equivalente que tinham feito com o material.

Inferências e Fundamentação teórica

Mais uma vez numa das minhas aulas de Matemática apelei ao uso de materiais manipuláveis como incentivo para a aprendizagem do conteúdo que me propunha ensinar a estes alunos.

Pastells (2004) menciona que,

...o processo de ensino-aprendizagem deveria incluir a manipulação de diferentes materiais, já que só a partir de um ensino diversificado, rico em recursos e estratégias para abordar uma mesma aprendizagem, se conseguirá que as aprendizagens matemáticas sejam interiorizadas de forma significativa... (p. 9).

É isto mesmo que tenciono sempre fazer nas minhas aulas de Matemática e não só, pois considero que é essencial os alunos visualizarem primeiro com materiais o que tencionamos ensinar e só depois passar para o sentido mais abstracto do ensinamento. Ao mesmo tempo, e de acordo com o autor citado anteriormente, é também importante diversificar as estratégias que vamos utilizando na sala de aula.

Tentei também fazer isto nesta aula, quando solicitei que os alunos desenhassem as diferentes figuras que construíram com este material, apelando assim ao desenho e, por sua vez, estimulando a motricidade fina, que ainda é importante estimular a trabalhar em sala de aula nesta idade.

1.4. 4.ª Secção: Seminário de contato com a Realidade Educativa

A Escola Superior de Educação João de Deus dá-nos a possibilidade de termos contato com a realidade educativa durante uma semana inteira, em regime intensivo. Durante este tempo pudemos observar o ritmo de uma, ou várias turmas, e acompanhá-las ao longo de uma semana, o que para nós estagiários é muito bom, pois podemos observar como se processa um dia inteiro de aulas.

Por isso o estágio começava às 9h da manhã e terminava às 17h, tendo eu oportunidade de ver todas as rotinas da turma que escolhi acompanhar.

Esta semana de estágio foi realizada no Jardim-Escola João de Deus de Torres Vedras, na turma do 3.º Ano. A escolha desta turma foi simples, pois o 3.º Ano foi um dos anos no qual nunca havia estagiado antes, e como seria o momento de estágio seguinte ao 2.º Ano, onde estava presentemente, decidi acompanhar esta turma durante uma semana.

1.4.1. Semana de 28 de fevereiro de 2011 a 4 de março de 2011

Durante esta semana foram muitas as rotinas que pude observar e acompanhar neste 3.º Ano.

A semana começou com a entrega e correção de teste de avaliação, que os alunos tinham realizado na semana anterior. A professora fez a correção destes testes por escrito no quadro, para que todos os alunos acompanhassem o que estava a realizar.

Ao longo da semana foram notórias rotinas constantes nesta turma, tais como a chamada de tabuada todos os dias ao final do dia, que todos os dias contemplava pessoas diferentes, de forma a chegar a todos os alunos.

Como estávamos na semana que antecedia o carnaval, os trabalhos elaborados durante a semana foram todos de revisão de conteúdos já abordados, tais como leitura de números, resolução de operações, resolução de problemas, isto na área da Matemática. No que se prende com a Língua Portuguesa, os alunos trabalharam a leitura, a cópia, ditado, interpretação de texto, quer a nível escrito, quer a nível oral e ainda algumas partes que se prendiam com a gramática, como por exemplo dos graus dos adjetivos.

A meio da semana, os alunos do 3.º e 4.º Anos tiveram a visita de dois polícias da prevenção das florestas, que foram à escola ter uma conversa com os alunos sobre a prevenção das florestas e sobre o que se deve fazer se existir algum incêndio numa habitação ou floresta.

Na 5.ª feira foi um dia diferente, pois eu de manhã fui até à sala do 4.º Ano, pois um dos alunos fez uma apresentação de História de Portugal à turma, sobre o rei D. Filipe I, e eu fui ver. Os pais do aluno também estavam presentes e também colaboraram nesta apresentação e na sua preparação.

Da parte da tarde, foi a vez de os pais participarem na minha sala do 3.º Ano. Dois alunos fizeram duas apresentações para a turma de trabalhos que haviam preparado em casa com o auxílio dos pais – uma aula falou sobre o efeito de estufa e levou uma maquete para a sala de aula. Nestas duas aulas os pais estiveram presentes e colaboraram.

A semana terminou com o desfile de carnaval pelas ruas da cidade, na parte da manhã e na parte da tarde os alunos estiveram a brincar no recreio do Jardim-Escola.

Inferências e Fundamentação teórica

Durante esta semana de estágio o que ressalvo como o mais importante é o facto da família ter uma interacção com o meio escolar e com o ensino dos seus educandos.

Na minha opinião, os pais devem participar activamente na educação dos seus filhos, não só na educação em casa mas também na educação que é realizada na escola. Quando pensamos na relação escola-família pensamos logo em problemas e em pais “chatos” que querem controlar o que os professores realizam na sua sala e com os seus filhos.

Penso que esta perspetiva de relação entre escola-família está em mudança nos nossos dias, pois cada vez mais os professores solicitam a interacção dos pais na formação e no ensino dos seus filhos no meio escolar.

Foi o que aconteceu com o 3.º e 4.º Anos do Jardim-Escola onde estive esta semana, pois os pais participaram ativamente nos trabalhos dos alunos, estando mesmo presentes na apresentação dos trabalhos dos mesmos.

Contudo, como refere Conner (1990, citado por Reis, 2008)

é necessário trabalhar cuidadosamente com os pais até termos a certeza de que os primeiros projectos são bem sucedidos. O sucesso traz o sucesso e a autoconfiança e, como resultado, os pais ficam motivados para participarem ainda mais. Quando os pais têm uma relação positiva com os professores, eles podem ajudar os filhos a terem um comportamento correto na escola. (p. 77)

Para que este trabalho seja proveitoso, o professor numa primeira abordagem deve ter cuidado com o que é pedido aos pais. De certa forma, os pais ficam sempre contentes por participar ativamente no processo de ensino/aprendizagem dos seus filhos, sendo isto já um fator de sucesso e de garantia de que tudo irá correr da melhor forma.

Porém, não é só necessário que os pais queiram participar na vida escolar dos filhos, também é necessário que os professores criem condições para isso, assim Reis (2008) afirma que é necessário que “...o professor dos nossos dias seja criativo e consiga fazer esta aproximação da família com a escola.” (p. 65), sendo esta a arma para estabelecer e fomentar a relação escola-família.

1.5. 5.ª Secção: 3.º Ano

Duração do estágio: 2 de maio de 2011 a 5 de julho de 2011

Faixa etária: 8/9 Anos de idade

1.5.1. Caracterização da turma

A turma do 3.º Ano é composta por vinte e quatro crianças, sendo doze do sexo feminino e doze do sexo masculino. Todos estes alunos têm 8/9 Anos de idade.

Estas crianças pertencem ao nível socioeconómico médio e os seus pais possuem, na sua grande maioria, formação superior.

Este grupo de alunos está bem integrado na dinâmica do Jardim – Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

A turma é relativamente homogénea e apresenta um comportamento bastante razoável, obedecendo às regras estipuladas.

Os alunos são interessados, empenhados, responsáveis e na sua maioria possuem sentido de autonomia. Contudo encontramos, nesta turma, alguns alunos que requerem mais atenção devido ao seu ritmo de trabalho e aprendizagem, fazendo com que estes atinjam um nível de competências e conhecimentos que estejam de acordo com o que é exigido para o grau de ensino em que estão inseridos.

Todos os alunos desta turma participam em Expressão Plástica, Expressão Musical, Educação Física, Inglês, Computadores e Olaria.

As crianças participam regularmente em visitas de estudo, umas relacionadas com os conteúdos que estão a ser leccionados em cada momento escolar, outras de carácter mais cultural ou artístico (idas ao teatro, museus...).

1.5.2. Caracterização do espaço de sala de aula

A sala de aula do 3.º Ano fica situada no rés-do-chão, no mesmo edifício onde se localiza a sala do 4.º Ano. Esta sala já dispõe de um quadro interativo, estando a sala arrumada para que os alunos estejam de frente com este, como nos mostra a figura 9.



Figura 9 – Sala do 3.º Ano

Contudo, o quadro de giz ainda se encontra nesta sala, estando na parede lateral, à parede do quadro interativo.

As paredes encontram-se decoradas com trabalhos dos alunos, e cá atrás é possível observar alguns cabides onde os meninos penduram as suas mochilas e onde deixam os seus casacos.

1.5.3. Rotinas

As rotinas da turma do 3.º Ano são iguais às rotinas dos alunos do 4.º Ano já mencionadas anteriormente.

1.5.4. Horário

Seguidamente é apresentado o quadro 8 que se refere ao horário do 3.º Ano de escolaridade.

Quadro 8 – Horário 3.º Ano

3.º Ano					
Horas	2. ^a	3. ^a	4. ^a	5. ^a	6. ^a
9h-10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h-11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
Recreio					
11h30-12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h-12h50	Ed. Física	Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio	Matemática (materiais)
Almoço e Recreio					
14h30-15h20	Matemática	Estudo do Meio	Estudo Acompanhado	Música	Estudo do Meio
15h20-16h10	Computadores	Área de Projecto	Estudo do Meio	Inglês	Formação Cívica
16h10-17h	Arrumação de Trabalhos	Biblioteca	Exp. Plástica 15h45-17h	Estudo do Meio	Assembleia de Turma
Saída					

1.4.5. Relatos diários

2 de maio de 2011

Hoje foi o primeiro dia de estágio na sala do 3.º Ano. Esta manhã foi iniciada com a área da Matemática, provocando assim a mudança do horário escolar dos alunos, pois a primeira área abordada no dia de segunda-feira seria Língua Portuguesa.

A professora iniciou a aula, através da correção dos desafios escolares que os alunos tinham levado para trabalho de casa no fim de semana, e esta foi realizada no quadro, em que cada aluno ia ao quadro realizar os exercícios propostos nos desafios.

Durante todo este tempo cada um dos alunos ia corrigindo o seu trabalho no lugar, fazendo assim a sua autocorreção.

Terminada a correção do trabalho de casa a professora passou no quadro alguns exercícios de Matemática, os quais os alunos realizaram no lugar.

Após o intervalo foi dado o modo indicativo através de uma pequena nota informativa em papel, que depois foi colada na folha diária de cada aluno.

Seguida da explicação do que é o Modo Indicativo, foram realizados alguns exercícios sobre a matéria dada.

Concluídos os exercícios foi realizado um ditado de palavras em folhinhas de cor, sendo depois corrigidos os desafios escolares de Língua Portuguesa.

Inferências e Fundamentação teórica

No presente dia o que considero relevante é o facto de os alunos serem autónomos na correção dos seus trabalhos.

Na minha opinião a professora faz muito bem em fomentar esta atitude autónoma na criança, pois a criança vive numa sociedade em que tem que se relacionar com os demais e por isso a autonomia vai torná-la numa pessoa mais responsável e mais independente dos outros.

Segundo Sá (2001) “ser autónomo é ser capaz de agir, é ser independente, é saber respeitar o semelhante, é saber assumir responsabilidades, é, em suma, saber ser e saber viver com os outros.” (p.16).

Desta forma o incentivo à autonomia numa simples tarefa vai condicionar toda uma formação e toda uma relação com os pares, sendo assim cada vez mais importante incentivar em sala de aula, pois a escola também tem como função ajudar a criança no seu desenvolvimento pessoal.

3 de maio de 2011

O dia hoje foi iniciado com duas aulas dos estagiários do 2.º Ano, o que fez com que mais uma vez o horário dos alunos fosse alterado.

Estas duas aulas estavam interligadas entre si, pois ambos os estagiários abordaram o tema da evolução dos meios de transporte, sendo que um deles trabalhou os meios de transporte terrestre e outro os meios de transporte marítimos.

Quem iniciou a aula foi a colega com a explicação do que eram os meios de transporte terrestres e dos vários transportes existentes dentro deste grupo.

Esta matéria foi abordada através de um *Powerpoint* que continha várias imagens sobre o que ia sendo falado.

Após a aula da minha colega, foi a vez do meu colega que falou da evolução dos meios de transporte marítimos e fluviais explicando a diferença entre estes. Para abordar estes conteúdos, usou um *Powerpoint* com imagens reais dos meios de transporte que explorava, concluindo a sua aula com uma ficha formativa/informativa.

De seguida a professora da sala entregou umas fichas de Matemática que os alunos tinham que corrigir o que estava mal, passando, a seguir, no quadro algumas operações para que os alunos as fossem resolvendo à medida que iam acabando a correção da ficha dada.

Inferências e Fundamentação teórica

Ao ler a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), reparei que no bloco alusivo à descoberta das inter-relações entre espaços, no item dos meios de comunicação referente ao 3.º Ano os alunos têm que “investigar sobre a evolução dos transportes” (p.121), fazendo isto parte dos objetivos propostos pelo Ministério da Educação para esta faixa etária.

Nesta aula os meus colegas fizeram isto mesmo, pois ao trabalharem este conteúdo de uma forma lúdica e interativa, mostrando imagens, motivaram os alunos e envolveram-nos muito mais no conteúdo que tencionavam que estes adquirissem.

6 de maio de 2011

A aula foi iniciada com a distribuição de alguns trabalhos, já corrigidos pela professora, pelos alunos com a finalidade destes realizarem as correções necessárias. Estes trabalhos foram distribuídos por dois alunos à restante turma.

Já com os trabalhos em cima da carteira a professora teve uma conversa com estes sobre as notas de Inglês e sobre o comportamento desajustado dos alunos nas aulas de Inglês.

Terminada a conversa a aula prosseguiu normalmente, contudo, como hoje foi dia de provas de aferição dos alunos do 4.º Ano, duas das nossas colegas que estão no 4.º Ano vieram para a nossa sala, pois não podiam estar na sala a assistir à prova dos meninos.

Ainda nesta sequência, e devido às provas o horário dos alunos sofreu uma alteração no que se refere há hora do intervalo na manhã, sendo este efetuado às 10h45m, 15 minutos antes do previsto.

Os alunos realizaram uma avaliação de tabuada e de operações

Neste instante um dos alunos estava mal sentado e a professora corrigiu. O aluno não gostou de ser corrigido pela professora e respondeu-lhe de uma forma brusca. A professora chamou-o junto a si e fê-lo pedir desculpa e ver que estava

errado e que não se deve responder daquela forma a uma professora nem a ninguém mais velho.

Quando a professora verificou que a maioria dos alunos já tinha terminado a avaliação da tabuada e das operações, continuou a aula com a avaliação da cópia do texto “A presa do tempo” do manual deles.

Após o recreio da manhã os alunos fizeram um ditado do texto copiado, sendo este para a avaliação.

Ao meio dia foram almoçar, modificando assim o seu horário.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje o que mais me alarmou nesta aula foi a repreensão que a professora fez a um dos alunos da turma por este estar mal sentado e por não ter a postura mais correta na sala de aula.

Na minha opinião, e nós enquanto estagiária somos muitas vezes chamadas a atenção sobre a postura dos alunos, a professora fez bem em tê-lo chamado à atenção. Mas não foi isto que focou a minha total atenção, mas sim o facto de o aluno ter reagido mal à correção que a professora lhe tinha acabado de fazer e ter respondido mal.

Perante esta situação de conflito, que surge inevitavelmente quando existe uma relação social, como salientam Carita e Fernandes (1997) “...o conflito é aí algo de incontornável, uma expressão de vida, que se deve de esperar que ocorra.” (p. 116), pois as nas relações interpessoais nem sempre estamos de acordo com a repreensão do outro. Foi o que aconteceu, pois o aluno reagiu mal por não estar de acordo com o que a professora estava a dizer.

Contudo penso que a professora agiu da forma correta, quando o chamou para junto de si e o repreendeu mais à parte e não em frente a toda a turma. Neste sentido, a professora foi uma boa mediadora de conflitos, pois, como afirmam os mesmos autores anteriormente referidos “...o confronto com o conflito numa perspectiva de confiança na resolução do mesmo...” (p. 122) é em muitos casos a maneira mais assertiva de o resolver.

9 de maio de 2011

A manhã não começou da forma habitual. A professora da sala não esteve presente e por isso a turma esteve a nosso cargo quase até às 10h da manhã. Contudo a professora da sala do lado vinha à nossa sala passar alguns exercícios de Matemática, que consistiam na execução de operações.

Finalizada a resolução dos mesmos, nós fizemos a correção destes no quadro com os alunos.

Após a correção a professora da outra sala voltou à nossa sala para passar mais exercícios no quadro. Os alunos permanecerem na sala a trabalhar até chegar o professor de apoio à sala.

Quando este chegou à sala fez a correção dos exercícios existindo alguma confusão/insegurança, por parte do professor, perante as equivalências entre as medidas de área e as medidas agrárias.

Quando quase todos os alunos já tinham terminado o seu trabalho, o professor passou mais uma situação problemática.

Mais uma vez fez a correção no quadro apresentando de duas formas diferentes de resolução do problema. A primeira forma foi apresentada por cálculos e a segunda através de um esquema. No que diz respeito ao esquema o docente realizou mal a explicação, pois o esquema efetuado não ilustrava bem a questão.

Depois do intervalo os alunos realizaram a prova de aferição de Língua Portuguesa do 4.º Ano referente a este ano letivo.

Inferências

Neste dia senti uma grande responsabilidade ao estar à frente desta turma durante o tempo em que a professora esteve ausente. É importante salientar que não estive sozinha este tempo, pois a minha colega também esteve presente.

Hoje foi mais uma “prova de fogo”, ao estarmos sozinhas com a turma, pois uma coisa é darmos aulas e estar à frente da turma, com a professora da sala presente, outra coisa é estarmos sozinhas a controlar a disciplina e o trabalho dos alunos.

Com esta nova experiência pude observar melhor e sentir como é estar de facto à frente de uma turma, liderá-la e conduzi-la no seu trabalho. Pude também constatar como o diálogo com os alunos é importante no domínio da disciplina.

10 de maio de 2011

A aula foi iniciada com a correção, no quadro, dos desafios escolares de Matemática.

De seguida os meus colegas do 2.º Ano deram aula sendo que esta foi começada pelo meu colega, na qual ele abordou a agricultura. Para iniciar a aula vestiu-se de agricultor e foi questionando os alunos para que eles chegassem ao tema da aula. Contudo, assim que os alunos descobriram o tema ele não continuou como se fosse um agricultor perdendo esse disfarce ao longo da aula.

O meu colega usou como suporte para a sua aula um *Powerpoint* de forma a ilustrar o que ia falando. Ele deu a noção de horta urbana através de um vídeo que se referia a uma notícia explorada num noticiário nacional.

Na sua aula existiram momentos de alguma instabilidade, pois não foram impostas regras para o decorrer da aula. Terminou a aula dando a cada aluno uma semente para que cada aluno a semeasse com os seus pais num vaso em casa.

Após esta aula foi a vez da minha colega dar aula. Esta aula foi sobre a pecuária e foi dada em grupo e através de um *Powerpoint* que continha imagens sobre o tema.

Todos os conceitos sobre este tema foram bem abordados e explorados, tendo uma linguagem correta e adequada à faixa etária. Para finalizar a sua aula realizou uma atividade, em grupo, de consolidação dos conteúdos adquiridos, entregando primeiro o material e só depois explicando o que queria fazer com os alunos, o que provocou alguma instabilidade na turma.

Concluiu a aula com a correção do trabalho feito pelos alunos, mas esta foi difícil porque os vários grupos exploraram animais diferentes.

Inferências e Fundamentação teórica

Ao observar a aula da minha colega, detive-me num pensamento que se refere à organização da sua aula. A aula não estava mal organizada, não é isso que pretendo referir, mas quando colocou os alunos para trabalharem em grupo, não explicou logo o que pretendia com o trabalho de grupo, mas, sim, entregou primeiro o material.

No meu ponto de vista esta não foi a melhor estratégia, até porque suscitou logo um burburinho e uma agitação na turma. Claro que não escutaram nada do que ela explicou, pois estiveram a brincar com o material. Isto fez com a indisciplina se instalasse por vários momentos, momentos estes que foram complicados de gerir pela minha colega.

Não quero de modo nenhum transparecer que não devem ser feitos trabalhos em grupo na sala de aula, antes pelo contrário, sou a favor deles, até porque fomentam várias competências e valores nos alunos que os realizam.

Pato (1995) refere isto mesmo, que

a verbalização do pensamento imposto pelo trabalho de grupo e, particularmente, pela necessidade de clarificar ideias, desmontar raciocínios, tirar dúvidas ou ajudar o colega com dificuldades de aprendizagem, é, por si só, um contributo muito enriquecedor para o desenvolvimento de capacidades de raciocínio e de comunicação. (p.28).

A única coisa que modificava era entregar o material depois de ter explicado o que queria que eles fizessem, até, porque neste caso era bastante fácil, bastava pegar

no material e, à medida que explicava a atividade, mostrava-lhes o material. Desta forma tinha evitado a confusão que se instalou na sala.

13 de maio de 2011

Esta manhã começou com uma ficha de Matemática, em que foram consolidadas as reduções de algumas unidades de medida, assim como as operações da multiplicação e da divisão.

Após o intervalo os alunos trabalharam Língua Portuguesa, contudo eu não estive na sala pois estive a conversar com a diretora do Jardim-Escola sobre assuntos da prática pedagógica.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje não estive presente na sala de aula durante a aula de Língua Portuguesa, porque estive a conversar com a directora do Jardim-Escola sobre uma aula que vou dar nesta turma, e sobre a qual não tinha ideia nenhuma de como ligar todos os temas que me foram propostos lecionar. Desta forma, estive com esta professora, para tentar, com a sua ajuda, encontrar uma forma lúdica, diferente e divertida, para abordar todos os conteúdos que me propunha abordar.

Neste sentido, encontro aqui, mais uma vez, a importância do supervisor de estágio, pois como refere Alarcão e Roldão (2008) “o supervisor é *alguém que se preocupa em me ajudar a crescer como professora, (...) alguém que influencia o processo de socialização, contribuindo para o alargamento da visão de ensino (para além de mera transmissão de conhecimentos)...*” (p. 54), sendo por isso, importante a sua existência no nosso processo de formação e aprendizagem de práticas docentes.

16 de maio de 2011

Hoje a manhã foi iniciada com a correção de trabalhos mal formulados pelos alunos. De seguida foram corrigidos os desafios escolares de Matemática, sendo estes seguidos da elaboração de algumas situações problemáticas, que foram passadas no quadro e cada aluno reproduziu para a sua folha.

Após o intervalo foram corrigidos os desafios escolares de Língua Portuguesa. Terminada esta correção, a professora introduziu matéria nova. Esta matéria prendia-se com a área da gramática, mais precisamente com os tipos de sujeito. Esta nova matéria foi abordada na oralidade, através de um diálogo com os alunos e captando o que sabiam sobre o assunto. Porém, como auxílio os alunos tinham uma pequena ficha informativa sobre o que estava a ser tratado em sala de aula.

Para concluir e consolidar o que havia sido dado os alunos concretizaram exercícios, seguidos de um ditado de frases.

Inferências e Fundamentação teórica

Ao longo destes dias tenho vindo a observar que os alunos fazem muitas propostas de trabalho.

No presente dia de estágio parece-me importante falar sobre isto, uma vez que, na minha opinião acho que o facto de serem dadas aos alunos muitas propostas de trabalho não os vai motivar.

Balancho e Coelho (1996) referem que “ se (...) as propostas de trabalho forem apresentadas como meios de chegar a metas longínquas ou exteriores ao próprio individuo, elas tornar-se-ão imediatamente desmotivadoras.” (p. 40), fazendo com que os alunos se desinteressem pelo que estão a aprender e que as façam com um sentimento de peso e de chatice.

Penso que o exagero em dar propostas de trabalho vai contribuir para isto mesmo. Isto faz-me pensar que seria muito melhor trabalhar determinados conteúdos, ou mesmo a revisão destes, através de outras estratégias.

Assim, o dia de hoje serviu para me alertar sobre este facto e sobre não o querer fazer no futuro como docente, pois tenciono que as minhas aulas sejam motivadoras, pois como ressaltam Balancho e Coelho “se os projectos operativos, propostos pelo professor, estimularem os interesses e as necessidades do aluno, a receptividade será, logo à partida, muito maior.” (p. 40), sendo desta forma muito mais fácil e motivador para as crianças trabalharem.

17 de maio de 2011

A manhã começou de uma forma diferente, pois a professora titular não estava ficando a turma a cargo da professora de expressão plástica. Desta forma iniciaram a manhã com expressão plástica dando continuidade a um trabalho já começado com sabão. Este trabalho prendia-se com a escultura do sabão numa figura que os alunos inventassem.

Os alunos tinham como objetivo terminar de esculpir sabão, sendo que cada um deles trabalhava individualmente.

Durante este tempo a postura adotada pela professora não foi a mais correta, pois nem sempre a linguagem foi a mais adequada à sala de aula.

Por volta das 10h o professor de apoio veio para a sala, onde os alunos fizeram a avaliação de exercícios gramaticais e ditado de palavras.

Depois do recreio, a professora da sala já estava presente e os alunos trabalharam alguns exercícios de Matemática, sendo estes mais destinados às operações e à leitura de medidas por classe.

Inferências e Fundamentação teórica

No dia de hoje quero destacar a importância da expressão plástica na formação dos alunos e no seu desenvolvimento cognitivo e educacional.

A expressão plástica, segundo Sousa (2003), tem como principal objetivo o "...ensino da arte, considerando como tal o ensino de técnicas de desenho, de pintura, de escultura, etc., com a intensão táctica da produção de obras de arte." (p. 160), como foi o caso da aula de hoje, em que os alunos tiveram oportunidade de esculpir o sabão e dar asas à sua imaginação e à execução das técnicas que aprenderam anteriormente.

No meu ponto de vista a expressão plástica é cada vez mais importante na educação das crianças e na formação de futuros adultos mais conscientes e autónomos, pois tudo o que esta expressão manifesta nas crianças permite, que cada uma delas se desenvolva de uma forma mais autónoma, tornando-se no futuro um melhor cidadão e um cidadão mais autónomo.

Quero com isto dizer, como afirma Sousa (2003), que "o acto de modelar efectua a catarse de muitas tensões da psicologia profunda da criança, conduzindo-a a um estado de calma e de segurança que é contestável logo após alguns minutos de ter começado a modelar." (p. 255).

20 de maio de 2011

A manhã iniciou-se como habitualmente, com a correção de alguns trabalhos já formulados, mas que se encontravam com erros.

Posteriormente, os alunos realizaram uma cópia, para a avaliação, da letra de uma música dos Clã, intitulada "Embeçados". Esta cópia não foi elaborada como habitualmente é, pois esta estava projetada no quadro interativo para que todos a copiassem do mesmo suporte.

Concluída a cópia, foram distribuídas pelos alunos a letra da música, acima referida, com algumas lacunas, sendo feito um ditado musical para que estes preenchessem as lacunas.

Após o intervalo foi momento para mais uma avaliação, esta destinada à leitura de números. Terminada a avaliação, foi feita a correção da mesma oralmente.

Inferências e Fundamentação teórica

No dia de hoje o que me parece importante salientar é a interdisciplinaridade que foi realizada nesta aula com a música.

O ditado já de si é um momento importante para os alunos, pois é através dele que o docente consegue visualizar se os alunos estão bem a nível ortográfico.

Contudo, um ditado realizado através de música não só desperta o docente para os erros ortográficos, mas também o reporta para algo mais profundo, pois poderá observar se o aluno consegue ou não captar o que lhe é dito a nível oral. Claro que isto também é observado quando o ditado é feito normalmente.

Além disto, como referi no início a interdisciplinaridade com a música parece-me uma estratégia muito boa, sobretudo a nível da Língua Portuguesa, pois os alunos trabalham, quase sempre, esta área através de métodos tradicionais, como salienta Sim-Sim (2001) “a leitura em voz alta, a resposta oral e escrita a questionários, a produção e recitação de textos, a exposição oral e a resolução de “fichas” são atividades referidas com maior frequência de ocorrência.” (p.19), sendo então necessário diversificar as estratégias de aprendizagem da Língua Portuguesa, para motivar os alunos na sua aprendizagem.

Com esta estratégia foi notória a motivação dos alunos e o seu empenho na realização do ditado. Abrantes *et al.* (2002) refere que “a motivação condiciona a forma de pensar e com ela a aprendizagem escolar.” (p. 87), estimulando os alunos na sua aprendizagem e no melhoramento desta.

23 de maio de 2011

Reunião na Escola Superior de Educação João de Deus para a avaliação do terceiro momento de estágio.

Inferências e Fundamentação teórica

Mais uma reunião de prática pedagógica para avaliar mais um dos momentos de estágio vivido por todos os estagiários do mestrado.

Estas reuniões são sempre momentos relevantes para os estagiários, e para mim também, pois é muitas vezes nas críticas feitas aos colegas e a mim mesma, e nos conselhos dados, que vou buscando atributos para melhorar a minha prática de futura docente.

Contudo, nem sempre o fruto dado por estas reuniões é o melhor, pois em muitos casos, como refere Mestre (2002) “...se a avaliação da prática pedagógica se centra na eficácia, o futuro professor tem tendência para agir mais de acordo com a avaliação que será feita do que em função daquilo que, em consciência, pensa que

deveria ser realizado.” (p.75), podendo em muitos casos condicionar o pensamento do futuro professor e a sua prática.

Não quero com isto afirmar, que não devemos escutar as orientações que nos são dadas por quem sabe mais que nós, não é isso. Apenas penso que em alguns momentos a avaliação é tão incisiva em determinados pontos, que depois, nós enquanto futuro professores, caímos no erro de nos guiarmos na plenitude pelo que nos é dito, não aplicando algumas estratégias em sala de aula.

24 de maio de 2011

Hoje a professora da sala não esteve presente estando com os alunos a professora de Expressão Plástica com eles até ao intervalo da manhã. Por este motivo o horário foi alterando, tendo os alunos Expressão Plástica logo de manhã.

Nesta aula os alunos trabalharam com o sabão, de forma a concluírem os seus trabalhos já começados anteriormente, contudo durante a aula a professora alertou os alunos para o comportamento manifestado, intimidando que se estes não se portassem bem, faziam uma ficha de Matemática.

Após o intervalo veio para a sala o professor de apoio que trabalhou com os alunos a área da Matemática, através de operações.

Um pouco antes do almoço, a professora da sala chegou, e concluiu o trabalho começado pelo professor, terminando assim a manhã com a correção das operações elaboradas. Esta correção foi feita no quadro pelos alunos.

Inferências e Fundamentação teórica

Já não é a primeira vez que vejo os alunos a realizarem a correção do trabalho que fizeram individualmente no quadro.

Considero que esta estratégia é importante, pois os alunos ao irem ao quadro corrigir o seu trabalho, permite que o professor tome consciência se o aluno o realizou bem e, caso não o tenha realizado bem, permite-lhe logo atuar e tentar perceber o porquê do aluno ter falhado na resolução daquela questão, tento ajudá-lo e levá-lo à resposta correta, logo no momento.

Segundo Sanches (2001) “a pedagogia do erro é uma ótima estratégia para transformar um erro numa situação dinâmica de aprendizagem...” (p. 60-61), por isso o facto de um aluno ir ao quadro fazer a correção de um determinado exercício, ainda contribui para que o professor fomente a pedagogia do erro, e leve o aluno à melhor aprendizagem do exercício, podendo e devendo transformar o erro num momento numa nova aprendizagem.

Neste sentido, o professor, ao dinamizar o erro que foi cometido pelo aluno no quadro, vai mostrar-lhe que não há problema nenhum em errar, fazendo desta forma com que o aluno não tenha medo de ir ao quadro resolver qualquer questão.

27 de maio de 2011

Hoje foi o primeiro dia em que dei aula nesta sala, sendo o tema desta a indústria. Comecei a aula com a área de Língua Portuguesa, onde entreguei um texto em poesia aos alunos, e fiz a leitura modelo do mesmo. Após eu ter lido, alguns dos alunos realizaram a leitura sendo esta seguida de uma breve interpretação do texto e análise morfológica.

Através deste texto parti para as características da poesia, conteúdo que se pretendia abordar nesta aula.

Terminada a aula de Língua Portuguesa passei para a aula de Estudo do Meio, onde falei com os alunos sobre a indústria, entregando-lhes antes, um mini caderno com algumas informações sobre o tema, e no qual eles tinham que ir completando os espaços em branco, que existiam ao longo do caderno, com algumas informações fornecidas no *Powerpoint* que eu tinha como apoio à aula.

Concluí a minha manhã com alguns problemas de raciocínio lógico. Estes problemas iam sendo introduzidos na aula à medida que eu queria, para que todos os alunos os resolvessem ao mesmo tempo, e que também eu pudessem ir resolvendo com eles.

Inferências e Fundamentação teórica

No decorrer desta aula de Língua Portuguesa o que pretendi desenvolver nos alunos foi o contacto com a poesia e as suas características. No que se prende com a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), no bloco da comunicação escrita, relativo ao 3.º Ano encontramos como sob tópico a comunicação escrita que visa desenvolver o gosto pela escrita e pela leitura. Neste sob – tópico um dos pontos aqui salientado é levar os alunos a “ouvir ler e ler narrativas e poemas de extensão e complexidade progressivamente alargadas.” (p.152), bem como “ler e interpretar textos narrativos e poéticos” (p.153).

Nesta aula propôs-me a cumprir isto mesmo, pois o contato com vários tipos de texto é importante para os alunos e para a sua formação. Nesta faixa etária, eu considero que seja bastante importante o contacto com a poesia, pois o texto poético transmite às crianças uma sonoridade que nenhum dos outros tipos de texto transmite.

30 de maio de 2011

Hoje foi a vez da minha colega de estágio dar aula de manhã inteira. Ela começou a aula com a área de Estudo do Meio onde falou sobre o turismo, levando os meninos a uma viagem turística por alguns lugares de Portugal, através de um *Powerpoint* com várias imagens. Assim, através disto, foi-lhes dando a conhecer o conceito de turismo e a sua importância.

Para concluir, esta viagem imaginária terminou no Teatro Dona Maria II, podendo assim fazer a passagem para a área de Língua Portuguesa que tinha como tema o teatro.

Desta forma distribuiu pelos alunos um texto teatral, fazendo a leitura modelo deste e possibilitando aos alunos fazerem eles também a leitura do mesmo.

Após a leitura solicitou a colaboração de alguns dos alunos para encenar o excerto da peça que tinha dado a cada uma deles. Foi através disto, que foi dando as características de um texto teatral e os constituintes de um teatro, como os figurinos, atores, entre outros.

De forma a consolidar o que havia referido anteriormente, concluiu esta aula com palavras cruzadas sobre o tema. Neste momento as orientadoras de estágio entraram na sala e pediram-me uma aula surpresa, de Língua Portuguesa, cujo tema foram as palavras homónimas.

Para dar este conteúdo peguei no texto abordado pela minha colega e introduzi estas palavras, explicando-lhes o que eram e quais as semelhanças entre estas palavras.

Terminada a minha aula surpresa a minha colega deu continuidade à sua aula.

Após o intervalo, deu a área de Matemática, onde abordou os múltiplos de um número, tendo como atividade de consolidação desta matéria um jogo interativo.

Inferências e Fundamentação teórica

As aulas surpresas são aulas que me assustam e me provocam um frio na espinha. Ao ver uma orientadora entrar na sala e a pedir-me para dar uma aula que não foi preparada faz-me tremer. Contudo, hoje, ao dar essa aula, não foi esse o sentimento que tive ao ouvir as orientadoras a pedir-me esta aula.

Por isso penso que é necessário refletir no porquê de termos aulas surpresa e na sua importância para nós, como futuros professores.

Mestre (2002) diz que os futuros professores "...devem passar por uma fase de observação de situações pedagógicas, seguidas de análise crítica, por forma a permitir-lhes identificar aspectos positivos e negativos, aprofundando os conceitos antes de pô-los em prática." (p.69).

Eu concordo com o que refere Mestre, pois nós temos que observar antes de praticar. Mas mais importante que observar o que os outros fazem é observar e pensar no que nós mesmo fizemos e no que poderemos melhorar para tornar tudo melhor e diferente.

Por isso, e nesta linha de pensamento, considero que estas aulas são importantes, não pelo conteúdo que damos, mas pela forma como reagimos a um desafio novo e uma nova proposta de aprendizagem. E ainda, como Mestre (2002) afirma "...a supervisão centra-se predominantemente no supervisor, o qual exerce um papel preponderante no diálogo/monólogo que estabelece/dirige ao futuro professor, acerca das suas intervenções pedagógicas." (p.75), dando assim ao futuro professor direcções muito valiosas para o futuro.

31 de maio de 2011

A manhã começou com a correção individual de alguns trabalhos mal formulados. No decorrer destes fui chamada para ir assistir a uma aula surpresa de uma colega minha na sala do 4.º Ano.

Esta aula tinha como tema o volume que foi abordado através do material Cuisenaire. Cada um dos alunos dispunha de uma caixa com o material de forma a trabalhar com ele individualmente.

A aula teve um bom fio condutor, pois a minha colega começou com exercícios mais fáceis aumentando o grau de dificuldade, contudo num determinado momento foi um dos alunos que lhe propôs fazer um exercício mais complicado. Ele aceitou, interpelando o aluno para que fosse este a ditar o mesmo aos colegas.

Terminada esta aula, a professora orientadora chamou a minha colega de estágio para a nossa sala e foi-lhe proposto dar uma aula de Matemática, com os Calculadores Multibásicos, em que tinha de abordar a leitura de números.

Concluída a aula, os alunos retomaram a prova que estavam a fazer sobre situações problemáticas, e nós fomos para a reunião de avaliação das aulas assistidas.

Findada a reunião voltámos à sala, onde os alunos estavam a trabalhar matéria nova de Língua Portuguesa, sendo esta: as palavras homónimas, homófonas, homógrafas e parónimas. Para consolidar estes novos conceitos realizaram uma proposta de trabalho. Durante este tempo, eu e a minha colega estivemos a fazer a avaliação das aulas já dadas com a professora da sala.

Inferências e Fundamentação teórica

Nesta manhã o que me chama a atenção foi uma atitude de um aluno na aula surpresa da minha colega. No decorrer da aula um dos alunos da turma solicitou-lhe que ela fizesse um exercício com o material que estavam a usar na aula.

Na minha opinião é importante esta participação dos alunos na aula e na sua formação da aprendizagem, quero com isto dizer, que como Pato (1995) afirma "...o aluno é agente activo da sua própria aprendizagem." (p.9), sendo ele o principal agente da mesma, dando uma contribuição fantástica para que este processo seja feito de forma positiva ou negativa.

Claro que não é só o aluno o único agente no processo de ensino aprendizagem, pois o professor também é o responsável e o orientador deste processo. Desta forma, como destaca Pato (1995) "o professor tem que recorrer (...) a pedagogias diferenciadas que perspectivem a progressão individual dos alunos, num contexto educativo e sócio - cultural..." (p.9), levando os alunos a desenvolver mais a sua capacidade cognitiva.

3 de junho de 2011

O dia começou com exposição das notas da prova de avaliação de Matemática e a correção de alguns exercícios da mesma que estavam incorretos e que foi um erro constante para a maioria dos alunos.

Terminada esta tarefa foi realizada a interpretação de um texto por escrito. A leitura do mesmo foi feita pela professora da sala, sendo posteriormente lido por alguns alunos.

Eu e a minha colega de estágio estivemos a ajudar alguns dos alunos com mais dificuldades na realização deste trabalho, para que conseguissem entender melhor as questões colocadas acerca do texto.

Quando já quase todos os alunos tinham terminado o trabalho, a professora pediu para que passassem o sumário da Língua Portuguesa do respetivo dia. Neste momento apercebeu-se que um dos alunos tinha os sumários de todas as disciplinas em atraso, ficando este durante todo o intervalo a colocá-los em dia.

Após o intervalo a professora fez o ditado do texto trabalhado, passando algumas situações problemáticas, que os alunos resolveram quando terminaram o ditado.

Inferências e Fundamentação teórica

A leitura modelo é bastante importante para os alunos, pois muitas vezes é através desta leitura que os alunos com mais dificuldades compreendem o texto. Sim-

Sim (2009) afirma que “ler é compreender o que está escrito.” (p.9), e desta forma não é apenas ler as palavras que estão escritas.

Também é através da leitura proferida pela professora que os alunos vão projectar a sua leitura individual. Quero com isto dizer, que os alunos buscam no docente uma fonte imitadora e de orientação, até na forma clara de leitura e na dicção realizada pela professora, sendo esta um exemplo.

6 de junho de 2011

Esta segunda-feira começou com revisões para a prova de Língua Portuguesa do 3.º período. Os alunos começaram por fazer a conjugação do verbo “cantar”, nos modos Indicativo e Condicional, sendo estes exercícios copiados do quadro para a folha diária.

Posteriormente fizeram a correção dos desafios escolares de Língua Portuguesa, que tinham como objetivo servir de revisões para a prova mencionada anteriormente. Contudo nem todos os alunos fizeram os desafios escolares, o que fez com que a professora os chamasse à atenção para a importância dos mesmos e da realização destes.

Terminada a correção, que foi realizada oralmente, os alunos concluíram a revisão com a análise sintáctica de uma frase.

Mais uma vez, o aluno que tinha os sumários em atraso, ficou dentro da sala durante o intervalo, mais ou menos 15 minutos.

Seguido ao intervalo foi introduzida matéria nova na Matemática, sendo dada a subtração com números complexos. Desta forma, a matéria foi explicada a toda a turma no quadro, sendo que cada aluno tinha um apontamento, que podia ir consultando à medida que a professora ia explicando tudo.

De forma a consolidar esta matéria, a manhã foi terminada com a resolução de exercícios da mesma e com a respetiva correção.

Inferências e Fundamentação teórica

No dia de hoje o que mais me chamou a atenção foi a professora ter colocado um aluno de castigo durante quase todo o tempo de intervalo.

Eu, por um lado, concordo com a atitude da professora, pois se o aluno fez algo mal feito deve de ser punido para que possa compreender que fez mal.

Neste sentido, também segundo Jesus (2003) afirma que “...a punição é entendida como a utilização de consequências indesejadas pelo aluno, depois de este ter manifestado um comportamento considerado inadequado pelo professor, procurando diminuir a probabilidade de ocorrência desse comportamento.” (p. 23).

Até este ponto não discordo com o que fez a docente. Porém não concordo com o facto de o aluno não ter tido direito ao seu recreio da manhã, pois é um momento de relaxamento da manhã de aulas e de descontração. É neste momento que os alunos podem desanuviar a tensão acumulada durante as aulas. Este menino ao ter estado na sala de aula ,não o fez e por isso, não considero que esta punição tenha sido a mais adequada.

7 de junho de 2011

A manhã hoje começou na sala do 1.º Ano com uma aula programada, em que uma das orientadoras de estágio esteve presente.

Esta aula tinha como tema os anfíbios, contudo a aluna começou com a área de Língua Portuguesa, com a leitura de um texto, em que este continha alguns animais, assim como a rã, estando este orientado para abordar as palavras onomatopaicas.

Foi através deste texto que toda a aula se desenrolou.

Durante a aula de Língua Portuguesa a minha colega leu o texto, fazendo a leitura modelo, e de seguida pediu a alguns dos alunos para o lerem.

Terminada a leitura dos alunos foi feita uma interpretação do texto, sendo esta muito breve.

Concluída a área de Língua Portuguesa passou para Estudo do Meio através da montagem de um puzzle, onde a figura nele existente era uma rã. Nesta aula falou da rã, das suas características, tendo como suporte um *Powerpoint* com imagens e girinos e rãs verdadeiras que ilustravam a evolução desta. Contudo estas amostras vivas foram apenas mostradas a uma parte da turma.

Terminou a sua aula com Matemática, onde elaborou um itinerário com o material Cuisenaire, tendo como ajuda para os alunos um itinerário grande colocado na parede.

Depois de concluída a aula foi o momento de fazer a reunião de avaliação da aula, voltando depois para a minha sala onde os alunos se encontravam a terminar a prova de Língua Portuguesa.

Após o intervalo foram feitas revisões para a prova de Matemática.

Inferências e Fundamentação teórica

Nesta manhã de estágio o que pretendo salientar é o facto de eu ter ido assistir à aula avaliada da minha colega no 1.º Ano.

Já referi anteriormente, em outras inferências, a importância da prática pedagógica, contudo hoje penso que será importante referir que esta, além de ser importante, é necessária para a melhor formação do futuro docente.

Além disto é necessário que esta seja pensada e planificada, como refere Peterson (2003) dizendo que “a prática pedagógica deve ser uma atividade planificada, sistematizada, faseada e consciente que o aluno realiza sob a orientação do professor formador com vista à aquisição de hábitos, habilidades e competências conducentes ao exercício docente.” (p. 67).

Assim, esta aula planificada e avaliada por uma das nossas orientadoras é de extrema importância para a nossa formação inicial, pois é através destas aulas e da orientação do professor formador que nós ascendemos na nossa formação inicial.

14 de junho de 2011

Hoje as alunas do 2.º Ano que estão na nossa sala deram aula sobre a bússola e a sua construção.

Iniciaram com a turma em grupo e começaram por explicar o que é uma bússola e qual a função da rosa-dos-ventos.

Entregaram à turma algumas bússolas, para que os alunos as pudessem ver e manuseá-las.

Após toda a explicação feita os alunos construíram bússolas com o material cedido pelas minhas colegas, contudo na maioria dos casos, foram elas próprias a construir as bússolas e não os meninos.

Terminada a aula os alunos realizaram uma avaliação de operações de Matemática.

Concluído o intervalo da manhã a professora realizou a correção dos desafios de Estudo do Meio, que tinham como objetivo servir de revisão para a prova desta mesma disciplina.

Desta forma, terminada a correção dos desafios escolares os alunos fizeram revisões para a prova através de questões passadas no quadro.

Inferências e Fundamentação teórica

Refere a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), referente à área de Estudo do Meio, no bloco 5, designado – à descoberta dos materiais e objectos – que o programa incentiva a que os alunos façam a exploração de vários materiais que utilizam no seu dia a dia e que possam verificar em sala de aula a sua utilidade e o seu manuseamento.

No que se refere ao 3.º Ano de escolaridade, mais concretamente ao manuseamento de objectos em situações concretas, este programa menciona que o aluno deve “conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização e conversação”, bem como “reconhecer a importância da leitura das instruções e/ou normas de utilização” (p. 125), de qualquer material.

Desta forma, a aula de hoje das estagiárias do 2.º Ano, tentou proporcionar aos alunos, isto mesmo, pois com o manuseamento da bússola e a explicação da sua utilização e da sua utilidade, fez com que os alunos adquirissem mais conhecimentos sobre esta e atingissem assim os objetivos propostos pelo Programa de Estudo do Meio.

Ainda é de referir, que o facto de terem efectuado cum experiência com a bússola também lhes permitiu desenvolver outras competências inscritas neste programa e já referidas anteriormente.

17 de junho de 2011

Esta manhã começou com a prova de História de Portugal.

Concluída a prova, eu dei aula sobre o Sistema Solar e os seus constituintes. Iniciei a aula com Língua Portuguesa, onde trabalhei com os alunos um texto relacionado com o tema. Desta forma fiz a leitura modelo solicitando depois, a alguns alunos que lessem o texto.

Terminada a leitura realizei algumas questões de interpretação do texto, bem como de análise gramatical.

Neste sentido, através da análise morfológica de algumas palavras, após o intervalo, fiz uma breve revisão sobre os graus dos adjetivos, tendo como suporte um Powerpoint.

Finalizada a revisão os alunos fizeram uma ficha de trabalho de forma a consolidar a matéria. Esta foi seguida pela abordagem ao tema do Sistema Solar, já na área de Estudo do Meio, o qual também foi feito através de um *Powerpoint*.

Do mesmo modo, que em Língua Portuguesa, os alunos consolidaram a matéria revista através de uma proposta de trabalho, sendo desta forma concluída a aula.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje, ao dar mais uma aula nesta turma, aula esta que foi lecionada com o intuito de fazer uma maior aprendizagem da prática docente, levou-me a refletir sobre a minha condição de estagiária de querer aumentar a minha formação e a minha prática ao lecionar uma aula que não me era imposta.

Eu considero que quanto maior é a prática e a estimulação a esta, melhor será o meu trabalho e as minhas aulas no futuro. O facto de querer praticar mais só me traz mais benefícios, pois como refere Peterson (2003) “não existem indivíduos nascidos professores. Não existe um professor predestinado e possuidor de capacidades pedagógicas inatas. É preciso um conjunto de exercícios ou de aprendizagens para se tornar um bom professor.” (p.67).

Assim para me tornar uma boa profissional, com uma boa aquisição de conteúdos e estratégias de ensino, que me permitam ser cada vez melhor na minha profissão, é necessário que continue a adquirir um conjunto de aprendizagens.

20 de junho de 2011

Hoje foi marcado por mais uma aula minha de manhã inteira. Esta aula foi diferente, pois foi uma aula dada com o intuito de fazer revisões sobre os conteúdos já aprendidos em Língua Portuguesa e Estudo do Meio, por isso foi uma dada quase sempre em grupo.

Iniciei a manhã com a explicação das regras do jogo e com a elaboração de equipas. Este iniciou, na rua, onde os alunos tinham de procurar alguns envelopes correspondentes à sua equipa, como é possível observar através da figura 10.



Figura 10 – Crianças no recreio em busca das pistas do jogo

Cada um dos envelopes continha uma palavra que, em conjunto com as outras, formavam um conjunto de palavras-chave que pretendiam levar os alunos ao tema de cada grupo.

Depois disso, cada grupo reuniu-se e tentou chegar ao tema que lhe tinha sido atribuído. Na sala de aula procedeu-se ao jogo de Estudo do Meio, em que eu fazia questões aos grupos e quem acertasse recebia pontos e os que errassem perdiam pontos. Este jogo foi feito com cartões que continham toda a matéria do 3.º Ano.

Na Língua Portuguesa foi explorado um texto sobre ovnis, no qual existiam algumas imagens a substituir palavras. Para realizar a interpretação do texto foram usadas cartas com perguntas.

Na Matemática explorei cálculo da área do triângulo. Introduzi esta matéria através de um *Powerpoint* e à medida que lhes ia explicando fui-lhes dando figuras geométricas que estes tinham que decompor para chegar ao cálculo da área do triângulo, como nos mostra a figura 11.

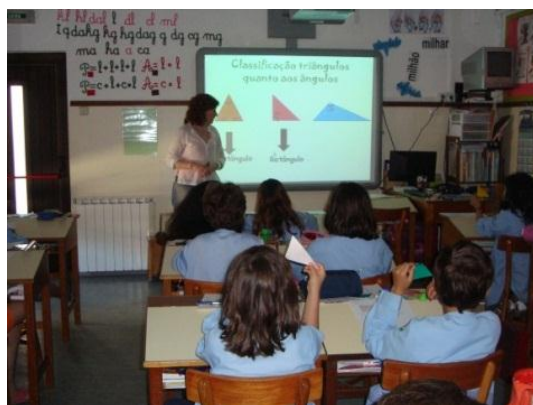


Figura 11 – Aula de Matemática sobre área do triângulo

Inferências e Fundamentação teórica

O jogo, como já referi numa inferência referente ao 1.º Ano, no dia 10 janeiro 2011 é sempre uma forma de aprender. Mas não é um aprender apenas sentado na carteira da escola a olhar para um quadro ou apenas para o caderno escolar.

A criança quando joga aprende a aprender, quero com isto dizer que, os alunos são orientados por regras, que os ensinam para que possam aprender melhor e que têm que se reger por essas regras para que tudo funcione bem.

Contudo, não é a aprendizagem de um determinado conteúdo, ou conteúdos no caso desta aula, que o jogo pretende desenvolver. Segundo Moeira e Oliveira (2004)

... os jogos desempenham um papel primordial nos processos de socialização dos mais novos e no desenvolvimento da cognição, de atitudes, emoções e mesmo na manipulação, sendo fundamentais para a iniciação das crianças no saber cultural do grupo e na sua forma de entender o mundo. (p.63).

Além disto, o jogo fomenta a relação entre os pares e faz com que se instale o respeito entre estes e desenvolve a relação pedagógica de uma forma diferente entre o professor e os alunos. Neste sentido, a realização do jogo em grupo o que promove tudo isto, como garante Pato (1995), dizendo que “é necessário que cada aluno ouça

atentamente o que é dito pelos colegas, peça de imediato esclarecimentos quando não compreende e conteste, argumentando quando não está de acordo.” (p.49), estimulando nos alunos a sua capacidade de integração e de argumentação, que é fundamental nesta idade e nestes contextos de sala de aula.

21 de junho de 2011

O dia de hoje foi marcado pela ausência da professora da sala, que se ausentou até ao final do ano letivo devido a problemas de saúde.

Neste sentido a turma ficou a cargo do professor de apoio até ao final do ano.

Durante esta aula realizaram a leitura e interpretação de um texto, sendo esta última feita por escrito.

Depois do intervalo foram feitos exercícios de Matemática, nomeadamente a interpretação de um gráfico.

Inferências e Fundamentação teórica

Ao longo de todo este estágio tenho vindo a reparar que a leitura e interpretação de textos é um processo frequente na prática do ensino da Língua Portuguesa. Não discordo com esta prática/técnica de ensino, mas penso que o professor deveria começar a modificar alguns destes pontos e alterar as suas estratégias relativamente a isto.

Bem sei que, no que se prende com a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), referente ao bloco 2 da comunicação escrita, para o 3.º Ano uma das competências a desenvolver no gosto pela escrita e pela leitura é levar os alunos a “ler e interpretar textos narrativos e poéticos” (p. 153). Contudo penso que isto pode ser feito através de outras estratégias que não o papel e o lápis.

Sim-Sim (2001) salienta que o “...material usado pelos professores no ensino da língua, (...) continua a ser o tradicional...” (p.20), o que a meu ver não traz motivação para os alunos.

24 de junho de 2011

No dia de hoje estavam apenas 10 alunos, pois no dia anterior foi feriado e foi dia de *roulement*.

A minha colega deu aula e esta foi organizada em três grupos. Cada grupo tinha que responder a várias questões para ganhar pontos e imagens de vários reis.

Aquando da entrega destas imagens os alunos tinham que as colar numa cartolina que continha uma barra cronológica, tendo os alunos que ordenar os reis.

Para o jogo iam, três alunos de cada vez (um de cada equipa), lá à frente e entre eles disputavam a resposta mais difícil pois era a que valia mais pontos. Cada elemento só respondia à questão se fosse o mais rápido a carregar no botão que tinha à sua frente e se a luz acendesse. A par disto tinha de responder corretamente pois caso não o fizesse não ganhava pontos. Podemos observar o jogo através da figura 12.



Figura 12 – Jogo na aula da minha colega

Já na área da Matemática a minha colega começou por fazer uma experiência, para explicar o conceito de volume. Para a sua realização colocou algumas pedras dentro de um recipiente com água, para que vissem o nível de água subir e compreendessem melhor em que consistia o volume, e para dar solução a um problema de lógica que tinha entregado aos alunos. Concluiu a aula com o manuseamento do material Cuisenaire.

Inferências e Fundamentação teórica

Na aula da minha colega o que mais me chamou a atenção foi ela ter alterado a disposição da sala por duas vezes, como é possível verificar nas figuras acima expostas.

Numa primeira abordagem, colocou a sala disposta para que os grupos pudessem trabalhar em cooperação e em coesão, o que no meu parecer é ótimo para as crianças. Sendo que também teve em atenção ao facto destas estarem sentadas numa forma que não prejudicasse a sua visualização para o quadro.

Numa segunda abordagem, e para a realização da experiência, colocou as carteiras em forma de “U”, tendo de novo a preocupação que todos os alunos vissem o que se estava a passar naquele momento da sua aula.

Considero que estas duas estratégias foram fundamentais para o bom funcionamento e para a boa condução das aulas da minha colega.

Sanches (2001) afirma que “a organização da sala de aula tem a ver com o clima que se quer criar e o clima da aula é um dos fatores mais importantes do

desencadeamento das aprendizagens.” (p. 19), sendo esta a principal preocupação da minha colega durante o planeamento da sua aula, e da organização da mesma.

Muitas vezes nós temos medo de mudar a configuração da sala, com medo da indisciplina que possa surgir por isso, ou outras vezes com medo de arriscar em novas estratégias, mantendo a sala como a encontramos. Segundo a autora referida anteriormente “os nossos alunos e nós próprios também precisamos de ambientes diferentes e renovados: salas em U, umas vezes, salas organizadas para trabalho de grupo, salas com disposição tradicional, outras vezes.” (p. 19), pois são muitas vezes os ambientes que nos permitem renovar as nossas práticas e técnicas de ensino, conseguindo inová-las.

28 de junho de 2011

Hoje nós fomos para a sala do outro 3.º Ano, pois como os alunos já estão de férias e as duas turmas juntaram-se. Durante a manhã a professora da sala fez alguns exercícios de Matemática.

Eu e a minha colega de estágio fomos, o resto de manhã, ajudar a professora de expressão plástica nos preparativos para o jantar de finalistas do 4.º Ano.

Inferências e Fundamentação teórica

Os exercícios de Matemática, a que assisti no tempo em que estive nesta sala de aula foram exercícios de revisão e que tinham como principal objetivo levar os alunos à mecanização dos mesmos.

Nem sempre o ensino é realizado para que os alunos pensem no que estão a realizar. Em muitos casos é necessário que estes mecanizem várias estratégias de resolução de exercícios, para que depois seja mais fácil resolve-los.

Abrantes *et al.* (2002) afirma que muitas vezes as técnicas de aprendizagem “...podem ser utilizadas de forma mais ou menos mecânica sem que, para a sua aplicação, exista um propósito de aprendizagem por parte de quem a utiliza.” (p. 73-74).

Contudo há que ter em conta, que os alunos antes de iniciarem qualquer tipo de mecanização de exercícios ou de outra coisa, é preciso que antes tenham compreendido o porquê de se fazer algo.

1 de julho de 2011

Esta manhã foi passada de novo na sala do outro 3.º Ano e mais uma vez fui ajudar a professora de expressão plástica nos preparativos do jantar de finalista do 4.º Ano.

4 e 5 de julho de 2011

Durante estas manhãs de estágio os alunos estiveram a brincar no recreio do Jardim-Escola.

Inferências e Fundamentação teórica

A brincadeira faz parte da vida de uma criança e todas elas necessitam de brincar.

Segundo Moreira e Oliveira (2004) a brincadeira é entendida como "...uma atividade não estruturada que está associada a comportamentos espontâneos, isto é, atividades onde as crianças decidem por si próprias concretizar as suas ideias... (p. 61), sendo desta forma, um momento em que são elas próprias a pensar e estruturar o que querem realizar, não estando o adulto a impor nada à criança.

A brincadeira, por vezes é um momento exclusivo da criança. Pois em alguns momentos é vivido apenas por ela, contudo, noutras alturas, a criança partilha-o com os outros, estabelecendo alguns laços com os demais, que são importantes.

Além de ser importante para a criança o contato com os outros e a partilha de ideias e de brincadeiras com os seus pares, brincar assume outro papel fundamental no desenvolvimento da criança.

Cordeiro (2007) afirma que "brincar não é necessariamente sinonimo de atividade...", mas que na maioria das brincadeiras está envolvida "...a acção dos músculos, articulações e ossos, da visão, audição e percepção dos movimentos, coordenação entre o cérebro e o corpo, ou psicomotricidade." (p. 334), o que nestas idades ainda é fundamental para um melhor desenvolvimento físico da criança.

O mesmo autor salienta ainda que a brincadeira que é praticada ao ar livre, como é o caso da que observei nestes dois dias, que permite às crianças saltar e correr, faz com que estas libertem "...endorfinas e contribui para o cansaço saudável que as crianças precisam (...)" sendo que através disto estas "diminuem as tensões e o stresse, e aumentam a boa disposição, já sem falar nas vantagens físicas relacionadas com a manutenção de um peso adequado e de um corpo tonificado." (p. 334).

Por estas e por outras características a brincadeira e o ato de brincar é fundamental para a criança e para o seu crescimento.

8 de julho de 2011

Reunião na Escola Superior de Educação João de Deus para a avaliação do quarto momento de estágio, do ano letivo e preparação do próximo.

Terminou assim o 1.º Ano de estágio do mestrado, com a observação dos quatro anos do 1.º Ciclo de escolaridade, que me permitiu aprender diferentes metodologias, conhecer crianças diferentes e experimentar procedimentos diferentes.

1.6. - 6.ª Secção: 2.º Ciclo

Duração do estágio: 26 de setembro de 2011 a 23 de março de 2012

Faixa etária: 12/13 Anos de idade

1.6.1. Caracterização do local de estágio

Realizei o estágio profissional referente ao 2.º Ciclo numa escola situada em Lisboa, na zona ocidental da cidade. Este estabelecimento de ensino incorporava o 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico, bem como o ensino secundário.

No que se prende com o edifício da escola, este estrutura-se em três grandes blocos de três andares, onde existem espaços verdes para os recreios e parques de estacionamento.

Este edifício foi inaugurado em 1952, contudo tem sido alvo de algumas obras de manutenção e beneficiação. Foi recentemente montada uma rede interna de computadores com acesso à Internet em todas as salas de aula, bem como quadros interativos, em quase todas as salas de aula.

A escola tem uma biblioteca e centro de recursos, um gabinete de orientação escolar, salas de informática, laboratórios de Biologia, Geologia, Física e Química, atelier de educação geográfica, atelier de expressão plástica e cerâmica, um museu, dois ginásios e campos de jogos, uma sala polivalente, sala de alunos, refeitório, bar, papelaria e reprografia, sala de professores, sala do diretor e sala dos diretores de turma.

Esta escola tem vários órgãos de administração e gestão sendo estes o Conselho Geral, a Direção, os Coordenadores de Estabelecimento e o Conselho Pedagógico.

1.6.2. Caracterização das turmas

Eu estagiei com várias turmas ao longo deste estágio no 2.º Ciclo, sendo três 6.º Anos e dois 5.º Anos. Estas turmas tinham, na sua totalidade características semelhantes, pois todas elas eram constituídas por 28 alunos, à exceção dos 5.º Anos, que tinham menos alunos, pois existiam nestas turmas alguns alunos com Necessidades Educativas Especiais mais acentuadas.

É de referir, que em todas as turmas pelas quais passei, tinham integrados alguns alunos repetentes.

O facto de ter estagiado com várias turmas prendeu-se com a garantia de acompanhar e observar as quatro áreas curriculares do 2.º Ciclo de escolaridade.

1.6.3. Rotinas

Todas estas turmas tinham um horário respectivo, que seguiam ao longo do seu dia de aulas. Contudo, nós tínhamos um outro horário – o horário de estágio, que foi elaborado a partir do horário dos alunos, garantindo que assistiríamos às aulas de Matemática (MAT), Língua Portuguesa (LPO), Ciências da Natureza (CN) e História e Geografia de Portugal (HGP), como se pode verificar pelo quadro 9 que apresento em baixo.

Quadro 9 – Horário relativo ao estágio realizado no 2.º Ciclo

HORAS		2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
Início	Termo					
09.00	09.45					
10.00	11.30		6.º MAT			5.º MAT
11.45	13.15		6.º LPO			5.º EAC
14.45	16.15		6.º HGP			6.º CNT

1.6.4. Caracterização da sala de aula

As salas de aula das turmas que acompanhei nesta escola são todas iguais. É de salientar que as turmas não têm uma sala fixa, andando a “saltitar” de sala em sala ao longo do dia.

Ao entrarmos na sala de aula encontramos várias mesas e cadeiras individuais dispostas em fila. Ao fundo da sala temos um armário onde se encontra alguma material arrumado, contudo este nunca é utilizado, estando o armário fechado.

À frente temos a mesa do professor, que tem um computador, ao centro da parede da frente encontramos um quadro interativo e logo ao lado deste está um quadro branco, onde geralmente são escritas coisas durante as aulas como se pode verificar com a figura 13.



Figura 13 – Ilustração de uma das salas de aula

1.6.4. Relatos diários

26 de setembro de 2011

Reunião na Escola Superior de Educação com as orientadoras da prática pedagógica. Esta reunião foi para programar o início do ano letivo, no que se refere ao estágio. Ao longo de toda a reunião foram indicadas as salas e turmas para onde cada par de estágio iria estagiar, sendo que no caso do meu mestrado, foram indicadas as escolas e as turmas que iríamos acompanhar por dois períodos de aulas dos alunos do 2.º Ciclo.

27 de setembro de 2011

Primeiro dia de estágio no 2.º Ciclo e iniciei a manhã com uma reunião de estágio com a coordenadora da Escola, sendo esta seguida de uma visita às instalações da mesma.

Matemática 6.º Ano

A manhã de aulas começou na turma do 6.º Ano, com a disciplina de Matemática. Os alunos nesta aula fizeram uma revisão sobre a matéria dada na aula anterior, o perímetro da circunferência e o número Pi, fazendo ainda a correção do trabalho de casa. Construíram ainda um tangran.

Língua Portuguesa 6.º Ano

Após esta aula, segui para outra turma, o 6.º Ano, onde tive como disciplina Língua Portuguesa. Nesta aula os alunos trabalharam as características do conto tradicional e a correção do trabalho de casa. Ao longo de toda a aula a professora ia parando e fazendo uma revisão do que havia sido abordado, para que os alunos não se perdessem na matéria e na continuidade da aula. A aula foi sempre dinâmica.

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

Depois do almoço, a aula foi dedicada à disciplina de História e Geografia de Portugal. Esta aula “girou” em torno de revisões feitas da matéria abordada no 5.º Ano de maneira a introduzir matéria nova, sendo esta ainda do programa de 5.º Ano.

A turma esteve sempre instável, sendo por isso necessário colocar, logo no início da aula, um dos alunos na rua. Contudo a indisciplina permaneceu até ao fim da aula.

Inferências e Fundamentação teórica

Segundo o Programa de Português do Ensino Básico (2009), no que se prende com o 2.º Ciclo, em relação ao texto narrativo, o docente deve “expor o sentido global de um texto narrativo ou de partes específicas do mesmo.” (p.87), sendo nesta aula trabalhado o conto e as suas características.

Parece-me importante definir o que é conto e em que consiste, para que melhor se entenda o que está presente neste programa. O conto, segundo Diniz (2000) “...aparece na sequência evolutiva dos mitos, quando os povos de cultura oral começam a distinguir as histórias “verdadeiras”, que seriam os mitos, das histórias “falsas”.” (p.54).

A exploração do conto tradicional em sala de aula, na minha opinião é sempre importante para as crianças, pois é através destes que as crianças iniciam o seu gosto pela leitura e pela literatura.

Traça (1992) destaca que “as narrações e os contos precedem e preparam um uso pessoal do livro e incitam o leitor, “empurram-no” encantadamente, puxam-no para o livro que contém as maravilhas ouvidas e ainda outras.” (p.76), o que é sempre uma mais-valia para a criança, fomentando a que esta seja um futuro leitor.

A par disto o trabalho do conto em sala de aula e das suas características é uma forma de levar às crianças novos textos ricos em vocabulário fazendo com que este seja alargado. Isto, parece-me importante, pois em muitos casos, como referem Bruno Bettelheim e Karen Zelan (s.d., citados por Traça, 1992),

...o conteúdo dos livros destinados à aprendizagem da leitura é irrealista e estúpido, desencoraja a criança dum esforço inteligente, empobrecendo o seu vocabulário e subestimando as suas capacidades. A extrema simplicidade das frases impede o texto de comunicar alguma coisa de interessante, desmotiva a criança para investir na sua energia mental. (p.119).

Assim é sempre relevante o contacto com os contos tradicionais na sala e aula, pois devemos dar aos nossos alunos ferramentas de trabalho que sejam relevantes para a sua formação enquanto discentes e pessoas da nossa sociedade.

30 de Setembro de 2011

Matemática 5.º Ano

A manhã começou com a aula de Matemática na turma do 5.º Ano. A docente iniciou a aula com matéria nova, dando a fórmula de Euler.

Para abordar esta matéria a professora preencheu com os alunos uma tabela com as características de alguns sólidos geométricos. Através disto os alunos começaram a levantar algumas questões que conduziram a aula ao tema pretendido.

Consolidou a matéria através de uma ficha de trabalho. A indisciplina esteve presente devido à não presença de autoridade da docente na sala de aula.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

A segunda aula da manhã é de Estudo Acompanhado. Esta disciplina é dividida pelo professor de Língua Portuguesa e a professora de Matemática.

A aula começou por ser dirigida pelo professor de Língua Portuguesa, em que foi trabalhada uma ficha sobre os métodos de estudo e regras de funcionamento de uma aula.

Depois a professora de Matemática continuou a aula com uma ficha sobre os sólidos geométricos, para consolidar a matéria já abordada.

Ciências da Natureza 6.º Ano

Após o almoço estive novamente com a turma do 6º Ano que acompanho na aula de Língua Portuguesa, mas na aula de Ciências da Natureza.

A aula foi uma grande confusão, provocada pela indisciplina dos alunos e pela falta de controlo da professora perante a turma.

Foram abordados conteúdos novos, sendo estes os nutrientes e os alimentos. Esta matéria foi dada sem que a maioria dos alunos prestasse qualquer atenção à aula e à professora.

A matéria foi consolidada com uma ficha de trabalho.

Inferências e Fundamentação teórica

A disciplina é um fator que condiciona o êxito de uma aula e que pode afetar a aprendizagem dos alunos. No dia de hoje a disciplina não foi notada nas aulas de Matemática e Ciências da Natureza que observei.

Nestas duas aulas, lecionadas pela mesma professora existiu sempre muita indisciplina. No meu ponto de vista a indisciplina pode ser combatida se o professor

que está à frente destas turmas se impuser e se tiver suporte para manter a disciplina e controlar a turma.

Sá (2001), refere que “na perspectiva da ‘modificação do comportamento’, a indisciplina é causada fundamentalmente por influências do meio escolar e, por isso, (...), assume-se que os comportamentos de indisciplina são aprendidos e que os comportamentos de disciplina também o podem ser.” (p. 16), sendo que nestas turmas a indisciplina é fomentada e desenvolvida por vários elementos da turma que depois “minam” os restantes companheiros e estes deixam-se “minar”.

4 de outubro de 2011

Matemática 6.º Ano

A aula hoje começou com a correção do trabalho de casa, seguida de revisões sobre a área do quadrado e do retângulo. Após esta revisão foi dada a área do triângulo através de um momento mais lúdico, pois cada aluno desenhou um retângulo e um triângulo, inscrito neste, de forma a descobrirem a relação existente entre a área do retângulo e do triângulo, matéria abordada pela primeira vez. Desta forma, os alunos concretizaram a sua aprendizagem. Consolidaram a matéria através de alguns exercícios.

Língua Portuguesa 6.º Ano

Esta aula começou com a revisão das palavras homónimas, homófonas e homógrafas, fazendo a professora um esquema síntese no quadro, com as igualdades e diferenças existentes entre estas palavras, dando sempre exemplos das mesmas.

Leitura e interpretação oral de um texto intitulado “Dona e os seus dez anõezinhos.”

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

A professora começou a aula a reprender os alunos devido ao comportamento por eles manifestado na aula anterior, mandando dois alunos para a rua.

Foi feita a correção do trabalho de casa, seguindo com a explicação dos conselhos senhoriais, exposto oralmente com o auxílio do manual. Estes conteúdos são do programa de 5.º Ano, mas estes alunos não o terminaram, por isso é que foram abordados.

Concluiu a aula com jogos lúdicos no quadro interativo, mas sem que os alunos participassem diretamente nos jogos. É de salientar que estes não eram apropriados à

faixa etária dos mesmos, tornando esse momento um momento de desinteresse para os alunos.

Inferências e Fundamentação teórica

Um professor, se quer ajudar o aluno e ajudá-lo a crescer no campo educacional deve auxiliá-lo e motivá-lo para as suas aulas. O que se passou hoje na aula de História e Geografia de Portugal deixou-me a pensar nisto mesmo, que o docente é um dos principais responsáveis, pela ajuda, da educação dos seus alunos.

Por isto mesmo, condeno a atitude da professora desta disciplina ao colocar dois alunos na rua. Se estava a repreender a turma pelo seu comportamento da aula anterior, que considero, uma atitude louvável, pois o diálogo é bastante importante, como afirma Loureiro (2000) “o discurso na sala de aula é o meio que permite criar a compreensão conjunta entre professores e alunos...” (p. 131), permitindo que alunos e professores se entendam entre si. Não considero nada louvável a atitude de logo de seguida ter colocado os alunos na rua, pois se são crianças que já estão desmotivadas com a escola, ainda vão ficar mais desmotivados e revoltados com o ensino.

7 de outubro de 2011

Matemática 5.º Ano

A aula hoje foi sobre retas paralelas e concorrentes. A professora começou por explicar o que são retas através de desenhos no quadro para que depois os alunos os passassem para o caderno diário. Contudo, a professora usou exemplos da vida real para que os alunos compreendessem melhor os conceitos que estava a explicar.

Esta matéria foi consolidada com uma ficha de trabalho.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

Nesta aula o professor de Língua Portuguesa esteve à frente da turma e entregou-lhes um teste de atenção e de regras a ler e a cumprir numa sala de aula.

Depois de trabalhados estes temas, através do diálogo com os alunos e de ouvir a sua opinião, a professora de Matemática passou umas operações aritméticas no quadro.

Contudo essas operações não eram as mais adequadas para a idade dos alunos.

Ciências da Natureza 6.º Ano

Esta aula foi lecionada noutra sala de aula, para diminuir a instabilidade, contudo esta permaneceu. A professora deu as vitaminas existentes em alguns alimentos. Mostrou alguns vídeos sobre as vitaminas e os alimentos, sendo que alguns não foram os mais indicados à faixa etária dos alunos. Esta matéria consolidada com uma ficha de trabalho.

Inferências e Fundamentação teórica

O Estudo Acompanhado, no meu ponto de vista é de extrema importância para as crianças, pois tenciona ajudá-las e orientá-las no seu estudo.

Abrantes *et al.* (2002) destacam que “o Estudo Acompanhado (...) tem a ver com a criação de hábitos pessoais de estudo e de organização pessoal.” (p. 14), o que foi feito nesta aula que observei.

Desta forma o Estudo Acompanhado, apesar de ser um tempo lectivo de apenas 90 minutos semanais, apresenta uma riqueza curricular extrema, se for bem explorado e utilizado.

Eu considero que nesta aula os professores orientaram a aula de forma a levar as crianças ao que era destacado pelos autores citados a cima, pois o professor de Língua Portuguesa trabalhou testes de atenção e as regras a ter em sala de aula, que são noções a trabalhar nesta aula.

11 de outubro de 2011

Matemática 6.º Ano

A aula começou com a correção do trabalho de casa realizada no quadro e oralmente. Após a correção foram feitos exercícios com áreas de figuras compostas.

Língua Portuguesa 6.º Ano

A professora começou a aula com a leitura em voz alta de um conto tradicional, de forma a avaliar a compreensão oral dos alunos perante o conto lido. Após a leitura e respetiva compreensão oral da mesma a professora chamou a atenção de algumas palavras quanto à sua acentuação, fazendo uma revisão da acentuação. A professora fez, ainda a revisão dos recursos estilísticos, solicitando aos alunos a identificação dos mesmos ao longo do texto lido. Os alunos leram o texto em voz alta.

Antes de concluir a aula, concretizou uma avaliação com os alunos sobre o que foi ou não importante naquela aula e o que foi lecionado na mesma, fazendo uma síntese.

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

A professora começou a aula a distribuir umas fichas de resumo da matéria dada até então. Fez a leitura da ficha e explicação de alguns conceitos presentes na mesma, dando assim a matéria dessa aula com o auxílio desta e do manual. Colocou um aluno na rua por indisciplina.

Inferências e Fundamentação teórica

Foi bastante importante observar a leitura em voz alta da professora e dos alunos, pois pude observar que ainda são muitos os alunos que têm dificuldades na leitura.

Contudo, além disto, foi interessante ver como a leitura modelo é um ponto de referência importante para cada uma das crianças desta sala de aula, pois como salienta Bastos (1999) a leitura em voz alta é uma das atividades a ter em conta na sala de aula e que deve de emergir desde logo. Também no Programa de Português do Ensino Básico (2009), na parte que nos remete para o 2.º Ciclo, é-nos descrito que os alunos devem “ler em voz alta com fluência e expressividade para partilhar informações e Conhecimentos.” (p.87).

14 de outubro de 2011

Faltei neste dia de estágio.

18 de outubro de 2011

Matemática 6.º Ano

A aula começou com a troca de lugares de alguns elementos da turma, de modo a que não existisse indisciplina. Depois dos alunos estarem todos sentados, a professora fez uma revisão sobre a diferença entre a área do círculo e o perímetro da circunferência. Realizou a correção dos trabalhos de casa, seguindo com a entrega de uma ficha de trabalho sobre áreas e perímetros, sendo que os alunos apenas trabalharam os exercícios referentes às áreas.

Num dos exercícios a minha colega de estágio foi ao quadro explicá-lo a toda turma solicitando a ajuda dos alunos e a sua intervenção. A aula terminou com a resolução de exercícios.

Língua Portuguesa – 6.º Ano

Hoje os alunos fizeram um teste sumativo. Contudo, foi-nos proposto pela professora, que durante o tempo de duração do teste, nós fizéssemos a cotação do teste para depois compararmos com a da professora.

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

A aula iniciou com a revolução de 1383-1385, sendo a matéria dada em diálogo com os alunos. Uma aluna foi colocada na rua. A professora fez a revisão da matéria dada durante esta aula situando os alunos através do manual.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje senti mais uma vez o quão importante é a Prática pedagógica na minha formação profissional. Quando a professora de Língua Portuguesa nos pediu para fazermos a cotação do teste de Língua Portuguesa que tinha dado aos alunos, foi um momento em que senti as dificuldades que existem na cotação de testes de avaliação sumativa.

Contudo, isto deu-me mais traquejo para a minha futura prática docente, pois como defende Mestre (2002) “a prática pedagógica, gradual e acompanhada, processa-se com base em observações, experiências clínicas de pequenas dimensões e prática nas escolas...” (p.68), o que nos ajuda, a nós estagiários a progredir e tornarmo-nos melhores profissionais.

Assim, a prática, não só em dar aulas, mas em proceder a cotações de testes aumenta a nossa formação e prepara-nos para a nossa profissão numa forma melhorada.

21 de outubro de 2011

Matemática 5.º Ano

A professora hoje começou a aula com matéria nova, amplitude dos ângulos – entregou uma ficha mas não deu a matéria. Deu uma ficha para consolidar a matéria. Realizou com a turma o Jogo do 24.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

Nesta aula, os alunos fizeram o jogo do “Quem conta um conto acrescenta um ponto”. Neste jogo colocou cinco alunos fora da sala e contou um conto à turma. Depois, o professor, pediu a um dos alunos para recontar, por palavras suas, o conto ouvido a um dos alunos que entrou na sala. Após este o ter escutado foi ele que

recontou o conto a outro dos alunos que estava fora da sala e assim sucessivamente até ao quinto aluno.

Assim foi possível ver que o conto não chegou ao último aluno como era na realidade.

Os alunos fizeram ainda uma ficha com palavras cruzadas e com o significado de várias expressões usadas no nosso dia a dia e jogaram o Jogo do 24 através do quadro interativo.

Ciências da Natureza 6.º Ano

A aula começou com a apresentação de alguns trabalhos realizados pelos alunos sobre a roda dos alimentos e os alimentos nela presente. A professora introduziu o Sistema Digestivo dando uma ficha com o corpo humano em que os alunos tinham de desenhar o Sistema Digestivo, conforme o apresentado no quadro interativo.

Consolidaram esta matéria com uma ficha de palavras cruzadas inserida numa ficha informativa sobre o tema. A indisciplina e o barulho estiverem presentes nesta aula.

Inferências e Fundamentação teórica

No dia de hoje o que considero pertinente meditar é sobre a aula de Estudo Acompanhado. Nesta aula gostei bastante das estratégias utilizadas pelo professor de Língua Portuguesa, quando decidiu levar a aula no sentido de explorar com os alunos o recontar de um conto/história.

Segundo Sanches (2001) “ler, contar e recontar histórias e outros textos em voz alta na aula estimulam a leitura e facilitam as aprendizagens e a desinibição dos alunos.” (p. 56).

Como refere o autor acima mencionado é muito importante ler e recontar histórias e até mesmo criar as suas próprias histórias. É importante fazê-lo para si mesmo e para os outros, pois se for feito para os demais dá à criança uma autonomia e uma capacidade de se relacionar com os outros de uma forma diferente, sem medos e receios – permite que a criança se liberte.

Nestas idades é importante, que os alunos tenham contato com livros e com a leitura. É necessário que estes criem o hábito e o à vontade para pegar num livro e lê-lo de fio a pavio. Contudo, isso nem sempre acontece e é o papel da escola promover e estimular os alunos para a leitura.

Neste sentido, esta atividade, no meu ponto de vista, foi um estímulo a que isso aconteça, e de certa forma, um incentivo à criatividade para criar histórias. Já para não

falar que ao fazer a exploração desta atividade o professor acabou por abarcar uma outra coisa, que foi a explicação do provérbio “Quem conta um conto acrescenta um ponto.” – provérbios estes que se encontram relacionados com os conteúdos a abordar no 5.º Ano de escolaridade.

25 de outubro de 2011

Matemática 6.º Ano

Hoje devido a uma visita de estudo dos 6.º Anos estavam apenas dez alunos na sala, o que condicionou o normal funcionamento das aulas. Neste sentido a aula decorreu com jogos feitos no quadro interativo, no âmbito da matéria já abordada e como forma de revisões dos conteúdos.

Língua Portuguesa 6.º Ano

A aula começou com a leitura de um conto por parte de professora, em que esta ia parando a leitura para interagir com os alunos e ia-lhes perguntando algumas questões relacionadas com o que acabava de ler e com a gramática presente no texto.

História e Geografia de Portugal – 6.º Ano

Esta aula foi dada através de um *Powerpoint* que descrevia a crise de 1383-1385.

Inferências e Fundamentação teórica

No Programa de Português do Ensino Básico (2009), como referi na inferência do dia 27 de Setembro de 2011, o docente deve “expor o sentido global de um texto narrativo ou de partes específicas do mesmo.” (p. 87).

No meu ponto de vista não considero que o conto seja usado para que os professores trabalhem gramática ou mesmo que façam a sua exploração. A leitura de um conto em sala de aula, ou fora desta, manifesta muitas sensações para as crianças que o escutam. Traça (1992) ressalva que,

os contos arrastam o jovem ouvinte (...) para além das fronteiras do seu Domínio familiar e estreito, transportam-no para um mundo com aspectos múltiplos e surpreendentes. As palavras tornam-se instrumentos preciosos que permitem nomear essas maravilhas, fazê-las viver, levá-las consigo (...). As palavras transportam-nos, transformam-nos (...) ajudam a transformar o mundo, a criar um mundo diferente daquele que nos rodeia. (p. 76).

Neste sentido, parece-me que o conto, nesta aula, não foi muito bem usado e aproveitado, pois o uso deste para a exploração da gramática não lhe dá o devido valor e não permite que as crianças se deixem conduzir pela sua envolvimento e pela

sua mística. Assim, Traça (1992) refere que “através dos contos pode nascer nas crianças o gosto da leitura pela leitura.” (p.119), não podendo ser desperdiçada esta oportunidade de incitar o gosto pela leitura.

28 de outubro de 2011

Matemática 5.º Ano

Hoje a aula esteve dirigida à classificação de polígonos. A turma fez exercícios para consolidar a matéria e foi entregue uma mini-ficha de avaliação.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

Nesta aula foi lido e interpretado, na oralidade, um texto de Agatha Christie adaptado à turma, em que as personagens da história eram os alunos. Contudo nem todos os alunos foram contemplados na história.

Ciências da Natureza 6.º Ano

Nesta aula foram feitas revisões da matéria do teste e foi feito um teste de avaliação.

Inferências e Fundamentação teórica

De acordo com o Programa de Matemática do Ensino Básico, Ministério da Educação (2007), nos conteúdos referentes ao 2.º Ciclo, reparei que um dos conteúdos a abordar durante este ciclo refere à Geometria, mais propriamente ao estudo dos polígonos – as suas propriedades e classificação.

Na aula de hoje de Matemática do 5.º Ano a professora explorou isto mesmo, mostrando que está a seguir o programa estipulado pelo Ministério da Educação.

Desta forma, os alunos devem conseguir “identificar os elementos de um polígono, compreender as suas propriedades e classificar polígonos” (p. 37), aquando do estudo deste conteúdo.

Para que a aprendizagem seja realizada da melhor forma e para que os alunos adquiram os conteúdos, o professor tem um papel preponderante, pois é ele o elo de ligação entre os conteúdos a lecionar e os alunos.

Neste sentido, como afirma Balancho e Coelho (1996) “se os projectos operativos, propostos pelo professor, estimularem os interesses e as necessidades do aluno, a receptividade será, logo à partida, muito maior.” (p.40), sendo a aprendizagem efectuada com mais facilidade por parte dos alunos. Assim o professor não se deve

limitar a colocar a matéria no quadro e não a explicar, mas sim deve criar estratégias que motivem os alunos e os conduzam.

4 de novembro de 2011

Matemática 5.º Ano

A aula hoje foi sobre a classificação de triângulos quanto aos lados e quanto aos ângulos. A professora apenas escreveu a matéria no quadro e os alunos limitaram-se a passar para o caderno sem uma explicação.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

Hoje a aula foi igual à da semana anterior, e mais uma vez os alunos foram personagens de uma história de Agatha Christie, embora não tivesse havido tempo para todos experimentarem e para que todos fossem personagens da história.

Ciências da Natureza 6.º Ano

Mais uma vez a indisciplina esteve presente na sala. A professora mostrou vários filmes sobre o Sistema Digestivo e sobre a dentição humana, não explicando nada sobre a matéria nova apresentada.

Inferências e Fundamentação teórica

Ao longo deste tempo de estágio tenho observado uma coisa que considero importante. A turma que acompanho a Ciências da Natureza é a mesma que acompanho a Língua Portuguesa e tenho verificado que o seu comportamento é totalmente diferente de uma disciplina para a outra.

Isto faz-me pensar que o comportamento da turma é condicionado pelo professor que se encontra à sua frente e pela postura que manifesta perante os alunos.

Segundo Lopes e Rutherford (2001),

os comportamentos indisciplinados são, por seu turno, altamente sensíveis à figura do professor. Há turmas que são infernais com um determinado professor e inofensivos com outro. Isto é, no limite, o professor constitui o principal responsável pela indisciplina, uma vez que não consegue gerir a aula de forma a inibir o aparecimento e desenvolvimento dos comportamentos de indisciplina... (pp. 20-21).

8 de novembro de 2011

Matemática 6.º Ano

A aula de hoje começou com uma mini-ficha sobre a construção de triângulos. Depois foi feita a revisão dos ângulos complementares, suplementares, adjacentes, internos e externos.

Resolução de exercícios referentes a esta matéria. Durante isto alguns alunos apresentaram dificuldade na resolução de subtrações entre números inteiros e números decimais. Perante estas dúvidas, e dificuldades no cálculo mental, a professora explicou no quadro e levou-os ao cálculo, explicando o que havia a fazer.

Língua Portuguesa 6.º Ano

Nesta aula, eu e os meus colegas de estágio, fizemos a correção de uma ficha sobre os tempos verbais, que a professora nos pediu. Por isso não estivemos na sala de aula durante quase todo o tempo de aula.

Quando voltámos à sala os alunos estavam a dar os tempos verbais compostos.

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

Na aula de hoje a professora entregou os testes e fez a correção dos mesmos oralmente.

Colocou um aluno na rua por este estar mal sentado na cadeira. Nos últimos minutos da aula falou sobre a conquista de Ceuta e sobre as mais-valias da mesma para Portugal.

Inferências e Fundamentação teórica

No presente dia de estágio penso que será relevante refletir sobre o facto da professora de História e Geografia de Portugal estar a seguir ainda o programa de História de Portugal do 5.º Ano.

A existência de um programa para cada disciplina é uma mais-valia, pois todos os professores têm um guia para estruturar as suas aulas e assim todos os alunos seguem o mesmo fio condutor.

Zabalza (2000) refere que,

o Programa traduz o que, em cada momento cultural e social, é definido como um conjunto de conhecimentos, habilidades, valores e experiências comuns desejados por todo um povo. E, na medida em que se apresenta em termos prescritivos, podemos referir-nos a ele como o conjunto de experiências de aprendizagem por que devem passar todas as crianças de um sistema escolar. (p. 13).

Desta forma é importante a existência de um programa para todas as disciplinas, mas, no meu ponto de vista, é ainda mais importante a existência deste para a disciplina de História e Geografia de Portugal, pois esta segue mesmo um fio condutor, e não é possível compreender os conteúdos que vêm posteriormente, se os alunos não derem todos anteriores.

11 de novembro de 2011

Matemática 5.º Ano

A aula começou a verificação dos trabalhos de casa. Depois foi feita a revisão sobre a Desigualdade Triangular, sendo isto seguido de exercícios passados no quadro.

Nesta aula existiram momentos de instabilidade por parte dos alunos e pouca concentração dos mesmos na elaboração dos exercícios.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

Nesta aula o professor concluiu a história começada na aula anterior. De seguida os alunos fizeram uma atividade de expressão oral, onde os alunos contaram algumas adivinhas/histórias aos colegas, cuja finalidade era estes encontrarem a solução das mesmas.

A aula terminou com uma apresentação em suporte digital sobre a lenda de São Martinho.

Ciências da Natureza 6.º Ano

Realização de uma ficha com palavras cruzadas sobre o processo de digestão e sobre o Sistema Digestivo. As alunas que foram ao quadro corrigir este exercício são as que vão sempre ao quadro fazê-lo. Contudo a correção deste ficou a meio, porque foi passado um vídeo sobre o fígado.

Inferências e Fundamentação teórica

Neste dia de estágio o que me parece importante salientar é o facto da área curricular de Estudo Acompanhado não ser bem aproveitada pelos professores que estão na sala com os alunos.

Esta nova área curricular foi criada com o objetivo de ajudar os alunos a terem métodos de estudo e a saberem estudar.

Desta forma o Ministério da Educação (2002a) salienta que o Estudo Acompanhado

...visa a aquisição de competências que permitam a apropriação pelos alunos de métodos e de trabalho e proporcionarem o desenvolvimento de atitudes e de capacidades que favoreçam uma cada vez maior autonomia na realização das aprendizagens. (p.70).

Assim, no meu ponto de vista, estas aulas não têm sido exploradas da melhor forma, mas sim têm sido usadas para momentos de distração dos alunos e dos próprios professores.

É ainda de salientar, que o professor que está presente nesta área curricular tem uma tarefa específica que é a de "... ensinar o seu aluno a aprender e a aprender a aprender." (p.71), como ressalva o Ministério da Educação (2002a).

15 de novembro de 2011

Matemática 6.º Ano

Hoje a aula foi só de resolução de exercícios, de revisão, do manual e do caderno de atividades.

Língua Portuguesa 6.º Ano

Na aula de hoje a professora fez a entrega de uma mini-ficha sobre verbos, dando os parabéns a um dos alunos repetente e incentivando-o a continuar a trabalhar. Entregou ainda composições feitas pelos alunos e avaliadas pela docente. Durante a entrega leu algumas destas, de forma a mostrar aos alunos o que estava menos bem numas e o que estava bem noutras.

Concluiu a aula com a leitura de uma história, "A menina que dormia a rir", dando aos alunos um guião de leitura em que tinham que ir escrevendo o que escutavam na história entre outras coisas.

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

Hoje pela primeira vez a professora não colocou nenhum aluno na rua. Contudo, a professora manifestou algumas vezes o descontentamento com um aluno, estando várias vezes a chamá-lo à atenção, mesmo que este não fosse o culpado pela situação gerada.

A aula foi dada de forma expositiva apenas com o auxílio do manual, abordando a conquista de Ceuta, a passagem do Cabo Bojador e tudo o que isso trouxe ao reino de Portugal no reinado de D. João I.

Inferências e Fundamentação teórica

Na aula de Língua Portuguesa o que suscitou o interesse e quem considero interessante é o facto de a professora ter lido uma história de um livro na sala de aula.

Não se trata de um texto literário, mas penso que é importante fomentar a leitura na sala de aula, mesmo a leitura recreativa. Segundo Sim-Sim (1997) “a leitura recreativa tem como objetivo a aprendizagem da extração e significado de diferentes tipos de texto que promovam o desenvolvimento do imaginário, do espírito criativo e de pensamento divergente.” (p.60).

Bem sei que seria muito melhor se fossem os alunos a trazer de suas casas um livro deles e a serem, os próprios de forma autónoma, a ler na sala de aula. Como isso não acontece, penso que é uma mais-valia para os alunos o facto de escutarem uma história em sala de aula.

18 de novembro de 2011

Matemática 5.º Ano

Na aula de hoje foi ensinado aos alunos a construção de triângulos sabendo apenas algumas medidas e usando o transferidor.

Para que os alunos acompanhassem o que estava a explicar, a professora foi fazendo no quadro todas as etapas de construção dos mesmos. Contudo, para explicar o uso do transferidor na construção de triângulos, teve que pedir um transferidor a um dos alunos pois tinha-se esquecido de trazer para a sala o seu, que era maior.

Depois disto os alunos realizaram alguns exercícios sobre a soma dos ângulos internos de um triângulo, existindo ainda dúvidas sobre esta matéria.

No final da aula foi-lhe entregue uma ficha de trabalho sobre a posição das retas no plano, tema este que nada teve que ver com o da aula dada.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

Nesta aula o professor de Língua Portuguesa colocou os alunos a par de um concurso que vão participar, com vista a diminuir o consumo energético da escola. Deu a conhecer aos alunos as regras do concurso promovido pela Galp Energia.

De seguida estiveram na sala dois agentes da P.S.P.(Polícia de Segurança Pública), onde apresentaram um *Powerpoint* sobre os perigos da Internet. Esta exposição teve como principal objetivo alertar os alunos para os perigos da Internet e da sua má utilização.

Ciências da Natureza 6.º Ano

Na aula de ciências de hoje foi dado o Sistema Digestivo no que se refere ao regime alimentar dos animais ruminantes e granívoros.

Porém, este conteúdo não foi dado pela professora mas sim pelos alunos que iam lendo os trabalhos, por eles feitos, à turma, sem que a professora os tivesse ainda corrigido.

A par disto, vários alunos desta turma permaneceram em constante agitação entrando e saindo da sala sem prestar qualquer justificação à docente e esta, também não a pedia aos alunos.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje o que pretendo salientar é relativo à aula de Ciências da Natureza.

Penso que é sempre importante que os alunos apresentem aos seus colegas trabalhos que elaboraram, trabalhos estes de pesquisa que a professora solicitou.

Segundo Sanches (2001) “é necessário dar oportunidade aos alunos para fazerem aprendizagens que depois podem partilhar com os colegas, dentro e fora da sala de aula.” (p.57), pois as crianças podem e devem também aprender por elas mesmas e dar a conhecer aos outros o que aprenderam.

Contudo, nesta aula o que não me parece nada correto é o facto da professora deixar que os alunos apresentem trabalhos à turma, estando os outros colegas numa completa agitação na sala, entrando e saindo desta como se não existissem ninguém a vigiar e a controlar a turma.

Por isso hoje reflecto no comportamento dos alunos instáveis desta turma ao longo desta aula. No meu entender os alunos que relevam este tipo de comportamento mais perturbador, muitas das vezes é porque a aula não lhes dá interesse nenhum e não são estimulados para a aprendizagem.

Neste sentido e segundo Jesus (2003),

a falta de motivação dos alunos pode ser identificada através de certos indicadores que constituem variáveis de critério desta situação: o fraco empenhamento do aluno nas tarefas escolares, a baixa participação dos alunos nas aulas e o pouco tempo despendido pelos alunos a estudar. (p. 31),

podem ser indicadores que revelam o desinteresse pela escola e pelas aulas, fomentando ao mesmo tempo a indisciplina.

Nós como professores temos que criar estratégias diversificadas para “agarrar” estes alunos e motivá-los para o ensino e para a aprendizagem e não limitarmo-nos a ignorá-los e dá-los como casos perdidos.

22 de novembro de 2011

Faltei neste dia ao estágio.

25 de novembro de 2011

Matemática 5.º Ano

A aula de Matemática de hoje começou com a resolução de uma ficha de trabalho sobre a formação de triângulos, com vista a consolidar esta matéria.

Concluída a ficha foi introduzida a noção de círculo e circunferência e a respectiva distinção entre elas. A explicação foi feita com materiais palpáveis para que os alunos compreendessem os conceitos e as respectivas diferenças entre os mesmos.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

A aula de hoje foi dedicada à realização de uma ficha que tinha como objetivo exercitar a compreensão oral dos alunos. Esta parte da aula foi dada pelo professor, que colocou a passar no computador uma história intitulada “Uma aventura no Carnaval”, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, e os alunos, perante o que escutavam, tinham que ordenar as frases que tinham na ficha de forma a corresponderem ao que era relatado na história.

Na restante parte da aula foram contadas anedotas e adivinhas sobre elefantes por uma dos alunos da turma.

Ciências da Natureza – 6.º Ano

Hoje esta aula começou de forma diferente. Estiveram presentes na sala dois agentes da PSP a falar com os alunos sobre os fatores de risco associados às novas tecnologias, alertando os alunos para os seus perigos, nomeadamente da internet.

Após a exposição dos agentes da P.S.P. a minha colega deu uma aula sobre o Sistema Respiratório.

A aula foi a introdução ao Sistema Respiratório e durante esta ela explicou a constituição do mesmo, os movimentos de inspiração e expiração, tendo como suporte um *Powerpoint*.

Para consolidar esta matéria entregou uma proposta de trabalho, seguindo a amostra de um pulmão de porco, para que os alunos pudessem visualizar um pulmão.

Inferências e Fundamentação teórica

No dia de hoje vou centrar-me na importância que foi para mim e para os alunos a visita da P.S.P. à turma. Penso que é sempre importante a visita destas entidades às escolas, pois a nossa sociedade de hoje está muito informatizada e muito ligada às novas tecnologias, não é que isso seja mau, antes pelo contrário, considero que é bastante bom, pois as novas tecnologias são as bases de tudo hoje em dia.

Porém a facilidade com que as crianças acedem a todos os recursos tecnológicos, como a internet, pode trazer problemas para a sua segurança pessoal. Neste sentido, e como a escola é uma instituição que deve fomentar uma educação para a cidadania, pareceu-me fundamental ter pedido a intervenção da PSP para alertar os alunos para estes perigos.

Abrantes (2001, citado por Abrantes *et al.*, 2002), refere que,

(...) as funções da escola básica não podem traduzir-se na mera adição de disciplinas, devendo centrar-se no objetivo de assegurar a formação integral dos alunos. (...) a escola precisa de se assumir como um espaço privilegiado de educação para a cidadania e de integrar e articular, na sua oferta curricular, experiências de aprendizagem diversificadas...(p. 10).

Por isso é cada vez mais importante que a escola assuma este papel e dê mais, e melhores, experiências de aprendizagem aos seus alunos.

29 de novembro de 2011

Matemática 6.º Ano

A aula de Matemática hoje foi, nos primeiros 45 minutos a correção do teste de avaliação, sendo que nos outros 45 minutos a minha colega de estágio deu aula.

A minha colega fez um jogo sobre as potências. Este jogo tinha como objetivo fazer revisão das potências de forma a consolidar a matéria já aprendida pelos alunos.

Língua Portuguesa 6.º Ano

Esta aula hoje foi diferente pois estava a realizar-se, na Biblioteca da escola, uma feira do Livro, e os alunos foram com a professora até lá para poderem ver os livros e adquirir alguns dos exemplares. Desta forma, os primeiros 45 minutos foram passados na biblioteca a ver os livros da feira, sendo que nos segundos 45 minutos os alunos voltaram à sala onde falaram sobre a tipologia textual, mais em concreto sobre a narrativa e suas características.

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

Na aula de hoje a professora explorou, de forma oral e com o auxílio do manual, a passagem do Cabo da Boa Esperança, a chegada de Cristóvão Colombo a Cuba, o Tratado de Tordesilhas, o caminho marítimo para a Índia e a chegada ao Brasil.

Após fazer a exposição oral destes conteúdos, mostrou um *Powerpoint*, como forma de revisão da matéria dada, aos alunos.

Inferências e Fundamentação teórica

Na observação desta aula o que considero importante referir é o facto dos alunos se terem deslocado à feira do livro da escola, que se encontrava na Biblioteca.

A criação da feira do livro nas escolas é bastante relevante pois a apresentação dos livros como forma de venda é sempre importante, porque vai incentivar à leitura e à aquisição dos mesmos, fomentando assim o hábito de ler.

Silva (2000) no que se refere à feira do livro declara que “o objetivo da Feira do Livro não deverá ser tanto o das vendas como o da formação e criação de hábitos culturais...” (p. 203), sendo esta vista como uma forma de levar os editores e editoras às escolas, o nem sempre acontece.

Este tipo de atividade, explorada e executada pela Biblioteca Escolar, prende-se também com as finalidades específicas que esta deve desempenhar perante a comunidade escolar, sendo estas, como salienta Silva (2000) “a) Servir de motor cultural da escola, dinamizando-a; b) Ser interventivas, num espírito de envolvimento de toda a escola (...); c) Empenhar-se em motivar e formar leitores (...).” (p. 89-90).

2 de dezembro de 2011

Matemática 5.º Ano

Nesta aula os alunos fizeram um teste de avaliação sumativa. Durante todo o tempo de teste não existiu silêncio absoluto, o que fez com que os alunos não se conseguissem concentrar.

Terminado o teste fizeram jogos interativos de Língua Portuguesa.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

A professora de matemática fez uma revisão dos conteúdos para o teste. O professor de Língua Portuguesa projectou no quadro um texto, onde os alunos fizeram a pontuação do mesmo em conjunto.

Ciências da Natureza 6.º Ano

Hoje os alunos realizaram um teste de avaliação sumativa. Este teste não era o mais adequado à faixa etária destes alunos, pois era bastante fácil, tendo os alunos o realizado em apenas 30 minutos.

Antes dos alunos iniciarem o teste tiveram um momento de revisões, em que puderam estudar mais um pouco e rever a matéria com os colegas e professora.

Da mesma forma que na aula de Matemática do 5.º Ano, durante o tempo de teste, não existiu qualquer momento de silêncio, não tendo a professora, nenhum controlo sobre a turma.

Inferências e Fundamentação teórica

Todos nós sabemos que um momento de avaliação é importante e que tem que ser realizado com concentração, com calma e sem barulho de fundo. Estas são as regras de ouro para se conseguir uma concentração total para realizar uma prova e ter sucesso nesta. É claro que além destes fatores é necessário estudar, mas isso é uma tarefa de cada aluno, não sendo uma coisa que é controlada pelo professor da sala.

Contudo o comportamento e o silêncio existente, ou não, numa sala de aula são controlados pelo professor desta. Neste sentido, hoje parece-me crucial falar sobre a falta de concentração durante a realização dos testes de Matemática do 5.º Ano e de Ciências da Natureza do 6.º Ano.

A concentração não foi possível porque, mais uma vez, existiu um barulho terrível na sala e uma agitação constante que não foram Dominadas pela professora. Balancho e Coelho (1996) salientam que “dar uma aula é um problema de comunicação entre professor e alunos.” (p. 41), por isso o problema de raramente ter existido silêncio não é só dos alunos, mas também da professora, pois não impõe regras que consiga cumprir.

Neste sentido Sanches (2001) afirma que “não podem ser estabelecidas regras se não se cuida do seu cumprimento.” (p. 67), pois se o professor não cumpre com a sua palavra nunca vai ter o respeito dos seus alunos e a sua palavra nunca vai ter validade perante eles.

6 de dezembro de 2011

Matemática 6.ºAno

A aula começou com uma mini teste de avaliação sobre potências que decorreu nos primeiros 20 minutos da aula.

O restante tempo de aula ficou a cargo da minha colega de estágio que terminou o jogo sobre as potências que tinha iniciado na sua aula, na semana anterior. Acabado o jogo a professora concluiu a aula com a apresentação de um *Powerpoint* sobre estatística, introduzindo assim este conteúdo.

Língua Portuguesa 6.º Ano

Hoje os alunos realizaram um teste de avaliação sumativa.

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

Nesta aula os alunos fizeram um teste de avaliação sumativa durante o primeiro bloco de 45 minutos.

Após o teste de avaliação eu dei aula sobre o Império Português no século XVI, mais especificamente sobre os arquipélagos da Madeira e dos Açores.

Inicie a aula mostrando, através de um *Powerpoint*, o vasto Império Português no século XVI. De seguida localizei geograficamente a Madeira e os Açores fazendo referencia ao ano em que tinham sido descobertos.

Seguidamente, analisei cada um dos arquipélagos a nível das suas características naturais e como foram colonizadas, dando aqui novos conceitos, como colonização e capitania.

Para explicar a colonização destes arquipélagos e das suas ilhas expliquei o processo de colonização e de doação de capitánias.

Conclui esta aula falando com os alunos sobre os produtos provenientes da Madeira e dos Açores e, de forma a consolidar a matéria, com a entrega de uma proposta de trabalho.

Inferências e Fundamentação teórica

Neste dia o que me parece importante referir é a avaliação que é feita constantemente pela professora de Matemática do 6.º Ano.

Já não é a primeira vez que a professora elabora mini testes e mini fichas de avaliação para verificar se os alunos estão a acompanhar os conteúdos que são abordados em aula.

A mim parece-me bastante pertinente realizar este tipo de avaliação formativa, pois além da professora verificar se os alunos sabem ou não os conteúdos, também permite ao docente, através desta recolha de informação, "...dar aos seus alunos *feed backs* mais oportunos e mais específicos, sobre o que devem voltar a trabalhar e como fazê-lo." (p. 90), como refere Carita e Fernandes (1997).

Neste sentido este tipo de avaliação deve ser sempre, que possível, colocado em prática, para que os alunos consigam de uma forma mais fácil atingir os objetivos a que são propostos. A avaliação prevê, como refere Leite e Fernandes (2002), “um processo contínuo e sistemático que tem como finalidade contribuir para que os alunos atinjam os objetivos estabelecidos para a aprendizagem”. (p.24).

Além disto, no que se refere à minha primeira aula no 2.º Ciclo, que foi hoje na disciplina de História e Geografia de Portugal, eu gostei muito de dar esta aula. Contudo, senti que tive pouco tempo para a lecionar, pois como os alunos tinham realizado teste no primeiro tempo, acabei por não ter tempo para falar de tudo dando a aula um pouco à pressa.

Assim, o que me foi apontado com aspeto a melhorar foi a forma como falei com os alunos e como lhes transmiti os conhecimentos, pois foi de uma forma muito rápida.

Desta forma, como salienta Sanches (2001) “o aluno ouve, mas demasiadas vezes não entende o que lhe é pedido. A linguagem do professor não é bem entendida pelos alunos, há que descodificar, que trabalhar a linguagem do quotidiano que é o nosso, mas não é o dos alunos.” (p. 36), tendo eu como futura professora modificar e adequar a minha linguagem aos alunos que tenho.

9 de dezembro de 2011

Matemática 5.º Ano

Esta aula de hoje foi destinada às propriedades da adição. A professora explicou-as oralmente fazendo, ao mesmo tempo, um esquema no quadro, que depois os alunos passaram para o caderno.

Terminada a explicação foram feitos exercícios para consolidar a matéria abordada anteriormente.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

Fizeram uma ficha diagnóstica que se prendia com a análise do comportamento dos alunos durante este 1.º período de aulas.

Ciências da Natureza 6.º Ano

Hoje dei aula nesta turma sobre os cuidados a ter com o Sistema Respiratório e algumas das doenças que podem ocorrer neste Sistema.

Inicie a aula com algumas questões sobre o que devemos ou não devemos fazer para cuidar da nossa saúde respiratória e para que a função respiratória seja a melhor e a mais adequada. Esta aula foi dada através de um *Powerpoint*.

Inferências e Fundamentação teórica

Na aula que dei hoje na disciplina de Ciências da Natureza tenho a referir a disciplina e o comportamento que os alunos manifestaram na minha aula.

Durante a minha aula os alunos estiveram participativos e colaboraram comigo durante todo o tempo, mostrando-se interessados.

É bastante curioso como a mudança de comportamento foi notável das aulas que a professora dá e da que eu dei. Abrantes *et al* (2002) mencionam que “se os professores mantiverem a curiosidade e continuarem abertos ao conhecimento, conseguem catalisar nos seus alunos o interesse e o entusiasmo da descoberta.” (p. 87), modificando assim a maneira de estar dos alunos na sala de aula.

Com esta minha aula, posso concluir que se o tema apresentado aos alunos for entusiasmante para eles e se for bem conduzido o professor consegue captar a atenção dos mesmos e consegue motivá-los para a aprendizagem. Desta forma, se os alunos estão motivados a disciplina será logo muito melhor e por consequência a aprendizagem dos mesmos também será muito melhor.

Pude ainda concluir que para uma aula ser mais estimulante para os alunos é necessário que esta seja partilhada com os alunos, isto é, que eles sejam envolvidos no processo de aprendizagem e que o diálogo na sala de aula vá ao encontro do que estes já sabem e que remeta as suas aprendizagem para a sala de aula.

Loureiro (2000) menciona que,

os discursos docentes desenvolvem estratégias variadas (exposições, discussões, etc.) e são determinantes para o modo de pensar dos alunos, já que estimulam neles processos de reorganização. Discursos e compreensão partilhada andam juntos no processo de aprendizagem... (p.131).

Desta forma é importante que os alunos se sintam integrados no processo de aprendizagem, pois se assim for, é mais fácil de os motivar e levar neste mesmo processo.

13 de dezembro de 2011

Matemática 6.ºAno

A aula de hoje começou com a correção do trabalho de casa. Depois disto a aula foi dedicada a exercícios sobre estatística – análise de dados.

Língua Portuguesa 6.º Ano

Hoje eu e a minha colega de estágio demos aula nesta turma.

A minha colega foi a primeira a dar aula, cujo tema era a biografia. Começou a aula com a distribuição de uma biografia do Padre Bartolomeu de Gusmão e a sua respetiva leitura modelo.

Depois pediu a alguns dos alunos para lerem o texto em voz alta, fazendo, posteriormente a análise das palavras mais complicadas do texto e explicando-as aos alunos. Através desta explicação conseguiu fazer a ponte com a História de Portugal de forma a facilitar a aprendizagem de algumas expressões presentes no texto.

Terminada esta explicação fez a análise gramatical de algumas palavras do texto, passando depois à apresentação das características da biografia, através de um *Powerpoint*.

Após a aula dela eu dei a autobiografia, estando a minha aula encadeada com a da minha colega.

Comecei por fazer perguntas diretas aos alunos para os levar ao conceito de autobiografia entregando-lhes depois um texto autobiográfico, da Sophia de Mello Breyner Andresen, que li em voz alta e mostrei algumas obras da mesma.

Depois da minha leitura, alguns dos alunos leram o texto em voz alta, o qual eu fui interrompendo para fazer questões de origem gramatical.

Findada a leitura e conseqüente exploração gramatical expliquei o que é uma autobiografia e as suas características, através de um *Powerpoint*.

Após esta explicação eu e a minha colega terminamos a aula com um desafio para os alunos, pois dividimos a turma. Uma parte dos alunos escreveu a sua autobiografia e a outra parte escreveu a biografia do colega do lado.

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

Nesta aula a professora entregou os testes de avaliação e fez a correção de uma parte do mesmo.

Após a correção dos testes a minha colega de estágio deu aula sobre a costa ocidental africana explorando as conquistas feitas pelos portugueses nesta costa. Contudo centrou-se mais nos povos existentes neste continente africano e as suas características.

Estes conteúdos foram abordados através de um *Powerpoint* e consolidados com uma proposta de trabalho.

Inferências e Fundamentação teórica

Nas Metas de Aprendizagem, Ministério da Educação (2010b), referentes aos alunos do 2.º Ciclo, no que se prende com a Língua Portuguesa, é referido que no Domínio: tornar-se leitor, uma das metas apresentadas pelo Ministério da Educação é que o aluno deve procurar e ler "...de forma autónoma, textos não ficcionais (e.g.: biografias e autobiografias; relatos sobre factos históricos; descrições de fenómenos naturais ou de experiências científicas).", o que só é possível se na sala de aula for trabalhado o texto autobiográfico e biográfico.

Segundo Bernardes (1995) a autobiografia é o "género literário em prosa que consiste na narração ulterior do percurso existencial de um indivíduo pelo próprio." (p.459). Ao ser trabalhada na sala de aula, os alunos conseguem ter contacto com outra forma de literatura, que não a "vulgarmente" conhecida por eles.

16 de dezembro de 2011

Matemática 5.º Ano

O presente dia de estágio foi o último dia de aulas do primeiro período. Por este motivo não foi dada nenhuma matéria nova, nem feitas revisões de matérias dadas. Os alunos estiveram a fazer jogos educativos terminando a aula mais cedo.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

Nesta aula o professor de Língua Portuguesa não esteve presente, pois estava a terminar o jornal da escola, assim só esteve presente a professora de Matemática.

Durante toda a aula os alunos viram filmes de animação infantil, contudo os últimos minutos de aula foram dedicados à representação de algumas peças encenadas pelos alunos da turma.

Ciências da Natureza 6.º Ano

Esta aula começou a apresentação de uma coreografia preparada por umas alunas da turma.

Depois foi feita uma troca de presentes e umas pequenas encenações preparadas pelos alunos.

A aula terminou mais cedo que o normal e de uma forma inesperada, pois dois alunos envolveram-se numa briga dentro da sala. Contudo, esta foi amenizada por nós.

Inferências e Fundamentação teórica

Neste último dia de aulas antes das férias do Natal o que mais me chamou à atenção foi a briga que resultou dentro da sala de aula entre dois alunos. Não foi uma simples briga entre colegas, pois andaram mesas e cadeiras quase pelos ares.

Foi um momento em que fiquei em choque e que, se calhar, pela primeira vez tomei bem conhecimento da realidade que se vive numa escola pública.

Já tinha presenciado alguns momentos de violência entre alguns elementos desta turma, nos dias em que têm aulas de Ciências da Natureza, contudo nunca tinha visto um assim.

Baker (1998, citado por Lopes e Rutherford, 2001), afirma que “a violência escolar pode ser conceptualizada com um leque de comportamentos anti-sociais perpetrados nas escolas, podendo incluir comportamentos de oposição, agressões a pares, professores...” (p. 17).

Esta atitude deixou-me a pensar, que em muitos casos, os alunos que são mais violentos e agressivos, quer fisicamente, quer verbalmente o são porque necessitam de atenção. Bem sei que neste caso não foi essa a razão, pois um dos alunos alegou que o outro o havia provocado.

Contudo, e segundo Lopes e Rutherford (2001) “os alunos que exibem comportamentos violentos ou de oposição têm uma muito maior probabilidade de os manifestar perante qualquer professor ou mesmo perante qualquer pessoa desde que percepcionem que o poder de retaliação é baixo.” (p.20). Assim nunca um professor se pode deixar intimidar por este tipo de comportamentos, mas sim reagir e tentar solucioná-lo, pois se assim não for o aluno que foi agressivo continuará a sê-lo com o docente pois percebe que este tem medo dele.

3 de janeiro de 2012

Matemática 6.º Ano

Hoje foi o primeiro dia de aula depois das férias do Natal. Contudo a professora faltou por motivos pessoais ficando a turma nosso cargo.

Durante este tempo em que estivemos com a turma realizámos alguns jogos e visualizamos um documentário sobre a Matemática.

Este documentário era sobre a origem da Matemática e a sua aplicação no nosso dia a dia.

Língua Portuguesa 6.º Ano

Na aula de hoje a professora fez a leitura de um texto sobre o Charlin Chaplin. Porém antes de iniciar a sua leitura explicou quem o Charlin Chaplin e mostrou alguns vídeos sobre este para que os alunos depois compreendessem o texto que iriam ler.

Os alunos leram, quase todos, o texto e à medida que estes o iam fazendo a professora ia interrogando-os sobre o que estavam a ler – fazendo a interpretação do texto e a análise gramatical..

Para terminar a aula a professora mostrou-lhes um vídeo com um anúncio da “Coca-Cola” que transmite uma grande mensagem de positivismo. Com as frases que foram aparecendo no anúncio, a professora fez a sua exploração, levando os alunos à mensagem geral do anúncio.

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

Na aula de hoje, a professora começou por conversar com os alunos sobre as notas tidas no 1.º período. Após esta conversa, a minha colega entregou as fichas que os alunos tinham elaborado na sua aula.

Depois de entregues as fichas a professora continuou a aula, com o auxílio da manual, onde localizou os alunos na matéria e fez a revisão dos conteúdos que a minha colega já tinha dado na sua aula.

Inferências e Fundamentação teórica

Na aula de hoje de Língua Portuguesa gostei bastante que a professora utilizasse as novas tecnologias que dispõe na sua sala para ilustrar o que estava a explicar apenas por palavras.

Foi a primeira vez que o fez na nossa sala, o que me agradou muito e o que agradou e motivou os alunos no conhecimento do Charlin Chaplin.

Silveira-Botelho (2009) refere que “... uma utilização adequada das novas tecnologias é aquela que permite expandir, enriquecer, diferenciar, individualizar e implementar a globalidade dos objetivos curriculares.” (p.124), sendo isto o que aconteceu nesta aula de Língua Portuguesa, pois também através da utilização do computador, a professora conseguiu mostrar o anúncio da “Coca-Cola”, e sensibilizar os alunos e levá-los a pensar no que estavam a ler.

Segundo ainda a autora acima citada “...as atividades desenvolvidas em redor da tecnologia devem ser perspectivadas como novas oportunidades educativas mas integradas num todo que lhes atribuirá e reforçará o seu sentido”. (p. 124).

6 de janeiro de 2012

Matemática 5.º Ano

A professora faltou à aula tendo esta sido dada por mim e pelos meus colegas de estágio. Realizámos alguns jogos e colocámos um documentário sobre a história da Matemática, explorando os conteúdos apresentados.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

Na aula de hoje o professor de Língua Portuguesa analisou com os alunos as notas que cada um teve no 1.º período. De seguida tentou perceber quais as perspectivas que os alunos tinham para esta novo período e o que é que tencionavam modificar para melhor as notas.

Ciências da Natureza 6.º Ano

Hoje a professora tentou realizar uma revisão sobre o Sistema Respiratório, mas como a turma esteve agitada não conseguiu. Porém prossegui a aula introduzindo o conceito de hematose pulmonar através de um filme.

É de salientar que durante este tempo de aula, além da turma estar agitada existiram momentos de pancadaria, sem que os alunos envolvidos fossem explicitamente chamados à razão e repreendidos, sendo a aula uma grande confusão.

Inferências e Fundamentação teórica

O dia de hoje levou-me a refletir mais uma vez no que se passou na aula de Ciências da Natureza.

Mais um momento de briga dentro da sala de aula e mais uma vez a professora não chamou a atenção dos alunos intervenientes, ou quando chamou, foi uma repreensão bastante benevolente.

Lopes e Rutherford (2001) defendem que "...uma boa gestão de sala de aula compreende o recurso a estratégias comportamentais de promoção de comportamentos adequados ou de correção de eventuais comportamentos inadequados." (p. 22), pois sem isto os alunos começam a fazer o que bem entendem e não respeitam as regras estipuladas, por isso se o professor não consegue aplicar estratégias que removam ou diminuam o mau comportamento, tem forçosamente que corrigir os maus comportamentos.

Porém, dei comigo a pensar no que esta professora poderá sentir ao ver que as suas aulas são uma grande confusão, e que, quando eu e os meus colegas damos aula, os alunos estão disciplinados.

Para um professor que já exerce a sua profissão há alguns anos deve sentir-se frustrado e triste, por observar que não consegue levar a turma como outros. Carita e Fernandes (1997) afirmam que “a indisciplina perturba os professores, afecta-os emocionalmente, mesmo mais do que os problemas de aprendizagem com que habitualmente também têm que se confrontar.” (p. 15). Por isso, esta professora a nível emocional, está fragilizada, deixando que isso transpareça para os seus alunos.

Ainda os mesmos autores mencionam que “a indisciplina é uma situação em que frequentemente os professores se sentem desconsiderados, desprezados, questionados enquanto pessoas.” (p.15), fazendo com que estes sem sintam desmotivados na prática do ensino.

10 de janeiro de 2012

Matemática 6.º Ano

Hoje a professora voltou a faltar, ficando de novo eu e os meus colegas com a turma durante os 90 minutos.

Ao longo deste tempo conversámos com os alunos sobre quais as características que um professor deve ter para que seja bom, segundo a opinião dos alunos. Depois de escutarmos algumas das opiniões dos alunos propusemos que um dele saísse da sala e falámos com a turma, pedindo para que se comportassem mal quando o colega entrasse, pois ele teria o papel de professor e teria de controlar a turma. Claro que o aluno não conseguiu controlar a turma, chegando todos à conclusão que era bastante complicado gerir tantas pessoas juntas.

Língua Portuguesa 6.º Ano

A aula de hoje foi lecionada pelo meu colega e durou 90 minutos.

O meu colega de estágio começou a aula com a leitura de um texto autobiográfico sobre Beethoven, como a professora lhe tinha pedido. A partir do texto tinha como objetivo realizar a exploração textual e gramatical com os alunos.

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

Nesta aula professora abordou a matéria que se prendia com a Lisboa quinhentista.

No restante tempo de aula, nos segundos 45 minutos foi o meu colega a dar a aula. A aula do meu colega tinha como tema principal a crise de sucessão ao trono –a morte de D. Sebastião e o início da dinastia filipina.

Terminou a aula com a aplicação de uma proposta de trabalho.

Inferências e Fundamentação teórica

No dia de hoje vou centrar-me na aula de História de Geografia de Portugal que o meu colega lecionou.

Perante o programa de História de Geografia de Portugal, Ministério da Educação (1991), para o 2.º Ciclo, o conteúdo que o meu colega abordou nesta aula, faz referência à matéria do 5.º Ano, sendo desta forma imprescindível a sua abordagem em sala de aula, pois se os alunos não compreenderem este conteúdo não entendem o porquê de Portugal ter estado 60 anos sob o domínio espanhol.

No programa de História de Geografia de Portugal no que se refere à articulação com os objetivos gerais, pretende-se que os alunos “reconheçam acontecimentos que produziram alterações em Portugal neste período, sensibilizando-se para os conceitos de interação/causalidade;” (pp. 23-24), sendo isto referido na aula do meu colega. Neste sentido o meu colega ao dar esta aula esteve de acordo com o que o programa estipula para esta idade, transmitindo as ideias chave para que estes consigam compreender este tema.

Porém, esta aula, foi dada numa forma demasiado sucinta, o que me faz refletir se os alunos compreenderam ou não os conteúdos que foram abordados nesta aula.

13 de janeiro de 2012

Matemática 5.º Ano

Na aula de hoje a professora escreveu no sumário que iria dar a multiplicação e a divisão, contudo acabou por dar a matéria escrita no quadro, dando pois uma ficha aos alunos sobre a subtração.

Além da professora não ter lecionado o que havia escrito no sumário, a turma esteve sempre muito instável, ando os alunos de pé pela sala de aula.

Quase no final da aula a professora deixou que os alunos realizassem um jogo no computador, mas mais uma vez não houve ordem alguma na sala, estando os alunos a responderem ao que era pedido no jogo, todos ao mesmo tempo.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

A aula começou com alguns alunos a encenar uma peça de teatro, sendo isto seguido de um visionamento de algumas partes de um filme, que mostrava diferentes comportamentos a ter numa sala de aula.

Após a visualização deste filme o professor de Língua Portuguesa conversou com os alunos sobre o mesmo, de forma a perceber qual a opinião dos mesmos sobre os comportamentos expressos no filme

Depois desta conversa a professora de Matemática entregou uma ficha sobre a subtração. Contudo a aula foi terminada com uma outra ficha de trabalho de Língua Portuguesa, sobre a formação de palavras.

Ciências da Natureza 6.º Ano

Na aula de hoje, mais uma vez a professora entregou várias fichas de trabalho para os alunos resolverem.

O sumário do dia de hoje contemplava a introdução ao Sistema Respiratório dos peixes, contudo não foi isso que a professora abordou, pois as fichas que foram entregues aos alunos apenas faziam referência ao Sistema respiratório humano.

Mais uma vez a turma esteve instável e em constante movimento dentro da sala de aula, chegando mesmo, alguns dos alunos a entrar e a sair da sala sem nunca serem chamados à atenção.

Inferências e Fundamentação teórica

Os professores devem de diversificar as estratégias de ensino/aprendizagem de modo a promover uma melhor aprendizagem dos seus alunos. Se um professor está sistematicamente a entregar fichas de trabalho aos alunos não está a diversificar as estratégias de aprendizagem, não motivando os alunos para a mesma e, em alguns casos, não chegando a compreender quais as dificuldades dos seus alunos e não conseguindo colmatá-las, pois não há uma diversificação destas estratégias.

Segundo Pato (1995) “o professor tem que recorrer (...) a pedagogias diferenciadas que perspectivem a progressão individual dos alunos, num contexto educativo e sócio - cultural...” (p.9), estando sempre estas adequadas à turma que temos à nossa frente.

Em relação às fichas de trabalho, Ponte e Serrazina (2000) afirmam que “as fichas, podendo conter questões de diversos tipos, permitem avaliar diversos tipos de objetivos como a aquisição de conhecimentos, ao nível dos conceitos, das competências de cálculo e da resolução de problemas.” (p.232), mas se foram sempre utilizadas como uma única fonte e estratégia em sala de aula, não se tornam uma mais valia, mas sim um transtorno.

Ponte e Serrazina (2000) referem que as fichas de trabalho apresentam certas limitações, pois estas “...não se prestam a avaliar objetivos como a capacidade de raciocínio, as atitudes e os valores.” (p.232), que também são necessários avaliar e ter em conta em todas as aulas. Isto é possível com outro tipo de estratégia em sala de aula.

17 de janeiro de 2012

Matemática 6.º Ano

Hoje dei aula nesta turma durante os primeiros 45 minutos. O tema da minha aula eram as situações aleatórias e para isso fiz alguns jogos sobre esta matéria.

Os jogos prendiam-se todos com as situações aleatórias de forma de conduzir os alunos ao conceito de situação aleatória. Um dos jogos que realizei em sala de aula foi o jogo do euromilhões, que pretendia mesmo simular o jogo verdadeiro, por isso os alunos preencheram um cupão verdadeiro e depois fizemos o sorteio em sala de aula.

No segundo tempo de aula a professora realizou alguns exercícios sobre a matéria que iria sair numa ficha que os alunos iram realizar durante esta semana.

Língua Portuguesa 6.º Ano

Na aula de hoje a professora continuou a trabalhar o livro do “Ulisses” com os alunos, mas antes de continuar o estudo deste livro fez uma revisão oral sobre o que tinham estudado na aula anterior.

A aula continuou, depois, com a leitura e a interpretação do livro.

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

Hoje a professora entrou na sala de aula a comer e permaneceu a comer durante os primeiros minutos de aula. Isto fez com que uma aluna a chamasse a atenção sobre a postura que estava a ter na sala. A professora não gostou do comentário que a aluno realizou, colocando-a na rua.

Depois disto, prossegui com a aula tendo como auxílio um *Powerpoint*.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje ao dar aula de Matemática senti-me muito bem e gostei muito da estratégia que desenvolvi com os alunos para abordar este conteúdo.

O jogo é sempre uma estratégia interessante e ao mesmo tempo divertida de abordar um determinado conteúdo e de tornar a sua aprendizagem mais lúdica e estimulante para os alunos.

Pastells (2004) afirma que os professores cada vez mais “...parece que vão considerando o jogo como um outro recurso de aprendizagem que poderá ser utilizado na aula de Matemática.” (p. 6).

Eu penso que, em muitos casos, o jogo facilita a aprendizagem dos alunos e melhora a aquisição de alguns conteúdos, que se fossem leccionados apenas de uma forma expositiva seriam mais complicados de adquirir e interiorizar.

O mesmo autor refere ainda que existem cada vez mais profissionais da educação que manifestam a ideia de que "...se o jogo se utilizar de forma programada e sistemática poderá ajudar os alunos a interiorizar conhecimentos matemáticos que, com uma metodologia, mais expositiva e magistral, passariam com mais dificuldade." (p. 6), mostrando-se assim uma arma poderosa para combater algumas dificuldades de aprendizagem.

Outros dos aspectos que considero importante referir no dia de hoje prende-se com a aula de Língua Portuguesa.

Magalhães (2008) refere que "parte considerável do trabalho a realizar na disciplina de Língua Portuguesa no 2.º Ciclo (10 a 12 anos de idade) incide exactamente sobre a detecção da riqueza da língua no texto literário." (p.65). Neste sentido, a exploração e leitura do livro do "Ulisses" na sala de aula incide sobretudo na exploração do texto literário. Este livro é explorado no 6.º Ano de escolaridade porque faz parte do Plano Nacional de Leitura para este ano, sendo este a versão traduzida de Maria Alberta Meneres.

Este livro trabalhado em sala de aula com os alunos do 6.º Ano não foi escrito propositadamente para crianças, como quase toda a literatura que é abordada na escola, pois como afirma Magalhães (2008) "é no 2º Ciclo, ainda, que novos textos literários são apresentados aos alunos. Trata-se (...) de adaptações, para crianças, de clássicos de literatura para adultos..." (p.66), como é o caso do "Ulisses" de Maria Alberta Meneres.

Outras das coisas que gostaria de referir é que, como a classe social dos alunos é média-baixa, a escola disponibiliza livros para que possam ser explorados e lidos na sala, permitindo assim que todos os alunos tenham acesso a este. Isto parece-me importante, pois, como afirma Traça (1992) "... o livro alarga a percepção do mundo, educa a sensibilidade, abra as portas do imaginário, enriquece-nos e enriquece o nosso diálogo com os outros." (p.75). Assim, parece-me importante esta forma que a escola arranjou para que todos os alunos tivessem contacto com o livro do "Ulisses", pois através das imagens e do contacto com o livro (material) é possível suscitar tudo o que Traça salienta.

20 de janeiro de 2012

Matemática 5.º Ano

Na aula de hoje a professora voltou a entregar fichas sobre as expressões numéricas e realizou a correção das mesmas com os alunos no quadro.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

Hoje o professor de Língua Portuguesa esteve a ver os cadernos diários dos alunos para depois dar o seu parecer sobre os mesmos e recomendando que alguns dos alunos modificassem a organização dos mesmos.

Enquanto isto, a professora de Matemática entregou uma ficha de trabalho e realizou os exercícios da mesma com os alunos.

Ciências da Natureza 6.º Ano

Hoje eu e a minha colega de estágio demos aula avaliada, por uma das orientadoras da ESSE João de Deus, sobre o Sistema Circulatório.

Eu inicie a aula fazendo uma revisão sobre as partes constituintes do Sistema Circulatório, através de um *Powerpoint*. Contudo, o tema central da minha aula foi a constituição do coração, que foi explorado também através do *Powerpoint* que continha imagens que ilustravam o que explicava à crianças.

Terminada a minha aula, a minha colega, continuou com a pequena e a grande circulação usando também um *Powerpoint*. No final da aula mostrou um filme que ilustrava as duas partes da matéria lecionada por nós as duas.

Numa forma de conclusão das duas aulas eu e a minha colega juntámo-nos e realizámos como os alunos uma atividade prática que consistia em manusear, ver e identificar o coração de um porco. Os alunos tinham à disposição um coração fechado e outro aberto, nunca obrigando nenhum aluno a tocar. Enquanto uns alunos iam ver o coração de porco, os outros iam fazendo uma ficha de trabalho no lugar.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje na minha aula avaliada estava um pouco nervosa, porque a turma nem sempre tem o melhor comportamento e porque com uma pessoa estranha na sala, isso podia ser um motivo de alguma agitação. Contudo, a aula correu duma forma bastante tranquila e os alunos participaram sempre que solicitei a sua participação.

É importante, como já venho a referir em outros casos, que os alunos participem nas aulas, pois segundo Sanches (2001) “os alunos não podem continuar a ser receptores passivos, eles têm de interagir. (...) É preciso pôr os alunos a fazer e não só a ouvir.” (p. 45).

Para que isto acontecesse, para que os alunos não fossem meros espectadores da minha aula e da aula da minha colega, nós no final da aula juntámo-nos para que os alunos pudessem observar o coração de um porco e deixarem de ser passivos.

Neste sentido, Pereira (2002) afirma que,

...caberá ao professor um papel determinante no que respeita a tentar perceber o que a criança já é capaz de fazer, o que já sabe, e, em seguida, a procurar desafiar a criança com novas tarefas e novas metas, guiando-a e orientando-a de forma a que ela seja capaz de conseguir alcança-las ou realizá-las. (p. 74).

Assim, em todas as aulas os alunos devem, sempre que possível, experimentar, manipular, sendo que foi isto que tentámos realizar nesta aula. Em paralelo a isto, é necessário que cada professor tome sempre conhecimento do que os alunos já sabem e que estejam em constante desafio para a criança, fomentando novas descobertas para esta e de diversas formas. Desta forma, foi o que pretendemos neste aula, pois o nosso objetivo foi levar os alunos a descobrir mais e a realizar novas experiências e, por consequente, tentar perceber se o que tínhamos estado a ensinar, se tinha sido adquirido e se estes sabiam como era constituído o coração.

24 de janeiro de 2012

Matemática 6.º Ano

Hoje o meu colega de estágio deu aula avaliada pelas orientadoras da prática pedagógica, sobre os números primos e fracções. Estes temas eram de revisão, pois os alunos já os tinham abordado o ano passado.

Durante toda a sua aula utilizou o quadro interativo tendo um programa que possibilitava a explicação das fracções. Ele terminou a aula com uma proposta de trabalho, de forma a consolidar a matéria dada.

Língua Portuguesa 6.º Ano

Nesta aula a professora entregou aos alunos uma ficha de trabalho com algumas expressões idiomáticas. Para explorar esta ficha, a professora deu alguns minutos para que os alunos estudassem as expressões, para que depois realizassem uma outra ficha onde tinham de as aplicar.

A aula terminou com a realização de uma cópia do manual.

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

A aula começou com a entrega das fichas de trabalho que o meu colega fez com os alunos na sua última aula. Depois disto a professora colocou uma aluna na rua por esta lhe ter respondido mal.

A professora, depois de colocar a aluna na rua, continuou a aula iniciando a matéria do 6.º Ano.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje o que considero importante referir prende-se com a aula de História e Geografia de Portugal.

Mais uma vez a professora colocou uma aluna na rua. Além da atitude não ser a mais correta, pois nunca se deve colocar um aluno na rua, ainda se tornou pior porque foi a aluna que sempre coloca na rua.

Para a professora esta é uma forma de punir a aula por qualquer ato que considere desadequado da parte da mesma.

Contudo, e segundo Jesus (2003),

...a punição aparentemente é mais eficaz porque tem um efeito imediato no comportamento do aluno. No entanto, a punição tem um efeito de habituação, sendo necessário um aumento de intensidade para surtir o mesmo efeito (Taveira, 1991), podendo levar a que o aluno considere o “castigo normal ou natural”, assumindo a imagem de “indisciplinado”. (p. 23).

Porém, não é com esta atitude da professora, que a aluna começará a modificar a sua forma de estar na sala de aula, pois esta já percebeu que se disser alguma coisa que não vá de encontro com o que a professora acha, é colocada na rua, sendo para ela uma coisa bastante boa.

Neste sentido, para que ela seja punida é deixá-la na sala de aula, pois é neste local que ela não quer estar.

27 de janeiro de 2012

Matemática 5.º Ano

Na aula de hoje os alunos voltaram a resolver alguns exercícios sobre expressões numéricas, de forma a consolidar esta matéria. Porém, mais uma vez a confusão foi visível na sala, estando os alunos em constante brincadeira dentro da sala.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

Nesta aula o professor de Língua Portuguesa leu um texto de Agatha Christie que foi adaptado à turma, onde alguns dos alunos eram as personagens.

Ciências da Natureza 6.º Ano

A aula foi dada pelo meu colega de estágio e tinha como tema os cuidados a ter com o Sistema Circulatório e as doenças referentes a este.

Para explorar estes conteúdos usou o como material de apoio o *Powerpoint* que continha imagens e pequenos filmes que ajudavam a ilustrar melhor o que era tratado.

Inferências e Fundamentação teórica

De acordo com o programa de Matemática para o Ensino Básico, Ministério da Educação (2007), no que se refere à álgebra para o 2.º Ciclo, é-nos apresentando como objetivos específicos, para o tópico de relações e regularidades – expressões numéricas e propriedades das operações, que os alunos compreendam “...o significado dos parênteses e a prioridade das operações numa expressão numérica.”; que usem “...expressões numéricas para representar situações e dar exemplos de situações que possam ser representadas por uma expressão numéricas.” (p. 41).

Para que isto seja possível é necessário que o professor de matemática incite nos alunos a prática deste conteúdo, para que estes consigam atingir os objetivos propostos pelo Ministério da Educação. Desta forma, é necessário que estes revolvam vários exercícios para que a sua aprendizagem seja melhorada.

Contudo, também é de salientar, que o professor também tem um papel muito ativo e importante nesta aprendizagem, pois ele como detentor de conhecimentos deve passá-los para os alunos e não só colocá-los a resolver exercícios, por isso deve de os explicar.

31 de janeiro de 2012

Matemática 6.ºAno

Na aula de hoje a professora realizou exercícios sobre operações com frações, levando os alunos a fazerem vários raciocínios, despertando-os para este fator.

Língua Portuguesa 6.º Ano

A aula começou com a professora a fazer perguntas sobre gramática aos alunos. Contudo, quando se aperceber de que a maioria não sabia responder, ordenou que estudassem, porque no dia seguinte teriam teste.

Após este discurso a professora introduziu o discurso directo e indirecto fazendo a respectiva diferença entre estes, e explicando como passar de um discurso para o outro.

Para consolidarem este conteúdo os alunos realizarem alguns exercícios na oralidade e por escrito.

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

Hoje a aula começou com a entrega dos testes de avaliação. Neste momento a professora fez um elogio a um dos alunos com mais dificuldades, pois este teve positiva no teste.

Depois de comentar as notas, a professora fez a correção oral do teste continuando depois a aula com o auxílio de um *Powerpoint* para introduzir uma matéria nova.

Inferências e Fundamentação teórica

Na aula de Matemática do dia de hoje gostei muito que a professora apelasse aos alunos vários tipos de raciocínio na resolução dos vários exercícios.

Com esta estratégia, a professora conseguiu cativar e envolver os alunos no processo de aprendizagem e confrontar vários raciocínios e levar os alunos, a refletir sobre isto.

Esta professora ao longo deste estágio, tem-se mostrado uma excelente profissional, que sabe o que ensina e além disso transmite eficazmente os seus conhecimentos aos alunos. Segundo Lopes e Rutherford (2001),

um professor, para ensinar eficazmente os seus alunos, tem necessariamente que conhecer a matéria que ensina. Para além disso, tem que desenvolver estratégias que lhe permitam transmitir os conhecimentos aos alunos. Contudo, tudo isto poderá ser insuficiente se ele não for capaz, em simultâneo, de gerir o grupo-turma, promovendo um ambiente que envolva os alunos nas tarefas escolares e que, por via disso, iniba o aparecimento de comportamentos incompatíveis com o ensino aprendizagem. (p. 129).

Não é o que acontece com esta professora, pois ela consegue gerir o grupo turma e consegue em simultâneo ajudá-los no processo de ensino aprendizagem, sendo uma grande referência neste processo e para mim também enquanto futura profissional de educação.

Outro aspeto que também considero importante no dia de hoje é relativo à aula de História e Geografia de Portugal.

Pela primeira vez a professora desta disciplina fez um elogio a um dos alunos com algumas dificuldades de aprendizagem e com alguns problemas de comportamento. Na minha opinião a professora fez muito bem em reconhecer que o aluno tinha tido um bom teste, pois o reforço positivo é sempre uma mais-valia para o aluno, pois motiva-o para aprender.

Para Sanches (2001) “reconhecer e recompensar o esforço do aluno é uma aprendizagem que tem de ser feita, (...). O professor deve ser sensível (...) e fazer um elogio ou dar um *feedback* positivo para realizações ainda que modestas...” (p. 60),

pois isto vai contribuir para que o aluno se sinta valorizado e para que a sua auto-estima fique mais elevada, o que é muito importante nesta idade.

3 de fevereiro de 2012

Matemática 5.º Ano

Na aula de hoje a professora realizou alguns exercícios de revisão sobre as expressões numéricas. No final da aula entregou uma ficha de expressões numéricas. Os alunos estiveram um pouco instáveis durante a aula.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

O professor de Língua Portuguesa aproveitou esta aula para fazer a correção do teste de Língua Portuguesa, que os alunos tinham realizado na hora anterior, fazendo esta correção na oralidade.

A professora de Matemática entregou aos alunos uma ficha sobre expressões numéricas, que começou a corrigir no quadro mas não terminou.

Ciências da Natureza 6.º Ano

Hoje eu e a minha colega de estágio demos aula sobre o Sistema Excretor. Durante os primeiros 45 minutos fui eu quem deu a aula. Abordei com os alunos os constituintes do Sistema Urinário e as suas funções, tendo como suporte um *Powerpoint* com várias imagens e com o Sistema Urinário.

Para consolidar esta matéria dei aos alunos uma proposta de trabalho.

No tempo que restou, os outros 45 minutos, foi minha colega que deu aula, começando por falar sobre a pele e os seus constituintes, assim como os cuidados a ter com a mesma.

Para terminar a aula fez com os alunos um jogo de sensações, em que vendou um dos alunos e este, através da sua pele e do seu tato, tinha que adivinhar que objecto tinha nas mãos e qual a sua textura.

Inferências e Fundamentação teórica

As Metas de Aprendizagem, Ministério da Educação (2010b) destinadas à disciplina de Ciências da Natureza reparei que no domínio: viver melhor, referente ao subdomínio: organismo humano, uma das metas intermédias até ao 6.º Ano apresentadas pelo Ministério da Educação define que o aluno deve explicar "...as funções dos órgãos e glândulas dos sistemas digestivo, respiratório, circulatório, reprodutor e excretor e as interdependências entre sistemas."

Ao planejar esta minha aula de ciências tive em conta esta meta de aprendizagem, tentando conduzir os alunos neste sentido, para que eles conseguissem compreender e perceber melhor como era constituído o Sistema Excretor, pois apelei muito ao visionamento de imagens, que pretendiam ilustrar que estava a dizer e a explicar.

Durante esta aula, tomei consciência, mais uma vez, de que o ato de ensinar é muito mais do que passar conteúdos para os alunos, pois o grande objetivo deste é fazer com que os outros aprendam, o que nem sempre é tão fácil como parece. Para isso o professor desempenha um papel fundamental, pois como refere Pereira (2002),

o professor será, sobretudo, um suporte de aprendizagem das crianças, enquanto organizador de atividades, de tarefas, de discussões, mas também um apoio, um andaime pronto a socorrer as crianças com uma ideia, uma pista, uma sugestão, uma pergunta, para que as crianças possam ir adquirindo mais experiência, mais saberes científicos e mais competências. (p. 78).

Não sendo então o professor um agente passivo da educação, mas sim, cada vez mais ativo e eficaz.

7 de fevereiro de 2012

Matemática 6.º Ano

A aula de hoje foi iniciada com a correção dos trabalhos de casa. Posteriormente foram feitos exercícios de consolidação da matéria sobre frações.

Língua Portuguesa 6.º Ano

A aula de Língua Portuguesa de hoje foi diferente, pois não foi dada pela professora da sala. Esta aula foi dada por uma das professoras que orienta a biblioteca escolar, sendo esta atividade uma atividade da biblioteca da escola.

A professora da biblioteca apresentou aos alunos uma história, que ela mesma narrou e à medida que a história ia decorrendo apareciam imagens que a ilustravam.

Terminada a narração da história a professora fez várias questões aos alunos sobre a mesma, entregando-lhes, depois uma proposta de trabalho sobre o que tinham escutado.

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

Na aula de hoje a professora falou sobre o absolutismo em Portugal e sobre as suas causas e consequências para o nosso país. A professora abordou ainda o estilo barroco.

Inferências e Fundamentação teórica

As atividades promovidas pela Biblioteca Escolar são bastante importantes para a vida escolar e para a vida da própria biblioteca, para que esta não caia no esquecimento da comunidade escolar. Desta forma Silva (2000) confirma que “a Biblioteca Escolar, mais que qualquer outra Biblioteca, precisa sobretudo de ser dinamizada, sob pena de se tornar num *peso morto* na escola.” (p.85).

A atividade promovida na sala de aula, mas de carácter bibliotecário, a meu ver foi bem conseguida e despertou nos alunos um fascínio pela leitura e pela audição de narrativas.

Contudo, considero que esta atividade teve uma grande desvantagem, pois a meu ver, não se devia trabalhar uma ficha após a audição desta narrativa.

Magalhães (2008) defende que “nas bibliotecas, a exploração da leitura literária pretende-se alternativa, não se reproduzindo práticas de sala de aula, como seja responder a questionários, identificar personagens e acções, referenciando-os no espaço e no tempo ...” (p.67). Assim, não deviam ter sido feitas práticas de sala de aula, porque para isso não era feita uma atividade do fórum da Biblioteca, mas sim uma simples exploração textual do manual escolar.

10 de fevereiro de 2012

Matemática 5.º Ano

A aula foi iniciada com a realização de uma minificha sobre expressões numéricas, que de início se destinava para a avaliação. Contudo a professora a meio da ficha decidiu que esta já não contaria para a avaliação, acabando por ajudar alguns alunos na sua concretização.

Terminada a ficha, pela maioria dos alunos foi feita a correção no quadro. No momento da correção, quase no final desta, um dos alunos recusou-se a ir fazer uma expressão ao quadro. Perante tal recuso a professora obrigou-o a resolver a expressão, pois se não o fizesse não sairia da sala de aula.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

Esta aula foi iniciada pela professora de Matemática que elaborou com os alunos uma ficha de trabalho sobre expressões numéricas.

Depois da ficha terminada o professor de Língua Portuguesa elaborou a correção de uma composição feita por uma aula. Esta correção foi feita em conjunto com a turma, pois estava projectada no quadro interativo.

Ciências da Natureza 6.º Ano

A turma fez um teste de avaliação sumativa.

6 de março de 2012

Matemática 6.ºAno

Hoje durante os 45 minutos dei aula sobre a razão e a proporção. Iniciei a aula através de um diálogo com os alunos sobre uma situação apresentada em *Powerpoint*.

Depois fui introduzindo, através do diálogo e da apresentação em *Powerpoint* os conceitos de razão e proporção e como realizar uma regra de três simples.

De forma a concluir a minha aula entreguei uma proposta de trabalho para averiguar se os conceitos haviam ficado bem explicados por mim e se os alunos tinham entendido.

A professora terminou a aula com a resolução de exercícios para a consolidação da matéria apresentada por mim.

Língua Portuguesa 6.º Ano

A aula de Língua Portuguesa, nos primeiros 45 minutos, foi dada pela minha colega que explorou com os alunos a conjugação pronominal.

Ela iniciou a aula com a reprodução, através de um CD, de um texto do manual dos alunos. Após a audição do texto ela fez questões de compreensão oral sendo que depois os alunos leram o texto em voz alta. Durante a leitura do texto a minha colega foi fazendo várias questões gramaticais.

Depois de lido o texto a minha colega abordou a conjugação pronominal simples e reflexa através de um *Powerpoint*.

Feita uma revisão sobre este conteúdo foi entregue aos alunos uma proposta de trabalho sobre o que haviam revisto.

Seguidamente a professora pegou na turma e fez uma revisão de tudo o que a minha colega já tinha revisto.

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

Os alunos hoje realizaram um teste de avaliação sumativa.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje a minha aula de Matemática ficou muito há quem das expectativas. Ao dar esta aula não me senti nada segura com os conteúdos que estava a trabalhar com os alunos, tendo isso sido notório para eles, o que fez com que me baralhasse muitas

vezes e não conseguiu manter uma linha condutora e coerente no que pretendia ensinar e explicar.

Esta aula foi, como tantas outras, mais um prova de fogo para mim, mas esta de uma certa forma foi especial, pois como não consegui atingir os objetivos tive outro tipo de aprendizagem com ela.

As críticas que me foram apontadas nesta aula foram muito importantes para o meu crescimento profissional e pessoal. Carita e Fernandes (1997) referem que,

a observação de uma aula por terceiros, (...) constitui um excelente meio de informação sobre o desempenho do professor na medida em que cada um dos elementos do grupo pode focalizar a sua observação num só aspecto (...) e, posteriormente, reunira a informação assim obtida, reconstituindo a aula. (p. 29).

Na minha opinião a observação de qualquer aula é sempre importante e neste caso foi, pois pude refletir no que fiz mal e corrigir de modo a que numa aula futura não volte a cometer os mesmos erros.

9 de março de 2012

Matemática 5.º Ano

No presente dia de estágio a professora abordou com os alunos a estatística introduzindo as tabelas de frequência relativa. Esta matéria foi explicada no quadro, no qual a professora fez um pequeno esquema representativo do que estava a explicar aos alunos.

De forma a consolidar a matéria abordada os alunos realizaram novamente duas fichas de trabalho.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

Esta aula foi iniciada pela professora de Matemática que se limitou a repetir a aula que havia dado na turma anterior. Desta forma iniciou a aula introduzindo os alunos na estatística o que por sua vez os levou à resolução de tabelas de frequência relativa.

De igual forma, consolidou esta matéria com uma proposta de trabalho.

Enquanto a professora de Matemática deu aula o professor de Língua Portuguesa iniciou uma atividade em observava alguns dos alunos da turma e fazia uma análise ao seu perfil. Depois no final da aula dizia qual seria o perfil de cada um dos alunos que tinha estado a observar, tendo em conta as suas atitudes.

Ao dizer qual o perfil dos alunos que tinha estado a observar fez reparos a alguns dos alunos que não se deveriam fazer, tais como dizer que um dos alunos no futuro deveria ser ladrão.

Ciências da Natureza 6.º Ano

A professora começou a aula realizando um esquema no quadro sobre as plantas. Este esquema era um esquema-síntese de toda a matéria que os alunos já tinham abordado.

Para consolidar esta matéria entregou duas fichas de trabalho que os alunos realizaram no quadro e que a professora tentou corrigir no final, mas sem êxito.

Inferências

No dia de hoje o que me parece importante salientar é o comportamento do professor de Língua Portuguesa na aula de Estudo Acompanhado.

Eu não gostei nada da atitude do professor com os alunos durante a aula, pois não me parece nada bem que um professor faça comentários destrutivos aos seus alunos.

Um professor, tem que ter em consideração as suas atitudes e as suas palavras em sala de aula, pois são um exemplo para os alunos, e por isso, se não respeitam os alunos, também os alunos não irão respeitar.

Assim, isto pode condicionar o clima vivido em sala de aula, modificando por isso a disciplina e colocando-a em alguns momentos em causa.

13 de março de 2012

Matemática 6.ºAno

Hoje a minha colega deu aula sobre as escalas. Introduziu o tema da aula através de um *Powerpoint*, sendo este o seu fio condutor ao longo da aula. Para terminar a sua aula entregou uma proposta de trabalho sobre o tema explorado.

Língua Portuguesa 6.º Ano

A aula de Língua Portuguesa foi dada por mim. Eu iniciei esta aula com a leitura de um texto do manual escolar dos alunos.

Após a minha leitura modelo do texto, solicitei a alguns dos alunos que lessem o texto. Depois de lido o texto por parte dos alunos, fiz a interpretação do texto e a análise gramatical do mesmo, partindo depois para o tema da minha aula as orações coordenadas e subordinadas.

Este conteúdo era de revisão e por isso, fiz a sua exploração através de um *Powerpoint*, que continha alguns exemplos que eu pretendia explorar nesta aula.

Conclui a aula com uma proposta de trabalho, para consolidar os conteúdos leccionados.

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

Esta aula de História de Geografia de Portugal foi lecionada por mim e pelos meus colegas de estágio, pois demos a aula em conjunto. O tema da nossa aula era as invasões francesas, e como eramos três decidimos dar a aula com uma pequena dramatização, em que cada um de nós era um dos generais que acompanhou o exército francês até Portugal.

Terminámos a nossa aula com o visionamento de alguns filmes que pretendiam ilustrar o tempo das invasões, nomeadamente algumas recriações feitas para comemorar os 200 anos destas invasões.

Inferências e Fundamentação teórica

O dia de hoje foi preenchido pelas nossas aulas nas várias disciplinas. Eu hoje vou apenas centrar-me na aula que demos na disciplina de História e Geografia de Portugal.

Para mim foi muito bom e importante partilhar esta aula como os meus colegas de estágio, pois é fundamental que nós como futuros professores, consigamos trabalhar com diferentes pessoas, e da mesma forma, preparar aulas com diferentes pessoas.

Neste sentido foi importante planificar e pensar tudo com os meus colegas.

Outro dos aspetos que considero importante nesta aula que demos hoje em conjunto, foi o facto de levarmos a estas crianças, uma outra forma de dar uma aula de História e de abordar uma matéria, que até poderia ser “chata” e complicada, mas que tornou numa matéria divertida.

Segundo Sanches (2001) “...os alunos acham que quando estão a divertir-se não estão a aprender.” (p. 53), mas pelo contrário, estão a realizar uma aprendizagem mais apreensiva, pois com a “brincadeira”, interiorizam muito mais.

No ensino da História é fundamental que os alunos mantenham uma ligação como o que estão a aprender e para isso nada melhor que a dramatização de algo, como nós fizemos nesta aula. Proença (1992) menciona que “...as dramatizações e simulações podem tornar-se estratégias extremamente importantes para promover nos alunos o envolvimento afectivo com a História, e para desenvolver a criatividade e imaginação empática que o ensino da História deve proporcionar.” (134).

Neste sentido, a estratégia por nós criada e explorada, fomentou um maior envolvimento dos alunos com a História, o que é sempre uma mais valia para eles, para que possam compreender que a História não é algo estanque é inatingível por eles.

16 de março de 2012

Matemática 5.º Ano

Na aula de hoje a professora introduziu o diagrama de caule-e-folhas. Começou por explicar este conteúdo no quadro através de uma representação do mesmo, contudo explicou tudo ao contrário, continuando durante toda a aula a explicar a forma de organizar os dados neste diagrama da forma errada.

Ao longo da aula solicitou aos alunos que realizassem alguns exercícios do manual. Porém quando foi o tempo de fazer a correção dos mesmo no quadro, como não os sabia explicar, foi às soluções para ver os resultados e limitou-se a coloca-los no quadro, sem explicar nada.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

O professor falou com os alunos sobre um concurso que estava a decorrer na escola sobre a elaboração de um texto.

Ciências da Natureza 6.º Ano

Hoje os alunos realizaram mais um teste de avaliação sumativa.

Inferências e Fundamentação teórica

Depois de ter observado a aula de Matemática do dia de hoje, fui ler as Metas de Aprendizagem, Ministério da Educação (2010b), do 2.º Ciclo referentes a esta disciplina. O Ministério da Educação, no que se prende com o domínio: organização e tratamento de dados, na meta final 30 – analisa e interpreta informação de natureza estatística, é-nos apresentada como uma das metas intermédias até ao 5.º Ano, a interpretação de "...tabelas de frequências absolutas e relativas, gráficos de barras, diagramas de caule-e-folhas, gráficos circulares e gráficos de linhas.".

Segundo as metas apresentadas pelo Ministério da Educação todos os alunos do 5.º Ano de escolaridade devem conseguir interpretar um diagrama de caule-e-folhas. Porém, na aula de hoje de Matemática, eu duvido que os alunos o consigam fazer da forma correta, uma vez que a aula foi dada sempre de forma errada e que a matéria não foi explicada corretamente. Desta forma, estes alunos, quando submetidos a uma avaliação deste conteúdo não atingirão os objetivos propostos e delimitados pelo Ministério.

Sanches (2001) afirma que,

é importante que o professor domine bem o processo, o como se aprende, as várias etapas para realizar a tarefa final. Os alunos devem ser capazes de ver quais os passos a dar de forma natural e confortável. Ao professor cabe delinear o itinerário para que o aluno não se perca pelo caminho ou não se desvie do objetivo principal. (p. 50),

pois se assim não for, o próprio professor estará a induzir os alunos em erro, não lhes proporcionando uma boa aprendizagem dos conteúdos.

20 de março de 2012

Matemática 6.ºAno

Na aula de hoje a professora começou por fazer a correção da ficha de avaliação que os alunos tinham realizado.

No segundo tempo de 45 minutos, eu dei mais uma aula, uma vez que a anterior não tinha corrido muito bem. O tema da minha aula centrava-se em dar a noção de volume e os volumes do cubo, paralelepípedo e cilindro.

Antes de explicar o cálculo destes volumes, fiz uma breve revisão sobre algumas figuras geométricas e as suas respectivas áreas. Como suporte auxiliar usei o *Powerpoint* e o quadro que está disponível na sala de aula.

Língua Portuguesa 6.º Ano

Hoje foi o meu colega a dar aula de Língua Portuguesa durante os 90 minutos.

A professora desta turma tinha-lhe solicitado que desse uma aula sobre os determinantes e pronomes, sendo esta de revisão de alguns destes conteúdos e de outros era matéria nova.

Ele usou como suporte auxiliar o *Powerpoint* e para terminar a sua aula entregou uma proposta de trabalho.

História e Geografia de Portugal 6.º Ano

Na aula de hoje a professora apenas fez revisão dos conteúdos já abordados em aulas anteriores.

Inferências e Fundamentação teórica

Como a minha anterior aula de Matemática não tinha corrido muito bem, eu pedi à professora para dar mais uma aula, para praticar mais nesta disciplina, pois nem sempre me sinto à vontade com os seus conteúdos.

Esta aula correu muito melhor que a anterior, o que para mim foi muito bom, pois consegui, segundo da professora da sala, manter um discurso mais coerente e ter uma linha de pensamento muito mais organizada que na anterior.

Neste sentido, e como afirma Loureiro (2000) "...o discurso do professor e a estrutura do diálogo estabelecido numa aula vão influenciar os resultados da aprendizagem, daí a relevância da sua eleição como variáveis fundamentais para compreender o processo de ensino." (p. 98).

Sendo esta a última aula que dei no 2.º Ciclo, fiquei muito feliz por ter conseguido modificar este aspeto, que anteriormente me tinha sido apontado como negativo, e tê-lo transformado em positivo e melhorado. No fundo a prática pedagógica serve para isto mesmo, melhorar e corrigir o que está menos bem e tentar modificar o que se encontra mal.

23 de março de 2012

Matemática 5.º Ano

Hoje foi o último dia de estágio nesta turma e por coincidência o último dia de aulas do 2.º período.

Por se o último dia do 2.º período a professora realizou a correção do desafio de matemática do mês. Os alunos todos os meses levavam para casa um desafio relacionado com a Matemática e depois no final do mês tinham que trazer resolvido e entregar à professora. Estes desafios depois de corrigidos, eram afixadas as notas correspondentes num quadro, e viam-se qual dos anos, 5.º Anos, ou 6.º Anos, é que tinha mais respostas certas. A aula terminou com a realização de alguns jogos.

Estudo Acompanhado 5.º Ano

De novo, nesta aula a professora voltou a fazer o mesmo que havia feito na turma anterior, pois corrigiu o desafio de Matemática do mês.

Para terminar a aula os professores realizaram a autoavaliação, que teve a nossa colaboração, pois dissemos de concordávamos ou não com as notas atribuídas.

Ciências da Natureza 6.º Ano

Apesar de ser o último dia de aulas, o meu colega deu aula sobre as plantas carnívoras. Este tema, como era esperado, suscitou muita curiosidade nos alunos desta turma o que fez com que estivessem com atenção à aula do meu colega.

Ele começou por caracterizar as plantas carnívoras e por explicar o que são e o porquê de terem este nome, seguindo sempre a aula através de um *Powerpoint*.

Para melhor concretizar o que estava a explicar e para que os alunos pudessem observar e ter contacto com plantas carnívoras, o meu colega trouxe para a sala de aula algumas destas plantas, o que motivou ainda mais os alunos. Concluiu a aula com a elaboração de uma proposta de trabalho.

Inferências e Fundamentação teórica

A autoavaliação deve ser um momento presente em todas as aulas de final de período em cada disciplina. No meu entender a auto-avaliação por parte dos alunos é importante, pois leva-os a refletir sobre a sua prestação ao longo do período. Não me refiro apenas ao seu desempenho a nível de notas e de avaliação sumativa e formativa, aquando da realização dos testes. Refiro-me também à avaliação das suas atitudes e valores, que vão manifestando em sala de aula, que cada vez mais devem ser tidos em conta na avaliação dos alunos.

Segundo Sanches (2001),

é preciso aprender a valorizar o processo de aquisição dos conhecimentos e das atitudes e não centrarmos a nossa atenção apenas no produto final. É, sem dúvida, uma outra forma de estar na avaliação dos nossos alunos, talvez difícil de aprender e, principalmente, de introduzir nas nossas práticas. (p. 30-31),

Nesta aula de Estudo Acompanhado, em que os alunos reflectem a sua postura ao longo deste período, estes valores e atitudes entram e contam para a sua avaliação. Pais e Monteiro (1996), referem que "...a auto-avaliação consiste na regulação do processo de aprendizagem pelo próprio aluno; permite antecipar as operações a realizar para que determinada aprendizagem se verifique; permite ainda a identificação dos erros de percurso e a procura de soluções adequadas e/ou alternativas" (pp. 28-29), e por isso é necessária que exista nas salas de aula e que seja uma prática cada vez mais recorrente no ensino e na avaliação do mesmo por parte dos alunos.

1.7. 7.ª Secção: Seminário de contato com a Realidade Educativa

Esta semana de estágio intensivo foi realizada na turma do 5.º Ano do Jardim-Escola João de Deus de Santarém. Acompanhei esta turma em todas as suas rotinas e seguindo o seu horário, como podemos observar no quadro 10.

Quadro 10 – Horário do 5.º Ano

Horas	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
08:30	LPO	MAT	MAT	L ING	MAT
09:15					
09:15	HGP	EVT	C NAT	EF	C NAT
10:00					
10:20	EA	EM	L ING	LPO	FC
11:05					
11:05	EF	LPO	EVT	DESPORTO ESCOLAR	
11:50					
12:00	Almoço/Intervalo	Almoço/Intervalo	Almoço/Intervalo	Almoço/Intervalo	Almoço/Intervalo
12:45					
12:45	Almoço/Intervalo	Almoço/Intervalo	Almoço/Intervalo	Almoço/Intervalo	Almoço/Intervalo
13:30					
13:30	Almoço/Intervalo	Almoço/Intervalo	Almoço/Intervalo	Almoço/Intervalo	Almoço/Intervalo
14:30					
14:30	EF	LPO	EVT	DESPORTO ESCOLAR	
15:15					
15:15	EF	LPO	EVT	DESPORTO ESCOLAR	
16:00					
16:00	EF	LPO	EVT	DESPORTO ESCOLAR	
16:45					

A escolha deste ciclo para a realização deste estágio baseia-se no facto de eu gostar bastante do 2.º Ciclo do Ensino Básico e de pretender adquirir mais algumas competências sobre a docência neste Ciclo, pois o estágio que estou a realizar nesta valência não contempla o Ano lectivo inteiro.

Além disso esta escolha também teve presente o fator de eu poder observar todas as áreas lecionadas no 2.º Ciclo, o que não acontece no estágio que estou a realizar neste ciclo.

1.7.1.Semana de 27 de fevereiro de 2012 a 2 de março de 2012

A semana começou logo com teste de avaliação sumativa à disciplina de Língua Portuguesa, sendo esta aula seguida por História de Geografia de Portugal (HGP). Nesta aula o professor usou vários recursos que o permitiram explicar de explorar a matéria de uma forma muito apelativa. Na aula de Estudo Acompanhado os

alunos realizaram vários exercícios de aplicação dos conhecimentos já adquiridos a Matemática e a Inglês, uma vez que estas eram as professoras desta disciplina. O dia foi terminado com a aula de Educação Física, onde os alunos trabalharam a resistência, através da corrida no recreio, e depois trabalharam a ginástica no ginásio.

Na terça-feira, a manhã começou com Matemática, onde os alunos trabalharam alguns exercícios de revisão, sendo estes seguidos por uma aula de uma colega, que explorou com os alunos o 5.º Dom de Fröebel, construindo as colembias.

Seguidamente, uma das outras colegas fez algumas situações problemáticas com os meninos abordando as fracções.

Na aula de Educação Visual e Tecnológica os alunos terminaram os trabalhos que já haviam iniciado em aulas anteriores. Após os alunos terem terminado o professor mostrou um *Powerpoint* onde abordou o conceito de geometria e o pontilhismo. À medida que o professor ia explicando os vários tipos de pontos existentes, a sua organização no espaço, o aspecto gráfico e a quantidade de pontos que uma superfície têm, os alunos iam realizando desenhos sobre isto nas suas folhas.

Na aula de Educação Musica foi trabalhada estrutura harmónica de música Dunas, onde cada aluno tinha uma função na “construção” da harmonia da música, existindo dois alunos com um jambé, quatro alunos com viola, uma aluna com um órgão, dois com flauta e duas alunas na voz. Na aula de Língua Portuguesa foi abordada a notícia e a sua constituição – título, corpo e lead.

Ao final do dia eu pude assistir à reunião do conselho de turma desta turma, onde estiveram presentes todos os professores dos alunos e onde se falaram sobre as notas dos alunos até àquele momento.

Na quarta-feira a manhã começou com a aula de Matemática, onde a professora iniciou a aula com a explicação do que é uma fracção com o quociente exato de dois números inteiros, explicando isto no quadro de giz e fazendo exemplos do mesmo. Em paralelo fez uma revisão das operações da divisão.

Terminada esta explicação os alunos passaram para o caderno diário o que estava no quadro. Neste momento a professora introduziu outros conceitos importantes que se prendiam com a dízima finita e dízima infinita periódica, fazendo alusão também ao número π .

Na aula de Ciências da Natureza o professor começou por fazer uma revisão das plantas com flor, através de um diálogo com os alunos sobre a raiz, o caule e a constituição da folha, continuando com a revisão da constituição da flor, que foi feita através de um *Powerpoint*, onde abordou os órgãos de suporte, protecção e reprodução da mesma.

Terminadas as revisões foram introduzidos os fatores que influenciam o desenvolvimento das plantas, continuando isto a ser abordado através do *Powerpoint*.

Durante a aula de Tecnologias da informação e comunicação os alunos realizaram uma ficha de avaliação sumativa.

A tarde terminou com a aula de Inglês que começou com a professora a questionar os alunos sobre a realização dos trabalhos de casa, se estavam feitos ou não, fazendo depois a correção dos trabalhos de casa, solicitando sempre os alunos.

Esta aula foi dada na sua totalidade na língua inglesa, sendo falado português em alguns momentos.

Durante a aula foi abordado o vocabulário referente ao vestuário. Este foi leccionado através de dois desdobráveis que foram colados no quadro para que todos pudessem ver e acompanhar.

Para finalizar a aula os alunos copiaram para o caderno o vocabulário aprendido na aula e a professora passou o sumário no quadro.

O dia de quinta-feira começou com a aula de Inglês, que foi iniciada com um exercício de compreensão oral no qual os alunos escutavam uma gravação e a acompanhavam através do manual escolar. Neste sentido, os alunos começaram por ouvir e repetir os nomes das diferentes peças de vestuário, e de seguida, ouviram uma descrição das personagens de banda desenhada que repetiram. De seguida os alunos leram o exercício sozinhos e a professora fez algumas perguntas de interpretação.

Depois disto foi dado o vocabulário que se referia aos padrões que estão presentes no vestuário, sendo este abordado através de um desdobrável que foi colado no quadro. Após estudarem este vocabulário passaram-no para o caderno diário.

Posteriormente os alunos ouviram um texto, leram-no e realizaram questões de interpretação oralmente. No final a professora leccionou o caso possessivo, dando exemplos deste.

Hoje a aula de Educação Física foi dada na rua. Os alunos começaram a aula com um aquecimento, que foi composto pela corrida e pelo aquecimento localizado.

Depois os alunos trabalharam o basquetebol no campo que está no recreio externo. O professor fez quatro equipas e os alunos jogaram 3 contra 3, sendo que o professor foi observando as maiores dificuldades dos alunos no domínio do basquetebol.

Na aula de História o professor começou por fazer uma breve revisão do que tinham abordado na aula anterior. Posteriormente observaram um *Powerpoint* onde foi mostrada uma Carta de Foral e explicado em que é que esta consistia e quais os direitos e obrigações de quem vivia nos conselhos.

O docente concluiu a aula com um exercício interativo feito no quadro interativo, no qual os alunos tinham que preencher alguns espaços de um texto de modo a que este fizesse sentido e realizaram um crucigrama de toda a matéria abordada até agora.

Na aula de Língua Portuguesa os alunos trabalharam a pares, pois fizeram a identificação da estrutura de algumas notícias dadas pela professora e depois fizeram o resumo de cada uma delas. Contudo o trabalho foi feito por cada um dos alunos, acabando por não trabalharem em grupo, pois cada menino fazia a análise de uma notícia diferente.

Na aula de Educação Visual e Tecnológica foi leccionado um conteúdo que se prendia com as linhas e a sua posição no plano, bem como a geometria da linha. Os alunos desenharam o que que era apresentado no *Powerpoint*.

O último dia de estágio foi marcado pelas aulas avaliadas das minhas colegas do Mestrado 1.º e 2.º Ciclos. Elas começaram por dar aula, de 30 minutos cada uma, na disciplina de Matemática. Uma trabalhou com os alunos as fracções decimais, com o auxílio de um *Powerpoint* e com umas barras dividias em 10 partes iguais que explorou com eles. A seguir outra abordou as fracções equivalentes e trabalhou este conteúdo através de um *Powerpoint* e com algarismos móveis. Por fim a última falou nas fracções irredutíveis, também explorando este conteúdo com um *Powerpoint* e com algarismos móveis.

A aula de Ciências da Natureza também foi lecionada pelas minhas colegas sendo, também dada a cada uma meia hora para a execução da aula.

Uma colega começou por rever as plantas com flor e introduziu o conceito de planta sem flor, através de um *Powerpoint*. Posteriormente, abordou as características do feto mostrando um feto verdadeiro aos alunos.

Na segunda parte da aula foi outra colega que trabalhou o musgo e as suas características, mostrando uma amostra de musgo e usando o *Powerpoint*. Para concluir a sua aula fez com eles uma legenda das partes constituintes do musgo.

Para terminar esta aula a outra colega explorou as características do cogumelo através de uma apresentação em *Powerpoint*. De forma a concluir a sua aula, assim como a Suzana, deu aos meninos uma proposta de trabalho na qual estes faziam a legenda das partes constituintes do cogumelo.

O dia de estágio terminou com a aula de Formação Cívica onde o professor começou por conversar com os alunos sobre a prestação dos mesmos nas aulas das minhas colegas. Seguidamente colocou os sumário em ordem e dialogou com os alunos sobre os perigos do aquecimento e do uso do gás na habitações e quais as precauções a ter.

Inferências e Fundamentação teórica

Este estágio intensivo fez-me compreender algumas coisas sobre o ensino no 2.º Ciclo do Ensino Básico. Ao longo desta semana pude observar melhor a diferença entre a monodocência e docência de apenas uma única disciplina. Uma das grandes diferenças que encontrei, e que faço a comparação com o 1.º Ciclo, é o facto dos professores do 2.º Ciclo nunca chegarem a conhecer na sua totalidade os seus alunos, pois têm várias turmas e por conseguinte passam pouco tempo com estes, dificultando, em alguns casos o conhecimento dos mesmos. Como Carita e Fernandes (1997) referem,

o professor do primeiro Ciclo dispõe da enorme vantagem de poder conhecer bem os seus alunos, dado o facto de a gestão curricular se apoiar predominantemente na monodocência. Já quando o professor lida com várias turmas por dia e por semana, se torna mais difícil o cabal cumprimento deste objetivo... (p. 47).

Sendo esta a principal diferença que evidenciei ao longo deste estágio. Cada vez concordo mais com a monodocência no 2.º Ciclo, pois esta possibilita uma ajuda mais concreta aos alunos, e um melhor conhecimento dos mesmos por parte do professor, o que vai facilitar, e muito o processo de ensino/aprendizagem dos alunos, e em contrapartida, vai ajudar o próprio docente no seu trabalho enquanto orientador da aprendizagem do grupo turma.

Outro dos aspetos que vim a observar durante este tempo é a falta de uso de materiais manipuláveis, sobretudo na área da Matemática. Ao longo de todo este tempo que tenho tido de formação são inúmeros os autores que tenho lido que salientam a importância do uso de materiais manipuláveis na disciplina de Matemática. Com tristeza minha, são cada vez menos os professores, sobretudo de 2.º Ciclo, que usam e que realizam a aprendizagem dos alunos através destes.

Ponte e Serrazina (2000) salientam que,

os conceitos e relações matemáticas são entes abstractos, mas podem encontrar ilustrações, representações e modelos em diversos tipos de suportes físicos. Convenientemente orientada, a manipulação de material pelos alunos pode facilitar a construção de certos conceitos. Pode também servir para representar conceitos que eles já conhecem por outras experiências e atividades, permitindo assim a sua melhor aprendizagem. (p. 116)

Não devendo por isso o professor ignorar a sua utilização, mas sim formar-se neste sentido e aplica-los sempre que possível e que ache necessário e conveniente para a aprendizagem dos seus alunos.

Ainda, Pato (1995) nos remete para a mesma ideia de Ponte e Serrazina, afirmando que “nos 1.º e 2.º Ciclos, os alunos/grupos devem dispor, sempre que possível, de materiais manuseáveis de apoio à vivência da situação problemática; eles

são indispensáveis à estruturação do pensamento, nesta fase do desenvolvimento cognitivo.” (p.21).

Uma das outras coisas que para mim foi muito importante verificar e participar durante este momento de estágio, foi a reunião do conselho de turma, pois fiquei desperta para o que é e para os assuntos que nela são debatidos e aprofundados. A participação nesta reunião foi uma mais-valia para a minha futura prestação como docente e como participante de um conselho de turma.

1.8. 8.ª Secção: 4.º Ano

Duração do estágio: 10 de de abril de 2012 a 22 de de junho de 2012

Faixa etária: 9/10 anos de idade

1.8.1 Caracterização da turma

Esta turma é composta por 22 alunos sendo 7 raparigas e 15 rapazes o que faz com que o seu comportamento em sala de aula não seja o mais adequado, contudo os alunos demonstram-se empenhados e interessados.

Os alunos que compõem esta turma têm vindo, ao longo do Ano lectivo, a participar em várias atividades, como visitas de estudo, concursos e atividades relacionadas com algumas disciplinas como Língua Portuguesa, Estudo do Meio, etc.

Num nível de aprendizagem a maioria dos alunos tem uma boa aprendizagem dos conteúdos, porém, alguns deles, apresentam algumas dificuldades ao nível da lateralização, da concentração, da ortografia, do cálculo mental e da resolução de problemas (raciocínio).

É ainda se salientar que existem dois casos de especial atenção nesta turma, pois um dos alunos apresenta um diagnóstico de hiperatividade e problemas associados com dislexia e disgrafia, mas não afecta o seu desempenho escolar, e outro dos alunos apresenta Síndrome de Asperger, mas também não afecta o seu desempenho escolar.

1.8.2 Caracterização do espaço de sala de aula

A sala de aula do 4.º Ano encontra-se no 1.º piso do 2.º bloco de salas do Jardim-Escola.

Esta sala é quadrada e contém nela um quadro interativo e um quadro de giz. Os alunos encontram-se sentados de frente para o quadro interativo de lado para o quadro de giz, que neste momento é inutilizado.

Podemos ainda encontrar 25 secretárias para os alunos, mas apenas 22 são utilizadas.

Ao entrarmos pela porta encontramos ao fundo da sala duas estantes onde os alunos aguardam os seus *dossiers* com os trabalhos diários.

Logo ao lado temos os cabides onde cada um deles pendura os seus casacos e mochilas assim que chegam à sala, sendo que logo a seguir encontramos outra estante, esta mais pequena, onde estão alguns livros que compõem a biblioteca da sala de aula e manuais escolares que dão auxílio à professora.

Já cá à frente, junto ao quadro interativo temos a secretária da professora e junto a esta outra estante com vários *dossiers* e manuais escolares e ainda pastas de arquivo.

1.8.3 Rotinas

As rotinas desta turma são iguais às rotinas das turmas do 1.º Ciclo onde estive no ano letivo anterior 2010/2011.

1.8.4 Horário

Em seguida, no quadro 11, é apresentado o horário relativo ao 4.º Ano.

Quadro 11 – Horário do 4.º Ano

4.º Ano					
Horas	2. ^a	3. ^a	4. ^a	5. ^a	6. ^a
9h-10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h-11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
Recreio					
11h30-12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h-12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Experiências
13h-14h30m			Almoço e Recreio		
14h30-15h20	Educação Física	Estudo do Meio	Música	Música Orquestra	Estudo do Meio
15h20-16h10	Expressão Plástica (15h45m – 17h)	História	Inglês (15h30m - 16h30m)	Biblioteca: no âmbito de Língua Portuguesa	História
16h10-17h		Estudo do Meio	História	Área Projeto	Assembleia de Turma
Saída					

1.8.5 Relatos Diários

10 de abril de 2012

Hoje foi o primeiro dia de estágio no 4.º Ano e o primeiro dia do 3.º período dos alunos. A manhã começou com revisões sobre a matéria já abordada no campo da Matemática onde os alunos passaram do quadro algumas questões e resolveram-nas no caderno diário.

Os exercícios resolvidos no caderno diário foram depois corrigidos no quadro para que todos os alunos corrigissem o que tinham mal resolvido. Hoje eu e a minha colega demos almoço com a professora.

Após o recreio do almoço os alunos trabalharam História de Portugal, lendo um apontamento de D. José I.

Terminaram a tarde nos computadores onde escreveram várias frases no *Word*, sendo este trabalho foi elaborado a pares.

Inferências e Fundamentação teórica

O contato dos alunos com as novas tecnologias é uma ação preponderante para o desenvolvimento dos mesmos nesta área. As novas tecnologias estão presentes no quotidiano das crianças desde que nascem. A escola, como uma instituição portadora de uma grande função, que é ensinar e educar para a cidadania os seus alunos, assume um papel fundamental no ensino das novas tecnologias.

Desta forma, na minha opinião, é bastante importante que os alunos tenham momentos, como o de hoje, onde adquirem e exercitam os seus conhecimentos com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). É neste contexto que o Ministério da Educação (2002b) ressalva que

não basta que os alunos sejam capazes de realizar alguns procedimentos elementares no uso das TIC. O desempenho básico neste Domínio pressupõe que desenvolvam, de forma flexível e faseada, processos de aprendizagem transdisciplinar, com um tempo significativo de prática que lhes garanta a transferibilidade das aprendizagens e autonomia no uso das TIC. (p. 17).

Por este motivo é relevante que os alunos trabalhem as TIC em paralelo com outras áreas e as explorem de uma forma positiva.

13 de abril de 2012

O dia de estágio hoje começou com a preparação para as provas de aferição que vão decorrer no 4.º Ano. Os alunos realizaram uma prova de aferição de Matemática para treinar o tempo que é estipulado a cada uma das partes da elaboração da mesma.

Depois do recreio da manhã a professora leu com os alunos um texto do manual escolar “Volta a Portugal...na asneira” de Luísa Ducla Soares. Os alunos começaram por ler o texto em voz alta para que a professora os corrigisse na leitura. Terminada a leitura por todos os alunos a professora fez a leitura modelo e algumas perguntas de interpretação.

Hoje era dia dos alunos terem Clube de Ciências mas a professora faltou o que fez com que o horário dos alunos fosse alterado e assim, a professora da sala continuou com a análise do texto e com as questões de interpretação. À medida que ia trabalhando com os alunos a interpretação do texto surgiram algumas dúvidas sobre as regiões do nosso país, passando a professora neste momento para a área de Estudo do Meio revendo as regiões do nosso país através do mapa de Portugal.

Após o recreio do almoço os alunos estudaram o rei D. João VI. Esta aula foi dada com o apoio de um apontamento sobre o rei, que cada um dos alunos leu individualmente e depois para a turma. Seguidamente passaram do quadro algumas questões, sobre este reinado e sobre as invasões francesas que nele decorreram, para o caderno diário respondendo a estas.

Inferências e Fundamentação teórica

Muito se diz sobre a leitura e sobre a importância da mesma na aprendizagem das crianças. Hoje ressalvo isto mesmo, pois foram vários os momentos em que a professora pediu aos alunos para ler, quer em voz alta, quer em leitura silenciosa.

A leitura, não é só importante no 1.º Ano de escolaridade, mas sim em todo o processo de ensino/aprendizagem das crianças, pois como refere Traça (1992) “ler é dar um sentido ao escrito, é falar, tocar, comunicar, procurar informações que precisamos e comunica-las aos outros.” (p.121), se assim não for, se não conseguirmos mostrar isto aos nossos alunos e se, nós mesmo, os professores não o conseguirmos fazer de nada adianta ler, pois não conseguimos compreender o que está escrito.

Diniz (2000) salienta ainda que “...a leitura perde todo o seu valor, se o que a criança ler não trazer nada à sua vida...(p.55).

Hoje, as crianças ao lerem um poema de Luísa Ducla Soares, contactaram, não só com a leitura, mas também com outra área do saber – o Estudo do Meio, pois como as crianças não se recordavam de algumas regiões do nosso país, a professora aproveitou para fazer uma exploração de um mapa e rever estas mesmas regiões. Algumas delas estavam presentes no poema que tinham lido.

Assim, no meu entender, a professora fez muito bem em relacionar estas duas áreas, fazendo a tão conhecida interdisciplinaridade, que como refere Fourez *et al.*

(2008) um termo "...comumente utilizado para abarcar uma gama de práticas na realidade diferenciadas. No entanto, elas têm em comum a colocação em rede de saberes e de competências provenientes de diferentes campos disciplinares." (p. 25), ajudando o aluno a compreender que tudo no ensino tem o elo de ligação.

Desta forma, nesta aula, a professora conseguiu, com a exploração deste poema, dar às crianças duas coisas fundamentais, a compreensão do que está escrito e transportar isto mesmo para a sua vida e para o concreto do seu dia a dia.

17 de abril de 2012

Esta manhã foi diferente pois uma das minhas colegas de Mestrado do Pré-Escolar e 1.º Ciclo deu aula de manhã inteira.

Ela começou a aula por distribuir um texto de Língua Portuguesa, que consistia num excerto da obra "A árvore" de Sophia de Mello Breyner Andresen.

Este texto foi lido por todos os alunos em voz alta e depois pela estagiária. Após a leitura modelo ela fez questões de interpretação sobre o texto e perguntas de análise gramatical.

Depois de explorar o texto quer a nível de interpretação quer a nível gramatical passou para a área de Estudo do Meio, onde abordou a silvicultura. Para dar esta matéria usou como suporte um *Powerpoint* onde tinha a explicação do conceito de silvicultura e o que esta atividade económica dá.

Após o intervalo da manhã a minha colega continuou com a aula de Estudo do Meio terminando esta com a entrega de uma ficha informativa que não leu com os alunos.

Desta forma passou para a área da Matemática onde trabalhou com os alunos a passagem de números incomplexos para números complexos, tendo como suporte o quadro interativo.

Para consolidar este conteúdo entregou uma ficha informativa que leu com os alunos e uma formativa que foi feita por cada aluno individualmente e corrigida no quadro pelos mesmos com o apoio da minha colega.

Da parte da tarde, eu e a minha colega grupo de estágio fizemos com os alunos uma atividade para preparar a visita de estudo do dia seguinte. Realizámos um jogo em que os alunos, em grupo, tinham que encontrar dois envelopes com um puzzle correspondente ao número do grupo e montá-los no pátio.

Depois de todos os grupos terem montado o puzzle tivemos uma conversa com eles no coreto onde abordámos as regras a ter num museu e o que se iria passar no dia seguinte.

Concluída a atividade os alunos voltaram para a sala onde fizeram uma ficha formativa sobre D. Maria I.

Inferências e Fundamentação teórica

De acordo com a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), os alunos do 4.º Ano de escolaridade, na área do Estudo do Meio, no que se refere à descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade, os professores devem dar a conhecer às crianças o conhecimento de atividades que se relacionam com a Natureza e com a prevenção deste.

Desta forma, e de acordo com a aula da estagiária do 1.º Ano de Mestrado, o conteúdo abordado nesta aula por ela esteve de acordo com o que se pretende na Organização Curricular para o 4.º Ano de escolaridade.

Segundo esta fonte, no que se refere ao 4.º Ano, os alunos devem reconhecer as principais atividades produtivas nacionais, bem como “reconhecer a agricultura, pecuária, silvicultura, pesca, indústria, comércio e serviços como atividades económicas importantes em Portugal.” e ainda “identificar os principais produtos da floresta portuguesa (madeira, resina...)” (p. 130).

Assim, a aula de Estudo do Meio que a minha colega deu hoje pretendeu explorar estes conteúdos expressos na organização curricular de Estudo do Meio.

Conteúdos, estes que se revelam de extrema importância, pois a maioria dos alunos não tem conhecimento algum sobre eles e não os observa diariamente.

18 de abril de 2012

Hoje não é um dos meus dias de estágio, mas estive no Jardim-Escola a fim de ir com os alunos a uma visita de estudo preparada e organizada por mim e pela minha colega de estágio para a Unidade Curricular de Metodologia de Aprendizagem da História e Geografia de Portugal.

Assim fomos com os alunos até ao museu Nacional de Arte Antiga. A visita foi preparada e organizada por nós e ocupou toda a manhã.

Inferências e Fundamentação teórica

Ao longo destes cinco anos de prática pedagógica posso verificar a sua importância, cada vez maior, na formação de futuros professores. Não só uma importância a nível de aquisição de conhecimentos e estratégias de ensino, mas também, porque vejo o quão nos faz crescer como futuros profissionais.

Hoje ao realizar esta visita de estudo pude verificar, mais uma vez a sua importância, pois a direção desta visita de estudo deu-me uma outra visão pedagógica e não menos importante que a visão que vou tendo em contexto escolar.

Segundo Mestre (2002),

a formação inicial em geral e as práticas pedagógicas em especial, afirmam-se, assim, como uma oportunidade não negligenciável para fornecer ao futuro professor não apenas o seu apetrechamento em termos técnicos, científicos e pedagógicos (...) mas também, para otimizar o seu processo de desenvolvimento a partir das suas características pessoais ... (p.65).

Foi o que aconteceu hoje, pois tive uma outra visão da formação profissional, que considero importantíssima e que todos os futuros professores deveriam de vivenciar, pois fomenta e desenvolve as nossas características profissionais e pessoais num contexto diferente.

Contudo, não foi só isto que foi importante, pois as visitas de estudo são sempre uma mais-valia para os alunos, uma vez que saem da sala de aula e fazem uma aprendizagem diferente da normal, como refere Almeida (1998) “há uma aprendizagem recíproca de novas formas de participar, de ouvir e de executar” (p.55), o que traz à criança uma nova forma de contatar com a aprendizagem.

20 de abril de 2012

A manhã do dia de hoje foi marcada por uma prova final de aptidão profissional de uma colega, do Mestrado do Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Antes da colega iniciar a aula a professora da sala começou por fazer um ditado aos alunos, que foi interrompido quando as professoras da prática pedagógica entraram na sala e a minha colega começou a aula.

Ela iniciou a aula com a área de História de Portugal abordando a história da construção do Mosteiro do Jerónimos tendo como suporte um *Powerpoint* com imagens da evolução do Mosteiro e da zona que o envolve.

Posteriormente, e de forma subtil passou para a área de Língua Portuguesa explorando uma estrofe do V canto da obra dos Lusíadas de Luís de Camões. Os alunos tinham na mesa os vários versos que compõe esta estrofe e tinham que os organizar de forma a criá-la e só depois leram a estrofe.

Terminada a leitura da estrofe e uma breve revisão sobre o que é um verso, estrofe e rima a minha colega passou então para a área da Matemática onde realizou com os alunos um problema de lógica, tendo como auxílio o quadro interativo. Após a execução deste problema levou os alunos para o pátio da escola onde realizou com eles um jogo.

Da parte da tarde a professora da sala fez um jogo de revisões com os alunos sobre os conteúdos de Estudo do Meio e de História de Portugal. Para isso fez três grupos, que correspondiam às filas de carteiras dos alunos e foi fazendo questões aos vários grupos classificando-os com uma pontuação se acertassem e retirando pontos caso errassem.

Inferências e Fundamentação teórica

A prova prática de capacidade de avaliação profissional, no meu entender é uma prova bastante importante e essencial para o futuro professor e para a sua integração na vida escolar. Eu penso que é importante porque, sendo uma prova prática vai dar a conhecer, à sua futura entidade patronal, a sua competência e capacidade profissional, sendo isto uma mais-valia.

Não é só isto que considero importante nesta prova, pois com a realização deste, o júri que assiste e dá uma nota, pode aferir se uma determinada pessoa é competente ou não para estar à frente de uma turma no futuro e se articula bem os seus conhecimentos e se os manifesta de forma correta aos alunos, fazendo com que estes os compreendam.

Neste sentido, esta é a última etapa de uma longo caminho de Prática pedagógica, que lhe permitiu e deu vários conhecimentos e “conselhos” para a sua futura caminhada docente, como salienta Mestre (2002) que refere que o contributo das práticas pedagógicas na formação do professor é muito importante, pois “...a formação inicial e a aquisição de competências que dela resultem, (...) é hoje considerada apenas o primeiro de uma sequência de “patamares” que o professor percorrerá ao longo da sua carreira profissional.” (p.67).

24 de abril de 2012

Hoje a manhã foi marcada por uma aula de uma colega minha do Mestrado do Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Ela iniciou a manhã com a aula de Matemática introduzindo a passagem de números incomplexos para complexos. Este conteúdo foi dado através do quadro interativo e teve como auxílio uma proposta de trabalho que os alunos realizaram.

Depois disto deu as orações coordenadas, através de um *Powerpoint* e terminou a manhã com a introdução de uma atividade económica – o comércio. Este último conteúdo referido também foi dado através de um *Powerpoint* e do diálogo com os alunos. Durante a tarde elaboraram uma ficha de trabalho sobre D. João VI.

Inferências e Fundamentação teórica

A aula da minha colega hoje de manhã foi um pouco monótona não conseguindo envolver os alunos na totalidade nas atividades que propostos que estes realizassem.

Peterson (2003) refere que é da competência do professor “...criar condições que incitem e motivem as crianças, cada uma com a sua experiência pessoal, a aprendizagem activa.” (p.78), pois se assim acontecer, todo o processo de ensino/aprendizagem será mais dinâmico e mais apelativo para as crianças.

27 de abril de 2012

O dia de hoje começou de uma forma diferente pois a aula até ao intervalo da manhã foi dedicada à finalização da prenda do dia da mãe, estando a turma com a professora de Expressão Plástica.

Os meninos terminaram de pintar os leques e de pintar e recortar os sapatos para oferecer à mãe, como mostra a figura 14.



Figura 14 – Criança a recortar o presente do dia da mãe

À medida que estes o terminavam a professora solicitava que fizessem um trabalho para exercitar a destreza manual, pois estes tinham que desenhar no papel uma sequência sem nunca levantar caneta do papel. Este exercício foi realizado com a mão direita e com a mão esquerda.

Após o intervalo da manhã os alunos tiveram o Clube de Ciências. Nesta aula os alunos trabalharam em grupo e cada um dos grupos tem um chefe de material, de comportamento e de fichas. Os alunos analisaram duas experiências, sendo que na 1.ª experiência os alunos puderam observar o que acontece quando colocam uma pena num copo com água e o que acontece quando colocam a mesma pena num copo com óleo. Na 2.ª experiência os alunos observaram o que aconteceu quando misturaram o óleo com a água e depois o que aconteceu quando colocaram uma gota de corante no copo com esta mistura, como se pode observar na figura 15.



Figura 15 – *Experiência realizada na aula do Clube de Ciências*

Da parte da tarde os alunos fizeram uma ficha de avaliação mensal de Matemática onde foi avaliada a leitura de números e de medidas e as reduções. Enquanto terminavam esta ficha os alunos foram ao barro, mas foram divididos em dois grupos.

Inferências e Fundamentação teórica

No dia de hoje penso que será importante refletir sobre a prática do ensino das ciências na 1.º Ciclo do Ensino Básico. O ensino das Ciências deve ter e tem, penso eu, um papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem e até na formação das crianças, pois com é através das Ciências que as crianças tomam consciência de muitos dos problemas que existem no campo ambiental relacionados com o nosso planeta.

São as ciências que as “despertam” para esta realidade e as fazem pensar, agir e as sensibilizam sobre estes problemas. É nesta linha de pensamento que Martins, Veiga, Teixeira, Tenreiro-Vieira, Vieira, Rodrigues, *et al.* (2007) defende que “...a escola básica terá sempre que veicular alguma compreensão, ainda que simplificada, de conteúdos e do processo e natureza da Ciência, bem como o desenvolvimento de uma atitude científica perante os problemas.” (p. 17), bem como, deverá a escola ter o papel de levar os alunos à ciência, e como referia a autora, suscitar questões problema, que levem os alunos a pensar e a refletir.

Ainda neste sentido Santo (2001 e Fumagalli 1998, referidos por Martins *et al.*, 2007) afirmam que uma das razões favoráveis para a Educação em Ciências deste os primeiros anos de vida é o facto desta “promover a construção de conhecimento científico útil e com significado social, que permita às crianças e aos jovens melhorar a qualidade de interacção com a realidade natural.” (p. 17).

4 de maio de 2012

Nesta sexta-feira os alunos começaram a manhã pela área de Matemática trabalhando os pentaminós e a construção de figuras com estes.

A turma foi disposta em grupo durante toda a manhã e foi-lhes distribuído um saco com o material, como se pode verificar pela figura 16.

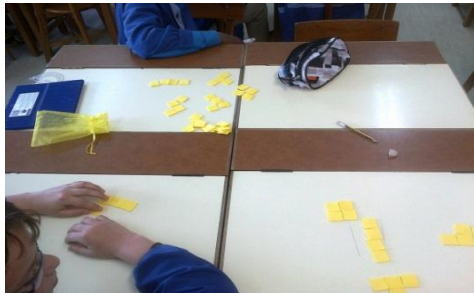


Figura 16 – Trabalho com Poliminós

Os alunos trabalharam a construção de várias figuras segundo as indicações da professora, de modo a obter o maior número de figuras diferentes com o mesmo número de peças.

Depois disto tiveram que construir, com este mesmo material, a figura que a professora deu em papel e posteriormente desenhá-la em papel quadriculado, como podemos observar na figura 17.

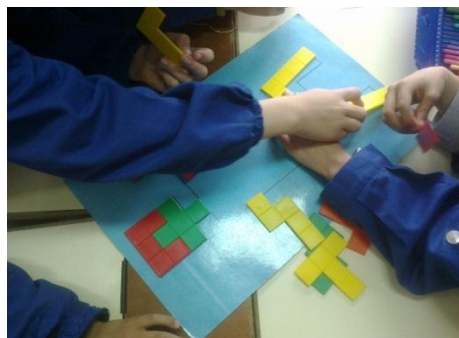


Figura 17 – Crianças a montar uma imagens com os poliminós

Hoje como é habitual ao meio dia os alunos tiveram Clube de Ciências onde fizeram uma experiência com o ar a fim de perceberem como é constituído o ar e algumas das suas propriedades.

Esta experiência consistia em colocar um pedaço de algodão embebido em álcool dentro de uma garrafa de vidro e incendiar o algodão para depois colocar um ovo cozido no gargalo da garrafa e observar o que acontecia ao ovo.

Após o almoço os alunos terminaram o desenho da imagem que tinham construído de manhã com os pentaminós. Posteriormente a professora explicou em

que é que consiste a pecuária através de um apontamento que entregou aos alunos. Perante este apontamento foi solicitado aos alunos a cópia do apontamento que teve como finalidade avaliar a cópia.

Inferências e Fundamentação teórica

No dia de hoje o que me parece importante referir é o uso dos poliminós na aula de Matemática.

Os poliminós são um material manipulável, com o qual é possível construir várias figuras através dele. Segundo Caldeira (2009a) “os poliminós são figuras formadas pela união de quadrados congruentes através da justaposição dos lados.” (p.423), e apresentam um interesse pedagógico importante, pois, como salienta a mesma autora, através deste material os alunos podem “investigar o n.º de formas distintas que se podem obter, a partir de um número fixo de peças; descobrir diferentes formas que são os tetraminós, pentaminós e hexaminós; realizar atividades com perímetros e áreas;” (p.423).

Nestas idades é fundamental continuar a desenvolver nas crianças atividades com materiais manipulativos, pois o uso destes continua a ser um estímulo para a aprendizagem.

8 de maio de 2012

O dia de hoje foi marcado pela aula de manhã inteira da minha colega de estágio.

Antes da minha colega iniciar a aula a professora da sala distribuiu trabalhos de Matemática já corrigidos e fez com eles a correção de alguns dos exercícios.

Depois iniciou a sua aula através da área de Língua Portuguesa com a leitura de um excerto da obra “A menina do mar” de Sophia de Mello Breyner Andresen. Ela começou por fazer a leitura modelo do texto, que foi acompanhada pelo som das ondas do mar, através de uma gravação. Só depois de fazer a leitura modelo e de realizar algumas questões de interpretação oralmente é que entregou aos meninos o texto e pediu-lhes para que o lessem em voz alta e seguidamente fez perguntas gramaticais a alguns dos alunos.

Quando terminou as questões gramaticais passou para a área da Matemática onde através de uma situação problemática introduziu as equações de 1.º grau. Para isto teve como suporte um *Powerpoint* em que deu a definição de equação e explicou em que consiste uma equação e quais os seus constituintes. Para consolidar a matéria dada entregou uma ficha informativa e uma formativa. Esta ficha foi terminada e corrigida após o recreio da manhã.

Seguidamente iniciou uma atividade mais prática com os alunos fazendo uma experiência com eles sobre a flutuação em líquidos diferentes (água da torneira, álcool e água salgada). O protocolo foi entregue aos alunos e foi lido com eles, sendo estes a fazer a experiência em conjunto com a minha colega.

Antes de iniciar a experiência ela inquiriu os alunos sobre o que eles achavam que iria acontecer em cada um dos recipientes em que seriam colocados cada um dos balões.

Da parte da tarde a professora teve uma conversa com os alunos sobre as provas de aferição que os meninos iam realizar no dia seguinte, sobre as regras e o material que era necessário trazer para a prova. Depois disso os meninos fizeram uma proposta de trabalho sobre a rainha D. Maria II, sendo isto seguido de uma explicação sobre o que iam fazer na aula de Computadores.

Inferências e Fundamentação teórica

Na aula da minha colega o que considero importante referir é o facto dela ter realizado uma experiência com os alunos e ter detetado as concepções alternativas que os alunos tinham sobre o que poderia acontecer aquando da colocação dos balões com diferentes líquidos, dentro dos recipientes com diferentes líquidos.

Como já referi anteriormente, noutra das minhas inferências, o ensino das Ciências é importante por inúmeras razões, contudo este só por si não faz sentido se não for bem aplicado e bem ensinado e estimulado.

Para que este seja bem ensinado é necessário que os professores, em todas as suas experiências façam como a minha colega, detectem as concepções alternativas, neste sentido, como refere Cachapuz (1995 citado por Martins *et al*, 2007) as concepções alternativas são as "...ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momentos aceites, não podendo ser encaradas como distrações, lapsos de memória ou erros de cálculo, mas sim como potenciais modelos explicativos resultantes de um esforço consistente de teorização." (pp. 28-29).

É necessário fazer o levantamento das mesmas de modo a que, depois de qualquer experiência, o professor consiga explicar aos alunos o porquê de não ser como eles esperavam, mas sim da forma como ocorreu. Desta forma, o professor consegue sempre fazer uma boa exploração das ciências.

11 de maio de 2012

O dia de hoje foi diferente pois os alunos tiveram prova de aferição de Matemática durante a manhã. Por esta razão e a minha colega não podemos

permanecer na sala de aula indo, então com os alunos do 3.º Ano a uma visita de estudo ao teatro.

Fomos ao teatro Bocage para ver a peça “A alegre História de Portugal em 90 minutos”.

Da parte da tarde a professora fez alguns exercícios que haviam saído na prova de aferição de Matemática de modo a verificar se os alunos os tinham sabido resolver.

Inferências e Fundamentação teórica

A ida de hoje ao teatro revelou-se uma animação total. A peça que fomos ver era composta apenas por três pessoas, que desempenhavam vários personagens da nossa História de Portugal, e que foram solicitando a ajuda e a colaboração do público presente, envolvendo alguns alunos na peça em si, sendo que uma aluna chegou mesmo a subir a palco.

A ida ao teatro pela escola é cada vez mais uma atividade que estimula e envolve as crianças, e neste caso foi mesmo uma atividade envolvente para os meninos. O teatro reporta as crianças para um espaço de imaginação e deslumbramento, pois como menciona Cordeiro (2007) o teatro é “...um espaço de criatividade fundamentado na realidade, espaço de lazer e de diversão onde se fala de coisas muito sérias...” (p.422).

Isto foi o que aconteceu nesta visita ao teatro, pois os alunos escutaram os momentos mais importantes da nossa história, mas contactaram com isso numa forma lúdica e criativa, o que fez com que nem dessem pela aprendizagem que estavam a realizar, entre gargalhadas e brincadeira.

Penso, que este tipo de atividades, sempre que envolvidas com o plano curricular que os alunos têm que seguir, manifestasse sempre como uma mais-valia, quer para os alunos quer para os professores que os acompanham.

15 de maio de 2012

Hoje dei aula de manhã inteira e comecei a manhã por realizar a leitura modelo de uma notícia sobre o centenário do Titanic. Após a minha leitura solicitei aos alunos que a fizessem também, explorando depois esta notícia da nível de interpretação de modo a conduzi-los à estrutura da notícia e aos seus constituintes, matérias que visava rever nesta aula.

Este texto, além de me auxiliar para rever as características da notícia ajudou-me a passar para aula de Estudo do Meio, em que abordei a pesca e as características mais importantes da pesca portuguesa. Explorei esta aula através de um *Powerpoint*.

No decorrer desta aula os alunos foram assistir a uma palestra sobre os Açores ao ginásio. Este tinha como função dar a conhecer algumas ilhas deste arquipélago, aos alunos e sensibilizá-los para o visitarem.

Após esta palestra e já depois do recreio dei continuidade à minha aula de Estudo do Meio, prosseguindo depois com a aula de Matemática que teve início na rua, com um jogo, em que os alunos tinham que encontrar várias peças espalhadas pelo recreio de modo a montar a história dos números negativos – tema da aula.

Conclui a aula de Matemática a seguir ao recreio do almoço, onde, através de Powerpoint levei os alunos à definição de número negativo e lhes mostrei vários exemplos da vida real onde podemos encontra-los. Consolidar a aula com uma proposta de trabalho sobre este tema.

Inferências e Fundamentação teórica

Ao longo das minhas aulas tenho usado sempre ou quase sempre o *Powerpoint* como um material auxiliar do ensino que pretendo realizar.

O uso de material tecnológico numa sala de aula, como já referi em algumas inferências anteriores é importante, pois dá a possibilidade ao professor de, em alguns casos, mostrar uma realidade mais aproximada do que está a explicar ou a dizer em sala de aula.

Nas minhas aulas tenho optado por ter o *Powerpoint* como suporte, porque considero importante o uso deste. Se bem que tem que ser bem usado, pois os diapositivos não devem conter muita informação, mas sim apenas a necessária para orientar o professor e os alunos, no assunto que querem explorar.

Durante todo este estágio, tenho visto como realmente ter isto como suporte se tem tornado importante para a aprendizagem destas crianças, pois elas não visualizarem as imagens e as informações que se integram no *Powerpoint*, estão muito mais interessadas e atentas à aula.

Silveira-Botelho (2009) refere isto mesmo, pois

não basta integrar as novas tecnologias nos contextos de aprendizagem para assegurarmos a melhoria da sua qualidade. De facto, há que pensar uma adequada integração das TIC se queremos, efetivamente, criar ambientes educativos mais ricos que promovam uma aprendizagem de natureza construtivista. (p.120)

Por isso, além de integrar as novas tecnologias na sala de aula, temos de conseguir fazer uma boa gestão das mesmas e um bom uso, de modo a que este seja mais proveitoso para o ensino e fomente a aprendizagem nas crianças.

18 de maio de 2012

A manhã começou com a leitura de um texto da parte da professora e os alunos fizeram um ditado do mesmo.

Depois a minha colega de estágio deu aula avaliada cujo tema foi o Antigo Egípto. Ela iniciou a aula com um texto sobre o papiro e a sua formação, fazendo depois questões de interpretação e de análise gramatical. Enquanto leu o texto teve como som de fundo música egípcia.

Posteriormente passou para o Estudo do Meio, onde abordou a civilização egípcia e por fim trabalhou a Matemática abordando a área do triângulo.

Terminada a aula tivemos reunião para avaliar esta aula e outras que decorreram neste dia. Da parte da tarde os alunos terminaram as atividades de Matemática que tinham começado com a minha colega de manhã.

Inferências e Fundamentação teórica

Já não foi a primeira vez que a minha colega utilizou música de fundo enquanto lia um texto de Língua Portuguesa. Devo confessar que gosto bastante desta estratégia pois reporta os alunos para o mundo que está a ser descrito no texto, tornando o que nele está escrito mais vivo.

Além disto, os próprios alunos seguem o ritmo imposto pela música na sua leitura, o que dá uma sonoridade e uma envolvimento bastante grande e reconfortante para quem escuta.

Segundo Sanches (2001) utilizar a música de fundo deve ser feito se tudo for devidamente seleccionado e "...de acordo com o que se pretende." (p.57).

Na minha opinião a música escolhida pela minha colega foi devidamente seleccionada para o que pretendia e foi uma estratégia muito bem escolhida e explorada, pois deu outra envolvimento à Língua Portuguesa e à leitura do texto, o que é necessário, para quebrar as rotinas que existem na sala de aula.

Outra das coisas que considero importante, é a existência de aulas avaliadas por parte das orientadoras da Escola Superior de Educação. Na minha opinião estas aulas são importantes, porque nos dão, a nós futuros professores, um *feedback* sobre o que fazemos de forma correta e sobre o que temos que melhorar, de forma a tornar a nossa prática melhor.

É neste sentido que Alarcão e Roldão (2008) afirmam que "o *feedback* está presente como elemento orientador, estimulador e regulador." (p.31), sendo este essencial para o futuro professor.

22 de maio de 2012

O dia de hoje começou com uma proposta de trabalho para prepara os alunos para as olimpíadas da Matemática. Terminada esta proposta fizeram exercícios sobre a análise dum gráfico circular, estes passados do quadro.

Após todos os alunos terem terminado este trabalho fizeram revisões sobre os verbos auxiliares e copulativos, dando também os complexos verbais, passando um apontamento para o caderno diário sobre isto.

Da parte da tarde fizeram revisões de Estudo do Meio e foram para os computadores.

Inferências e Fundamentação teórica

As Olimpíadas da Matemática são organizadas anualmente pela Sociedade Portuguesa de Matemática. Estas compõem um concurso de problemas de Matemática, que são vocacionados para os alunos dos dirigido 1.º, 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico.

Este concurso decorre a nível nacional e um dos seus reais objetivos é verificar se existem alunos com tendência vocacional para a área das ciências, sobretudo para a área da Matemática.

Todos os problemas sugeridos neste concurso apelam à qualidade do raciocínio, à criatividade e à imaginação dos estudantes. Segundo Canals (1992), citado por Pastells (2004), “o raciocínio lógico-matemático inclui as capacidades de identificar, relacionar e operar e fornece as bases necessárias para se poder adquirir os conhecimentos matemáticos.” (p. 11), o que deve ser desenvolvido constantemente e estes problemas oriundos das Olimpíadas da Matemática fornecem e desenvolvem isto mesmo.

25 de maio de 2012

A professora começou a aula com a leitura de um poema sobre a Primavera pedindo a alguns alunos para o lerem. Durante a leitura deste poema os alunos foram interrompidos para que eu pudesse dar a minha aula avaliada.

Eu iniciei esta aula com a leitura de uma lenda sobre a abóbada da Sala do Capítulo, do Mosteiro da Batalha. Depois de fazer a leitura modelo e dos alunos lerem levei-os a uma visita guiada ao Mosteiro da Batalha, dando assim a área do Estudo do Meio. À medida que ia dando Estudo do Meio fui introduzindo alguns desafios de Matemática, relacionados com este mosteiro.

Quando terminei esta aula tive reunião para que esta fosse avaliada.

Durante a tarde a professora fez revisões para a prova de Língua Portuguesa. Contudo durante estas revisões os alunos tiveram barro, sendo a turma dividida para ir ao barro.

Inferências e Fundamentação teórica

Hoje foi o dia de mais uma aula avaliada pelas orientadoras da prática pedagógica. Esta aula foi bastante importante para mim, pois a crítica que me foi apontada é uma crítica para o meu crescimento profissional e para o melhoramento do meu percurso e da minha forma de estar em sala de aula.

A crítica que me foi apontada nesta aula foi de que eu era um pouco “agressiva” na maneira como falo com as crianças e que sou demasiado irónica com os meninos. Já não foi a primeira vez que esta crítica me foi apontada, contudo nesta aula, esta ficou-me marcada de uma outra forma, querendo eu melhorá-la.

Neste sentido, mais uma vez é possível verificar o quão importante é a prática pedagógica e a avaliação realizada por uma pessoa da prática pedagógica. Assim a função de um supervisor, segundo Vieira (1993) é informar, questionar, sugerir, encorajar e avaliar. Ainda segundo, Alarcão e Tavares (1987, referidos por Vieira, 1993), o supervisor, através de um “... processo colaborativo de desenvolvimento e de aprendizagem...” deve orientar o futuro professor para “...o aperfeiçoamento da prática pedagógica...” (p. 33), ajudando o futuro professor e alertando-o para o que tem que melhorar, como foi o caso nesta minha aula de hoje.

29 de maio de 2012

A manhã foi marcada por revisões para a prova de Matemática, que até ao intervalo foram feitas por escrito, sendo passadas do quadro para o caderno diário.

Após o intervalo foram feitas as revisões oralmente sobre os sólidos e leitura de números. Depois disto foi feito um ditado do texto “Caracóis Portugueses” de António Torrado.

Da parte da tarde fizeram revisões para a prova de História de Portugal e de Estudo do Meio. Estas revisões foram feitas oralmente.

Ao final da tarde os alunos fizeram teste de Inglês.

Inferências e Fundamentação teórica

Os exercícios de ortografia não são apenas necessário no 1.º Ano de escolaridade. Quando nós pensamos assim, estamos errados, pois os alunos mais

velhos também necessitam de exercitar a sua ortografia, de forma a minimizar os erros que vão dando e, para além disto, melhorarem a sua caligrafia.

Fillola (1989, através de Ferreira, 2005), salienta que,

...o ensino da ortografia depende, principalmente, das estratégias relacionadas com o uso e a habituação, para treinar a memória visual, o que se consegue através de recursos tradicionais como ditados e cópias, ou através de jogos, fichas de trabalho e da autocorreção, com dicionário. (p.63),

Só desta forma os alunos conseguem minimizar os erros. Por isso não podemos condenar o ditado na sala de aula, mas sim dar-lhe valor e atenção, pois é através dele que os alunos se aprendem a autocorrigir, o que também é importante, como afirma Brown, Race e Smith (2000),

se formos capazes de ajudar os nossos alunos a desenvolverem as capacidades necessárias para se auto – avaliarem, de modo a poderem julgar a eficiência do seu próprio desempenho, estaremos a muni-los com os tipos de capacidades que vão ajudá-los à aquisição de conhecimentos ao longo das suas vidas. (p. 135).

Assim, nós somos os principais ajudantes neste processo de auto-ajuda e autocorreção, que tornará os nossos alunos cada vez mais responsáveis.

1 de junho de 2012

O dia de hoje foi diferente pois é o dia da criança. Os meninos hoje não tiveram aulas nenhuma tendo o dia todo para brincar e jogar no recreio.

Durante a manhã e a tarde puderam usufruir de alguns insufláveis que a escola tinha para oferecer. Mas ao final da tarde regressaram à sala de aula onde jogaram livremente e onde viram um filme de animação.

Inferências e Fundamentação teórica

Um dia dedicado às crianças e à brincadeira no Jardim-Escola, fizeram-me pesquisar sobre os vários direitos que as crianças devem de ter.

Segundo a Declaração Universal dos Direitos da Criança, UNICEF (1959), no tópico referente ao direito à educação gratuita e ao lazer infantil, toda “a criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras os quais deverão estar dirigidos para educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício deste direito.”, sendo este também um papel da escola e da comunidade escolar.

Neste dia, que foi dedicado a elas e à brincadeira, a escola cumpriu com a sua missão de fazer com que estas crianças usufríssem de jogos e de brincadeiras.

5 de junho de 2012

Hoje, devido à viagem de finalistas dos meninos do 4.º Ano, eu e a minha colega de estágio fomos para a sala do 3.º Ano.

Antes de iniciar a manhã de aulas e enquanto a professora aguardava que todos os alunos chegassem, esta foi fazendo alguns exercícios de Matemática de cálculo mental.

Após isto os alunos realizaram uma proposta de trabalho que tinha como finalidade rever alguns conteúdos já abordados para a prova do 3.º período de Matemática. Concluída esta proposta a professora realizou a correção no quadro para todos os alunos.

Depois do intervalo da manhã os alunos realizaram um ditado musical da música “Circo de feras”, dos Xutos e Pontapés fazendo ainda exercícios gramaticais.

Da parte da tarde, antes dos meninos terem Inglês, a docente realizou com eles, mais uma vez, cálculo mental.

Na aula de Inglês os alunos abordaram um conteúdo novo que tinha que ver com a habitação e o seu vocabulário. Durante a aula exercitaram a compreensão oral de uma história e de vocabulário novo, quer oralmente quer por escrito.

Para terminar a tarde, e já com a professora da sala, os meninos fizeram uma proposta de trabalho de revisão para a prova de Estudo do Meio.

Inferências e Fundamentação teórica

Durante o dia de hoje o que me parece importante referir foi o facto da professora da sala estar a apelar constantemente ao cálculo mental dos alunos, o que no meu entender é muito bom para eles.

Ponte e Serrazina (2000) referem que “no dia a dia, a maioria dos cálculos que fazemos são mentais. Nem sempre se pode usar papel e lápis, nem é necessário”. (p.155), sendo por isso muito importante trabalhar na sala de aula o cálculo mental dos alunos.

8 de junho de 2012

O dia de hoje foi um pouco diferente do que é habitual pois estavam poucos alunos na sala devido ao feriado do dia anterior. Por este motivo a professora da sala não abordou conteúdos novos trabalhando com eles, até ao intervalo, a avaliação de cópia e realizando um ditado de um texto. Os alunos também terminaram alguns trabalhos que tinham em atraso.

Depois do ditado, a minha colega realizou um jogo com eles no quadro interativo, que tinha como objetivo ordenar algumas letras para formar palavras distintas.

Após o recreio da manhã os alunos tiveram o Clube de Ciências em que um grupo de alunos fez a apresentação da sua experiência à turma e explorou com os colegas a mesma.

Durante a tarde do dia de hoje os meninos continuaram a jogar o jogo iniciado pela minha colega de manhã, corrigiram alguns trabalhos que estavam incorretos e jogaram jogos livremente.

12 de junho de 2012

A manhã do dia de hoje foi diferente pois a turma foi visitar a Escola do 2.º e 3.º Ciclos Fernando Pessoa. Esta visita foi feita pelas duas turmas durante toda a manhã.

Durante esta visita os alunos foram divididos em três grupos e percorram a escola com vista a conhecer os locais mais importantes da mesma, para que no próximo Ano lectivo, se consigam movimentar nesta escola.

Após o recreio da tarde os meninos leram um apontamento do rei D. Carlos e fizeram um ditado do mesmo. Ainda receberam um apontamento de D. Manuel II.

Para terminar a tarde estes fizeram um trabalho de grupo nos computadores que tinha que ver com uma visita de estudo já realizada há uns meses à Tapada de Mafra. Este trabalho estava incorporado no Projeto de Turma.

Inferências

Hoje foi muito importante para todos os alunos a visita à nova escola que vão frequentar no próximo ano letivo. A visita a esta escola, no meu entender, foi uma mais valia para as crianças, pois estas puderam percorrer uma nova escola, conhecer novas pessoas e conhecer os vários locais por onde vão andar no próximo ano. Desta forma, a mudança de escola de em alguns casos, de amigos, já não será tão drástica.

15 de junho de 2012

O dia de hoje foi diferente pois dei aula de manhã inteira que se prolongou pela tarde, pois os meninos de manhã tiveram Clube de Ciências.

Iniciei a aula com a leitura de um texto que pretendia lançar o tema da aula de Estudo do Meio – a qualidade do ar. Realizei a leitura modelo do texto e de seguida os alunos realizaram a leitura do mesmo de duas formas diferentes. Numa das formas leram o texto de forma corrida, sendo que da outra vez leram o texto de acordo com as personagens do mesmo – realizando o diálogo entre estas.

Nesta aula fiz a interpretação do texto e a exploração gramatical do mesmo de uma forma diferente, pois realizei um jogo, com o apoio do quadro interativo, onde surgiam as questões e depois, em grupos, os alunos tinham que responder às mesmas de uma forma acertada.

Terminado o jogo, passei para Estudo do Meio, onde abordei, como já referi a qualidade do ar e os problemas que o nosso planeta enfrenta com a poluição do ar e com o buraco do ozono. Deixei esta aula a meio, pois os alunos tiveram Clube de Ciências, onde apresentaram um dos grupos de alunos apresentou uma experiência aos colegas.

Conclui a aula de Estudo do Meio após o almoço e depois desta introduzi os números primos, a Matemática. Esta matéria foi iniciada com uma proposta de trabalho em que os alunos tinham que, através do crivo de Eratóstenes, encontram os números primos. A partir desta atividade explorei com os meninos o conceito de número primo.

Para finalizar a aula, conclui com os alunos alguns exercícios de lógica sobre esta matéria.

Inferências e Fundamentação teórica

Eu gostei muito de dar este dia de aulas, mas gostei de uma forma mais particular de lecionar a área da Matemática onde explorei o conceito de número primo.

A estratégia que utilizei para explorar este conceito foi muito motivadora para os alunos, pois ao realizarem o Crivo de Eratóstenes, descobriram os números primos e acabaram por ser eles a dar-me o conceito de número primo e não eu, o que é muito bom, pois fui eu que os levei ao raciocínio.

A par disto, o facto de ter usado vários exercícios diferentes, que apelavam à lógica estimulou-os e interessou-os para a sua resolução. Ponte e Serrazina (2000) afirmam que “a realização de tarefas não rotineiras proporciona condições para um desenvolvimento cognitivo no qual:

- novo conhecimento subjectivo é construído pelo aluno;
- itens de conhecimento adquirido anteriormente são reconhecidos e avaliados pelo aluno e são reorganizados e reestruturados num corpo de conhecimento mais alargado.” (p. 114).

Desta forma é importante diversificar as estratégias de ensino de forma a cativar e envolver os alunos no seu processo de aprendizagem, e também fomentar novos conhecimentos por parte do aluno.

19 de junho de 2012

A manhã deste dia foi marcada pela falta de alguns dos alunos da turma, pois como o Ano lectivo já terminou a nível oficial, alguns alunos não foram à escola. Durante a manhã os alunos trabalharam a área da Matemática, mais precisamente as simetrias e a construção de rosáceas e padrões.

Após o intervalo da manhã fizeram um ditado e da parte da tarde fizeram uma ficha de trabalho de Estudo do Meio.

Inferências e Fundamentação teórica

A partir da leitura da Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), no que se refere ao bloco 2 – forma e espaço (iniciação à geometria), pertencente ao 4.º Ano de escolaridade, o Ministério da Educação salienta que os alunos deste ano devem “ fazer uma composição a partir de um dado padrão.”, bem como, “desenhar frisos e rosáceas.” (p. 184).

Nesta aula de hoje, na área da Matemática pude observar que a professora está a cumprir o que está referido na organização curricular para esta área, e que os alunos estão a atingir os objetivos propostos, pois trabalharam isto mesmo, de forma a exercitar.

22 de junho de 2012

Hoje foi o último dia de estágio e como a maior parte dos alunos já se encontra de férias a professora não fez nada de novo. Os alunos começaram a manhã com a elaboração de uma cópia, para avaliação, do manual escolar. Fizeram um ditado, que foi ditado por mim, depois eu e a minha colega fizemos a correção do mesmo.

Da parte da tarde duas alunas, da professora que orienta o Clube de Ciências, foram à nossa sala para fazer com os alunos uma experiência sobre a eletricidade. Foram efetuados 4 grupos, sendo que cada um dos grupos fez uma experiência diferente da dos restantes colegas, mostrando no final a sua experiência.

Inferências e Fundamentação teórica

Neste último dia de estágio o que foco é a experiência realizada na nossa sala. Segundo a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), em relação ao Estudo do Meio, é mencionado que as crianças do 4.º Ano devem de ser estimuladas na descoberta dos materiais e objetivos, por isso, os alunos devem “realizar experiências simples com pilhas, lâmpadas, fios e outros materiais condutores e não condutores.” e “construir circuitos eléctricos simples (alimentados por pilhas).” (p. 126).

Desta forma, os alunos desta turma trabalharam isto mesmo, realizando alguns circuitos e verificando quais são os materiais que são bons condutores de corrente eléctrica e quais é que não são.

Assim, também através desta experiência puderam verificar que a ciência está presente no quotidiano de cada um deles, e que é através desta que nós podemos premir um botão e a lâmpada da nossa sala se acender e iluminar a nossa sala. Segundo Sanches (2001) “levar a escola para a vida e trazer a vida para a escola será uma estratégia que poderá ajudar a dar maior sentido à atividade da docência.” (p. 56)

Porém, além disto, como os alunos estavam agrupados em 4 grupos, e cada grupo fez uma experiência diferente, deu para que todos pudessem mostrar aos outros a sua experiência e debater algumas ideias.

Neste sentido, como salienta Pato (1995) o trabalho de grupo é,

... motivador da aprendizagem de crianças e jovens, independentemente do tema ou do conteúdo da atividade e da relação que têm com o professor; mas para que tal aconteça é imprescindível que os alunos vivam as situações com alegria e saiam delas com a sensação de sucesso.” (p.50).

Perante o autor a cima referido é possível dinamizar uma aula de ciências trabalhando em grupo, pois o trabalho em grupo é um bom condutor de aprendizagem e de interacção entre os pares.

Com estas aulas terminei o meu estágio profissional, no qual adquiri muitas competências e aprendi muitas coisas, que levo comigo para a minha profissão.

Capítulo 2

Planificações

2.1. Descrição do capítulo

O presente capítulo pretende apresentar a importância da planificação no processo de ensino/aprendizagem, no dia a dia de um professor.

Com este capítulo pretendo ainda clarificar a escolha de algumas planificações, que usei na minha prática pedagógica, e conseqüentemente, as estratégias usadas e os procedimentos efectuados.

Neste capítulo encontram-se os planos de aula que elaborei para cada uma das áreas que lecionei, sendo que estes planos se baseiam no Modelo T de aprendizagem, que foi desenvolvido por Martiniano Pérez.

Apresento 7 planificações, 3 das quais são para o 1.º Ciclo e 4 para o 2.º Ciclo. Contudo, estas planificações apresentadas são de áreas curriculares diferentes.

2.2. Fundamentação teórica

Ao longo da nossa vida planificamos muitas coisas e decidimos quais os caminhos que vamos percorrer para enfrentar ou realizar uma terminada coisa.

Isto não acontece só no nosso quotidiano e na nossa vida diária, pois, nós enquanto docentes somos chamados a planificar as nossas aulas e a nossa prática lectiva todos os dias.

Desta forma a planificação das aulas é uma prática corrente na vida de um professor, e uma prática que se vai tornando cada vez mais importante. É necessário planificar para que consigamos ter uma linha orientadora para a nossa aula e para sabermos o que vamos efectivamente realizar num determinado momento.

Escudero (1982, citado por Zabalza, 2000), afirma que planificar é "... prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto..." (pp.47-48)

De acordo com esta ideia também estão Clark e Peterson (s.d., citados por Zabalza, 2000), que nos remetem para a existência de dois conceitos de planificação, distintos mas ao mesmo tempo similares. Num dos conceitos, este que se encontra de acordo com alguns pontos de Escudero (1982), estes autores referem que a planificação consiste numa atividade mental interna do professor, mais precisamente que esta é "o conjunto de processos psicológicos básicos, através dos quais a pessoa visualiza o futuro, faz um inventário de fins e meios e constrói um marco de referência que guie as suas acções." (p.48).

Neste ponto estamos perante o que o professor idealiza para a sua aula e pensa fazer na mesma. O centro de tudo é a ideia do professor e a organização da informação que lhe é dada para planificar a aula.

Como referi anteriormente, estes autores remetem ainda para outro conceito de planificação, que é mais apontado para os passos dados para a concretização da planificação, assim estes admitem que a planificação pode ser afirmada como “as coisas que os professores fazem quando dizem que estão planificando.” (p. 48), sendo depois estas as “coisas” que o professor faz no decorrer da sua aula.

Nunca podemos falar de planificar sem nos referirmos a um ponto, que me parece fundamental mencionar, refiro-me ao programa que os professores têm que seguir durante o ano lectivo e que é imposto pelo currículo.

Centro-me inicialmente no que diz respeito ao programa, pois Zabalza (2000) afirma que,

o Programa traduz o que, em cada momento cultural e social, é definido como um conjunto de conhecimentos, habilidades, valores e experiências comuns desejados por todo um povo. E, na medida em que se apresenta em termos prescritivos, podemos referir-nos a ele como o conjunto de experiências de aprendizagem por que devem passar todas as crianças de um sistema escolar.”(p. 13).

Assim, o programa é essencial para que o professor consiga ter uma orientação no que tem que leccionar ao longo de um ano lectivo, e desta forma, consiga ter conhecimento de quais são as aprendizagens que os seus alunos têm que realizar durante o ano de escolaridade em que se encontram.

Neste sentido, é através do programa que o professor planifica as suas aulas e estrutura o seu pensamento, para conduzir os alunos a uma aprendizagem eficaz, e para, em simultâneo construir estratégias que aplique em sala de aula. A isto Zabalza (2000) dá o nome de programação, pois este autor refere que um professor ao programar pode adoptar,

...determinados tipos de decisões relativamente a conteúdos, métodos, prioridades, recursos, etc. Quer dizer, elegem-se uns e recusam-se outros. Isso exige uma permanente consideração do porquê (contexto de justificação) e para quê (contexto de racionalidade e coerência) das decisões que se adoptem. (p.18)

Esta ideia de Zabalza é bastante importante na prática docente, pois um professor consciente não deve de programar/planificar as suas aulas da mesma forma para todas as turmas que têm, pois todas as turmas são diferentes e todas elas andam a um ritmo diferente, por isso nunca devem ser preparadas aulas totalmente iguais para turmas e alunos diferentes.

Se a planificação é importante e é uma fonte de trabalho importante para o professor, será importante verificar que tipo de planificação é que o professor pode dispor e adoptar para o seu trabalho.

Existem vários tipos de planificação, mas vou apenas centrar-me num tipo de planificação específica, com a qual trabalhei ao longo deste longo período de estágio profissional.

Ao longo destes dois anos usei como planificação o Modelo T, ou melhor, uma adaptação do Modelo T, que como referi na descrição deste capítulo, foi desenvolvido por Martiniano Pérez.

Segundo Pérez (2003) “as planificações curtas, de unidade de aprendizagem desenvolvidas constam de: objetivos fundamentais e complementares, conteúdos significativos (...), atividade como estratégias de aprendizagem e avaliação por objetivos (por capacidades) de conteúdos e métodos/procedimentos.”

O Modelo T de aprendizagem é uma forma de planificação que se mostra como suficiente para o docente, pois tornasse o ponto de partida para a elaboração do delineamento curricular das suas aulas.

Desta forma, este modelo, como refere Pérez (2003) “...parte e fundamenta-se no paradigma sociocognitivo e nos novos modelos de aprender a aprender e desenvolver capacidade e valores...”, não trabalhando só por os conhecimentos a dar aos alunos durante uma determinada aula e quando se aborda um determinado conteúdo. O quadro 12 apresenta a estrutura de uma planificação baseada no Modelo T de aprendizagem que utilizei na planificação das minhas aulas.

Quadro 12 – Modelo T proposto por Martiniano Pérez

Conteúdos	Procedimento/Método
Objetivos	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
Material:	

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

(Este plano pode estar sujeito a alterações)

Este modelo de planificação lê-se de cima para baixo e da esquerda para a direita. Para melhor compreensão do que nele vem escrito, isto é, o que se pretende com os conteúdos, métodos/procedimentos, capacidades/destrezas e valores/attitudes, parece-me relevante defini-los e explicá-los.

Como este modelo se lê de cima para baixo e da esquerda para direita também eu vou começar por explicá-lo neste sentido, para que seja mais fácil a sua compreensão.

Pérez (2003) define conteúdo como "... uma forma de saber.". Contudo remetem-nos para a existência de dois tipos fundamentais de "conteúdos", que são o saber sobre conceitos (conteúdos conceptuais) e o saber sobre factos (conteúdos factuais). Desta forma entendemos que um conteúdo não é apenas o que vem no Currículo para ensinar e dar a conhecer às crianças, é muito mais do que isso, sendo também incluídos nestes os factos que as rodeiam no seu dia a dia e que são importantes para a sua formação como pessoa e como ser de uma sociedade.

No que se prende com o procedimento/método, Pérez (2003) afirma que este "é uma forma de fazer.", mostrando assim que neste ponto se colocam apenas as ações que vamos elaborar durante a aula de forma a conduzi-la e a conduzir os alunos nesta.

O autor supracitado, identifica como capacidade a "habilidade geral que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo." Se a capacidade é a habilidade geral, o mesmo autor classifica a destreza como uma "habilidade específica que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo. Um conjunto de destrezas constitui uma capacidade.". Desta forma vemos como as capacidades estão intimamente relacionadas com as destrezas, pois só com habilidades específicas é que desenvolvem habilidades gerais.

Por fim, Pérez (2003) considera que um valor se estrutura e se desenvolve perante inúmeras attitudes. Contudo, e ainda segundo este autor "a componente fundamental de um valor é afectiva.". Neste sentido uma attitude é considerada a "predisposição estável para... cuja componente fundamental é afectiva.", como salienta Pérez (2003).

2.3. Planificação da área de Estudo do Meio (1.º Ciclo)

Apresento de seguida, no quadro 13, a planificação de Estudo do Meio que foi desenvolvida na turma do 4.º Ano no dia 26 de novembro de 2010. Esta planificação destinava-se a trabalhar com os alunos a evolução da máquina fotográfica, sendo uma aula de 20 minutos.

Quadro 13 – Plano de aula de Estudo do Meio (1.º Ciclo)

JARDIM-ESCOLA JOÃO DE DEUS OLIVAIS	
Plano de Aula	
Ano: 4º Ano	
Data: 26 de novembro de 2010	
Duração: +/- 20 minutos	
Área: Estudo do Meio	
Conteúdos:	Procedimento/Método:
⇒ Evolução da Fotografia.	-Realizar uma experiência sobre a primeira máquina fotográfica; - Explorar a evolução da fotografia através de um diálogo; -Mostrar várias máquinas fotográficas e fazer a comparação entre estas.
Competências:	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
⇒ Expressão Oral: vocabulário; compreensão. ⇒ Interpretação espaço-temporal: identificar; localizar.	⇒ Respeito: aceitar; aprender ⇒ Responsabilidade: interessado; consciente;
Material: Caixa, , máquinas fotográficas, acetatos e retroprojector.	
Baseado no Modelo T de Aprendizagem (Este plano pode estar sujeito a alterações)	

2.3.1. Fundamentação das estratégias/procedimentos

- **Realizar uma experiência sobre a primeira máquina fotográfica;**

Esta aula veio na sequência de uma aula de Língua Portuguesa em que já tinha abordado e explorado um texto sobre a evolução das máquinas fotográficas.

Desta forma para introduzir a área de Estudo do Meio iniciei a aula com uma experiência, que foi realizada apenas por mim, estando os alunos sentados como normalmente estão durante as outras aulas.

A experiência começou com a sala às escuras e tendo como material auxiliar uma caixa de cartão, forrada, toda ela, com cartolina preta. Uma das faces da caixa encontrava-se aberta e sobre esta existia uma folha de papel vegetal, para que os alunos pudessem ver através deste papel a luz da vela, que foi acesa por de trás da caixa. A vela ao ser acesa, e porque existia um pequeno buraco na face oposta à face coberta com papel vegetal, aparecia a imagem da sua chama de uma forma invertida.

Com isto quis mostrar aos alunos como é que a imagem é captada pela máquina fotográfica e depois explicar-lhes porque é que nós não vemos a imagem assim, mas sim da forma correta. Em paralelo, consegui dar-lhes o exemplo da nossa visão e explicar-lhes que acontece a mesma coisa com o nosso olho.

Desta forma, e para ilustrar melhor o processo que acontece com a nossa visão e com a máquina, mostrei uma imagem que representava isto mesmo.

Os alunos adoraram a experiência, pois foi algo diferente e que lhes permitiu verificar como, uma simples experiência os reporta para a vida real e lhes mostra como funciona algo com o qual lidam no dia a dia.

Assim, é possível verificar que o ensino das ciências também pode ser realizado num aula de Estudo do Meio, pois como refere Martins *et al.* (2007) o ensino das ciências no 1.º Ciclo tem como finalidade “promover a construção de conhecimentos científicos e tecnológicos que resultem úteis e funcionais em diferentes contextos do quotidiano.” (p.19), mostrando o porquê de algumas coisas acontecerem.

- **Explorar a evolução da fotografia através de um diálogo;**

Após lhes mostrar a imagem invertida percorri com os alunos uma viagem ao mundo das máquinas fotográficas, mostrando, algumas das máquinas mais antigas através de imagens que foram projectadas, através do retroprojetor, na sala e que pretendiam ilustrar o que estava a explicar.

Isto foi feito através do diálogo, pois também pretendia apelar aos conhecimentos dos alunos e às suas experiências com a fotografia.

Assim, o diálogo é muito importante numa sala de aula pois este é o meio de comunicação existente entre o professor e os alunos da turma. Loureiro (2000) afirma que,

...o discurso e o que se diz afecta a forma como se gere e se mantém a organização das atividades na aula, e, por outro, é de esperar que o discurso afecte também os processos de pensamento dos alunos e consequentemente a aprendizagem dos conteúdos escolares. (p. 106).

Neste sentido é essencial dialogar ao longo de uma aula com os alunos e de tomar conhecimento do que estes sabem sobre determinada matéria, partindo assim dos seus conhecimentos, para a exploração da aula e do tema e nunca esquecendo que o discurso e o diálogo são relevantes para que o aluno aprenda.

- **Mostrar várias máquinas fotográficas e fazer a comparação entre estas.**

Para terminar esta aula levei várias máquinas fotográficas, onde as crianças puderam ver a sua evolução e mexer nelas, de forma a estimular os sentidos da criança.

Este momento foi o ponto alto desta aula, pois os alunos “vibraram” com as várias máquinas que levei e que fomos colocando por ordem de evolução – da mais antiga para a mais moderna.

Tentei levar para a aula uma máquina de cada época. Embora não tenha conseguido de todas, levei 5 máquinas, pois penso que é sempre importante que os alunos contactem com vários materiais. Neste sentido, Zabalza (2000) afirma que a relação efectuada entre o aluno e o conteúdo se deve produzir “...através de algum meio ou recurso de ensino que represente, aproxime, facilite o acesso, etc. do aluno a essa realidade.” (p.180), pois o facto dos alunos puderem observar as máquinas também lhes dá uma melhor percepção do que estamos a falar.

2.4. Planificação da área de Matemática (1.º Ciclo)

Apresento a planificação de Matemática, no quadro 14 que foi desenvolvida na turma do 1.º Ano no dia 24 de janeiro 2011. Esta aula teve a duração de 60 minutos de e nela foi trabalhada a leitura de números com Calculadores Multibásicos.

Quadro 14 – Plano de aula de Matemática (1.º Ciclo)

JARDIM-ESCOLA JOÃO DE DEUS OLIVAIS	
Plano de Aula	
Ano: 1º Ano	
Data: 24 de janeiro de 2011	
Duração: 60 minutos	
Área: Matemática	
Conteúdos:	Procedimento/Método:
Leitura de números	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciar a aula com a distribuição dos calculadores multibásicos; - Rever as regras para a utilização deste material; - Rever a classe das unidades e suas ordens correspondentes; - Realizar vários ditados para que os alunos possam realizar a leitura de números; - Terminar a aula com a entrega de uma ficha aos alunos para consolidação da matéria dada.
Competências:	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> → Expressão Oral: vocabulário; compreensão. → Interpretação espaço-temporal: identificar; localizar. 	<ul style="list-style-type: none"> → Respeito: aceitar; aprender → Responsabilidade: interessado; consciente;
Material: calculadores multibásicos; peças em papel correspondentes às ordens das unidades; proposta de trabalho de matemática; algarismos móveis.	
Baseado no Modelo T de Aprendizagem (Este plano pode estar sujeito a alterações)	

2.4.1. Fundamentação das estratégias/procedimentos

- **Iniciar a aula com a distribuição dos calculadores Multibásicos**

Para abordar a leitura de números resolvi usar os Calculadores Multibásicos por ser um material apelativo e por ser um material didático, que vai permitir à criança a concretização da sua aprendizagem, como salienta Prado (1998, referida por Caldeira, 2009a), "...os materiais didáticos, são instrumentos para a aprendizagem, pois são o meio através do qual a criança interage com o mundo exterior, com os adultos e com as outras crianças." (p. 17), sendo isto bastante importante também para a sua formação pessoal. A mesma investigadora afirma que "...o material ao ser observado, manipulado e explorado provoca o desenvolvimento e formação de determinadas capacidades, atitudes e destrezas." (p. 17)

Por isso, antes de entregar o material e de pedir ajuda aos alunos para isto, coloquei-os dois a dois, pois nesta aula pretendia que trabalhassem a pares. Esta estratégia tinha um objetivo muito concreto, pois os alunos ao trabalharem a pares conseguem criar uma interajuda e, como afirma Pato (1995) "o espaço de interajuda que se abre nos grupos heterogéneos é (...) o mais favorável ao desenvolvimento de atitudes como a persistência, a confiança em si próprio, a responsabilidade, a tolerância e a solidariedade." (p.28), sendo necessário desenvolver tudo isto numa sala de aula.

Depois de fazer os pares para trabalharem procedi à distribuição do material com a ajuda de alguns alunos. Isto é uma rotina importante e que deve ser trabalhada todos os dias, pois é fundamental que as crianças se consigam organizar, desta forma pretendi trabalhar a sua autonomia, como afirma Sanches (2001) nós devemos "insistir no trabalho autónomo: auto-aprendizagem, autocorreção para que os alunos se tornem autónomos e responsáveis." (p.57), o que por sua vez vai formar cidadãos responsáveis.

- **Rever as regras para a utilização deste material**

A revisão das regras de qualquer material manipulativo é fundamental, pois os alunos necessitam de regras e de as cumprir em sala de aula. Por isso o uso de materiais manipulativos, neste caso dos Calculadores Multibásicos, não é exceção à regra.

- **Rever a classe das unidades e suas ordens correspondentes;**

Depois de rever as regras deste material fiz uma revisão da classe das unidades, usando como material auxiliar a imagem de cada uma das peças e cores

que corresponde a esta classe, identificando assim as ordens.

Isto é importante de rever porque os alunos muitas vezes esquecem quais são as cores atribuídas a cada uma das ordens, e qual a cor a que corresponde cada uma, por isso é relevante fazer sistematicamente esta revisão.

Ao realizar esta revisão pedi sempre a colaboração dos alunos para a mesma, de forma a tentar perceber se sabiam ou não, para que os pudesse ajudar, caso não soubessem.

- **Realizar vários ditados para que os alunos possam realizar a leitura de números**

Depois de rever as regras de utilização do material e de rever a classe das unidades e as suas ordens, os alunos começaram a trabalhar com o material. Como estavam a pares, inicialmente os da direita começaram com entregar as peças ao colega que tinha a placa e durante a aula trocaram as suas funções, dando oportunidade aos dois de trabalharem com as placas e com as peças.

Ditas todas as regras e explicadas fui ditando alguns valores que os alunos foram representando com o material na sua mesa. Os ditados que fui realizando foram sendo diferentes à medida que a aula ia decorrendo, pois umas vezes fiz ditados por ordens, por cores e por classe.

Esta forma diversificada de realizar ditados permitiu-me verificar se os alunos conseguiam ou não acompanhar o que dizia e se conheciam o material e se o usavam de forma correta.

Neste sentido e segundo Canals (2001 citada por Caldeira, 2009a)

...se soubermos propor a experimentação de uma forma adequada a cada idade e, a partir daí, fomentar o diálogo e a interacção necessários, o material, longe de ser um obstáculo que nos faz perder tempo e dificulta o salto para a abstracção, facilitará esse processo, porque fomentará a descoberta tornando possível uma aprendizagem sólida significativa. (p. 33)

Não fui eu apenas a fazer os ditados durante a aula, pois em alguns momentos solicitei que os alunos fizessem eles mesmo ditados para os colegas, através do material, representassem o número ditado. Além disto, cada vez que era feito um ditado e depois do número representado na placa, solicitava aos alunos que fizessem a respectiva leitura, por classe, por ordens e por cores, para verificar se tinha mesmo a certeza do que estava representado na placa e se sabiam realmente.

Numa dada altura, introduzi na aula Algarismos Móveis. Estes tinham como principal função fazer com que os alunos, além de representarem no número ditado na placa o representassem também com Algarismos, fomentando assim a aprendizagem de uma outra forma.

Os alunos gostaram bastante de usar os algoritmos móveis em simultâneo com os calculadores.

- **Terminar a aula com a entrega de uma ficha aos alunos para consolidação da matéria dada.**

Concluídos os ditados e a leitura de números, os alunos arrumaram o material e um deles recolheu-o para o irmos arrumar posteriormente.

Para terminar a aula e verificar se os alunos tinham feito uma boa aquisição do que tínhamos estado a rever e trabalhar anteriormente entreguei uma proposta de trabalho.

As fichas não devem usadas sistematicamente numa sala de aula, como única estratégia de ensino/aprendizagem. Contudo se esta for aplicada de uma forma esporádica e com um objetivo muito concreto, deve ser aplicada em sala de aula.

Neste caso, a ficha teve um propósito concreto que foi verificar se os alunos tinham compreendido bem o que se tinha falado em sala de aula, o que por sua vez, me deu a mim uma informação adicional, pois através das fichas poderia verificar se eu também me havia expressado bem.

Assim, como menciona Zabalza (2000) com a realização desta ficha não se trata de uma avaliação no seu sentido convencional, de constatar o nível alcançado e quantificá-lo por uma nota. É uma avaliação formativa cuja principal função, tanto para o professor como para os alunos é dar conta do que foi produzido pela aprendizagem, explicar o porquê dos passos dados e justificar o resultado obtido. (p. 180),

Através da resolução destas fichas o professor pode avaliar-se a ele mesmo.

2.5. Planificação da área de Língua Portuguesa (1.º Ciclo)

De seguida apresento o plano de aula da área de Língua Portuguesa, que está presente no quadro 15. Este foi desenvolvido na turma do 4.º Ano no dia 15 de junho de 2012. Nesta aula foi trabalhada a leitura e interpretação de um texto. A aula teve a duração de 60 minutos.

Quadro 15 – Plano de aula de Língua Portuguesa (1.º Ciclo)

JARDIM-ESCOLA JOÃO DE DEUS OLIVAIS	
Plano de Aula	
Ano: 4.º Ano	
Data: 15 de junho de 2012	
Duração: 60 minutos	
Área: Língua Portuguesa	
Conteúdos:	Procedimento/Método:
☺ Leitura e interpretação de um texto.	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciar a aula com a leitura de um texto sobre a poluição no planeta Terra; - Fazer a interpretação oral do texto através de um jogo de interpretação em <i>Powerpoint</i>; - Explorar a nível gramatical o texto com os alunos através de um jogo em <i>Powerpoint</i>;
Competências:	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
☺ Expressão oral: dialogar; vocabulário.	☺ Respeito: aceitar; aprender.
☺ Raciocínio lógico: interpretar; analisar.	☺ Convivência: partilhar; participar.
Material: <i>Powerpoint</i>	
Baseado no Modelo T de Aprendizagem (Este plano pode estar sujeito a alterações)	

2.5.1. Fundamentação das estratégias/procedimentos

- **Iniciar a aula com a leitura de um texto sobre a poluição no planeta Terra**

Inicie a aula com a entrega do texto a dois alunos para que o distribuíssem pelos colegas de turma. Sousa (1993) refere que, no ensino da Língua Portuguesa “o texto e a sua leitura assumem-se, assim, como momento fundamental e fundamentante da disciplina.” (p. 14), sendo por isso importante que seja feito em sala de aula.

Depois de entregues os textos, fiz a leitura modelo do texto, e em seguida, solicitei aos alunos que a fizessem também. A leitura modelo revela-se sempre importante na sala de aula, pois é através desta que os alunos adquirem a entoação, para depois lerem eles mesmos o texto. Além disto, como refere a autora acima mencionada “lê-se na aula para que se aprenda a ler e uma vez em contexto extra-escolar, o saber fazer.” (p. 15). Por isso é importante fazer a leitura modelo, para que num futuro próximos os nossos alunos o saibam fazer corretamente fora das salas de aula.

Para a realização da leitura deste texto optei por duas estratégias diferentes, que os alunos gostaram bastante. Como o texto era escrito sob forma de diálogo, tendo um narrador e duas personagens, numa primeira leitura do texto pedi aos alunos que simplesmente o lessem e depois pedi para que apenas três alunos fizessem a sua leitura, sendo que um era o narrador, e os outros dois os respectivos personagens.

De acordo com a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), no bloco 2, intitulado por comunicação escrita, no que se prende com o 4.º Ano o professor deve levar os alunos a “praticar a leitura dialogada distinguindo as intervenções das personagens.” (p. 155). Pretendi assim, que eles compreendessem qual era a melhor forma de entender o texto e, tentei dar-lhes o conhecimento de duas formas distintas de leitura dum mesmo texto.

Com esta estratégia consegui que todos os alunos lessem o texto, o que foi bastante bom para eles e para mim, que consegui colmatar algumas falhas existentes durante a mesma.

- **Fazer a interpretação oral do texto através de um jogo de interpretação em Powerpoint;**

No que se prende com a interpretação texto, esta foi abordada de forma diferente, pois foi sob a forma de jogo de equipa. Ao explicar como iria decorrer a interpretação do texto os alunos ficaram delirantes, podendo eu constatar como é importante uma atividade lúdica também na área da Língua Portuguesa.

As atividades lúdicas são sempre uma mais-valia para as crianças e para os professores, pois com estas criam-se laços e relações, que em outras atividades não se conseguem estabelecer. Assim, segundo Jiménez e Escuerdo (s.d., mencionados por Caldeira, 2009a) um professor, ao organizar determinada atividade lúdica deve “potenciar a relação com os adultos e as outras crianças, assim como desenvolver destrezas e valores sociais” e “propiciar o desaparecimento do medo de fracassar.” (p. 43). Em relação a este último ponto referido por estes autores – “propiciar o desaparecimento do medo de fracassar” – é fundamental que o professor o consiga fazer, pois muitas vezes os alunos não respondem a uma questão por terem medo de errar, o que não pode nunca acontecer em sala de aula.

Por isso o jogo é uma ferramenta fantástica colmatar isto, pois como menciona Lopes (1992, referido por Caldeira, 2009a), “...a criança aprende jogando. Através do jogo o ritmo natural da criança é mais respeitado e esta encara o erro de forma mais natural e positiva.” (p.45), sendo este uma atividade que deve ser, sempre que possível, desenvolvida na sala de aula ou mesmo fora dela.

Então para a realização do jogo dividi a turma em duas equipas em que cada uma tinha um chefe de grupo que escolhia o colega que iria responder à questão. Esse colega escolhido dirigia-se à frente da turma e disputava a resposta com outro colega da equipa adversária. Para isso existiam umas “campainhas”, em que depois de lida a pergunta, quer de interpretação, quer de análise gramatical, e após o sinal o aluno mais rápido tinha que pressionar e depois dar a resposta.

Esta estratégia foi dinâmica e diferente o que promoveu entusiasmo e espírito de equipa durante este jogo que se mostrou apelativo e interessante para as crianças.

- **Explorar a nível gramatical o texto com os alunos através de um jogo em Powerpoint;**

Este procedimento veio no seguimento do procedimento anterior, pois o jogo estava ligado entre si, tendo sido este explorado e dinamizado da mesma forma.

Para a concretização do jogo decidi usar o *Powerpoint* porque o uso das novas tecnologias deve ser feito em sala de aula, de forma a contribuir e a enriquecer a aprendizagem dos alunos. Assim, como afirma Silveira–Botelho (2009) a “aplicação das TIC na Educação pode e deve mudar a educação, modificar a escola e transformar o ensino.” (p.127) de forma a que este seja melhor e mais proveitoso para as crianças, e até, neste caso, para que seja lúdico.

2.6. Planificação da disciplina de Língua Portuguesa (2.º Ciclo)

A seguinte planificação, apresentada no quadro 16, refere-se à disciplina de Língua Portuguesa que foi desenvolvida na turma do 6.º Ano no dia 13 de dezembro de 2011. Esta aula teve a duração de 45 minutos e teve como finalidade dar a conhecer aos alunos o conceito de autobiografia.

Quadro 16 – Plano de aula de Língua Portuguesa (2.º Ciclo)

ESCOLA BÁSICA 2.º E 3.º CICLOS DO ENSINO BÁSICO	
Plano de Aula	
Ano: 6º Ano	
Data: 13 dezembro 2011	
Duração: 45 minutos	
Disciplina: Língua Portuguesa	
Conteúdos:	Procedimento/Método:
→ Autobiografia	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciar a aula com perguntas diretas sobre o tema levando os alunos a definir o que é uma autobiografia; - Ler e analisar a autobiografia de Sophia de Mello Breyner Andresen; - Explorar as características da autobiografia, através de um Powerpoint; - Entregar uma ficha informativa/formativa de como elaborar uma autobiografia; - Pedir aos alunos a construção da sua autobiografia;
Competências:	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
→ Raciocínio Lógico: interpretar; relacionar.	→ Respeito: aceitar; aprender.
→ Orientação espaço-temporal: identificar; localizar.	→ Convivência: partilhar; participar.
Material: Powerpoint; Autobiografia Sophia de Mello Breyner Andresen; Ficha informativa/formativa.	
Baseado no Modelo T de Aprendizagem (Este plano pode estar sujeito a alterações)	

2.6.1. Fundamentação das estratégias/procedimentos

- **Iniciar a aula com perguntas diretas sobre o tema levando os alunos a definir o que é uma autobiografia;**

Iniciei a aula com algumas questões de modo a levar os alunos ao conceito de autobiografia, uma vez que já tinha falado no que era a biografia, e então partindo dos seus conhecimentos levei-os à construção do conceito de autobiografia.

É importante partir dos conhecimentos que os alunos dispõem sobre um determinado tema, pois estes não são tábuas rasas e sem conhecimentos nenhuns. Se assim a acontecer, como foi o caso nesta aula, os próprios alunos motivam-se mais e interessam-se pelo processo de ensino/aprendizagem, conseguindo, nós professores, uma maior e melhor relação com eles.

- **Ler e analisar a autobiografia de Sophia de Mello Breyner Andresen;**

Depois deste diálogo entreguei aos alunos um texto sobre a autobiografia de Sophia de Mello Breyner Anderson, fazendo depois a leitura modelo do mesmo. Terminada esta leitura realizada por mim, pedia alguns dos alunos que lessem também, para que pudessem exercitar a leitura, uma vez que esta é fundamental no ensino da Língua Portuguesa, e que não devemos descuidar em sala de aula.

Bloom (2001, citado por Magalhães, 2008), refere que "...a leitura é essencial para "que os indivíduos, mantenham a capacidade de formar as suas opiniões e apreciações" sobre o mundo que os rodeia..." (p.55), não podendo desta forma ser retirada da prática de ensino.

Terminada a leitura questionei os alunos sobre algumas palavras existentes no texto e sobre os seus significados. Após isto falei um pouco sobre esta autora, tentando perceber se estes sabiam algo sobre ela, e mostrei-lhes alguns exemplares de livros escritos pela mesma.

Na minha opinião o facto de ter mostrado algumas obras da autora foi muito importante, porque os alunos necessitam de ser entusiasmados para a leitura e para o contacto com os livros. Bastos (1999) afirma que "a escola, é assim, um dos locais privilegiados onde o encontro da criança com o livro se pode concretizar de forma cativante." (p.286), devendo de existir sempre momentos de contacto com os livros em sala de aula, quanto mais não seja mostrá-los e fazer-lhes referência, como foi o caso.

Ao mesmo tempo fui realizando a interpretação da autobiografia e a exploração gramatical, de modo a que os alunos identificassem as características da autobiografia.

- **Explorar as características da autobiografia, através de um *Powerpoint*:**

Em paralelo, e para que não fosse uma aula muito expositiva, fui dialogando com eles e mostrando um *Powerpoint*, no qual tinham referidos alguns dos pontos importantes a salientar sobre a autobiografia e sobre as suas características.

- **Entregar uma ficha informativa/formativa de como elaborar uma autobiografia;**

Concluída a exploração das características da autobiografia entreguei uma ficha informativa/formativa na qual esquematizava as características do texto autobiográfico, para que fosse mais fácil organizar as ideias dos alunos em relação ao que tínhamos acabado de ver.

- **Pedir aos alunos a construção da sua autobiografia;**

Terminei a aula pedindo aos alunos que escrevessem a sua autobiografia. Esta atividade teve como principal função verificar se os alunos tinham adquirido o que lhes havia explicado anteriormente e se tinham compreendido.

Em paralelo a isto, também pretendi levar os alunos a atingirem as Metas de Aprendizagem propostas pelo Ministério da Educação (2010b), em que no domínio: reconhecer e produzir diferentes géneros e tipos de textos, o professor tem que trabalhar com os alunos ao o subdomínio do conhecimento de técnicas e formatos de textos para narrar. Neste sentido é-nos apresentada como meta final, deste mesmo subdomínio que o aluno deve redigir "...narrativas, desenvolvendo a informação relativa aos diversos elementos estruturais (e.g.: narrativa de aventura; conto; biografia; relato de viagem; notícia)".

Além disto, a aplicação desta proposta também visava fazer um levantamento a nível de ortografia, pois alguns destes alunos dão bastantes erros e por isso, a prática da escrita é uma ajuda para tentar colmatar isto. Segundo Ferreira (2005) "...o ensino da escrita deve acontecer de modo consciente e explícito onde a produção diversificada de textos exigirá aos alunos a activação de diferentes esquemas textuais, adaptados a diferentes situações comunicativas." (p.87), o que acontece com a escrita de uma autobiografia.

2.7. Planificação da disciplina de Matemática (2.º Ciclo)

A seguinte planificação refere-se à disciplina de Matemática que foi desenvolvida na turma do 6.º Ano no dia 17 de janeiro de 2012. Esta aula teve a duração de 45 minutos e teve como finalidade dar a conhecer aos alunos o conceito de situações aleatórias. Esta é-nos apresentada através do quadro 17.

Quadro 17 – Plano de aula de Matemática (2.º Ciclo)

ESCOLA BÁSICA 2.º E 3.º CICLOS DO ENSINO BÁSICO	
Plano de Aula	
Ano: 6.º Ano	
Data: 17 janeiro 2012	
Duração: 45 minutos	
Disciplina: Matemática	
Conteúdos:	Procedimento/Método:
Situações Aleatórias	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciar a aula com o jogo do “Euromilhões” para introduzir a matéria; - Fazer questões directas sobre o tema de aula de modo a levar os alunos ao conceito de situação aleatória; - Apresentar vários jogos/tarefas com situações aleatórias de forma a explorar as características das mesmas e outros conceitos já abordados.
Competências:	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> → Raciocínio Lógico: interpretar; relacionar. → Orientação espaço-temporal: identificar; localizar. 	<ul style="list-style-type: none"> → Respeito: aceitar; aprender. → Convivência: partilhar; participar.
Material: jogos com situações aleatórias, boletins do euromilhões, sacos, caixas, cartões, bolas, dados	
Baseado no Modelo T de Aprendizagem (Este plano pode estar sujeito a alterações)	

2.7.1. Fundamentação das estratégias/procedimentos

- **Iniciar a aula com o jogo do “Euromilhões” para introduzir a matéria**

Iniciei esta aula com a explicação do que iríamos fazer durante a aula do dia de hoje. Logo de seguida entreguei os cupões do euromilhões pedindo que cada aluno assinalasse 5 números à sua escolha e 2 estrelas para que depois pudessemos fazer a extracção dos cubos, que tinham assinalado todos os números existentes no cupão e depois fizéssemos o mesmo com as estrelas. Este jogo inicial tinha como principal objetivo introduzir as situações aleatórias e o seu conceito.

Este jogo foi muito bem aceite pela turma e todos o jogaram com muito entusiasmo, sendo da mesma forma um momento muito divertido em sala de aula. Desta forma, o jogo, além de ser uma atividade lúdica e didática, na qual os alunos aprendem sem dar conta disso, pois estão a divertir-se, ainda é um “guia” da aprendizagem, que é utilizado pelo professor na sala de aula. Zabalza (2000) afirma que,

...a ideia chave de “guiar” a aprendizagem é revelar o processo de realização das tarefas de maneira que o sujeito saiba o que tem que fazer. É, portanto, uma tarefa “iluminativa”, de maneira que os alunos saibam claramente o que devem fazer e possuam, no mínimo, pistas sobre o modo como podem fazer. (p. 179)

Assim, o professor orienta os alunos no seu processo de aprendizagem, dando-lhes todas as referências que isso e todas as pistas necessárias, mas deve deixar que sejam eles a construir o seu próprio conhecimento. Isto foi o que tentei promover com esta atividade inicial.

- **Fazer questões directas sobre o tema de aula de modo a levar os alunos ao conceito de situação aleatória;**

Após esta atividade inicial fiz questões aos alunos sempre dirigidas, pois é a melhor forma de controlar a disciplina e de perceber se o aluno sabe ou não o que lhe estou a perguntar, como refere Pereira (2002) “uma questão centrada na criança apela a que a criança desenvolva as suas ideias ou os seus pontos de vista, estejam estes certos ou errados.” (p.81), sendo isto muito importante quer para o professor quer para a criança, pois se não sabe o professor auxilia-a, mas se sabe o professor dá-lhe um elogio motivando-a ainda mais para que aprenda.

Estas questões foram conduzido os alunos e a aula para o que se pretendia – o conceito de situação aleatória -, fomentando sempre a discussão de ideias. Segundo as Metas de Aprendizagem, Ministério da Educação (2010b), o aluno em sala de aula “discute ideias matemáticas: apresenta e discute resultados, processos e ideias

matemáticas, oralmente e por escrito.”, sendo esta uma das metas finais para o domínio das capacidades transversais

- **Apresentar vários jogos/tarefas com situações aleatórias de forma a explorar as características das mesmas e outros conceitos já abordados.**

O tempo restante de aula foi gerido através do diálogo e da discussão de ideias e através de jogos/ tarefas que comprovavam e reafirmavam o conceito de situações aleatória e as suas características.

Durante estes jogos e estas tarefas eu circulei pela sale, de forma a ajudar alguns dos alunos que tivessem mais dificuldade, sem realizar as tarefas. Considero bastante importante que o professor circule pela sale de aula de forma a ver o que os alunos estão a realizar e de forma a tentar ajudá-los sempre que estes necessitem da sua ajuda.

Neste sentido Pereira (2002) refere que,

um professor, atento ao que os alunos estão a fazer num dado momento, saberá quando é que é importante interromper uma tarefa prática para levar os alunos a pensar sobre ela, encetando com estes uma discussão. O professor, colocando questões aos alunos, pedindo-lhes para se explicarem melhor, incitando-os a reformularem uma frase confusa ou a terminarem uma frase incompleta, (...) ajudar as crianças a pensarem melhor sobre o que estão a fazer e a aprenderem melhor. (p.79)

Isto é necessário no ensino de qualquer disciplina, contudo penso que é ainda mais necessário no ensino da Matemática. Assim, só é conseguido se o professor estiver sempre atento ao que os seus alunos realizam em sala de aula.

Concluo referindo que os alunos adoraram esta aula e todas as tarefas/jogos que levei para a mesma.

2.8. Planificação da disciplina de Ciências da Natureza (2.º Ciclo)

A seguinte planificação, apresentada através do quadro 18, refere-se à disciplina de Ciências da Natureza que foi desenvolvida na turma do 6.º Ano no dia 3 de fevereiro de 2012. Esta aula teve a duração de 45 minutos e teve como finalidade dar a conhecer aos alunos o Sistema Urinário.

Quadro 18 – Plano de aula de Ciências da Natureza (2.º Ciclo)

ESCOLA BÁSICA DO 2.º E 3.º CICLOS DO ENSINO BÁSICO	
Plano de Aula	
Ano: 6.º Ano	
Data: 3 de fevereiro de 2012	
Duração: 45 minutos	
Disciplina: Ciências da Natureza	
Conteúdos:	Procedimento/Método:
<p>Sistema Urinário</p> <p>A constituição do sistema urinário e seu funcionamento</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciar a aula com uma introdução ao Sistema Urinário; - Apresentar um <i>Powerpoint</i> sobre o Sistema Urinário e a sua constituição; - Explorar a constituição deste e as suas funções; - Explicar o processo da formação de urina; - Realizar uma proposta de trabalho para consolidar a matéria dada.
Competências:	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<p>😊 Raciocínio Lógico: interpretar; relacionar.</p> <p>😊 Orientação espaço-temporal: identificar; localizar.</p>	<p>😊 Respeito: aceitar; aprender.</p> <p>😊 Convivência: partilhar; participar.</p>
Material: <i>Powerpoint</i> , proposta de trabalho	
Baseado no Modelo T de Aprendizagem (Este plano pode estar sujeito a alterações)	

2.8.1. Fundamentação das estratégias/procedimentos

- **Iniciar a aula com uma introdução ao Sistema Urinário**

Eu iniciei a aula através de um diálogo com os alunos de forma a saber o que os alunos já conheciam sobre o tema.

- **Apresentar um *Powerpoint* sobre o Sistema Urinário e a sua constituição**

Usei o *Powerpoint* como auxiliar na minha aula porque me pareceu ser um suporte bastante bom para mostrar aos alunos imagens que eu pretendia que ilustrassem o que estava a dizer.

O recurso às novas tecnologias deve ser uma prática cada vez mais recorrente no ensino e nas salas de aula, pois muitas vezes é através destas que podemos satisfazer as curiosidades dos nossos alunos em sala de aula. Não podemos limitar-nos apenas ao uso do manual. Silveira–Botelho (2009) refere que,

...as TIC possibilitam dar resposta, de forma rápida, à grande curiosidade das crianças, permitindo abrir a porta da sala de atividades a todo o leque de conhecimentos que, integrado no conjunto do trabalho desenvolvido, pode contribuir para uma visão mais ampla e para uma melhor compreensão do mundo. (pp. 118-119)

Por isso devemos usar as novas tecnologias na sala de aula e fomentar também nas crianças o uso destas, mas claro de uma forma consciente e pertinente.

- **Explorar a constituição deste e as suas funções;**

Ao mostrar as várias imagens que tinha nos dispositivos do *Powerpoint* e através do diálogo fiz, com os alunos, uma exploração do Sistema Urinário, bem como a sua constituição e a função de cada parte que o constitui.

- **Explicar o processo da formação de urina;**

Depois de identificar todos os constituintes do Sistema Urinário e de verificar com os alunos as suas funções, expliquei o processo de formação da urina, pois esta é a grande função deste sistema.

- **Realizar uma proposta de trabalho para consolidar a matéria dada.**

Conclui esta aula com uma proposta de trabalho que se destinava a entrar no capítulo dos dispositivos de avaliação deste relatório.

2.9. Planificação da disciplina de História de Geografia de Portugal (2.º Ciclo)

A seguinte planificação refere-se à disciplina de História de Geografia de Portugal que foi desenvolvida na turma do 6.º Ano no dia 13 de março de 2012. Esta aula teve a duração de 45 minutos e teve como finalidade dar a conhecer invasões francesas em Portugal. Esta planificação é apresentada através do quadro 19.

Quadro 19 – Plano de aula de História e Geografia de Portugal (2.º Ciclo)

ESCOLA BÁSICA 2.º E 3.º CICLOS DO ENSINO BÁSICO	
Plano de Aula	
Ano: 6.º Ano	
Data: 13 de março de 2012	
Duração: 90 minutos	
Disciplina: História e Geografia de Portugal	
Conteúdos:	Procedimento/Método:
☺ As Invasões francesas	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciar a aula com uma revisão sobre o que levou às invasões francesas, através de um <i>Powerpoint</i>; - Explicar as invasões francesas e as suas consequências no nosso país; - Exemplificar e explicar as batalhas travadas com os franceses.
Competências:	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
☺ Raciocínio Lógico: interpretar; relacionar.	☺ Tolerância: ser bom ouvinte, ser receptivo.
☺ Orientação espaço-temporal: identificar; localizar.	☺ Convivência: partilhar; participar.
Material: <i>Powerpoint</i>	
Baseado no Modelo T de Aprendizagem (Este plano pode estar sujeito a alterações)	

2.9.1. Fundamentação das estratégias/procedimentos

- **Iniciar a aula com uma revisão sobre o que levou às invasões francesas, através de um *Powerpoint*;**

Esta aula foi lecionada por mim e pelos meus colegas de estágio, sendo por isso uma aula diferente que teve uma aceitação muito boa por parte dos alunos.

Iniciámos a aula com uma revisão breve dos conteúdos que já tinham sido abordados anteriormente pela professora da sala, de forma a integrar os alunos mais rapidamente no tema da aula. Assim, tendo como auxiliar um *Powerpoint* fizemos a revisão destes conteúdos, mostrando algumas imagens que ilustravam o que pretendíamos dizer.

No ensino da História as imagens são uma fonte de informação muito importante e que deve ser sempre explorada nestas aulas. Proença (1992) refere isto mesmo, pois afirma que os diapositivos e as gravuras podem "...ter um valor pedagógico especial num ensino da História em que se procure levar o aluno a construir o conhecimento." (p.130).

Como afirmou a autora acima referida, estes recursos não podem apenas ser explorados em sala de aula se não tiverem nenhuma finalidade em específico, pois estes devem de ser um material de construção do conhecimento do aluno, e não apenas uma material para embelezar uma aula.

Esta revisão foi feita através do diálogo. O diálogo e a linguagem é muito importante no ensino da História, pois é através deste que os professores e alunos interagem entre si. Proença (1992) afirma que "...a linguagem desempenha um papel fundamental para se atingir o rigor no raciocínio ou na formulação de juízos." (p.124), o que numa aula de História é fundamental, pois os alunos necessitam de ter uma explicação concisa e explícita dos conceitos que têm que adquirir.

- **Explicar as invasões francesas e as suas consequências no nosso país;**

Após a explicação dos fatores que levaram Portugal a sofrer as invasões francesas, eu e os meus colegas fizemos uma dramatização que se prendia com estas mesmas invasões. A dramatização é muito importante e penso que foi uma estratégia muito bem escolhida para abordar este tema, pois nós, ao dramatizarmos alguma coisa reportamos os alunos mais facilmente para o contexto que tencionamos, e motivamo-os para a aprendizagem.

Segundo Proença (1992) "as dramatizações e simulações podem tornar-se estratégias extremamente importantes para promover nos alunos o envolvimento afectivo com a História, e para desenvolver a criatividade e imaginação empática que

o ensino da História deve proporcionar.” (p. 134), sendo por isso vantagoso para os alunos e professores, incentivarem e proporcionarem momentos mais lúdicos, como este, no ensino da História.

Assim, cada um de nós incorporou a personagem que lhe havia sido destinada, explicando o que se tinha passado durante a invasão daquele general.

Também esta dramatização teve como auxiliar um *Powerpoint*, pois era importante mostrar algumas imagens representativas destes acontecimentos históricos.

- **Exemplificar e explicar as batalhas travadas com os franceses.**

A aula foi terminada com a explicação das várias batalhas travadas entre portugueses e franceses. Para isto passámos alguns vídeos da recriação destas batalhas e orientámos este tempo com algumas questões, para conduzirmos os alunos ao que pretendíamos que estes adquirissem.

Segundo Proença (1992),

na aula de História utiliza-se frequentemente a técnica da exposição dialogada, em que o professor intercala a exposição com perguntas de forma a que, através de um diálogo orientado, vá conduzindo o aluno à descoberta dos conhecimentos que pretende transmitir. (p.125)

Contudo, estas perguntas, além de orientarem os alunos para as suas descobertas e para a formulação do seu próprio conhecimento, devem ainda de respeitar algumas regras, que a mim me parecem fundamentais para que uma aula se torne mais motivadora e que chegue a todos os alunos.

Para Proença (1992) um professor na sua aula de História deve “formular perguntas em função do que é principal e significativo”; “utilizar a pergunta como um recurso para integrar o aluno no trabalho”; “ajustar as perguntas ao nível de compreensão dos alunos;” e “solicitar o máximo de alunos (e em especial os menos participativos).” (p. 125).

Esta aula foi muito divertida e os alunos gostaram bastante, pois para eles foi uma aula motivadora, em que a sua atenção foi estimulada devido a todos os recursos que levámos para a aula.

Capítulo 3

Dispositivos de

Avaliação

3.1. Descrição do capítulo

O presente capítulo começa por abordar a temática da avaliação, a sua importância e o seu papel na prática ensino/aprendizagem e o que esta possibilita ao docente e ao discente.

Pretendo com este capítulo salientar os tipos de avaliação existentes no 1.º e no 2.º Ciclo e as suas mais-valias para os alunos e para os professores e responder a algumas questões, como por exemplo: Qual a importância de avaliar?

Ao longo deste capítulo teremos ainda presente, 7 dispositivos de avaliação utilizados em algumas das aulas que preparei ao longo do meu estágio, sendo 3 para o 1.º Ciclo do Ensino Básico e 4 para o 2.º Ciclo do Ensino Básico. Na consequência destes dispositivos teremos ainda uma reflexão sobre a avaliação realizada sobre cada um deles.

3.2. Fundamentação teórica

A avaliação é cada vez mais necessária nos nossos dias e nas nossas escolas, pois, a cada passo que damos, estamos sempre a ser avaliados e testados. Desta forma, a avaliação prende-se com o ato de testar os conhecimentos adquiridos pelos alunos, em contexto de sala de aula e não só.

O Despacho Normativo n.º 1/2005, remonta-nos para a importância de avaliar um aluno e as finalidades desta mesma avaliação. Nesta linha de pensamento o, Despacho Normativo n.º 1/2005 inidica que “a avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.”

Perante esta afirmação tomamos consciência de que a avaliação tem uma importância maior do que a que julgávamos ter à partida. É através desta que toda a prática educativa se sustém, isto é, que ganha um rumo e uma perspetiva diferente. Quero com isto dizer que, através da avaliação, o docente obtém vários resultados eficazes para gerir, duma forma mais ativa e ponderada, as dificuldades que os seus alunos apresentam e manifestam. Nesta perspetiva a avaliação prevê, como refere Leite e Fernandes (2002), “um processo contínuo e sistemático quem tem como finalidade contribuir para que os alunos atinjam os objetivos estabelecidos para a aprendizagem” (p.24). Assim a avaliação tem de ser levada a cabo ao longo de todo o ano letivo e em momentos distintos, sendo esta também distinta.

Ao afirmar que a avaliação tem que ser distinta, no que se refere à forma como é realizada, arrisco-me a afirmar que a avaliação também deve ser distinta de acordo com os alunos que temos perante nós. Com isto, quero dizer que não nos devemos

cingir, como docentes, a uma avaliação taxativa em que consideramos todos os alunos como um todo e não como seres individuais com as suas limitações e dificuldades.

Leite e Fernandes (2002) afirmam que a avaliação numa escola tradicional visava simplesmente,

...medir a quantidade de conhecimentos adquiridos pelos alunos e aferir o grau de reprodução desses conhecimentos, por referência a normas e critérios definidos de um modo uniforme e uniformizante e aplicados também de forma homogênea, a todos os alunos, como se fossem iguais.(p.20)

Perante esta perspetiva é pertinente alertar o quão importante é “fugir” deste tipo de avaliação nas nossas escolas de hoje. Esta avaliação, que se suporta em meras notas e cotações, fazendo com que apenas isso se torne importante para os docentes e, até mesmo para os próprios alunos.

A avaliação, como referi anteriormente é muito mais do que isto. Ela pretende despertar o aluno e o professor para as dificuldades existentes e, deste modo, permitir que estas sejam colmatadas, de forma a que os objetivos da aprendizagem sejam, assim, alcançados com o maior sucesso possível.

Claro que, ao falarmos de sucesso escolar, não posso deixar de referir que por vezes caímos no erro de encarar a avaliação como uma mera forma de inspeccionar a aquisição dos conhecimentos dos alunos e realizar uma apreciação das competências por estes desenvolvidos, de uma forma individualizada. Quando vemos a avaliação nesta perspetiva entramos na “corrida” contra as notas e pelas notas, para que estas sejam boas e atinjam os objetivos delimitados pelos docentes. Caindo neste erro, a avaliação passa a ser apenas qualificativa no que se remete aos números.

Penso que será necessário distinguir dois conceitos, que se complementam mas que são diferentes e muitas vezes confundidos. Refiro-me ao conceito de medida e de avaliação. Segundo Taba (1962, citado por Leite e Fernandes, 2002),

a medida em educação concentra-se em geral em determinadas características específicas, delimitadas e bem definidas”, contudo em relação ao conceito de avaliar, este mesmo autor, afirma que a avaliação “depende da medida mas abrange um perfil mais vasto de características e *performances*. (p.20)

Assim, para que se possam aferir os conhecimentos dos alunos é necessário recorrer a vários meios. Para conseguirmos medir as aquisições feitas pelos alunos sobre um determinado conteúdo, temos de usar alguns instrumentos de avaliação, que nos vão ajudar a quantificar o nível de aquisição dos conhecimentos.

Estes instrumentos de avaliação são vários, passo a citar alguns deles, os mais comuns e usados por professores, são os testes e fichas de avaliação. Estes instrumentos de avaliação são elaborados e aplicados em momentos específicos da vida escolar dos alunos, sendo estes momentos, como salienta Leite e Fernandes

(2002), “...correspondentes ao final de cada período...”, sendo designados por “...avaliação sumativa.” (p.21). Como podemos ver, as “ditas” fichas e testes são realizadas mediante vários tipos de avaliação existentes.

Para falar sobre este assunto vou referir os tipos de avaliação que se referem ao 1.º e ao 2.º Ciclos do Ensino Básico, que diferem em alguns pontos dos outros tipos de avaliação dos outros Ciclos.

Para avaliarmos um aluno podemos recorrer à avaliação diagnóstica, formativa e sumativa. No que diz respeito à sumativa, esta pode dividir-se em sumativa interna e externa. Em seguida passo a enumerar em que consiste cada uma delas e quais as suas principais funções, quero com isto dizer, o que pretendemos ao aplicá-las nas nossas salas de aula.

Começo por falar da avaliação diagnóstica, visto que é uma das avaliações a realizar primeiro lugar, logo no arranque de ano letivo e, segundo Neves e Carrola (2002), esta deve “...articular-se com estratégias de diferenciação pedagógica, de superação de eventuais dificuldades dos alunos e de apoio à orientação escolar e vocacional.” (p.12), de forma a poder, desde início colmatar as dificuldades dos alunos e assim traçar estratégias para as diminuir. Por esta razão, esta avaliação é uma das mais importantes, pois é com base nela que um docente conduz o seu ano escolar e começa a planificá-lo com base, e tendo em conta, as dificuldades mais acentuadas dos alunos que tem a seu cargo durante todo o ano. Neste sentido, o Despacho Normativo n.º 1/2005, menciona que esta avaliação “...conduz à adopção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projecto curricular de turma...”. assim, se o docente o achar conveniente e pertinente, pode alterar o que já havia preparado curricularmente.

Há que referir ainda que esta avaliação é feita através de testes diagnósticos que devem ser apresentados com um “...núcleo restrito de objetivos em volta dos quais se organizam grupos de perguntas, muitas vezes várias perguntas sobre o mesmo objetivo (...) pretende analisar pouco mas em profundidade.” (p.345), como refere Ribeiro e Ribeiro (1990). Assim os testes diagnósticos analisam os conteúdos já adquiridos pelos alunos, neste caso no ano letivo anterior, em profundidade, permitindo ao docente verificar quais as suas maiores fragilidades e as suas áreas mais fortes.

Outra avaliação que temos que ter presente, é a avaliação formativa. Antes de defini-la, parece-me bastante curioso o seu nome, formativa, remonta-me à palavra formação. Assim, se pensarmos em formação, no formar o outro ou no ensinar o outro, parece-me óbvio o que esta avaliação simboliza e manifesta. A avaliação formativa visa formar o outro, isto é, avaliar o outro em vários momentos e de várias formas, não

tendo um peso tão elevado como a avaliação sumativa, mas sim um peso mais simbólico, em que o aluno olha para esta como uma forma de ajuda e de formação.

Neste sentido, a avaliação formativa prende-se com o facto de ser uma avaliação de “...carácter contínuo e sistemático...”, como refere o Despacho Normativo n.º1/2005, e que deve recorrer “...a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, de acordo com a natureza das aprendizagens e dos contextos em que ocorrem.”, apresentando-se como um ponto de equilíbrio entre o ensino e a aprendizagem, isto é, entre o modo de transmissão dos conteúdos por parte do professor e a maneira como estes estão a ser retidos pelos alunos. Esta avaliação é a principal modalidade de avaliação do Ensino Básico, visto que é frequente e constante.

Esta avaliação é feita através de testes formativos. Ribeiro e Ribeiro (1990), afirma que “um teste formativo incide sobre um núcleo restrito de objetivos de uma unidade de ensino, avaliando em profundidade e não em extensão.” (p.349), assim com os testes formativos os docentes apenas podem avaliar os conhecimentos que os alunos têm perante um determinado conteúdo, pois avaliam até à exaustão uma aprendizagem específica.

A avaliação formativa, segundo o Despacho Normativo n.º 1/2005, visa fornecer aos docentes, aos alunos e aos encarregados de educação informação sobre o progresso das aprendizagens feitas pelos alunos ao longo do tempo, sendo esta avaliação da responsabilidade dos professores, mas em diálogo com os alunos, de forma a melhorar o que está por melhorar, corrigindo o que está errado.

Apresento agora a última avaliação destacada no 1.º e 2.º Ciclos sendo esta a avaliação sumativa. Esta avaliação, segundo o Despacho Normativo n.º 1/2005, “...consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular.”, mostrando assim que esta avaliação é feita de forma geral, pesando os conhecimentos feitos pelos alunos no final de cada um dos períodos letivos.

Ainda nesta ótica, Ribeiro (1990, citado por Leite e Fernandes, 2002), afirma que “a avaliação sumativa corresponde, pois, a um balanço final, a uma visão de conjunto relativamente a um todo sobre, que até aí, só haviam sido feitos juízos parcelares.” (p.26). No fundo, a avaliação sumativa não se baseia apenas nas avaliações formativas, mas sim numa avaliação geral de todo o conhecimento adquirido pelo aluno avaliado. Esta é feita de uma forma extensiva, isto é, não se centra apenas numa única matéria, mas sim num conjunto de matérias abordadas num determinado período de tempo.

Dentro da avaliação sumativa, com mencionei anteriormente, encontramos dois tipos de avaliação a interna e a externa. No que se refere à avaliação sumativa interna esta "...ocorre no final de cada período lectivo, de cada Ano lectivo e de cada Ciclo.", como é referido no Despacho Normativo n.º 1/2005.

Esta avaliação está a cargo do professor titular de turma, sendo organizada com o conselho de docentes. A avaliação sumativa tem como finalidades, segundo o Despacho Normativo n.º 1/2005, "informar o aluno e o seu encarregado de educação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências definidas para cada disciplina..." e "tomar decisões sobre o percurso escolar do aluno.". Assim sendo, é uma avaliação realizada na escola, só para a escola e apenas para alguns alunos em concreto e que visa ajudar a definir qual o caminho escolar do aluno, sempre em consentimento com os encarregados de educação, que têm um papel importante na vida escolar dos seus educandos.

Contudo, falta ainda referir em que consiste a avaliação sumativa externa; esta avaliação é da responsabilidade do Ministério da Educação. Quero com isto dizer que são os serviços centrais do Ministério da Educação que promovem a avaliação sumativa externa, como refere o Despacho Normativo n.º 1/2005. Esta avaliação, no que se refere ao 1º Ciclo, baseia-se apenas na área de Língua Portuguesa e Matemática, sendo as provas feitas pelos alunos contadas apenas para estatística do país. Contudo as provas de aferição realizadas no final do 4.º Ano são elaboradas e pensadas para estes alunos como forma de exame nacional. No entanto, já em relação ao 2.º Ciclo, os alunos realizam exames nacionais às disciplinas de Língua Portuguesa e de Matemática, estando estes também a cargo do Ministério da Educação.

Já referidos os três tipos de avaliação, acho que é pertinente referir que esta avaliação culmina numa classificação que é periodicamente transmitida aos encarregados de educação. Estas classificações são qualitativas, pois os alunos são avaliados com Muito Bom, Bom, Satisfaz, Não Satisfaz e Fraco, no que se refere ao 1.º Ciclo. Já no 2.º Ciclo os alunos obtêm a classificação através de valores (1 – Fraco; 2- Não Satisfaz; 3 – Satisfaz; 4 – Bom e 5 – Muito Bom).

Parece-me importante referir que para Ribeiro e Ribeiro (1990) "a classificação (...) transporta para uma escala de valores a informação proporcionada pela avaliação, permitindo comparar e seriar resultados e servindo de base a decisões relativas à promoção ou não dos alunos no sistema escolar." (p.338), desta forma a avaliação não vive sem a classificação e a classificação só é possível se a avaliação existir.

Contudo a classificação pode levar um professor a cometer erros a quando da sua análise. Por isso é de extrema importância que retenham algumas das funções da classificação, para que não existam erros. Ribeiro e Ribeiro (1990) define que a classificação tem funções diferentes das funções da avaliação tendo registado que se prendem com o facto da classificação representar "...um sistema de comunicação rápido e eficaz, adoptando uma linguagem fácil de entender..." (p.338) e que esta nos "...permite comparar e seriar resultados, operações que facilitam, em certas circunstâncias, a tomada de decisões." (p.338). É certo que isto acontece diariamente, pois olhamos para as classificações dos nossos alunos e rotulámo-los de bons ou maus alunos, apenas pelas classificações que têm.

Este é o verdadeiro risco da classificação e do olhar do docente por ela, pois temos que ter em consideração que, ao longo do tempo, têm sido apontadas algumas desvantagens à classificação. Estas prendem-se com o simples facto desta, em muitas circunstâncias "...substituir a informação que o professor necessita sobre as aprendizagens dos alunos por uma «medida» que nada esclarece..." e provocando nos alunos e no próprio docente "...um sentido de competição pouco desejável..." e ainda "...causar ansiedade e nervosismo..." por parte dos alunos, como nos remonta Ribeiro e Ribeiro (1990, p.338). Por estes motivos as avaliações e posteriores classificações nem sempre nos transportam para a realidade, mas sim para a hipotética realidade do aluno e do seu estado de aprendizagem.

Neste sentido, o docente tem que ter em conta estes fatores quando avalia um aluno e por isso é que é de extrema importância existirem vários tipos de avaliação, sobretudo a formativa, que dá ao professor a ideia, mais real, das aprendizagens feitas pelos alunos.

Para terminar, gostaria ainda de referir que um professor, para proceder à classificação de uma avaliação, tem de se basear numa escala. Uma das escalas mais usadas pelos docentes é a escala de Likert.

De seguida apresento a escala que irei utilizar em todos os dispositivos de avaliação. Esta escala é apresentada através do quadro 20.

Quadro 20 - Escala tipo Likert

Fraco	Não Satisfaz	Satisfaz	Bom	Muito Bom
0 - 2,9	3 - 4,9	5 - 6,9	7 - 8,9	9 - 10

3.3. Avaliação de Matemática (4.º Ano)

O dispositivo de avaliação que apresento de seguida refere-se à aula de Matemática realizada no 4.º Ano no dia 2 de novembro de 2010. Este dispositivo pretendia avaliar os alunos através da análise de um pictograma, confirmando o conceito de média e o de moda. O mesmo foi realizado por 21 alunos e teve uma duração aproximada de 60 minutos. A proposta apresenta-se em anexo, Anexo A.

3.3.1. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação de Matemática

Perante o dispositivo de avaliação que foi entregue a cada aluno foram definidos alguns parâmetros de forma a facilitar a avaliação deste.

Para a alínea a) foi introduzido o parâmetro de análise do pictograma, que visa entender se os alunos conseguem analisá-lo corretamente. Este tem como critérios:

- * Responde corretamente à questão e de forma completa;
- * Responde corretamente à questão de forma incompleta;
- * Não responde corretamente à questão;
- * Não responde.

Estes critérios foram definidos para este parâmetro, porque é fundamental analisar um gráfico corretamente e saber interpretá-lo assim como dar respostas completas.

No que se refere à alínea b) esta foi avaliada perante um parâmetro que se prende com a resolução de uma operação. Este tem como principal objetivo que os alunos, para além de analisarem o pictograma, entendam que têm de realizar uma operação para chegar à resposta pretendida pela questão. Perante este parâmetro encontram-se os seguintes critérios de avaliação:

- * Interpreta, aplica e realiza a operação corretamente;
- * Interpreta, aplica e não realiza a operação corretamente;
- * Não responde.

É de salientar que estes critérios têm como objectivo-chave proporcionar ao professor a possibilidade de verificar se o aluno interpreta bem um gráfico e se, em consequência do mesmo, consegue relacionar a sua interpretação com a realização de uma operação para que possa responder corretamente.

Perante a alínea c) foi atribuído um parâmetro que se prende com a resolução da operação da multiplicação. Este parâmetro foi definido tendo como base alguns critérios que permitiram a sua avaliação, sendo estes os seguintes:

- * Preenche dados, indicação e operação, realiza a operação, resolve e responde corretamente à questão e de forma completa;

- * Preenche dados, indicação e operação incorretamente mas resolve a operação corretamente;
- * Preenche dados, indicação e operação, aplica a operação, mas não resolve corretamente;
- * Preenche dados, indicação e operação, realiza a operação, resolve corretamente mas não à questão e de forma completa;
- * Não responde.

Na sequência dos critérios aqui apresentados para este parâmetro julgo ser necessário esclarecer alguns deles, para que, seja mais fácil entendê-los. Com estes dou valor e, como tal, pretendo avaliar se o aluno é organizado ou não, isto é, se apresenta um trabalho cuidado e sem muitos erros. Desta forma, acho importante que os alunos sejam avaliados no que toca à colocação de dados, indicação e operação de um problema ou situação problemática.

Isto vai possibilitar ao docente observar se o aluno entendeu o problema e se, no caso da operação, a realiza de forma correta e se o que errou na mesma é apenas um erro de cálculo ou se não sabia mesmo realizar a operação.

Neste caso, e como em todos os problemas e situações problemáticas, é sempre importante que o aluno responda de forma completa ao que lhe é pedido, sendo isto também avaliado. Quero ainda reter que, no caso da Matemática, considero importante que um professor dê atenção ao raciocínio de um aluno, mesmo que este esteja errado, e que assim seja cotada uma mínima parte.

Em relação à alínea d), presente no dispositivo de avaliação, esta tem definido como parâmetro a resolução da operação da adição. Esta assenta em alguns critérios, sendo estes os abaixo indicados:

- * Insere os dados, indicação e operação, aplica as operações, resolve e responde corretamente à questão e de forma completa;
- * Insere os dados e indicação, não aplica as operações e responde corretamente à questão de forma completa;
- * Não insere os dados ou indicação corretamente mas aplica as operações, resolve-as e responde corretamente à questão e de forma completa;
- * Insere os dados e indicação de forma correta mas não resolve acertadamente as operações;
- * Não responde.

É importante mencionar que estes critérios foram definidos com vista a avaliar a interpretação da situação problemática referida, pois o aluno tem que ter em conta os dados necessários á realização da mesma. E como na questão anterior, é importante

avaliar a colocação de dados, indicação e operação, para que o docente possa aferir se o aluno é organizado e se efetuou os cálculos todos bem.

A alínea e) tem como parâmetro o conceito de média. Este é avaliado segundo alguns critérios específicos, os quais são:

- * Aplica o conceito e resolve a operação corretamente;
- * Aplica o conceito mas não resolve a operação corretamente;
- * Não responde corretamente;
- * Não responde.

Estes critérios foram delineados para que os alunos apliquem de forma correta o conceito de média e que entendam quais os cálculos a realizar para o aplicarem da forma correta. Por isso prevêem ainda avaliar a operação realizada para achar a média.

Por fim a alínea f) apresenta como parâmetro o conceito de moda, sendo este avaliado com base nos seguintes critérios:

- * Aplica o conceito e responde corretamente;
- * Não responde corretamente;
- * Não responde.

Estes critérios solicitam que os alunos apliquem de forma correta o conceito de moda através da análise do pictograma.

De seguida apresento a grelha de avaliação de Matemática do 1.º Ciclo, pela qual orientei a correção dos dispositivos de avaliação dos alunos. Podemos observar esta grelha através do quadro 21.

Quadro 21 – Grelha de avaliação de Matemática (1.º Ciclo)

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1. a)	Análise do pictograma	Responde corretamente à questão e de forma completa.	1	1
		Responde corretamente à questão de forma incompleta.	0,75	
		Não responde corretamente à questão.	0,10	
		Não responde.	0	
b)	Resolução de uma operação	Interpreta, aplica e realiza a operação corretamente	1	1
		Interpreta, aplica e não realiza a operação corretamente.	0,5	
		Não responde.	0	
c)	Resolução da operação da multiplicação	Preenche dados, indicação e operação, realiza a operação, resolve e responde corretamente à questão e de forma completa.	2,5	2,5
		Preenche dados, indicação e operação, realiza a operação, resolve corretamente mas não à questão e de forma completa.	2	
		Preenche dados, indicação e operação incorretamente mas resolve a operação corretamente.	1,5	
		Preenche dados, indicação e operação, aplica a operação, mas não resolve corretamente.	1	
		Não responde.	0	
d)	Resolução da operação da adição	Insere os dados, indicação e operação, aplica as operações, resolve e responde corretamente à questão e de forma completa.	2,5	2,5
		Insere os dados e indicação, não aplica as operações e responde corretamente à questão de forma completa.	2,25	
		Não insere os dados ou indicação corretamente mas aplica as operações, resolve-as e responde corretamente à questão e de forma completa.	1,5	
		Insere os dados e indicação de forma correta mas não resolve acertadamente as operações.	1	
		Não responde.	0	
e)	Conceito de média	Aplica o conceito e resolve a operação corretamente.	1,5	1,5
		Aplica o conceito mas não resolve a operação corretamente.	1	
		Não responde corretamente.	0,5	
		Não responde	0	
f)	Conceito de moda	Aplica o conceito e responde corretamente.	1,5	1,5
		Não responde corretamente	0,5	
		Não responde	0	
Total				10

3.3.2. Grelha de correção de avaliação de Matemática

Neste ponto é apresentada a grelha de correção de Matemática, a qual contém as cotações atribuídas ao corrigir as respostas dos alunos. Esta grelha pode ser observada através do quadro 22.

Quadro 22 – Grelha de correção de Matemática (1.º Ciclo)

Questões	1. a) Análise do pictograma	b) Resolução de uma operação	c) Resolução da operação da multiplicação	d) Resolução da operação da adição	e) Conceito de média	f) Conceito de moda	Total
Cotações	1	1	2,5	2,5	1,5	1,5	10
A	1	1	2,5	2,5	1,5	1,5	10
B	1	1	2,5	2,5	0	0	7
C	1	1	1	0	0	0	3
D	1	0,5	1	2,5	1,5	1,5	8
E	1	1	2,5	2,5	1,5	1,5	10
F	1	1	2,5	2,5	1,5	1,5	10
G	1	1	2,5	2,5	1,5	1,5	10
H	x	x	x	x	x	x	x
I	1	1	2,5	0	0	0	4,5
J	1	1	2,5	2,5	1,5	1,5	10
K	1	1	2,5	2,5	0	0	7
L	1	0,5	1	2,5	1,5	1,5	8
M	1	1	1	0	0	0	3
N	1	1	0	0	0	0	2
O	1	1	2,5	2,5	1,5	1,5	10
P	0	0,5	0	0	0	0	0,5
Q	x	x	x	x	x	x	x
R	0,1	1	2,5	2,25	1,5	1,5	8,85
S	1	1	2,5	2,25	1,5	1,5	9,75
T	1	1	2,5	2,25	0	0	6,75
U	1	1	2,5	2,5	0	0	7
V	1	1	2,5	2,5	1,5	1,5	10
Média	0,91	0,93	1,95	1,84	0,83	0,83	7,27

3.3.3. Descrição da grelha de correção de Matemática

Na presente grelha de correção dos conhecimentos revelados pelos alunos, apenas pude aferir o conhecimento de 20 alunos sobre este tema abordado em sala de aula, visto que 2 deles estavam a faltar neste dia.

Contudo, dos dados que tinha disponíveis referentes a estas crianças consegui verificar que 18 alunos analisaram bem o pictograma e que responderam acertadamente à questão da alínea a). Contudo, 2 dos alunos não atingiram os objetivos propostos, mostrando assim que conseguiram interpretar da melhor forma o gráfico, sendo que um deles não realizou mesmo a questão.

Na alínea b) 17 alunos interpretaram e realizaram a operação corretamente e 3 dos alunos interpretam, aplicam mas não realizam a operação corretamente.

No que diz respeito à alínea c), 14 alunos preencheram os dados, indicação e operação, realizando-a bem, resolvendo e respondendo corretamente e de forma completa à questão levantada. Contudo, 4 dos alunos que constituem esta turma, preencheram os dados, indicação e operação, mas não resolveram corretamente. E ainda é de salientar que apenas dois alunos não responderam à questão.

Na alínea d) 12 alunos atingiram a cotação máxima, tendo assim inserindo os dados, indicação e operação e aplicando as operações para chegar à resposta pretendida. Estes resolveram e responderam numa forma correta e completa à questão. No entanto 3 dos alunos apenas inseriram os dados e indicação não realizando nenhuma operação, mas responderam corretamente à questão de forma completa, sendo por este motivo que não atingiram o máximo de cotação para a pergunta. Podemos ainda verificar que 5 dos alunos não responderam à questão.

Perante a alínea e), que se refere à aplicação do conceito de moda é possível encontrar uma discrepância entre os alunos que a realizaram e os que não a realizaram. Encontramos apenas 11 alunos que executaram a questão, tendo estes atingido a cotação máxima. Contudo 9 alunos não responderam à questão, sendo por isto notória a dificuldade presente na resolução desta questão e a não compreensão do conceito de média.

Por último, na alínea f), que refere o conceito de moda, encontramos de novo 11 alunos que elaboram a questão corretamente, e o mesmo número de alunos, 9, que não a realizam.

É de salientar que a média desta turma foi de 7,27 valores, o que mostra que esta turma atingiu a classificação de Bom, na resolução desta ficha.

3.3.4. Apresentação do gráfico dos resultados da avaliação de Matemática

Neste ponto encontra-se presente o gráfico correspondente à classificação dos alunos na ficha de Matemática do 1.º Ciclo. Através deste é mais fácil interpretar os resultados obtidos pela turma no geral e diagnosticar se os alunos atingiram os objetivos propostos, como podemos observar na figura 18.

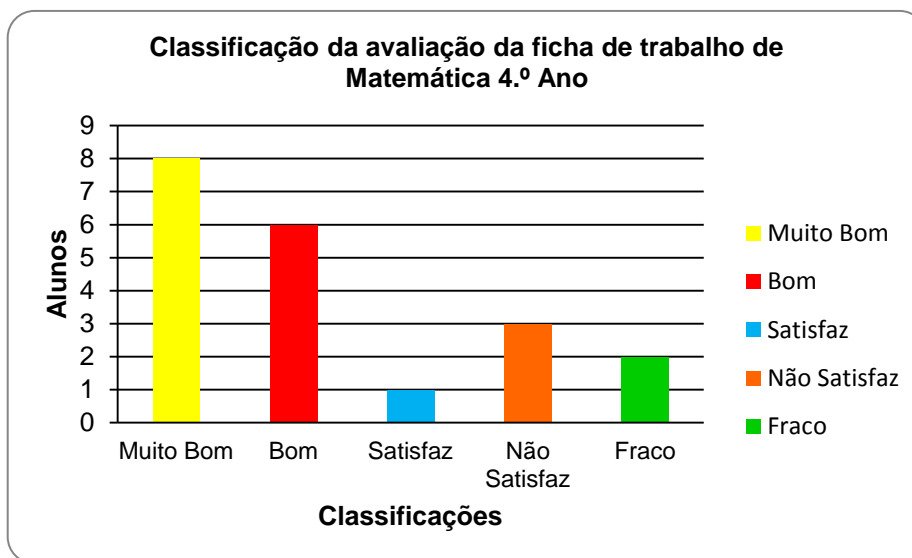


Figura 18 – Gráfico dos resultados da classificação da ficha de trabalho de Matemática do 1.º Ciclo

3.3.5. Análise do gráfico

Ao observarmos este gráfico é possível verificar que 8 alunos atingiram os objetivos propostos pela ficha, tendo assim conseguido chegar ao Muito Bom. Desta forma, estes alunos, conseguiram realizar a ficha no tempo previsto e entenderam todos os conceitos e souberam aplicá-los de forma correta.

Também é possível verificar que 6 alunos atingiram o Bom como classificação. Sendo assim estes ainda têm de trabalhar um pouco mais para conseguirem executar todos os conhecimentos de forma correta e sem imprecisões.

Nesta turma apenas 1 aluno atingiu o Satisfaz, sendo que com este é necessário começar a trabalhar mais os conceitos e exercícios propostos na ficha, para que este possa levantar a nota e, assim, atingir melhor os objetivos nesta contida.

Todavia, 5 alunos não conseguiram chegar à positiva, tendo negativa e negativas estas que foram baixas. Dos 5 alunos 3 tiveram Não satisfaz e 2 Fraco. Estas avaliações são preocupantes, pois foram os alunos mais fracos que as tiveram, os que apresentam mais dificuldades, mostrando assim que os conteúdos abordados em aula não foram suficientemente bem explicados para que estes os entendessem,

compreendessem e assim os aplicassem. Para além disto, o fator tempo também foi inimigo destes alunos, pois quase todos não conseguiram terminar a ficha, porque não tiveram tempo para tal.

Assim, seria pertinente repetir a aula e voltar a dar estes conteúdos, para que todos os alunos atinjam os objetivos que pretendendo e para que todos consigam alcançar a nota positiva. Desta forma, tenho de dar a matéria de uma outra forma, de maneira a chegar a todos os alunos e assim colmatar as suas dificuldades.

3.4. Avaliação de Estudo do Meio (3.º Ano)

Seguidamente apresento um dispositivo de avaliação que se refere à área de Estudo do Meio e foi aplicado no dia 17 de junho na sala do 3.º Ano.

Após ter exposto os conteúdos através de um *Powerpoint* achei essencial, para consolidar a matéria, criar uma ficha de trabalho para que os alunos pudessem aplicar os conhecimentos adquiridos na minha aula e em aulas anteriores.

Assim, tinha como objetivo consolidar os conteúdos referentes ao Sistema Solar, sendo esta uma ficha revisão dos mesmos. Esta dispositivo de avaliação foi realizado a 22 alunos e teve uma duração aproximada de 20 minutos. A proposta de trabalho apresenta-se em anexo, Anexo B.

3.4.1. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação de Estudo do Meio

Para realizar a avaliação da proposta de trabalho entreguei a estes alunos e basei-me em vários parâmetros e critérios, que foram o suporte da concretização da mesma.

Tendo presente a primeira questão, o parâmetro que para esta foi definido prende-se com a identificação da diferença entre planeta e estrela. Para este parâmetro, foi necessário criar critérios de avaliação sendo estes:

- * Identificou com a resposta completa;
- * Identificou com a resposta incompleta;
- * Não Identificou;
- * Sem erros de ortografia;
- * Com erros de ortografia;
- * Não responde;

Perante estes critérios pretendia que os alunos identificassem de forma clara e completa uma diferença existente entre uma estrela e um planeta. Além da resposta ser apresentada de forma completa parece-me essencial que esta seja dada sem erros ortográfico, daí atribuir uma cotação aos erros ortográficos.

No que se refere à questão dois, esta apresenta-se dividida em duas alíneas, a a) e a b) e estas são cotadas de forma independente, tendo cada uma delas um parâmetro e as suas respetivas cotações. Vou então centrar-me na alínea a), que tem como parâmetro a descrição do movimento de rotação da Terra. Para aferir este parâmetro tenho como critérios:

- * Completa os três espaços corretamente;
- * Completa os dois espaços corretamente;
- * Completa um espaço corretamente;
- * Sem erros de ortografia;
- * Com erros de ortografia;
- * Não responde.

Estes critérios foram elaborados, tendo como finalidade verificar se os alunos completavam de forma correta e, mais uma vez, sem erros ortográficos os espaços presentes na frase que continha a definição de movimento de rotação da Terra. Assim, desta forma, era perceptível se os alunos tinha entendido o conceito ou não.

Em relação à alínea b) o parâmetro definido para esta questão é a descrição do movimento de translação da Terra e tem como critérios para a sua melhor avaliação os seguintes:

- * Completa os três espaços corretamente;
- * Completa os dois espaços corretamente;
- * Completa um espaço corretamente;
- * Sem erros de ortografia;
- * Com erros de ortografia;
- * Não responde.

Os critérios aqui definidos são iguais aos que foram enumerados na alínea a) da questão dois, pois pretendem aferir o mesmo que a alínea anterior.

Na questão 3, que é uma questão de verdadeiro ou falso, o parâmetro delineado para esta prende-se com o domínio dos conhecimentos sobre o Sistema Sol-Terra-Lua. Como é uma questão de verdadeiro ou falso apresenta critérios muito específicos sendo estes:

- * Acertou 7 respostas;
- * Acertou 6 respostas;
- * Acertou 5 respostas;
- * Acertou 4 respostas;
- * Acertou 3 respostas;
- * Acertou 2 respostas;

- * Acertou 1 resposta;
- * Não acertou nenhuma resposta.

Nesta questão os critérios não são de forma nenhuma ambíguos, pois o aluno sabe ou não os conteúdos e se os Domina ou não.

Por último, na pergunta 4, tenho como parâmetro o conhecimento dos nomes dos planetas do Sistema Solar. Esta pergunta tem, como a anterior, critérios bastantes específicos porque é uma questão em que os alunos preenchem um crucigrama com os nomes dos planetas. Desta forma os critérios usados foram os seguintes:

- * Acertou 8 palavras do crucigrama;
- * Acertou 7 palavras do crucigrama;
- * Acertou 6 palavras do crucigrama;
- * Acertou 5 palavras do crucigrama;
- * Acertou 4 palavras do crucigrama;
- * Acertou 3 palavras do crucigrama;
- * Acertou 2 palavras do crucigrama;
- * Acertou 1 palavra do crucigrama;
- * Resposta incorreta.

Estes critérios também não provocaram nenhuma confusão na sua compreensão, pois os alunos ou acertavam nos nomes dos Planetas ou não acertavam nos nomes. Por isso, o objetivo desta questão era avaliar os conhecimentos sobre os nomes dos planetas que constituem o nosso Sistema Solar.

Seguidamente é apresentada a grelha de avaliação de Estudo do Meio do 1.º Ciclo, que podemos observar no quadro 23, pela qual orientei a correção dos dispositivos dos alunos.

Quadro 23 – Grelha de avaliação de Estudo do Meio (1.º Ciclo)

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	Identificação da diferença entre estrela e planeta.	Identificou com a resposta completa.	2,25	2,5
		Identificou com a resposta incompleta.	1,5	
		Não identificou.	0	
		Sem erros de ortografia.	0,25	
		Com erros de ortografia.	0	
		Não responde.	0	
2. a)	Descreve o movimento de rotação da Terra.	Completa os três espaços corretamente.	0,75	1
		Completa os dois espaços corretamente.	0,50	
		Completa um espaço corretamente.	0,25	
		Sem erros de ortografia.	0,25	
		Com erros de ortografia.	0	
		Não responde	0	
2. b)	Descreve o movimento de translação da Terra.	Completa os três espaços corretamente.	0,75	1
		Completa os dois espaços corretamente.	0,50	
		Completa um espaço corretamente.	0,25	
		Sem erros de ortografia.	0,25	
		Com erros de ortografia.	0	
		Não responde	0	
3.	Domina os conhecimentos sobre o Sistema Sol-Terra-Lua.	Acertou 7 respostas	3,5	3,5
		Acertou 6 respostas	3	
		Acertou 5 respostas	2,5	
		Acertou 4 respostas	2	
		Acertou 3 respostas	1,5	
		Acertou 2 respostas	1	
		Acertou 1 resposta	0,5	
		Não acertou nenhuma resposta	0	
4.	Conhece os nomes dos planetas do Sistema Solar.	Acertou 8 palavras do crucigrama	2	2
		Acertou 7 palavras do crucigrama	1,75	
		Acertou 6 palavras do crucigrama	1,5	
		Acertou 5 palavras do crucigrama	1,25	
		Acertou 4 palavras do crucigrama	1	
		Acertou 3 palavras do crucigrama	0,75	
		Acertou 2 palavras do crucigrama	0,5	
		Acertou 1 palavra do crucigrama	0,25	
		Resposta incorreta	0	
Total				10

3.4.2. Grelha de correção de Estudo do Meio

Seguidamente apresento a grelha de correção usada por mim, com as cotações dos alunos referentes às respostas apresentadas na proposta de trabalho. Esta grelha é apresentada através do quadro 24.

Quadro 24 – Grelha de correção de avaliação de Estudo do Meio (1.º Ciclo)

Questões	1. Identificação da diferença entre estrela e planeta	2. a) Descreve o movimento de rotação da Terra	b) Descreve o movimento de translação da Terra	3. Domina os conhecimentos sobre o Sistema Sol-Terra-Lua	4. Conhece os nomes dos planetas do Sistema Solar	Total
Cotações	2,5	1	1	3,5	2	10
A	2,5	1	1	3	2	9,5
B	2,5	0,75	1	2,5	2	8,75
C	2,25	0,75	1	3	2	9
D	2,25	1	1	2	2	8,25
E	2,5	0,5	0,5	3,5	2	9
F	2,25	0,75	0,75	3	2	8,75
G	1,5	1	1	3,5	2	9
H	1,75	1	1	3,5	2	9,25
I	0	1	1	3	2	7
J	2,5	1	1	3,5	2	10
K	2,25	1	1	2,5	2	8,75
L	2,5	1	1	2,5	2	9
M	2,5	1	1	2,5	2	9
N	2,5	1	1	3,5	2	10
O	X	X	X	X	X	X
P	2,5	1	1	3	2	9,5
Q	1,5	1	1	3,5	2	9
R	0	1	1	3,5	2	7,5
S	X	X	X	X	X	X
T	X	X	X	X	X	X
U	2,5	1	0,75	3	2	9,25
V	1,5	1	1	3,5	2	9
W	2,25	0,75	0,75	3	2	8,75
X	2,25	1	1	3	2	9,25
Média	2,01	0,93	0,94	3,05	2,00	8,93

3.4.3. Descrição da grelha de correção de Estudo do Meio

Antes de descrever a grelha de correção de Estudo do Meio é importante salientar que só foram avaliados 21 alunos, dos 24 que constituem a turma, pois três destes faltaram neste dia à escola.

Assim, tendo como base a grelha de avaliação, anteriormente apresentada, podemos notar algumas coisas que são importantes reter e ter em atenção. Neste sentido, passo a descrever os resultados existentes na grelha.

Em relação à questão 1 podemos observar que 9 alunos conseguiram atingir a cotação máxima dada a esta questão, conseguindo assim identificar a diferença entre uma estrela e um planeta de forma completa e sem erros ortográficos. No entanto, 6 alunos conseguiram identificar a diferença entre estrela e planeta de forma completa, mas com erros ortográficos, não tendo por isso a cotação máxima. Apenas 1 aluno respondeu de forma incompleta, e sem erros ortográficos, sendo que 3 alunos responderam de forma incompleta mas com erros ortográficos e 2 alunos não responderam corretamente.

Tendo como referência a questão 2, que se divide em duas alíneas, a alínea a) e a alínea b), vou centrar-me agora na alínea a).

Nesta alínea, 15 alunos responderam acertadamente à questão, preenchendo os três espaços sem erros ortográficos. Contudo 2 alunos responderam também corretamente à questão e preencheram os três espaços, mas com erros ortográficos. É de referir que 2 alunos completaram apenas dois espaços corretamente e sem erros ortográficos, sendo que só 1 aluno completou 2 espaços corretamente com erros ortográficos.

Na alínea b) 17 alunos completaram os três espaços corretamente e sem erros ortográficos. Porém, 2 alunos completaram os mesmos espaços corretamente mas com erros ortográficos. Todavia apenas 1 aluno completou dois espaços corretamente sem erros ortográficos, assim como só 1 aluno completou igualmente dois espaços corretamente mas com erros ortográficos.

Agora vou centrar-me na questão 3, e nesta podemos observar que 8 alunos acertaram as sete respostas, tendo assim a cotação máxima, 8 alunos acertaram apenas seis respostas, 4 alunos acertaram cinco respostas e apenas 1 aluno acertou só em quatro respostas.

Por fim, na questão 4, todos os alunos acertaram nas oito palavras do crucigrama.

3.4.4. Apresentação do gráfico dos resultados da avaliação de Estudo do Meio

Seguidamente é apresentada a classificação da avaliação de Estudo do Meio sob a forma de gráfico de barras. Este gráfico pode ser observado através da figura 19.

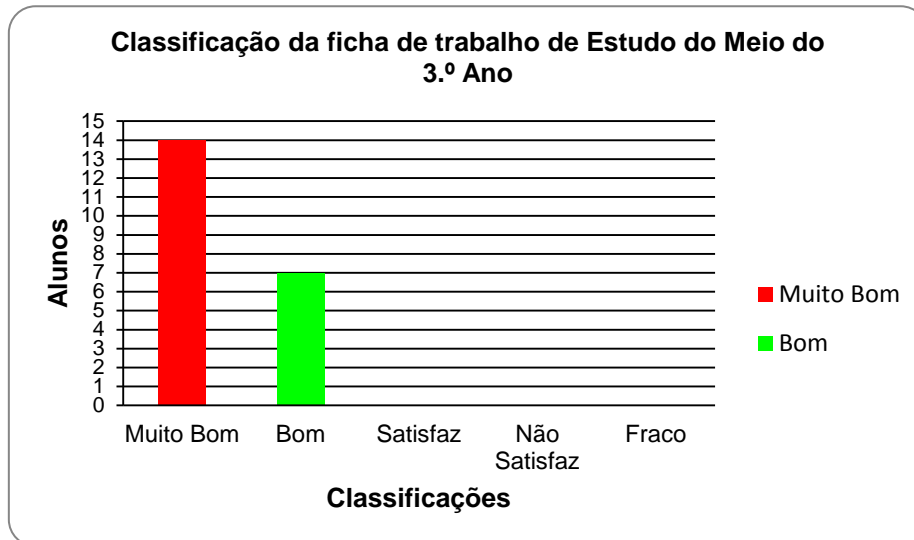


Figura 19 – Gráfico dos resultados da classificação da ficha de trabalho de Estudo do Meio do 1.º Ciclo

3.4.5. Análise do gráfico

A partir da análise do gráfico é possível retirar algumas conclusões e obter respostas a algumas questões, que são relevantes para um docente entender se os seus alunos adquiriram ou não os conhecimentos esperados.

Os dados demonstrados no gráfico dirigem-se para uma avaliação produzida sob forma de revisão da matéria abordada em sala de aula. Esta matéria, como não havia sido nova para os alunos, mas sim como forma de confrontar os conhecimentos já adquiridos em outras aulas e nesta também, faz com que os resultados sejam positivos e bons.

Assim ao olharmos para o gráfico podemos verificar que mais de metade da turma atingiu o Muito Bom, sendo estes 14 alunos, e que os restantes 7 alunos obtiveram a classificação de Bom.

Contudo, é ainda de salientar que não foi só por ser uma matéria de revisão que estes dados se revelaram assim. A minha explicação tentou ser clara e concisa sobre esta matéria, o que fez com que os alunos voltassem a recordar os conteúdos e assim fazer uma melhor prestação.

3.5. Avaliação de Língua Portuguesa (3.º Ano)

O dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa aqui presente refere-se ao 3.º Ano e foi aplicado no dia 17 de junho de 2011. Este dispositivo de avaliação foi realizado a 22 alunos, tendo um tempo aproximado para a sua realização de 20 minutos. Esta ficha de trabalho aparece em anexo, no Anexo C.

Este dispositivo foi entregue aos alunos no decorrer de uma aula de Língua Portuguesa onde foram trabalhados os graus dos adjetivos. Desta forma este tinha como objetivo consolidar os conteúdos anteriormente adquiridos no âmbito dos graus dos adjetivos, assim foi elaborado com o intuito de fazer uma revisão dos mesmos.

3.5.1. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação de Língua Portuguesa

De seguida são apresentados todos os parâmetros e critérios usados para realizar a avaliação deste dispositivo.

No que se refere à primeira questão, que tem como parâmetro Dominar os conceitos de adjetivo e do grau do adjetivo. Com este dispositivo pretendo avaliar se os alunos reconhecem corretamente um adjetivo e o seu respetivo grau, isto apenas no campo visual, quero com isto dizer que os alunos tinham apenas de sublinhar o adjetivo e o seu respetivo grau. Para poder avaliar este parâmetro tinha como critérios:

- * Identifica o adjetivo nas três frases;
- * Identifica o adjetivo nas duas frases;
- * Identifica o adjetivo numa frase;
- * Identifica o grau do adjetivo nas três frases;
- * Identifica o grau do adjetivo nas duas frases;
- * Identifica o grau do adjetivo numa frase;
- * Não identifica nenhum adjetivo.

Em relação à segunda questão, o parâmetro que para esta foi definido, prende-se com a identificação do grau comparativo dos adjetivos. Com este parâmetro tinha como objetivo avaliar se os alunos conseguiam escrever o adjetivo presente na frase no grau comparativo do adjetivo e se o colocavam de forma correta. Para realizar a avaliação deste parâmetro tinha como critérios:

- * Escreve o adjetivo no grau pedido;
- * Escreve sem erros ortográficos;
- * Escreve com erros ortográficos;
- * Não responde.

Com estes critérios e para melhorar a avaliação realizada neste parâmetro, tinha como objetivo verificar se os alunos também escrevem com erros ou não, daí a importância deste critério.

Tendo como base a terceira questão, o parâmetro que foi definido para esta questão pretende avaliar se os alunos conseguem analisar morfologicamente um adjetivo, sendo este a análise morfológica de adjetivos. Para avaliar de forma correta este parâmetro, defini como critérios os seguintes:

- * Identifica o adjetivo, classifica-o corretamente e de forma completa;
- * Identifica o adjetivo, classifica-o corretamente e de forma incompleta;
- * Identifica apenas o adjetivo;
- * Sem erros ortográficos;
- * Com erros ortográficos.
- * Não responde;

Estes critérios foram criados para que possa apurar se os alunos sabem realizar a análise morfológica de um adjetivo, de forma completa, corretamente e claro, sem erros ortográficos.

Por último, para a quarta questão, foi definido como parâmetro os graus dos adjetivos. Com este parâmetro queria avaliar se os alunos conseguiam identificar os vários graus dos adjetivos presentes num quadro. Para este parâmetro foram criados alguns critérios sendo estes:

- * Assinala corretamente os 4 graus dos adjetivos;
- * Assinala corretamente apenas 3 graus dos adjetivos;
- * Assinala corretamente apenas 2 graus dos adjetivos;
- * Assinala corretamente apenas 1 grau dos adjetivos;
- * Não assinala corretamente nenhuma das frases.

É agora apresentada a grelha de avaliação de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo, através do quadro 25, pela qual orientei a correção dos dispositivos de avaliação desta área.

Quadro 25 – Grelha de avaliação de Língua Portuguesa (1.º Ciclo)

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	Domina os conceitos de adjetivo e do grau do adjetivo	Identifica o adjetivo nas três frases.	0,75	1,5
		Identifica o adjetivo em duas frases.	0,50	
		Identifica o adjetivo numa frase.	0,25	
		Identifica o grau do adjetivo nas três frases.	0,75	
		Identifica o grau do adjetivo nas duas frases.	0,50	
		Identifica o grau do adjetivo numa frase.	0,25	
		Não identifica nenhum adjetivo.	0	
2.	Identifica o grau do comparativo dos adjetivos	Escreve o adjetivo no grau pedido.	2,0	2,5
		Escreve sem erros ortográficos.	0,5	
		Escreve com erros ortográficos.	0	
		Não responde.	0	
3.	Análise morfológica de adjetivos	Identifica o adjetivo, classifica-o corretamente e de forma completa.	2,5	3
		Identifica o adjetivo, classifica-o corretamente e de forma incompleta.	2,0	
		Identifica apenas o adjetivo.	1,5	
		Sem erros ortográficos.	0,5	
		Com erros ortográficos.	0	
		Não responde.	0	
4.	Graus dos adjetivos	Assinala corretamente os 4 graus dos adjetivos	3	3
		Assinala corretamente apenas 3 graus dos adjetivos	2,25	
		Assinala corretamente apenas 2 graus dos adjetivos	1,5	
		Assinala corretamente apenas 1 grau dos adjetivos	0,75	
		Não assinala corretamente nenhuma das frases	0	
Total				10

3.5.2. Grelha de correção de avaliação de Língua Portuguesa

A grelha apresentada, através do quadro 26, deseja demonstrar as cotações atribuídas a cada criança mediante as respostas dos alunos às questões.

Quadro 26– Grelha de correção de avaliação de Língua Portuguesa (1.º Ciclo)

Questões	Domina os conceitos de adjetivo e do grau do adjetivo	Identifica o grau do comparativo dos adjetivos	Análise morfológica de adjetivos	Graus dos adjetivos	Total
Cotações	1,5	2,5	3	3	10
Alunos					
A	1,5	2,5	1,5	3	8,5
B	1,5	2,5	3	3	10
C	1,25	2	2,5	3	8,75
D	1,25	2	1,5	3	7,75
E	0,5	2	1,5	3	7
F	1,5	0	2	3	6,5
G	1,25	2	3	3	9,25
H	1,25	2	3	3	9,25
I	1,25	0	1,5	3	5,75
J	1,25	2,5	1,5	3	8,25
K	1,5	2	2,5	3	9
L	1,25	2,5	2,5	3	9,25
M	1,25	2	1,5	3	7,75
N	1,25	2	3	3	9,25
O	x	x	x	x	x
P	1,25	2,5	3	3	9,75
Q	1,25	2,5	3	3	9,75
R	1,25	2,5	3	3	9,75
S	x	x	x	x	x
T	1,25	2	1,5	1,5	6,25
U	1,25	2,5	1,5	3	8,25
V	1,5	0	1,5	3	6
W	1,25	0	2,5	3	6,75
X	1,5	2	1,5	3	8
Média	1,28	1,82	2,18	2,93	8,22

3.5.3. Descrição da grelha de avaliação de Língua Portuguesa

A ficha de Língua Portuguesa foi aplicada a 22 alunos, dos 24 alunos que constituem a turma, pois dois dos alunos estavam a faltar. Neste sentido apenas se encontram aferidos os resultados de 22 alunos.

Passo agora à descrição da grelha de avaliação, que nos dá dados importantes que devemos sempre reter, para melhorar alguns pontos relacionados aos conteúdos abordados.

Na primeira questão é possível observar que 6 alunos identificaram o adjetivo nas três frases, assim como os três graus dos adjetivos. Contudo, encontramos 15 alunos que identificam o adjetivo nas três frases, mas só identificam o grau do adjetivo em duas frases e 1 aluno identifica apenas o adjetivo em duas frases não identificando nenhum grau.

Tendo como base a segunda questão, podemos verificar que 8 alunos conseguem escrever o adjetivo presente na frase no grau comparativo e sem erros ortográficos e que 10 alunos também conseguem escrever o adjetivo no grau comparativo, contudo escrevem-no com erros ortográficos. Todavia e para concluir encontramos 4 alunos que não respondem corretamente á questão levantada.

Passando agora para a terceira questão, presenciamos que 8 alunos realizam a análise morfológica do adjetivo corretamente e de forma completa sem erros ortográficos e que apenas 3 alunos realizam, de igual forma, a análise morfológica completa mas com erros ortográficos. Contudo encontramos um aluno que identifica corretamente o adjetivo e o classifica bem, sendo isto feito de forma incompleta. É ainda de acrescentar que temos 10 alunos que apenas identificam o adjetivo.

Por fim, vendo a quarta questão, aferimos que apenas um aluno assinalou corretamente dois graus dos adjetivos, sendo que os restantes 21 alunos assinalaram corretamente os quatro graus dos adjetivos.

Porém é de referir que a turma alcançou uma média de 8,22 valores, mostrando que, os alunos, na sua maioria dominam estes conteúdos.

3.5.4. Apresentação dos resultados da avaliação de Língua Portuguesa

O presente gráfico, apresentado na figura 20, pretende apresentar de uma forma clara e concisa os resultados obtidos pelos alunos na avaliação de Língua Portuguesa.

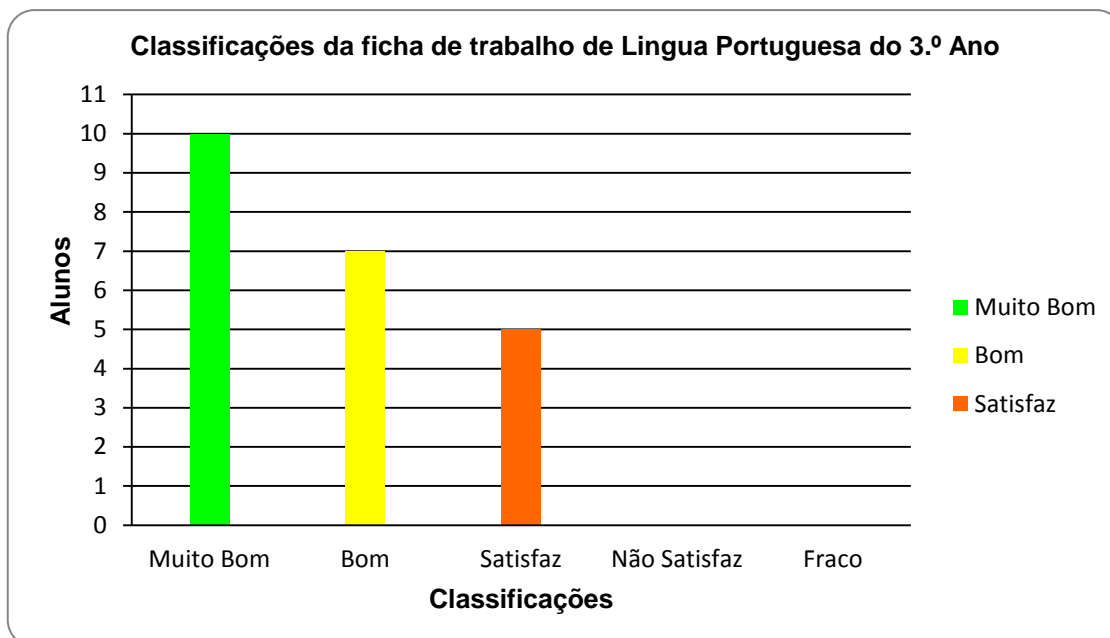


Figura 20– Gráfico dos resultados da classificação da ficha de trabalho de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo

3.5.5. Análise do gráfico de Língua Portuguesa

Os dados evidenciados no gráfico remetem para uma avaliação realizada sob forma de revisão da matéria abordada em sala de aula. Esta matéria, foi aferir novamente os conhecimentos já adquiridos em outras aulas e nesta também, o que faz com que os resultados sejam positivos e razoavelmente bons.

Olhando para este é possível observar que 10 alunos conquistaram a classificação de Muito Bom, 7 alunos a classificação de Bom e 5 alunos a classificação de Satisfaz.

Perante estas classificações podemos constatar que a turma está à vontade com este conteúdo, dominando assim o conceito de adjetivo e de grau do mesmo. Isto é possível aferir pois não existiram negativas nenhuma, o que é bastante positivo.

Contudo é ainda necessário referir que é preciso trabalhar ainda um pouco mais com estes alunos os adjetivos e os seus graus, pois é necessário que os alunos que ficaram pelo Satisfaz subam a nota e assim adquiram melhor os conhecimentos destes conteúdos.

3.6. Avaliação de Ciências da Natureza (6.º Ano)

O dispositivo de avaliação que apresento de seguida refere-se à aula de Ciências da Natureza realizada no 6.º Ano no dia 3 de fevereiro de 2012. Estes dispositivo foi realizado por 23 alunos, tendo um tempo aproximado para a realização do mesmo de 15 minutos. A proposta de trabalho encontra-se em anexo, Anexo D.

Este dispositivo pretende avaliar os conhecimentos dos alunos relativamente à constituição do Sistema Urinário dado em aula e ao processo de formação da urina.

3.6.1. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação de Ciências da Natureza

De seguida são apresentados todos os parâmetros e critérios usados para realizar a avaliação deste dispositivo.

No que se refere à alinha 1.1. esta tem como parâmetro identificar os constituintes do Sistema Urinário e os seus respectivos nomes. Com este parâmetro pretendo avaliar se os alunos reconhecem corretamente cada constituinte deste sistema e o seu respetivo nome. Neste sentido os alunos tinham que, olhando para o esquema representativo do Sistema Urinário, identificar o constituinte que tinham escrito anteriormente, através de um código. Para poder avaliar este parâmetro tinha como critérios:

- * Colocar de forma correta 4 letras;
- * Colocar de forma correta 3 letras;
- * Colocar de forma correta 2 letras;
- * Colocar de forma correta 1 letra;
- * Escrever corretamente as 4 legendas da figura;
- * Escrever corretamente as 3 legendas da figura;
- * Escrever corretamente as 2 legendas da figura;
- * Escrever corretamente 1 legenda da figura;
- * Não responde.

Em relação à alínea 1.2. o parâmetro que lhe foi atribuído foi a relação entre os órgãos do Sistema Urinário e as suas funções. Com este parâmetro tinha como objetivo avaliar se os alunos conseguiam, através de algumas funções descritas, identificar o órgão a que estas se dirigiam e, por sua vez, se eram também capazes de explicar qual era a função que exerciam os órgãos que estavam explícitos no quadro. Para realizar a avaliação deste parâmetro tinha como critérios:

- * Completa os 4 espaços corretamente;
- * Completa os 3 espaços corretamente;
- * Completa os 2 espaços corretamente;

- * Completa 1 espaço corretamente;
- * Escreve sem erros ortográficos;
- * Escreve com erros ortográficos;
- * Não responde.

Com estes critérios e para melhorar a avaliação realizada neste parâmetro, tinha como objetivo verificar se os alunos também escrevem com erros ou não, daí a importância deste critério.

No que se prende com a segunda questão, o parâmetro que foi definido para esta questão pretende avaliar se os alunos conseguem reconhecer o processo de formação e eliminação da urina. Para avaliar de forma correta este parâmetro defini como critérios os seguintes:

- * Ordena corretamente 5 etapas;
- * Ordena corretamente 4 etapas;
- * Ordena corretamente 3 etapas;
- * Ordena corretamente 2 etapas;
- * Ordena corretamente 1 etapa;
- * Não realiza o exercício.

Estes critérios foram criados para que eu possa apurar se os alunos sabem ordenar, de forma correta, as etapas da formação e eliminação da urina do nosso sistema.

Por fim, para a terceira questão, foi determinado como parâmetro o reconhecimento da constituição do Sistema Urinário. Com este parâmetro queria avaliar se os alunos conseguiam reconhecer, através da informação dada, os constituintes do Sistema Urinário e alguns dos seus processos. Para este parâmetro foram criados alguns critérios sendo estes:

- * Acerta 5 palavras do crucigrama;
- * Acerta 4 palavras do crucigrama;
- * Acerta 3 palavras do crucigrama;
- * Acerta 2 palavras do crucigrama;
- * Acerta 1 palavra do crucigrama;
- * Não responde.

Nesta questão os critérios não são de forma nenhuma ambíguos, pois o que queria averiguar era se aluno sabia ou não os conteúdos e se os dominava ou não.

De seguida apresento a grelha de avaliação de Ciências da Natureza, pela qual orientei a correção dos dispositivos de avaliação dos alunos. Esta grelha é-nos apresentada através do quadro 27.

Quadro 27 – Grelha de avaliação de Ciências da Natureza

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.				
1.1	Identificação dos constituintes do Sistema Urinário	Coloca de forma correta 4 letras	1	2
		Coloca de forma correta 3 letras	0.75	
		Coloca de forma correta 2 letras	0.5	
		Coloca de forma correta 1 letra	0.25	
		Escreve corretamente as 4 legendas da figura	1	
		Escreve corretamente 3 legendas da figura	0.75	
		Escreve corretamente 2 legendas da figura	0.5	
		Escreve corretamente 1 legenda da figura	0.25	
		Não responde	0	
1.2	Relação entre os órgãos do Sistema Urinário e as suas funções	Completa os 4 espaços corretamente	3.7	4
		Completa os 3 espaços corretamente	2.7	
		Completa os 2 espaços corretamente	1.7	
		Completa 1 espaço corretamente	0.7	
		Sem erros de ortografia	0.3	
		Com erros de ortografia	0	
		Não responde	0	
2.	Reconhecimento da formação e eliminação da urina	Ordena corretamente 5 etapas	1.5	1.5
		Ordena corretamente 4 etapas	1.2	
		Ordena corretamente 3 etapas	0.9	
		Ordena corretamente 2 etapas	0.6	
		Ordena corretamente 1 etapa	0.3	
		Não realiza o exercício	0	
3.	Reconhecimento da constituição do Sistema Urinário	Acerta 5 palavras do crucigrama	2.5	2.5
		Acerta 4 palavras do crucigrama	2	
		Acerta 3 palavras do crucigrama	1.5	
		Acerta 2 palavras do crucigrama	1	
		Acerta 1 palavra do crucigrama	0.5	
		Não responde	0	
Total				10

3.6.2. Grelha de correção de avaliação de Ciências da Natureza

Neste ponto é apresentada a grelha de correção de Ciências da Natureza, que pode ser observada no quadro 28, a qual contém as cotações atribuídas ao avaliar as respostas dos alunos.

Quadro 28 – Grelha de correção de avaliação de Ciências da Natureza

Questões	1.1. Identificação dos constituintes do Sistema Urinário	1.2. Relação entre os órgãos do Sistema Urinário e as suas funções	3. Reconhecimento da formação e eliminação da urina	4. Reconhecimento da constituição do Sistema Urinário	Total
Cotações	2	4	1,5	2,5	10
A	2	2	1,5	1,5	7
B	1	3	1,5	2,5	8
C	x	x	x	x	x
D	1,75	4	1,5	2,5	9,75
E	x	x	x	x	x
F	x	x	x	x	x
G	2	4	1,5	2	9,5
H	2	3	1,5	2	8,5
I	2	3,7	1,5	2,5	9,7
J	2	2	1,5	1,5	7
K	2	3,7	1,5	2,5	9,7
L	2	0	0	0	2
M	2	0	0,9	1	3,9
N	2	4	1,5	2,5	10
O	2	0,7	0,9	1,5	5,1
P	2	4	1,5	2,5	10
Q	2	2	0,9	1	5,9
R	x	x	x	x	x
S	2	4	1,5	2,5	10
T	1	3	1,5	2,5	8
U	x	x	x	x	x
V	1,75	0	0,9	2,5	5,15
W	2	4	1,5	2,5	10
X	2	0	0,9	0	2,9
Y	1	3	0,9	2,5	7,4
Z	2	3	1,5	2,5	9
Ç	1	0	0,3	1	2,3
€	2	3,7	0,6	1,5	7,8
Média	1,80	2,47	1,19	1,87	7,33

3.6.3. Descrição da grelha de avaliação de Ciências da Natureza

Na presente grelha de correção dos conhecimentos dos alunos sobre a aula e os conteúdos leccionados no âmbito do Sistema Urinário, só pude aferir o conhecimento de 23 alunos, pois 5 estavam a faltar neste dia.

Porém, com os dados que tive disponíveis, relativos a estas crianças, consegui apurar que 17 alunos realizaram a identificação dos constituintes do Sistema Urinário respondendo de forma totalmente correta à alínea 1.1. Contudo 2 alunos escreveram de forma correta as 4 legendas, mas apenas colocaram de forma correta 3 letras no local certo, mostrando ainda alguma confusão na identificação dos constituintes do Sistema Urinário. É de salientar que 4 alunos não atingiram os objetivos propostos por esta questão, pois apenas escreveram corretamente as 4 legendas da figura, mas não fizeram a sua associação com os constituintes, não tendo a resposta totalmente certa, estando incompleta.

Na alínea 1.2. apenas 6 alunos tiveram a cotação máxima estabelecendo a relação completamente correta entre os órgãos do Sistema Urinário e as suas funções e sem erros ortográficos, contudo 3 alunos estabelecem a relação correta entre os órgãos do Sistema Urinário e as suas funções, mas com erros ortográficos. Nesta mesma alínea 5 alunos completam 3 espaços corretamente e sem erros ortográficos, 3 alunos completam apenas 2 espaços mas de forma correta e sem erros ortográficos e apenas 1 aluno preenche um único espaço, mas com erros ortográficos. É de referir que 4 alunos não realizaram este exercício.

No que diz respeito à questão 2, 14 alunos ordenaram corretamente as 5 etapas do processo de formação e eliminação da urina, mostrando que reconhecem este mesmo processo. Contudo, 6 alunos ordenaram corretamente apenas 3 etapas deste processo, mostrando ainda algumas dúvidas sobre o mesmo, apenas 1 aluno ordenou corretamente 2 etapas. Também só 1 aluno ordenou corretamente uma etapa, revelando graves saberes sobre este conteúdo e por fim um único aluno não realizou o exercício indicando não reconhecer a formação e eliminação da urina no nosso sistema.

Por último, na questão 3, que se refere ao reconhecimento da constituição do Sistema Urinário, 12 alunos acertaram as 5 palavras do crucigrama, 2 alunos acertaram 4 palavras do crucigrama, 4 acertaram apenas 3 palavras do crucigrama e 3 alunos acertaram 2 palavras. É importante mencionar que 2 alunos não responderam à questão.

3.6.4. Apresentação do gráfico dos resultados da avaliação de Ciências da Natureza

Neste ponto encontra-se o gráfico correspondente à classificação dos alunos na ficha de Ciências da Natureza. Através deste é mais fácil interpretar os resultados obtidos pelos alunos no geral e diagnosticar se os alunos atingiram os objetivos propostos. Este gráfico é-nos apresentado pela figura 21.

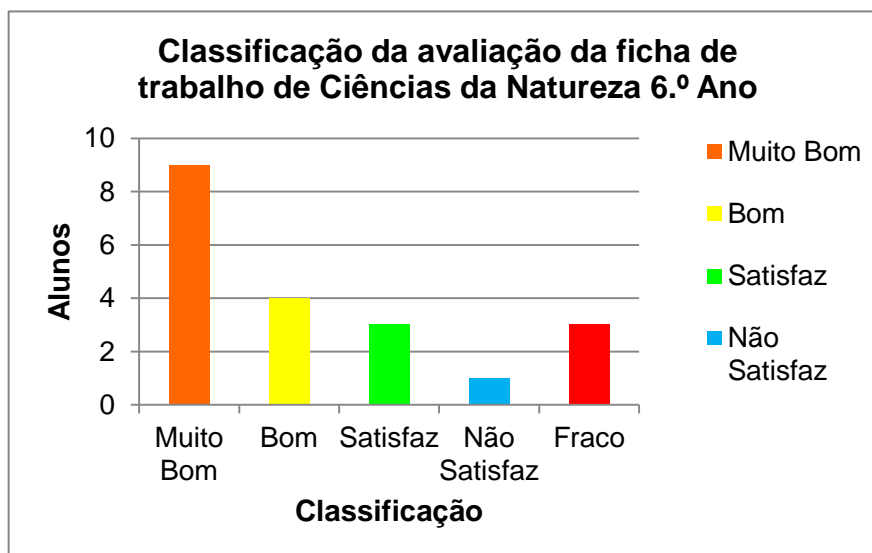


Figura 21 – Gráfico dos resultados da classificação da ficha de trabalho de Ciências da Natureza

3.6.5. Análise do gráfico

Antes de iniciar a análise deste gráfico é importante salientar que a escala utilizada para a classificação atribuída a cada aluno é a mesma que foi utilizada na classificação do 1.º Ciclo.

Tendo como base este gráfico, que menciona a classificação da avaliação da ficha de trabalho de Ciências da Natureza realizada no 6.º Ano de escolaridade. Ao olharmos para este gráfico podemos confirmar que 9 alunos atingiram a cotação máxima, tendo Muito Bom. Desta forma, estes alunos, conseguiram realizar a ficha no tempo estipulado e compreenderam todos os conceitos e souberam aplicá-los de forma correta.

É ainda possível verificar que 7 alunos atingiram o Bom como classificação, sendo que estes ainda têm que trabalhar mais um pouco para obterem a classificação máxima e efectuarem um trabalho sem erros e sem imprecisões.

Podemos ainda observar que 3 alunos estão no patamar do Satisfaz, tendo estes que estudar muito mais, para superar as lacunas que ainda existem e que não os deixam progredir.

Todavia 4 alunos não atingiram a positiva, e por isso não alcançaram os objetivos propostos por esta ficha de trabalho. Destes 4 alunos 1 obteve a classificação de Não Satisfaz e 3 a classificação de Fraco, o que pode revelar falta de atenção na aula e distração, o que faz com que não atinjam os objetivos recomendados. Porém estas 4 negativas deixam-me preocupada, pois mostram que a aula não foi tão produtiva como deveria ter sido e que possivelmente não expliquei os conteúdos da melhor forma.

Assim, será pertinente repetir esta aula e voltar a abordar estes conteúdos, para que todos os alunos consigam chegar aos mesmos objetivos e para que todos consigam alcançar a nota positiva. Para isto teria que introduzir novas estratégias e novas dinâmicas de sala de aula para cativar e chegar a todos os alunos e, desta forma, ajudá-los a ultrapassar as suas dificuldades. Não posso deixar de referir que esta turma é muito instável e, como já relatei anteriormente, muitas vezes os alunos foram colocados na rua, o que tem que ser levado em conta, quando se faz o balanço das classificações apresentadas.

3.7. Avaliação de História de Geografia de Portugal (6.º Ano)

De seguida apresento um dispositivo de avaliação referente à aula de História de Geografia de Portugal realizada no 4.º Ano, no dia 6 de dezembro de 2011. Este dispositivo de avaliação tinha como principal objetivo avaliar os alunos sobre os conteúdos do Império Português no século XVI, mais concretamente sobre os arquipélagos da Madeira e dos Açores. O mesmo foi realizado por 26 alunos e teve uma duração aproximada de 15 minutos. A proposta apresenta-se em anexo, Anexo E.

3.7.1. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação de História de Geografia de Portugal

Com a concretização deste dispositivo de avaliação pelos alunos, foi necessário definir alguns parâmetros para que a avaliação feita em cada questão fosse justa e clara, de forma a não prejudicar nenhum aluno na altura da correção e da avaliação.

Para a primeira questão, que se apresentava como verdadeira ou falsa, foi considerado como parâmetro a identificação das características dos arquipélagos da Madeira e Açores. Este parâmetro tem como critérios:

- * Acertou 5 respostas;
- * Acertou 4 respostas;
- * Acertou 3 respostas;
- * Acertou 2 respostas;
- * Acertou 1 resposta;
- * Não acertou nenhuma resposta.

Estes critérios foram criados para que o professor pudesse averiguar se os alunos tinham retido as características chave que identificam os arquipélagos estudados.

No que se refere à alínea 2.1., para avaliar esta alínea, foi criado o parâmetro de importância geográfica do arquipélago dos Açores. Este parâmetro foi definido tendo como base alguns critérios sendo eles:

- * Justifica corretamente a afirmação;
- * Não justifica corretamente a afirmação;
- * Responde sem erros de ortografia;
- * Não responde.

A criação destes critérios pretende verificar se os alunos, com o auxílio de um texto, conseguiram justificar uma frase que se relacionava com a importância da localização geográfica do arquipélago dos Açores.

Em relação à alínea 3.1. criou-se como parâmetro a análise do documento. Para este parâmetro foram criados os seguintes critérios:

- * Responde de forma completa;
- * Responde de forma incompleta;
- * Responde sem erros de ortografia;
- * Não responde.

Com a criação destes critérios, o que se quer analisar é se o aluno é capaz de fazer a análise do documento que lhe é facultado e, claro, se apresenta a sua resposta sem erros de ortografia.

Para a alínea 3.2. definiu-se como parâmetro de avaliação a interpretação do documento. Neste sentido, para ajudar na sua avaliação criaram-se os seguintes critérios:

- * Transcreve corretamente do documento;
- * Transcreve incorretamente do documento;
- * Não transcreve corretamente do documento;
- * Transcreve sem erros de ortografia;
- * Não responde.

Os critérios expostos anteriormente permitem que o professor possa apurar se os alunos sabem interpretar um documento. Estes critérios e este parâmetro são importantes, pois é crucial saber se os alunos sabem fazer a distinção entre analisar e interpretar um documento.

Em relação à alínea 3.3., apresento como parâmetro o conceito de capitania, sendo este avaliado segundo os seguintes critérios:

- * Explica de forma completa o conceito de capitania;
- * Explica de forma incompleta o conceito de capitania;
- * Não explica corretamente o conceito de capitania;
- * Responde sem erros de ortografia;
- * Não responde.

Estes critérios solicitavam que os alunos aplicassem de forma correta e completa o conceito de capitania tendo como base os dados do documento e a aula que tiveram anteriormente.

Por fim, a alínea 3.4. tem como parâmetro a identificação dos produtos vindos dos Açores. Este é avaliado segundo alguns critérios específicos sendo eles:

- * Assinala corretamente os 5 produtos;
- * Assinala corretamente apenas 4 produtos;
- * Assinala corretamente apenas 3 produtos;
- * Assinala corretamente apenas 2 produtos;
- * Assinala corretamente apenas 1 produto;
- * Não assinala corretamente nenhum dos produtos.

Estes critérios foram delineados para que os alunos identificassem, numa forma clara, quais os produtos que os portugueses traziam da sua colónia açoriana no século XVI.

De seguida apresento a grelha de avaliação de História e Geografia de Portugal, através do quadro 29, pela qual orientei a correção dos dispositivos de avaliação dos alunos.

Quadro 29– Grelha de avaliação de História e Geografia de Portugal

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	Identificação das características dos Arquipélagos da Madeira e Açores	Acertou 5 respostas	2	2
		Acertou 4 respostas	1.6	
		Acertou 3 respostas	1.2	
		Acertou 2 respostas	0.8	
		Acertou 1 respostas	0.4	
		Não acertou nenhuma resposta	0	
2.	Importância geográfica do arquipélago dos Açores	Justifica corretamente a afirmação	2,5	3
		Não justifica corretamente a afirmação	1,0	
		Responde sem erros de ortografia	0,5	
		Não responde	0	
3.				
3.1.	Análise do documento	Responde de forma completa	0,8	1
		Responde de forma incompleta	0,3	
		Responde sem erros de ortografia	0,2	
		Não responde	0	
3.2.	Interpretação do documento	Transcreve corretamente do documento	0,8	1
		Transcreve incorretamente do documento	0.4	
		Transcreve sem erros de ortografia	0,2	
		Não responde	0	
3.3	Conceito de capitania	Explica de forma completa o conceito de capitania	1,5	2
		Explica de forma incompleta o conceito de capitania	0.7	
		Não explica corretamente o conceito de capitania	0.4	
		Responde sem erros de ortografia	0,5	
		Não responde	0	
3.4	Identificação dos produtos vindos dos Açores	Assinala corretamente os 5 produtos	1	1
		Assinala corretamente apenas 4 produtos	0.8	
		Assinala corretamente apenas 3 produtos	0.6	
		Assinala corretamente apenas 2 produtos	0.4	
		Assinala corretamente apenas 1 produto	0.2	
		Não assinala corretamente nenhum dos produtos	0	
Total				10

3.7.2. Grelha de correção de História de Geografia de Portugal

Aqui é apresentada a grelha de correção de História de Geografia de Portugal, através do quadro 30, a qual contém as cotações atribuídas aos alunos, depois de corrigidas as respostas dos mesmos.

Quadro 30– Grelha de correção de avaliação de História e Geografia de Portugal

Questões	1. Identificação das características dos Arquipélagos da Madeira e Açores	2. Importância geográfica do arquipélago dos Açores	3.1 - Análise do documento	3.2. Interpretação do documento	3.3. Conceito de capitania	3.4. Identificação dos produtos vindos dos Açores	Total
Cotações	2	3	1	1	2	1	10
A	2	3	1	1	1	1	9
B	1,6	3	0,8	1	0	0,8	7,2
C	x	x	x	x	x	x	x
D	1,6	2,5	1	1	1,5	1	8,6
E	2	1	1	0	0	1	5
F	2	1,5	0	1	0	1	5,5
G	2	1,5	1	1	0	0,8	6,3
H	1,2	3	1	1	1,5	1	8,7
I	2	3	1	1	0,9	1	8,9
J	1,6	1	0,5	1	0	0,8	4,9
K	x	x	x	x	x	x	x
L	2	1,5	1	1	0	0,6	6,1
M	1,6	3	1	1	1,5	1	9,1
N	1,6	0	0	0	0	0,6	2,2
O	0,8	3	0	0	0	0,4	4,2
P	2	3	1	1	1,5	0,6	9,1
Q	2	0	0	0	0	0,4	2,4
R	0,8	0	0	1	0	1	2,8
S	2	2,5	0,8	0,8	0	1	7,1
T	1,6	2,5	0	0	0	0,8	4,9
U	x	x	x	x	x	x	x
V	1,2	0	1	1	0	0,8	4
W	2	3	1	1	1,5	0,8	9,3
X	2	1,5	1	1	0,4	1	6,9
Y	1,6	1,5	0,8	0,8	1,5	1	7,2
Z	2	0	1	1	1,5	1	6,5
Ç	x	x	x	x	x	x	x
€	1,6	0	1	1	1,5	1	6,1
Média	1,70	1,71	0,70	0,78	0,60	0,85	6,33

3.7.3. Descrição da grelha de avaliação de História de Geografia de Portugal

A grelha que foi apresentada anteriormente refere-se à prestação dos alunos perante o dispositivo de avaliação que lhes foi apresentado na aula de História e Geografia de Portugal. Contudo eu não pude aferir os conhecimentos de todos, tendo aferido apenas de 26, pois faltavam 4 alunos neste dia.

Analisando os resultados sobre estes 26 alunos verifiquei que, no que se prende com a questão 1, 12 alunos tiveram a cotação máxima tendo atingido os objetivos propostos para esta questão. Porém 8 alunos acertaram só 4 respostas, tendo 2 acertado apenas 3 respostas, bem como apenas 2 alunos acertaram a 2 respostas.

No que se refere à segunda questão, 8 alunos obtiveram a cotação máxima referente a esta pergunta mostrando-se capazes de justificar corretamente e sem erros a frase pretendida. Contudo, 3 alunos justificaram corretamente, mas apresentando erros ortográficos. Apenas 5 alunos não apresentaram a justificação correta e sem erros ortográficos, pois 2 alunos, também eles não apresnetaram corretamente a justificação da afirmação, mas estas, com erros ortográficos. Nesta questão 6 alunos não justificaram a frase.

Em relação à alínea 3.1., pude verificar que 14 alunos responderam de forma completa e sem erros de ortografia, mostrando assim que fazem uma análise correta do documento e 3 alunos respondem também de forma completa, mas apresentando erros de ortografia. Todavia 1 aluno responde de forma incompleta e sem erros de ortografia e 6 alunos não respondem à questão proposta.

Para a alínea 3.2., 17 alunos transcreveram corretamente e sem erros ortográficos, mostrando que sabem fazer uma interpretação do documento. Porém 2 alunos apenas conseguiram transcrever corretamente do documento, mas fizeram-no com erros de ortografia, e 5 alunos nem sequer responderam à questão.

No que se refere à alínea 3.3. nenhum aluno teve a cotação total atribuída a esta questão, pois os 8 alunos, que explicaram de forma completa o conceito de cidadania, fizeram-no com erros de ortografia, não tendo assim a cotação total. Apenas 1 aluno explica de forma incompleta o conceito de capitania, mas explica-o com erros de ortografia. Da mesma forma, encontramos também apenas 1 aluno que não explica corretamente o conceito de capitania, mas o que apresenta como explicação é apresentado sem erros de ortografia; já não se pode afirma o mesmo de 1 outro aluno, que não explica corretamente o mesmo conceito e, que para além disso, comete erros de ortografia. Porém 13 alunos não repondem à questão.

Por último, no que se prende com a alínea 3.4. 13 alunos assinalam corretamente os 5 produtos pretendidos, 6 alunos assinalam corretamente apenas 4

dos produtos, 3 alunos assinalam corretamente apenas 3 produtos dos pretendidos e apenas 2 só assinalam corretamente 2 produtos.

É de referir que todos os alunos presentes responderam a esta última alínea.

Também é de salientar que a média desta turma foi de 6,33, estando a turma um pouco a baixo dos objectivos propostos e que devia ter atingido com esta proposta de trabalho.

3.7.4. Apresentação do gráfico dos resultados da avaliação de História de Geografia de Portugal

Aqui podemos visualizar o gráfico correspondente à classificação dos alunos na ficha de História e Geografia de Portugal. Com a sua visualização é mais fácil interpretar os resultados obtidos pelos alunos no geral. Este gráfico é apresentado através da figura 22.

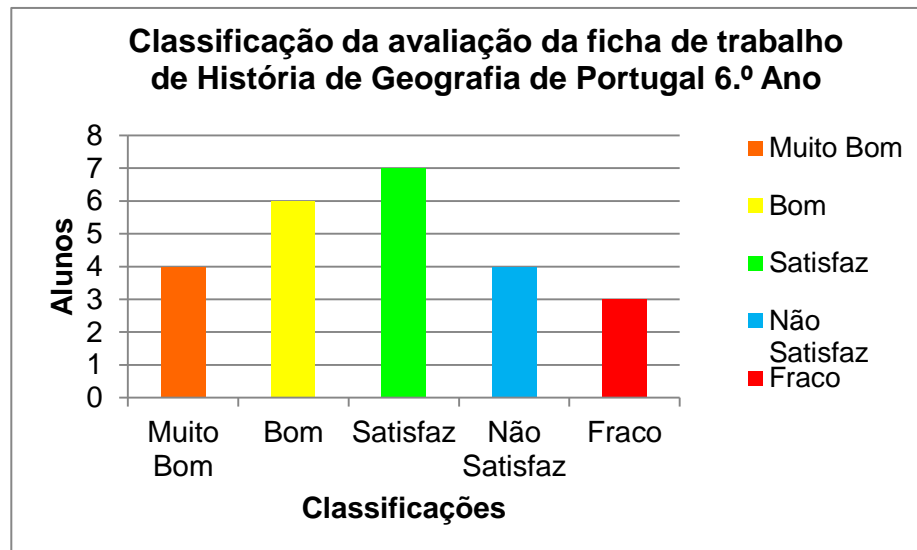


Figura 22 – Gráfico dos resultados da classificação da ficha de História e Geografia de Portugal

3.7.5. Análise do gráfico

Ao observar o gráfico que se encontra com as classificações referentes à avaliação da ficha de trabalho de História e Geografia de Portugal, posso concluir que será necessário voltar a lecionar estes conteúdos em sala de aula, pois os alunos a terem negativa foram muitos.

Contudo, vou iniciar esta minha análise pelas notas mais altas, pois nesta turma 4 alunos atingiram a nota máxima, atingindo os objetivos propostos por esta proposta de trabalho. Assim os alunos conseguiram realizar a ficha no tempo previsto

e compreenderam todos os conceitos abordados em sala de aula, bem como interpretaram e analisaram bem os documentos.

Podemos também verificar que 6 alunos atingiram o Bom como classificação nesta proposta de trabalho, sendo que estes devem de continuar a trabalhar e a estar com mais atenção nas aulas, para conseguirem melhorar estas notas e atingir o objetivo máximo.

Porém o maior número de alunos atingiu o Satisfaz como classificação, sendo estes 7 alunos a ter esta nota. Estes alunos, devem trabalhar cada vez mais para conseguirem alcançar os objetivos que se pretende que estes alcancem.

Todavia 7 alunos não chegaram à positiva, sendo que 4 tiveram a classificação de Não Satisfaz e 3 alunos de Fraco.

Com estas classificações e, sobretudo, com as mais baixas, eu fico apreensiva no se refere à minha explicação sobre estes conteúdos durante esta aula. Como referi anteriormente, esta aula deveria ser repetida para que os alunos adquirissem de forma correta estes conceitos e conhecimentos.

Contudo, é de referir que esta aula foi lecionada depois da turma ter realizado um teste da mesma disciplina durante os primeiros 45 minutos de aula. Por isso, entra aqui um fator importante que tantas vezes se manifesta ou pode manifestar nas notas e na prestação dos alunos, que é o factor cansaço. Mas não existindo desculpa com este factor, continuo a pensar que esta aula tem que ser repetida e lecionada de uma outra forma para que consiga ajudar os alunos com mais dificuldades.

Quero ainda referir que esta turma não apresenta hábitos de estudo na sala de aula e a sua disciplina não é das melhores, o que também acaba por condicionar os seus resultado.

3.8. Avaliação de Matemática (6.º Ano)

O dispositivo de avaliação que é apresentado de seguida refere-se à aula de Matemática que se realizou no 6.º Ano, no dia 6 de março de 2012. Com este dispositivo pretendi avaliar os alunos perante o conceito de razão, proporção, de igualdade entre razões e de regra de três simples. O mesmo foi realizado por 27 alunos e teve uma duração aproximada de 20 minutos. A proposta apresenta-se em anexo, Anexo F.

3.8.1. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação de Matemática

Para este dispositivo de avaliação, entregue em cada um dos alunos, foram definidos alguns parâmetros de forma a simplificar a sua avaliação.

Assim, para a alínea 1.1. foi introduzido o parâmetro de identificação da razão, que tem como finalidade aferir se os alunos identifica-lo corretamente perante num contexto de problema. Este parâmetro tem como critérios:

- * Escreve corretamente a razão entre o número de tartes de nata de bolos de chocolate;
- * Não escreve corretamente a razão entre o número de tartes de nata e bolos de chocolate;
- * Não responde.

Estes critérios foram definidos para este parâmetro porque é essencial que os alunos consigam identificar de forma correta o conceito de razão numa situação diferente.

No que se prende com a alínea a), da questão 1.2., esta foi avaliada tendo como base o parâmetro do emprego do conceito de razão. Este parâmetro foi criado para que pudesse verificar se os alunos conseguem, através dos dados do problema, empregar de forma correta o conceito de razão mediante a razão dada no enunciado.

Para este parâmetro encontramos os seguintes critérios:

- * Apresenta corretamente o significado da razão e de forma completa;
- * Apresenta corretamente o significado da razão e de forma incompleta;
- * Apresenta incorretamente o significado da razão;
- * Sem erros ortográficos;
- * Com erros ortográficos;
- * Não responde.

Com a utilização destes critérios, o professor, fica a saber se os alunos fazem um bom emprego do conceito de razão e se não dão erros de ortografia, ao aplicarem este conceito.

Em relação à alínea b) o parâmetro que lhe foi aplicado prende-se com a utilização do conceito de razão. Este parâmetro, como o da alínea anterior, a), tem como principal verificar se os alunos conseguem, através dos dados do problema, empregar de forma correta o conceito de razão mediante a razão dada no enunciado.

Assim, para melhor avaliar esta parâmetro foram criados os seguintes critérios:

- * Apresenta corretamente o significado da razão e de forma completa;
- * Apresenta corretamente o significado da razão e de forma incompleta;
- * Apresenta incorretamente o significado da razão;
- * Sem erros ortográficos;
- * Com erros ortográficos;
- * Não responde.

Os critérios aqui apresentados têm como principal função ver se o aluno faz uma utilização correta do conceito de razão e se o explica bem na componente da escrita, e se não dá erros ortográficos, pois é sempre importante verificar a ortografia.

Perante a alínea 2.1., atribuí como parâmetro a identificação de uma igualdade entre proporções. Nesta alínea tenciono verificar se os alunos indicam de forma correta a igualdade entre duas razões e se sabem justificar a sua resposta, mostrando assim, que compreenderam o conceito de proporção. Para aferir este parâmetro criei os seguintes critérios:

- * Afirma que a igualdade é uma proporção;
- * Justifica a sua resposta de forma completa;
- * Justifica a sua resposta de forma incompleta;
- * Não justifica a sua resposta;
- * Sem erros ortográficos;
- * Com erros ortográficos;
- * Não responde.

Do mesmo modo, para a alínea 2.2., elaborei o mesmo parâmetro que na alínea anterior, sendo este a identificação de uma igualdade entre proporções, pois pertendo verificar o mesmo. Assim os critérios criados para a avaliação desta parâmetros são:

- * Afirma que a igualdade não é uma proporção;
- * Justifica a sua resposta de forma completa;
- * Justifica a sua resposta de forma incompleta;
- * Não justifica a sua resposta;
- * Sem erros ortográficos;
- * Com erros ortográficos;
- * Não responde.

Para a alínea 2.3., criei como parâmetro de avaliação, um igual às duas alíneas acima mencionadas, sendo este a identificação de uma igualdade entre proporções. Para este parâmetro foram elaborados os seguintes critérios:

- * Afirma que a igualdade é uma proporção;
- * Justifica a sua resposta de forma completa;
- * Justifica a sua resposta de forma incompleta;
- * Não justifica a sua resposta;
- * Sem erros ortográficos;
- * Com erros ortográficos;
- * Não responde.

É de salientar que todas as alíneas referidas anteriormente se destinavam a averiguar o mesmo, por isso é que apresentavam parâmetros iguais e critérios similares.

Em relação à questão 3, esta foi dividida em 4 parâmetros, para que a avaliação desta questão fosse coerente, pois esta prendia-se com o preenchimento de um quadro. Assim, para a “alínea” a) foi criado o parâmetro que se prende com o reconhecimento dum proporção. Este parâmetro tinha como objetivo central apurar se os alunos faziam o reconhecimento de uma proporção, sendo-lhes facultados os meios, extremos e a leitura da proporção. Para este parâmetro foram introduzidos os seguintes critérios:

- * Indica corretamente as 2 proporções;
- * Indica corretamente 1 proporção;
- * Não responde.

Estes critérios prendem-se como facto dos alunos terem de escrever duas proporções diferentes, nem locais diferentes do quadro.

Para a alínea b) criei como parâmetro o reconhecimento dos meios de uma proporção, pois o que queria verificar era se os alunos olhando para o quadro, e com a indicação de uma proporção e da leitura de outra, conseguiam descobrir quais eram os meios das mesmas. Desta forma, este tinha como critérios:

- * Indica corretamente os 4 meios das proporções;
- * Indica corretamente os 3 meios das proporções;
- * Indica corretamente os 2 meios das proporções;
- * Indica corretamente 1 meio das proporções;
- * Não responde.

No que diz respeito à alínea c) o parâmetro elaborado para este foi o reconhecimento dos extremos de uma proporção. O que queria com este parâmetro e posteriores critérios, era averiguar se os alunos conseguiam fazer o correto reconhecimento dos extremos de uma proporção, tendo como base os dados facultados pelo quadro. Assim, para melhor avaliar este parâmetro, foram escolhidos como critérios:

- * Indica corretamente os 4 extremos das proporções;
- * Indica corretamente os 3 extremos das proporções;
- * Indica corretamente os 2 extremos das proporções;
- * Indica corretamente 1 extremo das proporções;
- * Não responde.

Na alínea d) o parâmetro de avaliação escolhido foi a leitura das proporções.

Com este pretendia apurar se os alunos escreviam corretamente a leitura das proporções apresentadas no quadro. De forma a facilitar a sua avaliação, elaborei os seguintes critérios:

- * Escreve corretamente a leitura das duas proporções;
- * Escreve corretamente a leitura de uma proporção;
- * Sem erros ortográficos;
- * Com erros ortográficos;
- * Não responde.

Por fim, no que se prende com a última questão, a questão 4, defini como parâmetro a aplicação da regra de três simples, porque queria verificar se os alunos sabiam ou não aplicar corretamente esta regra perante o problema que lhes foi proposto. Assim para facilitar a avaliação desta questão foram criados os seguintes critérios:

- * Aplicou corretamente a regra de três simples;
- * Não aplicou corretamente a regra de três simples;
- * Não resolveu.

De seguida apresento a grelha de avaliação de Matemática, pela qual orientei a correção dos dispositivos de avaliação dos alunos. Esta grelha é apresentada através do quadro 31 e do quadro 32.

Quadro 31 – Grelha de avaliação de Matemática

	Parâmetros	Critérios	Cotações	
1. 1.1.	Identificação da razão	Escreve corretamente a razão entre o número de tartes de nata e bolos de chocolate.	1.5	1.5
		Não escreve corretamente a razão entre o número de tartes de nata e bolos de chocolate.	0	
		Não responde.	0	
1.2. a)	Emprego do conceito de razão	Apresenta corretamente o significado da razão e de forma completa.	0.70	0.75
		Apresenta corretamente o significado da razão e de forma incompleta.	0.40	
		Apresenta incorretamente o significado da razão.	0	
		Sem erros ortográficos.	0.05	
		Com erros ortográficos.	0	
		Não responde.	0	
b)	Utilização do conceito de razão	Apresenta corretamente o significado da razão e de forma completa.	0.70	0.75
		Apresenta corretamente o significado da razão e de forma incompleta.	0.40	
		Apresenta incorretamente o significado da razão.	0	
		Sem erros ortográficos.	0.05	
		Com erros ortográficos.	0	
		Não responde.	0	
2. 2.1.	Identificação de uma igualdade entre proporções	Afirma que a igualdade é uma proporção	0.5	1
		Justifica a sua resposta de forma completa	0.3	
		Justifica a sua resposta de forma incompleta	0.1	
		Não justifica a sua resposta	0	
		Sem erros ortográficos.	0.2	
		Com erros ortográficos.	0	
		Não responde	0	
2.2.	Identificação de uma igualdade entre proporções	Afirma que a igualdade não é uma proporção	0.5	1
		Justifica a sua resposta de forma completa	0.3	
		Justifica a sua resposta de forma incompleta	0.1	
		Não justifica a sua resposta	0	
		Sem erros ortográficos.	0.2	
		Com erros ortográficos.	0	
		Não responde	0	

Quadro 32 – Grelha de avaliação de Matemática

2.3.	Identificação de uma igualdade entre proporções	Afirma que a igualdade é uma proporção	0.5	1
		Justifica a sua resposta de forma completa	0.3	
		Justifica a sua resposta de forma incompleta	0.1	
		Não justifica a sua resposta	0	
		Sem erros ortográficos.	0.2	
		Com erros ortográficos.	0	
		Não responde	0	
3. a)	Reconhecimento duma proporção	Indica corretamente as 2 proporções	0.75	0.75
		Indica corretamente 1 proporção	0.375	
		Não responde	0	
3. b)	Reconhecimento dos meios de uma proporção	Indica corretamente os 4 meios das proporções	0.75	0.75
		Indica corretamente 3 meios das proporções	0.5625	
		Indica corretamente 2 meios das proporções	0.375	
		Indica corretamente 1 meio da proporção	0.1875	
		Não responde	0	
3. c)	Reconhecimento dos extremos de uma proporção	Indica corretamente os 4 extremos das proporções	0.75	0.75
		Indica corretamente 3 extremos das proporções	0.5625	
		Indica corretamente 2 extremos das proporções	0.375	
		Indica corretamente 1 extremo da proporção	0.1875	
		Não responde	0	
3. d)	Leitura das proporções	Escreve corretamente a leitura das duas proporções	0.65	0.75
		Escreve corretamente a leitura de uma proporção	0.275	
		Sem erros ortográficos	0.1	
		Com erros ortográficos	0	
		Não responde	0	
4.	Aplicação da regra de três simples	Aplicou corretamente a regras de três simples	1	1
		Não aplicou corretamente a regra de três simples	0.1	
		Não resolveu	0	

3.8.2. Grelha de correção de avaliação de Matemática

Neste ponto é apresentada a grelha de correção de Matemática, a qual contém as cotações atribuídas, depois de corrigidas as respostas dadas pelos alunos. Esta grelha é apresentada através do quadro 33.

Quadro 33– Grelha de correção de avaliação de Matemática

Questões	1. Identificar a razão	1.2. a) Emprego do conceito de razão	1.2. b) Utilização do conceito de razão	2.1. Identificação de uma igualdade entre proporções	2.2. Identificação de uma igualdade entre proporções	2.3. Identificação de uma igualdade entre proporções	3. Reconhecimento de uma proporção	3. Reconhecimento dos extremos de uma proporção	3. Reconhecimento dos meios de uma proporção	3. Leitura das proporções	4. Aplicar a regra de três simples	Total
Cotações	1,5	0,75	0,75	1	1	1	0,75	0,75	0,75	0,75	1	10
A	0	0	0,75	0,5	0,5	0,5	0,375	0,375	0,375	0,275	0	3,65
B	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
C	1,5	0,75	0,75	1	1	1	0,75	0,75	0,75	0,75	1	10
D	1,5	0	0	0,5	0,5	0	0,375	0,5625	0,5625	0	0	4
E	1,5	0,75	0	0,8	1	0	0,375	0,5625	0,5625	0	1	6,55
F	1,5	0,75	0	0,5	0,8	0,8	0	0,1875	0,1875	0	0	4,725
G	1,5	0,75	0	0,5	0,5	0	0	0,375	0,375	0	0	4
H	1,5	0,75	0,75	1	1	0	0,375	0,75	0,75	0,75	1	8,625
I	1,5	0	0	0,8	0,8	0,5	0,75	0,75	0,75	0,75	0	6,6
J	1,5	0,75	0	0	0,5	0	0,75	0,75	0,75	0,75	0	5,75
K	1,5	0	0	0	0,5	0,5	0	0,5625	0,5625	0	0	3,625
L	1,5	0	0	0	0,8	0,5	0,375	0,1875	0,1875	0	0	3,55
M	0	0,4	0,4	1	1	1	0,375	0,5625	0,5625	0	0,1	5,4
N	1,5	0,75	0,75	0,8	0,8	0,8	0,75	0,75	0,75	0,65	0,1	8,4
O	1,5	0	0	0	0	0	0	0,75	0,75	0	1	4
P	1,5	0	0	1	0,8	0,8	0	0,75	0,75	0,375	0,1	6,075
Q	1,5	0,75	0,75	0,8	1	1	0,375	0,75	0,75	0,75	1	9,425
R	0	0	0	1	0,8	0,8	0,75	0,75	0,75	0,75	0,1	5,7
S	1,5	0,75	0,75	0	0,5	0	0,75	0,75	0,75	0,75	1	7,5
T	1,5	0,75	0,75	1	1	1	0,375	0,5625	0,5625	0	1	8,5
U	1,5	0,4	0	0	0,5	0	0,375	0,5625	0,5625	0	0,1	4
V	1,5	0,7	0,4	0,8	0,8	0,8	0,75	0,75	0,75	0,65	0	7,9
W	1,5	0	0	0,8	0,8	0	0,75	0,75	0,75	0,65	0	6
X	1,5	0,75	0	1	1	0	0,75	0,75	0,75	0,75	0,1	7,35
Y	1,5	0,75	0,75	0,8	0,8	0,8	0,75	0,75	0,75	0,375	0,1	8,125
Z	1,5	0,7	0,7	0	0,5	0	0	0,375	0,375	0	1	5,15
Ç	1,5	0	0	0,8	1	1	0,375	0,75	0,75	0,275	1	7,45
€	1,5	0,4	0,4	0	0	0,8	0	0	0	0	0	3,1
Média	1,33	0,43	0,29	0,57	0,71	0,47	0,42	0,60	0,60	0,34	0,36	6,12

3.8.3. Descrição da grelha de avaliação de Matemática

A grelha de correção dos conhecimentos prestados pelos alunos, apresentada anteriormente, faz referência apenas à prestação de 27 alunos, pois neste dia estava um dos alunos a faltar.

Contudo, perante os dados que tinha disponíveis relativos a estas crianças, consegui apurar que 24 alunos conseguiram identificar corretamente a razão na questão 1, sendo que 3 alunos não responderam a esta questão.

Em relação à questão 1.2., na alínea a), 12 alunos apresentaram corretamente o significado da razão e de forma completa, sem erros ortográficos. Porém 2 alunos apresentaram, também, corretamente o significado da razão e de forma completa, mas com erros ortográficos, não tendo por isso a cotação total, 3 alunos apresentaram corretamente o significado da razão mas de uma forma incompleta e com erros de ortografia. É de salientar que 10 alunos não responderam a esta alínea.

No se refere à alínea b), 8 alunos utilizaram corretamente o conceito de razão, apresentando corretamente o significado da razão, de forma completa e sem erros ortográficos, sendo que apenas 1 aluno apresentou corretamente o significado da razão de forma completa mas com erros de ortografia. É de referir que 3 alunos apresentaram corretamente o significado da razão, mas de uma forma incompleta e com erros ortográficos. Porém 14 alunos não responderam à questão.

Tendo em conta a questão 2.1. podemos verificar que 7 alunos obtiveram a cotação máxima, atingindo os objetivos propostos por esta questão. Porém 8 alunos apenas afirmaram que a igualdade era uma proporção e justificaram a sua resposta de forma completa, contudo deram erros ortográficos. É de referir ainda que 4 alunos apenas afirmaram que a igualdade era uma proporção, não fazendo nenhuma justificação e tendo erros ortográficos. De todos os alunos, avaliados, 8 não responderam à questão.

Em relação à questão 2.2., podemos aferir que 8 alunos afirmaram a igualdade como não sendo uma proporção, obtendo assim a cotação máxima, pois justificaram corretamente e não deram erros ortográficos. Contudo, 9 alunos afirmaram a igualdade como não sendo uma proporção e realizaram a justificação corretamente, mas tiveram erros ortográficos, sendo assim penalizados. Por outro lado, 8 alunos apenas afirmaram que a igualdade não era uma proporção, mas não justificaram e deram erros ortográficos. Podemos ainda observar que 2 alunos não deram resposta a esta questão.

Na questão 2.3., 5 alunos obtiveram a cotação máxima, porém 7 alunos apenas afirmaram que a igualdade era uma proporção e justificaram a sua resposta de forma completa, contudo deram erros ortográficos. É de referir ainda que 4 alunos

apenas afirmaram que a igualdade era uma proporção não fazendo nenhuma justificação e tendo erros ortográficos, e 8 alunos não responderam à questão.

Em relação à questão 3, na alínea a) 10 alunos fizeram o reconhecimento e indicaram corretamente 2 proporções, 10 alunos reconheceram e indicaram apenas 1 proporção e 7 alunos não responderam.

Já na alínea b), 15 alunos indicaram corretamente os 4 meios das proporções, 6 alunos indicaram corretamente apenas 3 meios das proporções, 3 alunos indicaram corretamente apenas 2 meios das proporções e 2 alunos indicaram corretamente só 1 dos meios. É de mencionar que apenas 1 aluno não respondeu à questão.

Na alínea c), 15 alunos indicaram corretamente os 4 extremos das proporções, 6 alunos indicaram corretamente apenas 3 extremos das proporções, 3 alunos indicaram corretamente apenas 2 extremos das proporções e 2 alunos indicaram corretamente só 1 dos extremos. É de indicar que 1 aluno não respondeu à questão.

Em relação à alínea d), 8 alunos escreveram corretamente a leitura das duas proporções sem erros ortográficos, 3 alunos escreveram corretamente a leitura de duas proporções mas com erros ortográficos. Porém 2 alunos escreveram corretamente a leitura de uma proporções sem erros ortográficos e 2 alunos escreveram corretamente a leitura de uma porção mas com erros ortográficos. Todavia 12 alunos não responderam.

Por último, no que se prende com a questão 4, apenas 9 alunos aplicaram corretamente a regra de três simples, sendo que 7 não a aplicaram corretamente. Porém a esta questão não responderam 11 alunos, pois este conteúdo não foi bem lecionado por mim, o que fez com que os alunos não o conseguissem aplicar da melhor forma.

É de referir que a média deste turma foi de 6,12 valores, o que revela que a turma não conseguiu atingir os objectivos propostos pela ficha de trabalho, não sendo por isso esta bem conseguida.

3.8.4. Apresentação do gráfico dos resultados da avaliação de Matemática

De seguida podemos ver o gráfico correspondente à classificação dos alunos na ficha de Matemática. Este gráfico pode ser observado na figura 23. Com a sua observação é mais simples interpretar os resultados conseguidos pelos alunos no geral.

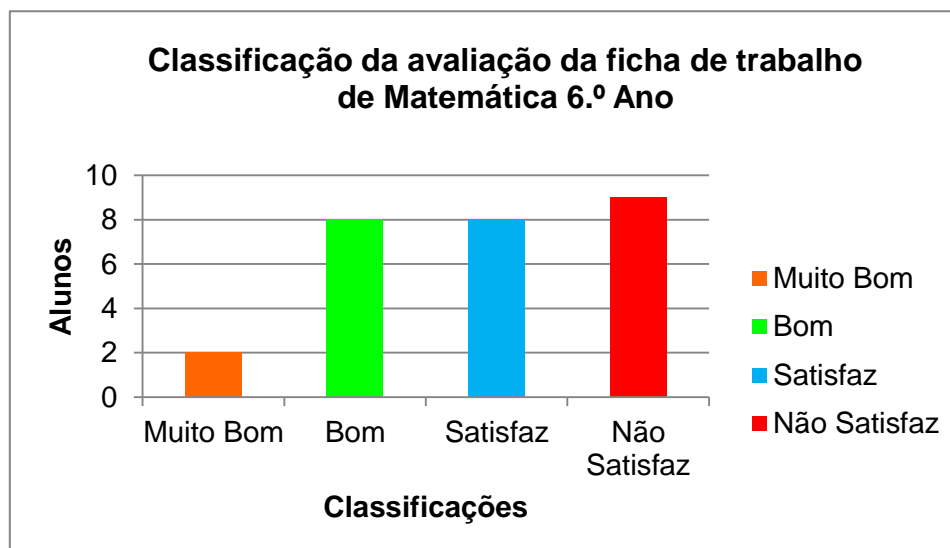


Figura 23 – Gráfico dos resultados da classificação da ficha de trabalho de Matemática

3.8.5. Análise do gráfico

Ao fazer a análise deste gráfico posso constatar que apenas 2 alunos alcançaram os objetivos propostos por esta ficha, mostrando que ficaram a Dominar os conceitos abordados nesta aula, pois tiveram como nota Muito Bom.

Em relação à qualificação de Bom, foram 8 alunos a ter esta classificação, o que mostra que se estes trabalharem mais um pouco conseguem atingir a nota mais alta.

Da mesma forma em relação à classificação dada como Satisfaz, foram 8 alunos que beneficiaram desta nota. Em relação a estes alunos tem que existir mais trabalho por parte deles, para que consigam começar a dominar estes conteúdos e estes conceitos.

Porém 9 alunos não atingiram a nota positiva, tendo tido Não Satisfaz, sendo por isso preocupante esta avaliação feita a estes alunos. De entre estes alunos estão alguns dos melhores alunos da turma, que nesta ficha tiveram esta nota, o que torna tudo ainda mais preocupante, pois mostra que a aula não foi dada da melhor forma e que os conteúdos não foram explicados da forma mais correta, existindo incorrecções durante a explicação dos mesmos.

Devido a isto, é natural que os resultados não tenham sido os melhores, pois a explicação também não foi a mais acertada.

Assim, é pertinente repetir esta aula e voltar a dar estes conteúdos, para que todos os alunos atinjam os objetivos que pretendendo e que todos os alunos alcancem a nota positiva. Para isso, numa nova aula tenho de mudar de estratégias para melhorar a abordagem a estes conteúdos.

3.9. Avaliação de Língua Portuguesa (6.º Ano)

Seguidamente apresento um dispositivo de avaliação que se refere à disciplina de Língua Portuguesa e foi aplicado no dia 13 de março de 2012 a uma turma do 6.º Ano. Esta tinha como objetivo consolidar os conteúdos referentes às orações coordenadas de subordinadas, sendo esta uma ficha revisão dos mesmos. Este dispositivo foi elaborado por 25 alunos e teve como duração para a sua concretização, aproximadamente, 20 minutos. Esta proposta de trabalho encontra-se em anexo, no Anexo G.

3.9.1. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação de Língua Portuguesa

De acordo com o dispositivo de avaliação que foi entregue a cada aluno, foram definidos alguns parâmetros com vista a facilitar a sua avaliação.

Para a questão 1 foi introduzido como parâmetro distinguir as frases complexas por coordenação das frases complexas por subordinação. De forma a facilitar a avaliação de parâmetro foram criados os seguintes critérios:

- * Faz a correspondência corretamente entre as 7 frases e as suas classificações;
- * Faz a correspondência corretamente entre 6 frases e as suas classificações;
- * Faz a correspondência corretamente entre 5 frases e as suas classificações;
- * Faz a correspondência corretamente entre 4 frases e as suas classificações;
- * Faz a correspondência corretamente entre 3 frases e as suas classificações;
- * Faz a correspondência corretamente entre 2 frases e as suas classificações;
- * Faz a correspondência corretamente entre 1 frase e a sua classificação;
- * Não respondeu.

Em relação à questão 2 foi atribuído como parâmetro de avaliação identificar a oração subordinada temporal que se encontrava numa das frases dadas pelo enunciado. Para que este parâmetro fosse avaliado com mais facilidade foram criados os seguintes critérios:

- * Identifica corretamente a oração subordinada temporal;
- * Não identifica corretamente a oração subordinada temporal.

No que se prende com a questão 3, foi criado como parâmetro a classificação das orações na frase. Este parâmetro foi criado para as 4 alíneas que constituem esta questão, pois o que pertendo com elas é verificar se os alunos classificam de forma correta as duas orações que compõe as várias frases. Assim para estes parâmetros foram criados os seguintes critérios:

- * Delimita corretamente as orações;
- * Não delimita corretamente as orações;
- * Classifica corretamente as 2 orações e de forma completa;
- * Classifica corretamente as 2 orações e de forma incompleta;
- * Classifica corretamente 1 oração e de forma completa;
- * Classifica corretamente 1 oração e de forma incompleta;
- * Sem erros ortográficos;
- * Com erros ortográficos;
- * Não respondeu.

Por fim, no que se refere à questão 4, também está composta por duas alíneas, às quais atribui o mesmo parâmetro, pois queria verificar se os alunos aplicavam a conjunção coordenativa certa, perante as frases que lhes apresentava e perante a conjunção que lhes era imposta. Assim defini como parâmetro a aplicação das conjunções coordenativas. Para que fosse mais fácil avaliar este parâmetro criei como critérios os seguintes:

- * Escreve a frase com a conjunção coordenativa correta;
- * Não escreve a frase com a conjunção coordenativa correta;
- * Sem erros ortográficos;
- * Com erros ortográficos;
- * Não responde.

De seguida apresento a grelha de avaliação de Língua Portuguesa, pela qual orientei a correção dos dispositivos de avaliação dos alunos. Esta grelha é-nos apresentada pelo quadro 34.

Quadro 34 – Grelha de avaliação de Língua Portuguesa

	Parâmetros	Critérios	Cotações	
1.	Distinguir as frases complexas por coordenação das frases complexas por subordinação	Faz a correspondência corretamente entre as 7 frases e as suas classificações	3,5	3,5
		Faz a correspondência corretamente entre 6 frases e as suas classificações	3	
		Faz a correspondência corretamente entre 5 frases e as suas classificações	2,5	
		Faz a correspondência corretamente entre 4 frases e as suas classificações	2	
		Faz a correspondência corretamente entre 3 frases e as suas classificações	1,5	
		Faz a correspondência corretamente entre 2 frases e as suas classificações	1	
		Faz a correspondência corretamente entre 1 frase e a sua classificação	0,5	
		Não respondeu	0	
2.	Identificar a oração subordinada temporal	Identifica corretamente a oração subordinada temporal	0,5	0,5
		Não identifica corretamente a oração subordinada temporal	0	
3. a)	Classificar as orações da frase	Delimita corretamente as orações	0,5	1
		Não delimita corretamente as orações	0	
		Classifica corretamente as 2 orações e de forma completa	0,3	
		Classifica corretamente as 2 orações e de forma incompleta	0,2	
		Classifica corretamente 1 oração e de forma completa	0,2	
		Classifica corretamente 1 oração e de forma incompleta	0,1	
		Sem erros ortográficos	0,2	
		Com erros ortográficos	0	
		Não respondeu	0	
4. a) b)	Aplicar as conjunções coordenativas	Escreve a frase com a conjunção coordenativa correcta	0,8	1
		Não escreve a frase com a conjunção coordenativa correcta	0,1	
		Sem erros ortográficos	0,2	
		Com erros ortográficos	0	
		Não responde	0	
Total				10

3.9.2. Grelha de correção de avaliação de Língua Portuguesa

Aqui é apresentada a grelha de correção de Língua Portuguesa, a qual possui as cotações atribuídas aos alunos depois de ter efetuado a correção das respostas dadas. Esta grelha é apresentada através do quadro 35.

Quadro 35 – Grelha de correção de avaliação de Língua Portuguesa

Questões	1. Distinguir as frases complexas por coordenação das frases complexas por subordinação	2. Identificar a oração subordinada temporal	3. a) Classificar as orações da frase	b) Classificar as orações da frase	c) Classificar as orações na frase	d) Classificar as orações da frase	4. a) Aplicar as conjunções coordenativas	b) Aplicar as conjunções coordenativas	Total
Cotações	3,5	0,5	1	1	1	1	1	1	10
A	2,5	0,5	0,8	0,8	0,5	1	0	1	7,1
B	2	0	0	0	0	0	0	1	3
C	x	x	x	x	x	x	x	x	x
D	3	0	1	0,5	0	0,5	0,8	1	6,8
E	x	x	x	x	x	x	x	x	x
F	1,5	0	0,5	0,5	0	0,75	0	1	4,25
G	1	0,5	0,3	0,5	0,5	0,8	1	1	5,6
H	1,5	0	0	0	0	0	0	1	2,5
I	2,5	0,5	1	1	0,75	0,5	1	1	8,25
J	1	0	0,3	0,3	0,5	0,5	0	1	3,6
K	1	0	0,5	0,5	0	0	0	0	2
L	1,5	0	0,5	0,3	0,3	0,3	0	1	3,9
M	2,5	0	0,3	0,3	0	0,5	0	0	3,6
N	x	x	x	x	x	x	x	x	x
O	2	0	0,5	0,5	0,5	0,5	0,8	1	5,8
P	3	0,5	1	0,5	0,75	0,5	1	1	8,25
Q	3	0	0,5	0,5	0,5	0,5	1	0,8	6,8
R	1,5	0,5	0,5	0,5	0,75	1	0	1	5,75
S	2,5	0,5	0	0	0	0	1	1	5
T	3	0,5	0,5	0,3	0,3	0,3	1	1	6,9
U	1,5	0	0	0	0	0	0	0	1,5
V	3	0,5	1	0	0,5	0,5	0	0	5,5
W	1	0,5	0,5	0,5	0,7	0,5	0	0	3,7
X	1,5	0	0	0	0	0	0	0	1,5
Y	0,5	0,5	0	0	0	0	0	1	2
Z	2,5	0,5	0,3	0,3	0,5	0,5	1	1	6,6
Ç	2,5	0,5	0	0	0	0	0	0	3
€	2,5	0,5	0,5	0,5	0,5	0,3	0,8	0,8	6,4
Média	2,00	0,26	0,42	0,33	0,30	0,38	0,38	0,70	4,77

3.9.3. Descrição da grelha de avaliação de Língua Portuguesa

Na presente grelha de correção, referente aos conhecimentos atingidos pelos alunos, apenas consegui aferir o conhecimento de 25 alunos, pois estavam 3 a faltar nesse dia.

Porém, através dos dados que tinha disponíveis em relação ao desempenho destes alunos, consegui verificar que nenhum aluno atingiu os objetivos propostos em relação à primeira questão, mostrando assim que ainda não conseguem distinguir de forma clara as frases complexas por coordenação e subordinação. Todavia 5 alunos fizeram de forma correta a correspondência entre 6 frases e as suas classificações, 7 alunos fizeram a correspondência de forma correta entre 5 frases e as suas classificações, 2 alunos fizeram a correspondência de forma correta entre 4 frases e as suas classificações, enquanto que 6 alunos fizeram a correspondência de forma correta entre 3 frases e as suas classificações. É ainda de salientar que 4 alunos fizeram a correspondência de forma correta entre 2 frases e as suas classificações e que apenas 1 aluno fez a correspondência de forma correta entre 1 frase e a sua classificação. Todos os alunos responderam a esta questão.

No que se refere à questão 2, 13 alunos identificaram corretamente a oração subordinada temporal, contudo 12 alunos não identificaram corretamente a oração subordinada temporal, mostrando que ainda têm algumas dificuldades neste conteúdo.

Em relação à alínea a), da questão 3, 4 alunos atingiram os objetivos propostos por esta questão. Contudo, 1 aluno apenas delimitou corretamente as orações e classificou corretamente as duas orações, mas com erros de ortografia; 9 alunos apenas delimitaram corretamente as duas orações, mas não as souberam classificar e 4 alunos apenas classificaram corretamente duas orações, embora não as tenham delimitado na frase e tenho feito a sua classificação com erros de ortografia. É de referir que 7 alunos não responderam a esta questão.

No que se refere à alínea b) apenas um aluno atingiu os objetivos propostos com esta questão mostrando que domina os conteúdos. Também 1 aluno delimitou corretamente as orações e classificou corretamente as duas orações e de forma completa, mas com erros de ortografia. Ainda nesta alínea, 9 alunos delimitaram apenas as duas orações corretamente não fazendo mais nada; 5 alunos classificaram corretamente as duas orações e de forma completa embora não as tenham delimitado da forma correta e 8 alunos não responderam à questão.

Na alínea c) nenhum dos alunos obteve a cotação máxima para esta questão, sendo que 3 alunos delimitaram corretamente as orações, mas classificaram corretamente apenas 1 oração e de forma completa, mas com erros ortográficos; 1 aluno delimitou corretamente as orações e classificou corretamente as duas orações

mas de forma incompleta e com erros de ortografia e 8 alunos apenas delimitaram corretamente as orações mas não as classificaram corretamente e de forma completa.

É de salientar que 2 alunos apenas classificaram corretamente as duas orações e de forma completa, sem as terem delimitado e 11 alunos não concretizaram este exercício.

Em relação à alínea d) apenas dois alunos obtiveram a cotação máxima, 1 aluno delimitou de forma correta as orações e classificou as duas de forma correta mas com erros; 1 aluno delimitou corretamente as duas orações mas apenas classificou corretamente uma delas e com erros de ortografia. Porém 10 alunos apenas delimitaram corretamente as duas orações, não classificando nenhuma de forma correta; 3 alunos delimitaram incorretamente as duas orações, mas classificaram-nas bem e de forma completa, mas com erros ortográficos. Contudo, 8 alunos não responderam à questão.

No que se prende à questão 4, na alínea a), 7 alunos escreveram a frase com a conjunção coordenativa correta e sem erros de ortografia; 3 alunos escreveram a frase com a conjunção coordenativa correta mas com erros de ortografia e 15 alunos não responderam à questão.

Por último, na alínea b) 16 alunos escrevem a frase com a conjunção coordenativa correta e sem erros de ortografia; 2 alunos escrevem a frase com a conjunção coordenativa correta, mas com erros de ortografia e 7 alunos não responderam à questão.

3.9.4. Apresentação do gráfico dos resultados da avaliação de Língua Portuguesa

O presente gráfico, da figura 24, corresponde à classificação dos alunos na ficha de Língua Portuguesa, e através deste podemos visualizar os resultados obtidos pelos alunos no geral.

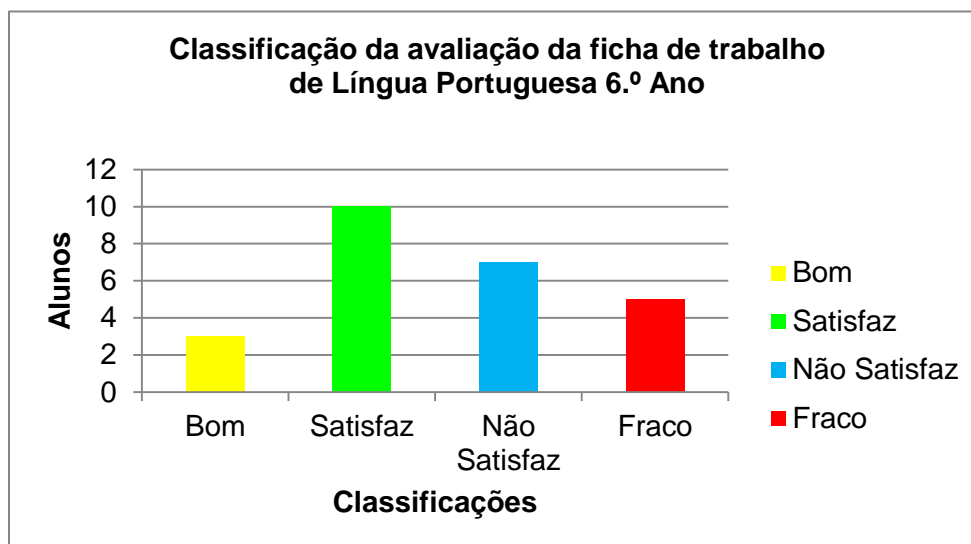


Figura 24– Gráfico de resultados da classificação da ficha de trabalho de Língua Portuguesa

3.9.5. Análise do gráfico de Língua Portuguesa

Perante este gráfico é possível verificar que os alunos desta turma não alcançaram a nota máxima de Muito Bom, tendo estes que trabalhar mais para conseguirem atingir esta nota. Contudo podemos observar que 3 alunos atingiram a classificação de Bom, mas estes alunos têm que se incentivados a trabalhar mais e melhor para que consigam atingir os objetivos propostos.

Com a classificação de Satisfaz encontramos 10 alunos, não estando à vontade com estes conteúdos e mostrando assim, algumas dificuldades nos mesmos. É por isso necessário trabalhar com estes alunos e motivá-los para o estudo e para a concentração em sala de aula.

Todavia, 12 alunos não chegaram à positiva, sendo que 7 destes atingiram a classificação de Não Satisfaz e 5 de Fraco. Estes alunos são a grande preocupação desta turma, até porque as suas notas, na sua maioria, são reflexo de grandes problemas de compreensão das questões e até de graves problemas de ortografia, o que prejudica as suas notas. É claro que, de entre estes alunos com negativas, se encontram os com mais dificuldades de aprendizagem, tendo por isso, estes e os outros que ser ajudados e mais apoiados no processo de ensino/aprendizagem.

Considero então que esta aula deveria de ser lecionada de novo, de modo a colmatar as dificuldades evidentes nestes conteúdos. Assim, ao lecionar de novo esta aula, terei que modificar as estratégias e a metodologia usada, de forma a que consiga chegar aos alunos com mais dificuldades e, assim, também conduzi-los aos objetivos propostos.

Reflexão Final

1. Considerações finais

Durante todo este Mestrado em 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, muitas foram as aprendizagens que realizei, quer a nível prático, quer a nível teórico-prático. As aprendizagens teórico-práticas foram fundamentais para a minha formação enquanto futura professora, pois deram-me uma bagagem de saberes que levo comigo para a minha docência, bem como uma variedade de estratégias que guardo para aplicar um dia com os meus alunos.

Ao nível da aprendizagem prática foi sem sombra de dúvida a aprendizagem que realizei com maior intensidade, não só ao longo destes dois anos de Mestrado, como ao longo deste cinco anos em que estive nesta Escola Superior de Educação João de Deus.

Toda a prática pedagógica que fui desenvolvendo ao longo de todo este mestrado foi-me alertando para uma infinidade de aspectos relacionados com a prática docente.

Na minha opinião, a prática pedagógica é muito importante pois permite que o futuro professor reflita sobre o que observa e realiza em sala de aula, de forma a verificar o que correu menos bem, para que possa melhorar. Segundo Peterson (2003) “a prática pedagógica é, (...), *um meio eficaz que conduz o aluno ao saber, ao saber fazer e ao saber ser do futuro profissional.*” (p. 67), o que só por si já se revela demasiado importante.

Além desta mais valia, que a prática pedagógica, dá ao futuro professor, ainda permite que este mantenha o contato com vários professores, quer professores orientadores, que têm um papel fundamental na orientação, quer professores cooperantes, que com a sua experiência nós guiam e alertam para o que fazemos mal, de forma a nos corrigirem.

Segundo esta linha de pensamento Peterson (2003) afirma que “a prática pedagógica deve ser uma atividade planificada, sistematizada, faseada e consciente que o aluno realiza sob a orientação do professor formador com vista à *aquisição de hábitos, habilidades e competências* conducentes ao exercício docente.” (p. 67), sendo por isso uma interação entre pessoas, que contribuem para a sua formação profissional e ao mesmo tempo pessoal.

Neste sentido, ao longo da minha prática pedagógica, fui interagindo com várias professoras cooperante e observando várias práticas docentes diferentes. O estágio que realizei permitiu-me ver duas realidades diferentes de docência, pois pude experimentar um ensino de monodocência, que defendo e que penso que é importante e uma mais valia para o professor e para o aluno, bem como vivi e experimentei um

ensino em que os alunos tinham vários professores, que por vezes nem conheciam bem os seus alunos.

Carita e Fernandes (1997) referem,

o professor do primeiro Ciclo dispõe da enorme vantagem de poder conhecer bem os seus alunos, dado o facto de a gestão curricular se apoiar predominantemente na monodocência. Já quando o professor lida com várias turmas por dia e por semana, se torna mais difícil o cabal cumprimento deste objetivo... (p. 47).

De acordo com o que afirmam estes dois autores, eu pude constatar isto mesmo durante este estágio, ficando cada vez mais a favor da monodocência até uma idade mais tardia.

Porém, não foi só esta experiência que me marcou e me alertou para este tempo de prática pedagógica, pois o contacto com duas realidades de ensino diferentes – público e privado – fizeram-me despertar para muitas coisas, pois o ensino público diferencia-se um pouco do ensino privado. Por isso, foi bom ter tido contato com outra realidade educativa e ter observado vários acontecimentos, pois estou certa de que, no meu futuro profissional, não quero e não vou tomar determinadas atitudes que vi e que refleti sobre elas.

Toda esta prática pedagógica, além de me facultar observações de aulas e de possibilitar lecionar algumas delas e ter um contato mais vivo e mais próximo com o mundo da docência, ainda me permitiu ter contato com a “tarefa” de planificar e de avaliar o desempenho dos alunos.

Estas são duas práticas que o professor deve fazer, pois é essencial que este planifique as aulas que vai lecionar e que avalie os seus alunos, para saber como estão no seu nível de aprendizagem.

Assim, ao longo de todo este tempo, e como se pôde constatar neste relatório, fui planificando as minhas aulas e percebendo a importância da planificação na vida de um docente. Nem sempre é fácil planificar, pois é preciso ter em conta a turma que tem à frente, para que as estratégias planificadas sejam as melhores e mais adequadas, neste sentido, e como afirma Proença (1992),

a planificação de estratégias de ensino é uma atividade pessoal e única porque é determinada por condições específicas como: as características próprias de cada professor; as características da turma e da comunidade escolar; os recursos, ou auxiliares de ensino/aprendizagem, disponíveis e, ainda, cada situação concreta de ensino/ aprendizagem. Por isso, só o professor, de acordo com todas estas variáveis e tendo em conta as finalidades visadas, pode decidir quais as estratégias mais adequadas a cada situação. (p. 122)

Assim a planificação de uma aula ou de uma atividade é bastante pessoal, pois a pessoa remete para a sua planificação a sua forma de pensar e de interagir com os alunos.

Em paralelo com tudo isto, se planificar é importante para o professor, pois permite-lhe ter um fio condutor da sua aula, o que o ajuda a estruturar o seu pensamento, igualmente importante é a avaliação que o professor faz aos seus alunos.

Durante este tempo de estágio tive, como já referi, oportunidade de avaliar os alunos com quem trabalhei através de propostas de trabalho. Foram momentos importantes para mim, pois avaliar é mais complicado do que eu imaginava e fazer uma avaliação correta e consciente é ainda mais difícil. O Despacho Normativo n.º 1/2005 afirma que “a avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.”, pois a avaliação permite regular o processo de ensino/aprendizagem.

Com a elaboração deste relatório, pude constatar isto mesmo. Ao mesmo tempo que avaliava os conhecimentos dos alunos em relação a uma aula lecionada por mim, avaliava-me a mim mesma, pois se os alunos não tinham conseguido atingir um determinado objectivo, seria também porque eu não tinha explicado da melhor maneira, tendo por isso de alterar as estratégias de ensino, para promover uma melhor aprendizagem.

Neste sentido, o capítulo da avaliação que se encontra neste relatório, foi bastante pertinente e ajudou-me a ter uma visão mais consciente sobre a avaliação.

Desta forma, toda a elaboração deste relatório foi importante para a minha formação.

2. Limitações

Ao longo destes dois Anos de elaboração deste relatório de mestrado fui-me deparando com algumas limitações e dificuldades que tentei sempre superá-las da melhor forma.

Uma das minhas limitações para a realização deste relatório foi a falta de tempo, pois nem sempre é fácil conciliar o planeamento de aulas para a prática pedagógica, a realização de material para as aulas, as aulas na Escola Superior de Educação com a elaboração deste relatório.

Outro fator que se foi tornando um obstáculo foi o facto de, na nossa biblioteca não existirem todas as referências bibliográficas de que necessitava, tendo muitas vezes que me cingir ao que existia disponível, pois nem sempre os colegas cumprem com os prazos de entrega de livros, o que também vai dificultando o trabalho de pesquisa.

Para terminar, por vezes senti-me um pouco perdida na elaboração desta relatório, não sabendo bem como deveria fundamentar cientificamente todos os relatos que tinha, pois em dois anos foram muitas as coisas que vi serem realizadas, e também foram muitas as que vi repetidas, sendo por isso complicado fazer uma fundamentação mais vasta.

Quero ainda acrescentar, que nesta última fase em que trabalhei de uma forma mais exaustiva neste relatório, a grande limitação foi o cansaço.

3. Novas pesquisas

Um professor nunca deve de parar a sua formação. Para se ser um bom professor e um bom profissional de educação não basta ter conhecimentos é necessário saber coloca-los em prática e fazer várias formações de “reciclagem”, para que se acompanhe a evolução da educação.

Segundo Sanches (2001), “o saber é construído todos os dias e todos os dias é renovado, pelo que o saber de hoje já ultrapassou o de ontem.” (p. 23).

Neste sentido, não pretendo parar a minha formação tendo como objetivo futuro a realização de um mestrado em supervisão pedagógica, bem como aprofundar os meus conhecimentos na área da História e Geografia de Portugal, que é uma disciplina que gosto bastante.

Por último, e como é uma área do saber que está em transformação devido às novas mudanças gramaticais, gostaria de fazer várias formações no campo da Língua Portuguesa, para aperfeiçoar os meus conhecimentos nesta mesma área e assim puder ajudar os meus alunos de uma forma mais eficaz.

Referências Bibliográficas

Bibliografia

Abrantes, P. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação.

Abrantes, P., Figueiredo, C. C. e Simão, A. M. V. (2002). *Reorganização Curricular do Ensino Básico – novas áreas curriculares*. Lisboa: Ministério da Educação.

Alarcão, I. (2000). *Escola reflexiva e supervisão: uma escola em desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora.

Alarcão, I. e Roldão, M.^a do C. (2008). *Supervisão. Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Ramada: Edições Pedagogo.

Almeida, A. (1999). *Visitas de Estudo: concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.

Almeida, L., S. e Tavares, J. (1998). *Conhecer, Aprender, Avaliar*. Porto: Porto Editora.

Azevedo, M. (2000). *Teses, relatórios e trabalhos escolares – sugestões para estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.

Balancho, M.^a, J. e Coelho, F. M. (1996). *Motivar os alunos: criatividade na relação pedagógica, conceitos e práticas*. Lisboa: Texto Editora.

Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

Bernardes, J. A. C. (1995). *Biblos : enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa – 1.º volume*. Lisboa: Verbo.

Boavida, A. M.^a R.; Paiva, A. L.; Cebola, G.; Vale, I. e Pimentel, T. (2008). *A Experiência Matemática no Ensino Básico: Programa de Formação contínua em Matemática para professores dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Brown, S., Race, P. e Smith, B. (2000). *Guia da Avaliação*. Lisboa: Editorial Presença.

Caldeira, M. F. (2009a). *Aprender Matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Caldeira, M. F. T. H. S. (2009b). *A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da matemática*. Tese de doutoramento inédito, Universidad de Málaga, Facultad de Ciencias de la Educación.

Carita, A. e Fernandes, G. (1997). *Indisciplina na sala de aula: como prevenir? Como remediar?*. Lisboa: Editorial Presença.

Cordeiro, M. (2007). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Deus, M.^a da L. (1997). *Guia prático da cartilha maternal*. Lisboa: Associação de Jardins – Escolas João de Deus.

Dias, A. e Toste, V. (2006). *Ensino do Inglês 1.º ciclo do Ensino Básico (1.º e 2.º anos – orientações programáticas)*. Lisboa: Ministério da Educação.

Diniz, M. A. S. (2000). *As fadas não foram à escola: a literatura de expressão oral em manuais escolares do ensino primário (1901-1975)*. Porto: ASA.

Estrela, A. (1990). *Teoria e Prática de Observação de Classes – Uma estratégia de formação de professores*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

Felizardo, D. M. (1994). *Combater as dificuldades de aprendizagem – actividades de apoio educativo*. Lisboa: Texto Editora.

Ferreira, P. C. (2005). *A reformulação do texto: autocorreção, correção orientada e replanificação*. Porto: ASA Editores.

Fourez, G.; Maingain, A. e Dufour, B. (2008). *Abordagens didácticas da interdisciplinaridade*. Lisboa: Instituto Piaget.

Gomes, J. A. (2000). *Da Nascente à Voz: contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Caminho.

Jean, G. (1999). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Jesus, S. N. de (2003). *Influência do professor sobre os alunos*. Porto: Edições ASA.
- Leite, C. e Fernandes, P. (2002). *A avaliação das aprendizagens dos alunos: novos contextos, novas práticas*. Porto: Asa.
- Lopes, J. e Rutherford, R. (2001). *Problemas de comportamento na sala de aula: identificação, avaliação e modificação*. Porto: Porto Editora.
- Loureiro, M. J. (2000). *Discurso e compreensão na sala de aula*. Porto: Edições ASA.
- Magalhães, V. F. (2008). “A promoção da leitura literária na infância: um mundo de verdura a não perder”, in Otilia Sousa & Adriana Cardoso (org.). *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho; p.21-57
- Martins, I. P.; Veiga, M.^a L; Teixeira, F; Tenreiro-Vieira, C.; Vieira, R. M.; Rodrigues, A. V. *et al.* (2007). *Educação em ciências e ensino experimental – formação de professores*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Matos, J. M. e Serrazina, M.^a de L. (1996). *Didáctica da Matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mestre, M. J. (2002). *Avaliação num contexto de supervisão*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Ministério da Educação (1991). *Programa de História e Geografia de Portugal – Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem – volume II*. Ministério da Educação: Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário.
- Ministério da Educação (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2007). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2002a). *Reorganização Curricular do Ensino – Novas Áreas Curriculares*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2002b). *Estratégias para a acção – as TIC na Educação*. Lisboa: Ministério da Educação.

Moreira, D. e Oliveira, I. (2004). *O jogo e a matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.

Nabais, J. (s.d.). *À descoberta da matemática com o computador multibásico*. Lisboa: Centro de Psicologia Aplicada à Educação.

Neves, N.; Carrola, R. (2002). *II Currículo e Avaliação: flexibilidade, reorganização... construir projectos curriculares de turma*. Almada: Centro de Formação Almada-Tejo.

Pais, A. e Monteiro, M. (1996). *Avaliação – Uma Prática Diária*. Lisboa: Editorial Presença.

Pastells, A. A. i (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativos - Para crianças dos 6 aos 12 anos*. Porto: Porto Editora.

Pato, M. H. (1995). *Trabalhos de grupo no ensino básico: guia prático para professores*. Lisboa: Texto Editora.

Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.

Peterson, P. D. (2003). *O professor do Ensino Básico*. Lisboa: Instituto Piaget.

Ponte, J. P. e Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da Matemática do 1.º Ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.

Proença, M.^a C. (1992). *Didáctica da História*. Lisboa: Universidade Aberta.

Rebelo, J. A. da S. (1993). *Dificuldades da leitura e da escrita em alunos do ensino básico*. Porto: Edições ASA.

Rebelo, J. A. da S. e Correia, O. N. de O. N. (1999). *O sentido dos deveres para casa*. Coimbra.

Reis, C. e Adragão, J. V. (1992). *Didáctica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

Reis, M. P. I. F. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de Doutoramento da Universidad de Málaga: Facultad de Ciências de la Educacion.

Ribeiro, A. C. e Ribeiro, L. C. (1990). *A Planificação e avaliação do ensino – aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ricardo, D. (2005). *O essencial sobre alimentação saudável*. Lisboa: Deco Proteste.

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o Método de Leitura João de Deus – Apresentação de um suporte interactivo de leitura*. Dissertação de Doutoramento da Universidad de Málaga: Faculdade de Ciências da Educação.

Sá, L. L. Z. R. e (2001). *Pedagogia diferenciada – uma forma de aprender a aprender*. Porto: ASA Editores.

Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Serrazina, L. e Matos, J. M. (1988). *O geoplano na sala de aula*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.

Silva, L. M. da (2000). *Bibliotecas escolares: um contributo para a sua justificação, organização e dinamização*. Braga: Livraria Minho.

Silveira-Botelho, A. T. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de Doutoramento da Universidad de Málaga: Facultad de Ciências de la Educacion.

Sim-Sim, I. (2009). *O ensino da leitura: a decifração*. Lisboa: Ministério da educação .

Sim-Sim, I. (2001). *A formação para o ensino da língua portuguesa na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico*. Porto: Porto Editora.

Sim-Sim, I. (1997). *A língua materna na educação básica: competências nucleares e níveis de desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação.

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação – 3.º volume*. Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, M.^a de L. D. de (1993). *A interpretação de textos nas aulas de português*. Rio Tinto: Edições ASA.

Tormenta, J. R. (1996). *Manuais escolares – Inovação ou tradição*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Traça, M. E. (1992). *O fio da memória: do conto popular ao conto para crianças*. Porto: Porto Editora.

Viana, F. L. (2009). *O Ensino da Leitura: a avaliação*. Lisboa: Ministério da Educação Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Vieira, F. (1993). *Supervisão – uma prática reflexiva de formação de professores*. Rio Tinto: Edições ASA.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.

Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em Educação infantil*. Porto Alegre: Artmed.

Web-grafia

Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas – 1.º Ciclo. 4.ª Edição*. Lisboa: Departamento da Educação Básica. Recuperado em 2012, junho 15, de http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositorio%20Recursos2/Attachments/612/Prog%20_1CicloEB.pdf

Ministério da Educação (2010a). *Metas de Aprendizagem 1.º Ciclo*. Recuperado em 2012, julho 2, de <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/>

Ministério da Educação (2010b). *Metas de Aprendizagem 2.º ciclo*. Recuperado em 2012, fevereiro, 23, de <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/>

Olimpíadas das Matemática. Recuperado em 2012, julho 1, de <http://www.spm.pt/olimpiadas/>

Pérez, M. R. (2003). *Una nueva forma de planificacion el modelo*. Recuperado em 2011, abril 14, de <http://www.martinianoroman.com/>

UNICEF (1959). Declaração Universal dos Direitos da Criança. Recuperado em 2012, julho 8, de http://www.ie.uminho.pt/Uploads/NEDH/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf

Decretos de Lei

Lei nº 46/86, de 14 de Outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo). Recuperado em 2011, junho 25, de <http://intranet.uminho.pt/Arquivo/Legislacao/AutonomiaUniversidades/L46-86.pdf>

Decreto – Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro. Recuperado em 2011, dezembro 18, de <http://dre.pt/pdf1sdip/2001/01/015A00/02580265.PDF>

Despacho Normativo n.º 1/2005. Recuperado em 2011, junho 15, de <http://dre.pt/pdf1s/2005/01/003B00/00710076.pdf>

Despacho n.º 2351/2007, de 14 de Fevereiro. Recuperado em 2012, fevereiro 17, de <http://www.eps-castro-marim.rcts.pt/PDFs/Desp2351-2007.pdf>

Art.º2.º, Portaria n.º 95/2011 de 7 de março. Recuperado em 2012, junho 26, de http://juventude.gov.pt/Legislacao/Documents/portaria_95_2011.pdf

Anexos

Anexo A

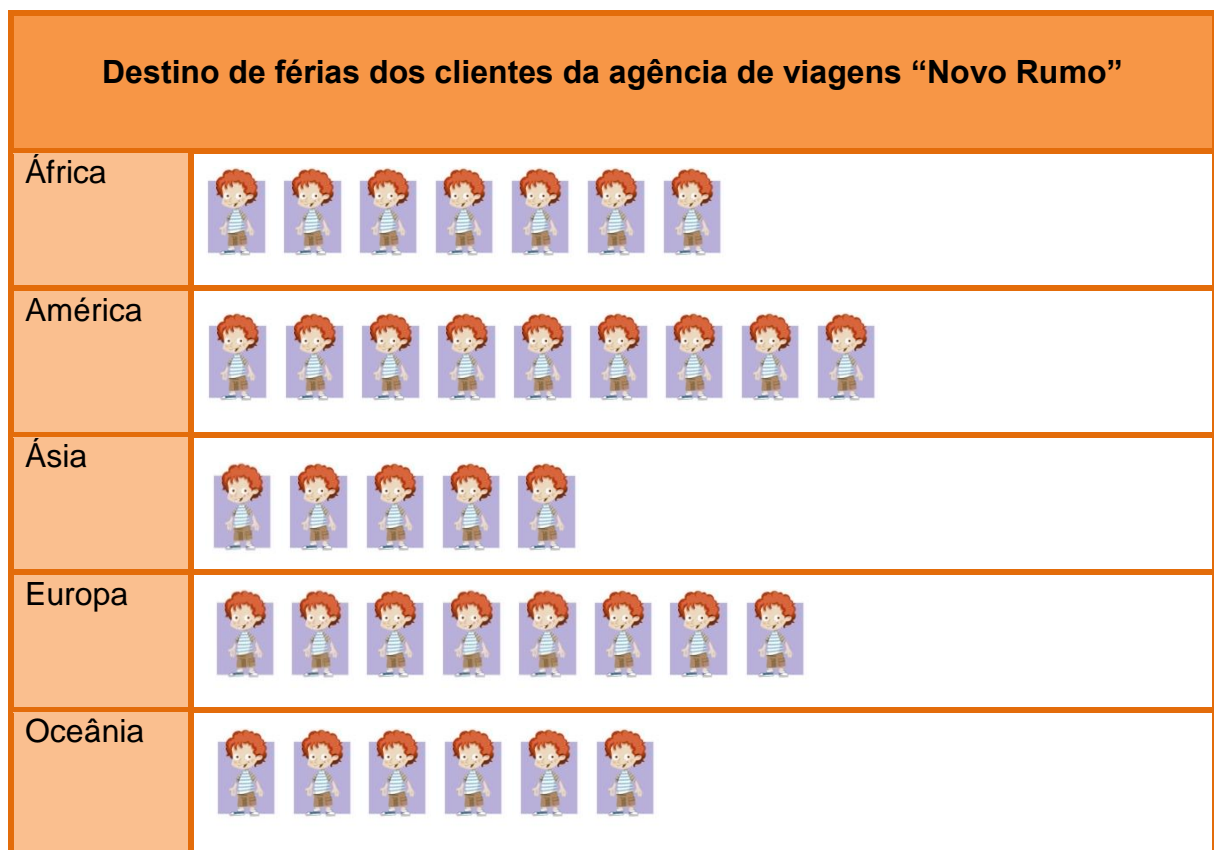
Dispositivo de avaliação da área de
Matemática (1.º Ciclo)


Jardim-Escola João Deus – Olivais

Nome: _____ Data: ____ / ____ / ____

Ficha – Pictogramas

1. O pictograma seguinte mostra o estudo realizado a 945 clientes da agência de viagens “Novo Rumo”, sobre os seus continentes favoritos como destino de férias.



 = 27 Pessoas

- a) Qual é o continente que se encontra em 2º lugar nas preferências dos clientes para férias?

R: _____

Anexo B

Dispositivo de avaliação da área de
Estudo do Meio (1.º Ciclo)

Jardim-Escola João de Deus – Olivais

Ficha formativa – Estudo do Meio 3.º Ano

Nome: _____ Data: ____/____/____

1. Indica uma diferença entre uma estrela e um planeta.

2. Completa as frases com os termos: “rotação”, “translação”, “24 horas”, “365 dias”, “dias e noites”, “estações do ano”.

a) A Terra gira sobre si mesma. A esse movimento dá-se o nome de _____ e dura _____, dando assim origem _____.

b) A Terra gira à volta do Sol. A esse movimento dá-se o nome de _____ e dura _____ e origina _____.

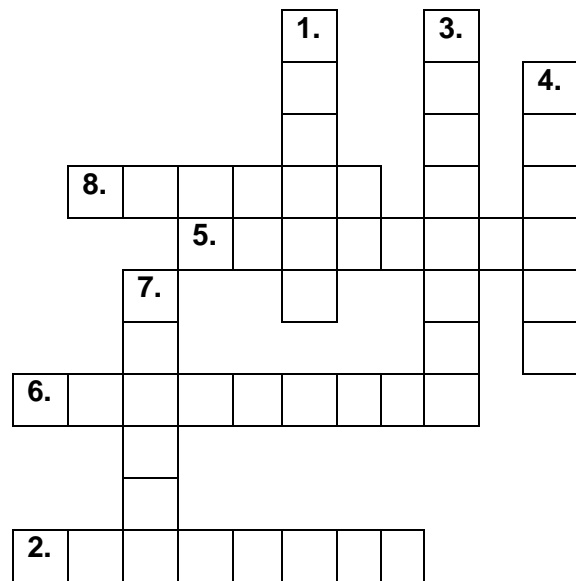
3. Escreve V (verdadeiro) ou F (falso) em cada uma das seguintes frases:

- a) A Lua não gira à volta do Sol.
- b) A Lua é um satélite.
- c) A Lua tem luz própria.
- d) Nenhum planeta tem luz própria.
- e) A claridade que a Lua envia para a Terra é o reflexo da luz do Sol.
- f) A Terra gira à volta da Lua.
- g) A Lua gira à volta da Terra

4. Preenche o seguinte crucigrama com os nomes dos Planetas do Sistema Solar.

Pistas:

1. A deusa do amor.
2. O senhor dos anéis.
3. O planeta mais longe do Sol.
4. O planeta vermelho.
5. O 5.º planeta do Sistema Solar.
6. O planeta mais próximo do Sol.
7. O planeta azul.
8. O 7.º planeta do Sistema Solar.



Anexo C

Dispositivo de avaliação da área de
Língua Portuguesa (1.º Ciclo)

Nome: _____ Data: ____/____/____

O eclipse do Sol

Um grupo de crianças está a jogar à bola quando, de repente, se dá um eclipse do Sol.

A Lua zangou-se com a Terra e resolveu colocar-se em frente à estrela do Sistema Solar para impedir a passagem da luz. Na Terra, onde a noite passou a ser uma constante, a vida mudou radicalmente.

As crianças que jogavam à bola na rua viram-se obrigadas a permanecer em casa, fechadas entre quatro paredes. Uma dessas crianças, o João, resolveu pedir ajuda ao macaco Rafael e ao robot Latinhas para, em conjunto, resolverem o problema.

Depois da estratégia definida, o João e o Rafael viajam dentro do Latinhas, à velocidade da luz, em direção ao espaço. Passam a cintura de asteróides existente entre Marte e Júpiter e abrandam diante do grande gigante gasoso do Sistema Solar, a quem perguntam se já teve alguma desavença com alguma das muitas luas que giram em seu redor. Perante uma resposta negativa, prosseguem a viagem, rumo a Saturno, onde fazem escala para averiguar se algum dos seus anéis alguma vez parou de girar. Mais à frente, não ficam a saber nada de conclusivo, pelo que mais à frente, interrogam um cometa. Este avança a hipótese de a Lua ter inveja da Terra e justifica a sua tese explicando a origem do satélite natural da Terra. Os três amigos, intrigados com a explicação, decidem questionar a própria Lua, para onde se dirigem de imediato. A Lua afirma que tapou o Sol porque estava zangada com a Terra, devido à poluição, e aproveita a estada do João, do Rafael e do Latinhas para enviar uma mensagem ecológica destinada a preservar o Planeta Azul.

Nome: _____ Data: ____/____/____

Revisões sobre os Adjetivos

1. Sublinha os adjetivos presentes nas frases.
 - a) A Lua está zangada com a Terra.
 - b) A Lua está mais zangada com a Terra do que com o Sol.
 - c) A Lua está zangadíssima com a Terra.
2. Transforma a frase, da alínea a), escrevendo o adjetivo no grau comparativo de igualdade.

3. Tendo em atenção a seguinte frase classifica morfologicamente o adjetivo nela presente.

“A Lua era muito linda!”

4. Assinala o grau em que se encontram os adjetivos nas frases seguintes:

Frases	Graus dos adjetivos			
	Normal	Superlativo absoluto sintético	Superlativo relativo de superioridade	Comparativo de inferioridade
A Terra está triste.				
A Terra está menos triste do que a Lua.				
A Terra é a mais triste do Sistema Solar.				
A Terra está tristíssima.				

Anexo D

Dispositivo de avaliação da
disciplina de Ciências da Natureza
(2.º Ciclo)

Ciências da Natureza 6.º ano
Ficha Formativa – Sistema Urinário

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____

1. A figura 1 representa o sistema urinário do Ser Humano.

1.1. Descobre os nomes das estruturas relacionadas com o sistema urinário, substituindo cada número pela letra correspondente e utiliza-os para fazer a legenda da figura.

The diagram shows the human urinary system with a central box labeled "Sistema Urinário". Four lines radiate from this box to four empty boxes for labeling. The numbers 1 through 11 are distributed around the diagram as follows:

- Top-left: 7, 5, 6, 8
- Top-right: 2, 3, 11, 5, 4, 1
- Bottom-left: 10, 7, 3, 9, 3, 7, 3, 8
- Bottom-right: 10, 7, 3, 9, 7, 1

Legend:

A	B	E	G	I	N	R	S	T	U	X
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

1.2. Completa o quadro 1, substituindo as letras H, J, K e L pelas expressões convenientes.

Função	Órgão
Levar o sangue até ao rim	K _____
H _____	Bexiga
Lançar a urina no exterior	D _____
J _____	Rim

2. Ordena as frases que se seguem, utilizando as letras A, B, C, D e E de modo a obteres as etapas de formação e eliminação da urina.

A – A urina sai para o exterior, através da uretra.

B – O produto filtrado segue pelos ureteres.

C – O sangue entra no rim por uma artéria.

D – A urina acumula-se na bexiga.

E – No rim o sangue é filtrado.



3. Completa o crucigrama com os termos relativos ao Sistema Urinário.

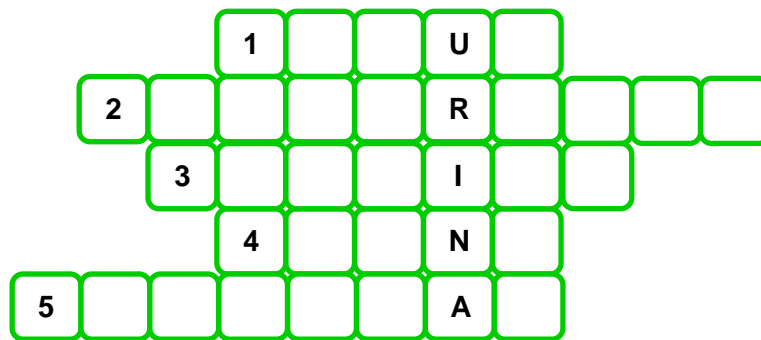
1- Principal componente da urina

2- Processo que os rins fazem ao sangue.

3- Órgão onde se acumula a urina.

4- Órgãos onde se dá a filtração do sangue.

5- Canal que expulsa a urina para o exterior.



Anexo E

Dispositivo de avaliação da
disciplina de História e Geografia de
Portugal (2.º Ciclo)

História e Geografia de Portugal

Ficha de trabalho 6.º Ano

Nome: _____

Data: ____/____/____

Turma: _____

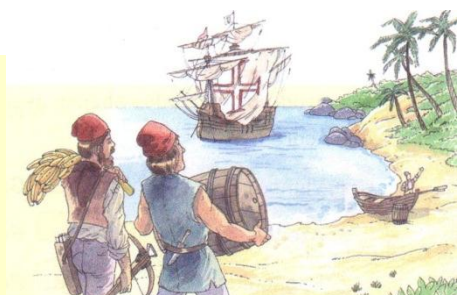
1. Observa a **figura 1** e assinala com **V** ou **F**, consoante forem verdadeiras ou falsas cada uma das seguintes frases:



- a) O arquipélago da Madeira fica situado a sudoeste de Portugal Continental.
- b) O arquipélago dos Açores é constituído por seis ilhas.
- c) A distância entre Portugal continental e ao Açores é menor do que a distância que separa Portugal continental da Madeira.
- d) O relevo dos arquipélagos da Madeira e dos Açores é plano.
- e) O arquipélago dos Açores tem um clima com temperaturas suaves durante todo o ano e as chuvas são abundantes.

2. Lê o **texto 1**.

Os arquipélagos da Madeira e dos Açores foram utilizados desde o século XVI como pontos de paragem e abastecimento de água e alimentos dos barcos que navegavam no Atlântico.



- a) Justifica a afirmação: “As ilhas Atlânticas foram importantes nas viagens que os Portugueses faziam para lugares distantes”.

3) Lê o **documento 1**.

Eu, o infante D. Henrique faço saber que Jácome de Burges, mau servidor, me disse que estando a ilha Terceira dos Açores desabitada, me pedia para a povoar. Tenho por bem que ele a povoe da gente que quiser, desde que seja de fé católica, e que tenha a capitania e o governo da dita ilha.

In Silva Marques, Descobrimientos Portugueses (adaptado)

- a. Como se encontravam as ilhas dos Açores quando foram descobertas pelos Portugueses?

- b. Transcreve do documento a condição imposta pelo Infante para o povoamento da ilha Terceira.

- c. Explica o que era uma capitania.

- d. Dos produtos indicados abaixo, assinala com uma × os que eram obtidos nas ilhas dos Açores:

Vinho

Gado

Trigo

Azeite

Peixe

Frutos secos

Papagaios

Plantas tintureiras

Madeiras exóticas

Anexo F

Dispositivo de avaliação da
disciplina de Matemática (2.º Ciclo)

Matemática 6.º ano

Ficha Formativa – Razão e Proporção

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____

1. Uma pastelaria tem 13 tartes de nata, 15 tortas de morango e 24 bolos de chocolate.



1.1. Escreve a razão entre o número de tartes de nata e o número de bolos de chocolate.

1.2. Qual o significado das seguintes razões:

a) $13 \div 15$

b) $13 \div 52$

2. Indica se cada uma das igualdades é ou não uma proporção e justifica a tua resposta.

2.1. $\frac{3}{8} = \frac{9}{24}$

2.2. $\frac{7}{15} = \frac{2}{5}$

2.3. $\frac{3}{0,1} = \frac{0,3}{0,01}$

3. Completa corretamente o seguinte quadro:

Proporção	Extremos	Meios	Leitura
$\frac{3}{8} = \frac{6}{16}$			
	9 e 12	27 e 4	
			Cinco está para sete assim como vinte está para oito

4. No domingo a florista vendeu as túlipas todas ao mesmo preço. Na parte da manhã vendeu 10 túlipas por 15€.

Quanto terá recebido pelas 12 túlipas que vendeu na parte da tarde?



Anexo G

Dispositivo de avaliação da
disciplina de Língua Portuguesa
(2.º Ciclo)

Língua Portuguesa 6.º ano
Ficha Formativa – Orações Coordenadas e Subordinadas

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____

1. Combina as frases seguintes com as respectivas classificações.

- a) O Manuel levou uma pasta e dois livros para a escola.
- b) O bolo não durou muito, mas estava uma delícia.
- c) O navio, ora subia na crista da vaga ora descia pesadamente.
- d) Esforçaste-te, portanto mereces uma recompensa.
- e) Tudo mudou enquanto estive fora.
- f) Não bastava a sua boa vontade para que tudo se arranjasse.
- g) Molhei-me porque andei à chuva.

1) Frase complexa por coordenação

2) Frase complexa por subordinação

a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)

2. Das frases seguintes, assinala com um **X** no quadrado em branco, aquela que contém uma oração subordinada temporal:

a) Temos de combinar um encontro para o ano.

b) Telefona ao Pedro pois estou atrasada.

c) Não perguntámos quando combinaram a próxima festa.

d) Agora já estamos todos preparados para o pior.

3. Delimita e classifica as orações das frases que a seguir se apresentam:

a) Quando a Carla cantou, o João tocou piano.

b) O espectáculo foi desmarcado porque estava mau tempo.

c) Tudo estava pronto para que fosse um sucesso.

d) A Teresa estava de dieta, mas comeu bem.

4. Liga cada par de frases que se segue por uma **conjunção coordenativa**. Respeita o sentido indicado entre parêntesis e procede às alterações necessárias.

a) Penso. / Existo. (**conclusiva**)

b) Ele fez um esforço tremendo. / Ele não conseguiu terminar o trabalho. (**adversativa**)
